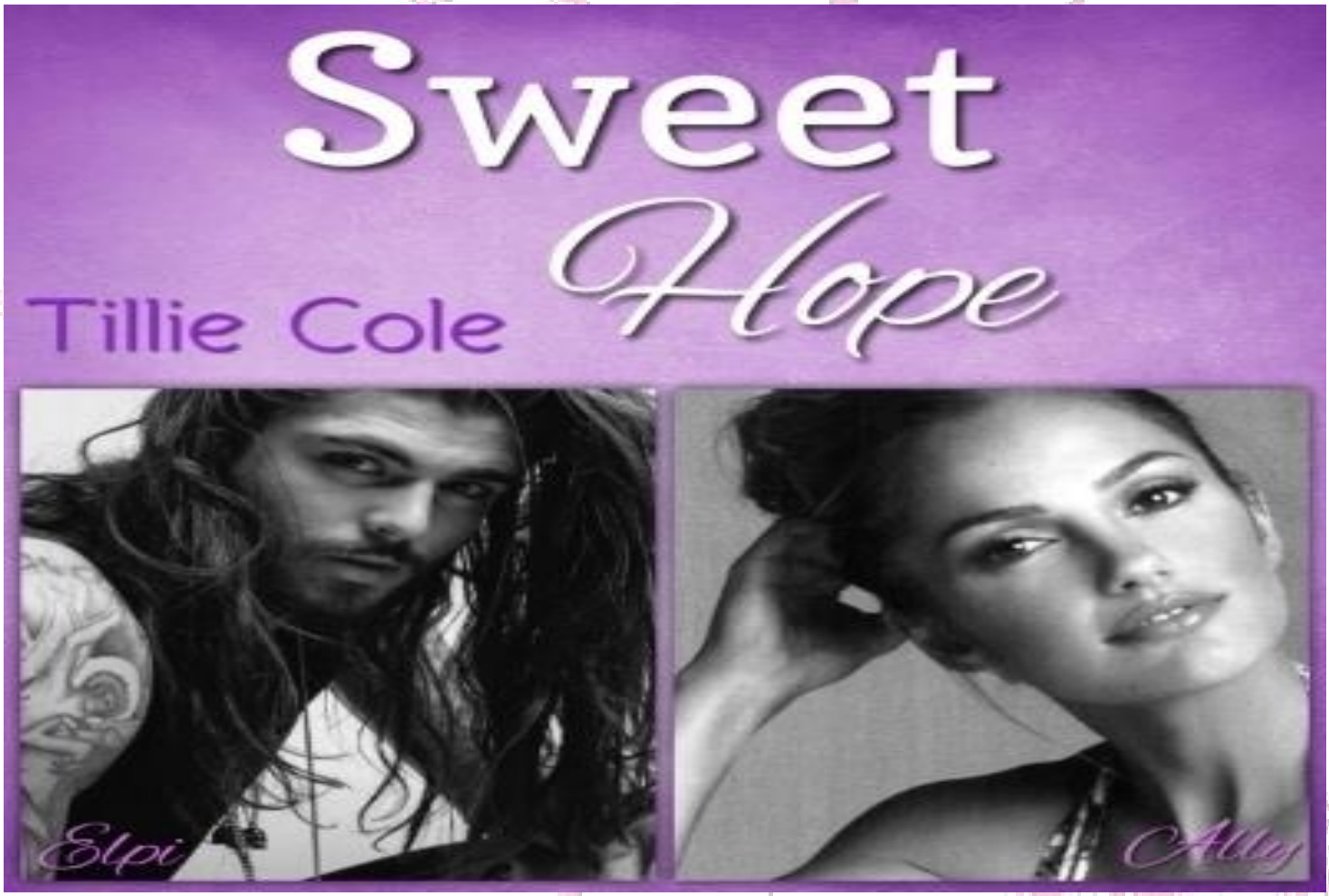

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
sweet
hope
A Sweet Home Novel
TILLIE COLE

PL & TRT

APRESENTAM



SWEET HOPE (SWEET HOME #3)

Staff

Disponibilização : Soryu

Tradução : Larisa Altavile

Revisão Inicial: Anitta Carin

Revisão Final: NYorkerGirl

Leitura Final e Formatação

Sinopse

Meu nome é Ally Prince e sempre tive má sorte no amor. Não sei por que, só... sempre a tenho.

Quando todos meus melhores amigos estavam se apaixonando por suas almas gêmeas na universidade, fiquei para trás. Eu era Ally, a prima bonita do quarterback e estrela do time, Romeo Prince. Era Ally, a melhor amiga do mais incrível grupo de garotas que existe, um título que eu adorava, mas um do qual me cansei de "só" ser. E era Ally, aquela da qual todos podiam contar.

Mas para mim, era Ally, a garota com o coração que ninguém tinha reclamado... E era, Ally, a garota, que por baixo de tudo, estava dolorosamente sozinha.

AMO o amor; o pensamento dele, a excitação nervosa de se apaixonar pelo Sr. Perfeito, o desejo de alguém se tornando todo meu mundo... de um eu transformando-se em sua. Sempre quis um romance apaixonado, vertiginoso, épico, que

mudasse minha vida... sempre quis o conto de fadas... eu sempre adorei isso.

Simplesmente parecia que nunca conseguiria.

Nos últimos anos, tenho focado em minha carreira como curadora de museu. Sou a melhor das melhores, a pessoa que cada museu quer contratar, então quando surgiu uma oportunidade de me mudar para Seattle, não deixei passar. Meu primo e minha melhor amiga viviam em Seattle e eu precisava de uma mudança.

Precisava de um novo começo.

Não esperava conhecer ninguém na Cidade Esmeralda[1]. Não esperava trabalhar diretamente com o novo escultor solitário que era o foco de um projeto de suma importância da minha galeria. E certamente não esperava me apaixonar por ele..., com um amor épico, vertiginoso e que muda sua vida.

Meu verdadeiro conto de fadas tornado realidade.

Mas, como em todos os contos de fadas, há um vilão, uma alma escura e torturada... simplesmente não tinha nem idéia de que o vilão e o herói em minha história acabaria sendo o mesmo.

[1] É o apelido da cidade de Seattle. Como NY é a Big Apple ou o Rio a Cidade Maravilhosa, Seattle é a Cidade Esmeralda.

Prólogo

Uma espessa névoa me engoliu na escuridão.

— Me ajude — sua voz gritou. Tentei avançar, mas minhas pernas não me seguravam.

— Por favor, me ajude... — sua voz débil e quebrada implorou novamente. O medo me empurrou para voltar para trás, mas tudo estava muito escuro. Estava cega. Não tinha nenhuma luz para mostrar o caminho.

A densa névoa se espessou e penetrou em minha garganta, obstruindo meus pulmões. Não podia respirar, não podia me mover... não podia ajudá-la.

— Tenho medo... Tenho tanto medo... — soluçou.

Suas palavras formaram redemoinhos com o forte vento, açoitando meu rosto. Meus olhos se fecharam, incapazes enfrentar a dor em sua voz.

— Não posso chegar a você – gritei para ela enquanto a névoa espessa me forçava para o chão frio. Minhas mãos amassaram a terra dura enquanto lutava para me libertar.

— Não posso... não posso... continuar... estou tão cansada... — gritou ela. Podia ouvir ela desvanecer — se.

O pânico encheu meu corpo. Não podia perder ela. Tinha que me despedir.

— Não! – gritei. — Não me deixe! — Arranhei com mais força a terra, quebrando minhas unhas sob a pressão. Não importava o quanto lutasse para seguir para frente, não acontecia nada. Meu coração pulsava no ritmo do estrondo do trovão acima. O sangue-frio corria por meu corpo. Não podia seguir em frente. Não pude me libertar... não pude me libertar...

As lágrimas ardentes encheram meus olhos enquanto uma dor agonizante se apoderou do meu coração.

— Tenho que me despedir — gritei para o nada — Me deixe te dizer adeus!

A pele dos meus dedos se rasgou e sangrou enquanto a terra dura se transformou em vidros quebrados, com as bordas afiadas cortando profundamente minha pele.

— Os proteja... sempre os proteja... por favor... por favor... — implorou ela.

Podia ouvir a derrota em sua voz. Estava se dando por vencida. Estava se desvanecendo.

— Não! Espera! — Tentei gritar, mas nenhum ruído saiu de minha boca. Forcei minha garganta, mas não pude fazer nenhum som.

Uma luz apareceu na distância, mas estava muito longe do meu alcance. O pavor encheu minha mente. Ela estava indo. Ia... e eu não podia dizer adeus.

— Espera! — gritei em silêncio... — Não me despedi! — Mas estava preso aqui, enjaulado sob o peso da névoa negra nesta fria terra, desesperadamente emudecido e meu corpo paralisado.

A névoa se tornou mais e mais espessa e a luz mais a frente se atenuou de branco para cinza.

— Não — clamava, silenciosamente — Não!

A névoa se fechou implacavelmente, eliminando luz desaparecendo da vista e com ela toda minha esperança.

Ela tinha ido...

Arrasado pela dor, lutei para recuperar o fôlego. Mas já não havia mais ar, o vazio da névoa consumiu tudo.

As lágrimas cheias de raiva corriam por meu rosto enquanto permanecia aqui, derrotado. Tentei fechar os olhos, tentei empurrar a

dor para a parte posterior de minha mente, mas a culpa ficou, me fragmentando por dentro.

A névoa me empurrou com mais força, me envolvendo hermeticamente em suas garras.

A escuridão estava me consumindo. A escuridão estava tomando minha alma.

— Adeus — murmurei com meu último fôlego — Só queria dizer adeus...

Sentei de repente sobre minha cama, ofegando com força pelo sonho que acabava de ter, quando escutei:

— Tem uma ligação telefônica.

Limpando o sonho de meus olhos, respirei fundo tentando apagar o sonho que me perseguia. Minhas mãos estavam úmidas de suor, simplesmente as limpei em minhas calças, tirei meus pés da cama e me dirigi pelo corredor para o telefone.

— Olá?

— Está acontecendo.

— O que está acontecendo?

— Você, Elpi, você está acontecendo, sua estreia.

Cada centímetro de mim se congelou, e agarrei o telefone com tanta força que pensei que poderia quebrar sob a pressão.

— Vin...

— Está preparado. Seu trabalho está pronto. Sua coleção é uma obra prima e deve ser compartilhada com o mundo.

— Vin... te agradeço por tudo o que está tentando fazer por mim, mas...

— Não há "mas". Tudo está organizado. Já resolvi completamente tudo para você. Precisa disto, Elpi.

Lutei com todas minhas forças para me tranquilizar; o sangue quente corria por minhas veias. Deixei escapar um longo e profundo suspiro.

— Está preparado — Vin pressionou, sua voz menos potente, menos coercitiva, e mais compreensiva.

Mas não quero isto. Nada disso.

— Onde é a maldita exposição? — disse.

— Elpi. Não seja assim. É um artista...

— Não sou um maldito artista! — interrompi com os dentes apertados.

— É um artista! — Vin insistiu — É o maldito melhor escultor com quem trabalhei. Seu trabalho supera tudo o que vi em minha vida, incluindo meu próprio trabalho. É alguém, Elpi. Acredite e mim, é alguém.

— Vin...

— Será em uma pequena galeria, em um museu pequeno, em um ambiente acadêmico. É sua primeira exposição, e não deve se sobrecarregar.

— Onde, Vin? — perguntei, exasperado, e passei a mão por meu cabelo comprido.

— Em Seattle.

O ar saiu de meus pulmões enquanto Vin continuou me dizendo todas as coisas boas de Seattle, o mundo artístico, as pessoas, a cultura...

— Elpi, sei que provavelmente vai discutir sobre que a exposição se desenvolva em Seattle, mas...

— Conte comigo — interrompi bruscamente, e me encontrei com o silêncio surpreso de Vin atrás do rangido do receptor.

— Você concorda?

— Concordo.

— Sem discussão? Sem me dizer que sua arte é só para você e ninguém mais? Sem me dizer que não quer ter nada a ver com o mundo da arte e suas pessoas?

— Não.

— Muito bem... isso... perfeito! Programei um vôo para que venha aqui em duas semanas. Pego você no aeroporto. Conseguirei um apartment...

— Não se incomode.

— Não me incomodar? — Vin questionou lentamente.

— Tenho um lugar para ficar.

— Em Seattle?

— Sim.

— Onde? Com quem?

— Não é assunto seu – disse a ele com frieza. Senti uma mão dando um golpezinho em minhas costas. Me virei e assenti ao cara atrás de mim e me virei para falar com o telefone — Tenho que ir.

— Certo. Bom, suponho que te verei em duas semanas. Mas se precisar de alguma coisa, se seu lugar não der certo, me ligue.

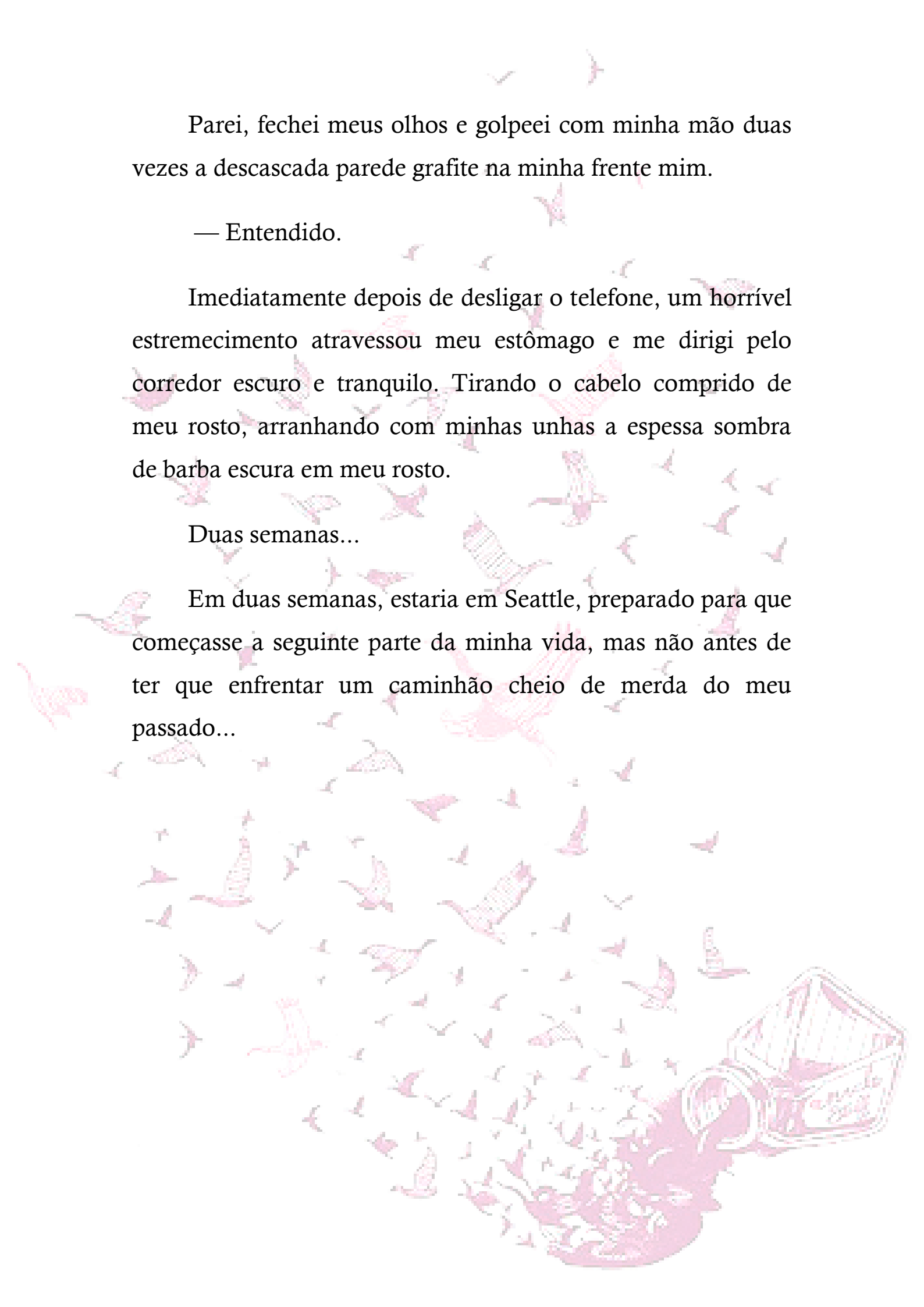
Parei, fechei meus olhos e golpeei com minha mão duas vezes a descascada parede grafite na minha frente mim.

— Entendido.

Imediatamente depois de desligar o telefone, um horrível estremecimento atravessou meu estômago e me dirigi pelo corredor escuro e tranquilo. Tirando o cabelo comprido de meu rosto, arranhando com minhas unhas a espessa sombra de barba escura em meu rosto.

Duas semanas...

Em duas semanas, estaria em Seattle, preparado para que começasse a seguinte parte da minha vida, mas não antes de ter que enfrentar um caminhão cheio de merda do meu passado...



Capítulo 1

Ally

Cidade de New York

Cruzando abruptamente da esquerda para a direita pelas ruas, me esquivei das pessoas em minha pressa para chegar a minha reunião a tempo. O clima em Nova Iorque era úmido e sufocante. Estava muito contente de ter prendido meu cabelo comprido em um coque.

Agarrando firmemente minha bolsa, corri pela calçada, revisando freneticamente meu relógio. Meu avião se atrasou e me preparar no pequeno cubículo do banheiro de um avião Boeing 737 não era exatamente o ideal para mostrar uma maquiagem e cabelo impecáveis.

Mas valeu a pena. Isto tudo era para a exposição de meus sonhos. Tinha a intenção de concretizar esta reunião. Não havia outra opção. Faria tudo para me encarregar desta exposição... inclusive voar de última hora da Califórnia para a

Costa Leste para conseguir... inclusive deixar minha linda galeria de Arte Contemporânea recém restaurada na Universidade da Califórnia em Los Angeles nas mãos do diretor de arte.

Ao chegar finalmente em frente ao MET[2], corri pelas escadas em meus sapatos favoritos, um Louboutin preto, endireitando meu vestido negro sem mangas enquanto chegava à parte superior. Parando um momento, inalei e exalei lentamente por minha boca, endireitei meus ombros e caminhei para a entrada.

Em questão de minutos fui guiada aos escritórios privados pelo assistente do diretor do museu, e me indicaram que esperasse em uma pequena sala dominada por uma grande mesa de madeira e seis cadeiras. As obras de arte, de novos artistas, penduravam das paredes brancas aleatoriamente. Me deixei cair em uma cadeira, remexendo nervosamente minhas mãos.

Quando ouvi passos fora da sala, me obriguei a relaxar e me sentar direito quando um homem mais velho entrou na sala.

Vin Galanti. O famoso escultor em pessoa.

[2] MET (Metropolitan Museum of Art) Museu Metropolitano de Arte em Nova Iorque

Vin vestia um terno de tweed, com o cabelo cinza formando uma auréola esponjosa envolvendo sua cabeça. Cada centímetro dele parecia com o excêntrico artista que era. Seus olhos azuis claros se uniram aos meus e um amplo sorriso se desenhou em seu rosto.

— Srta. Lucia! — saudou. Me levantei de meu assento para apertar sua mão estendida.

— Sr. Galanti! É um prazer conhecê-lo, senhor. Estudei seu trabalho em profundidade.

O Sr. Galanti fez um gesto para que me sentasse. Sentou-se frente a mim.

— Por favor, me chame Vin. E estou muito feliz de conhecê-la também, Srta. Lucia. Tive a honra de ver a exibição de Arte Contemporânea que organizou em Toronto no ano passado e fiquei muito impressionado.

— Obrigado, Vin — disse a ele em resposta, genuinamente surpresa pelo elogio.

— Não, eu é quem agradeço. É verdadeiramente uma honra conhecer alguém tão jovem e tão apaixonada pela arte.

— Eu sou, senhor – disse a ele alegremente — É o centro de toda minha vida.

Vin se inclinou para frente como um menino emocionado. Tive que me controlar para não rir do sorriso em seu rosto.

— Então — disse conspiratoriamente -, Elpidio...

— Sim — disse num suspiro quase inaudível. A simples ideia de organizar sua obra me fez sentir os meus joelhos fracos.

— Finalmente estou projetando a sua primeira exibição e estou procurando o curador adequado para organizá-la. — Seus olhos se estreitaram — Acredita que poderia ser você?

— Sim, senhor — respondi com confiança — Assim que me inteirei da situação, deixei tudo para voar até aqui e conhecê-lo. Sei que sou a melhor pessoa para este trabalho. Estudei sua obra. Eu escrevi periódicos acadêmicos de seus métodos e de seus temas. Tenho escrito artigos de sua ascensão à fama.

Vin se apoiou no respaldo da cadeira, juntou as mãos e assentiu. Parecia ter perdido o entusiasmo. Meu estômago deu um tombo. Queria muito esta exposição.

— Tenho lido seus artigos e periódicos, Srta. Lucia — disse. Esperei que dissesse mais — É uma estudiosa da arte excepcional e claramente tem uma paixão por meu discípulo.

— Sim, senhor – respondi — É um de meus escultores contemporâneos favoritos. — Fiz uma pausa no que acabava de dizer e baixei os olhos para inspecionar a mesa de madeira — Não, perdão — disse nervosamente -, Elpidio é absolutamente meu artista contemporâneo favorito, e ponto.

A cabeça do Vin se inclinou para um lado.

— Por que? — Os olhos do Vin se iluminaram com interesse.

— Porquê... — sussurrei, contemplando como poderia expressar meu amor por seu trabalho em palavras. Suspirei profundamente, pensando em minha resposta, e optei por falar de coração. Fechei os olhos imaginando suas esculturas e deixei que minhas palavras fluíssem:

— Suas obras... são ao mesmo tempo as peças de arte mais tristes e mais belas que vi em minha vida. Cada curva do mármore vem do profundo de seu coração. Os temas de suas obras são tão provocadores como dilaceradores ao mesmo tempo. Poderia me perder em todas e cada uma delas, todo o dia, todos os dias durante o resto da minha vida e nunca me cansar delas. São brutas e poéticas... tão trágicas, mas mesmo tempo tão lindas. O mais mínimo olhar a qualquer uma das peças evoca um caleidoscópio de emoções no mais profundo da alma. Não sei mais o que dizer, além de que sua obra se

comunica comigo como nenhuma outra. — Dei uns tapinhas em meu peito sobre meu coração — Fala diretamente com cada fibra do meu ser. Sinto seu trabalho. É como se vivesse e respirasse, igual a você e eu.

Ao abrir os olhos, fiquei vermelha de vergonha ao me dar conta de quão perdida estava em meus pensamentos. Vin se inclinou de novo para frente e tocou minha mão com a sua.

— Bom, Srta. Lucia, essa foi uma resposta especial — disse Vin, com um toque de humor em seu tom.

Deixando escapar uma risada nervosa, acomodei uma mecha de cabelo solto em meu rosto.

— Ele é um escultor especial.

— Sim, ele é — disse Vin, então deixou escapar um profundo suspiro — É um gênio, um homem brilhante, muito brilhante, a pesar de que jamais pensa isso de si mesmo.

Parecendo esquecer que estava em minha companhia, Vin se recompôs de sua repentina tristeza. Depois de vários segundos de silêncio, disse:

— Sou um homem a moda antiga, Srta. Lucia. Não me importam as entrevistas formais e não sou alguém para quem se deva dar as típicas respostas. Quero um curador que

entenda o trabalho de Elpidio, alguém que seja tão apaixonado por sua obra como o sou eu.

— Estudei cada uma dessas peças mais que ninguém, ninguém, Vin. Estou convencida de que sou a única curadora que pode desenhar essa galeria, a única pessoa que pode criar uma história digna de sua obra. Sei que posso criar o espaço perfeito para mostrar seu talento. Posso fazer isto, Vin, acredite em mim, eu posso. Nunca falhei em uma entrega antes, e certamente não falharei com esta exibição.

Vin riu e uma vez mais me deu uns tapinhas na mão.

— Srta. Lucia, depois de ler seus periódicos e falar com você hoje, estou tão convencido disto como você. Mas mesmo se não estivesse; ao escutá-la descrever como o trabalho do Elpidio a afeta, bom, isso teria feito que ganhasse a exposição sem importar mais nada.

Por um momento deixei o que ele acabava de dizer pendurar no ar. Incapaz de resistir à necessidade de uma elucidação, perguntei a ele:

— Tenho... tenho o trabalho?

Vin assentiu e se levantou.

— Tem de fato. Srta. Lucia. Não sou dos que adiam as coisas. Já revisei seus créditos acadêmicos e me pus em

contato com seus anteriores chefes. Vem muito recomendada e dedicou sua vida à curadoria pelo que tenho visto.

O calor se estendeu em meu peito, e me deixei sentir um momento fugaz de orgulho. Tinha dedicado cada minuto da minha vida na universidade a esta carreira. Mesmo na universidade, sempre soube qual seria meu caminho.

Ficando de pé, ofereci minha mão a Vin, quem gentilmente a aceitou.

— Obrigado, Vin – disse a ele humildemente. Deu a minha mão um apertão firme para selar o contrato.

— Quando precisa de mim aqui em Nova Iorque? Posso estar de volta da Califórnia nos próximos dias se for necessário. A exibição é aqui no MET? No Guggenheim?

— Em nenhum deles — disse Vin com um gesto informal de sua mão enquanto abria caminho para a porta. Franzi o cenho, confusa — Vai ser pequena, acadêmica e perto de mim.

— Está bem – disse a ele vacilante.

Vin olhou para trás da porta.

— Será em Seattle, Srta. Lucia, no museu de arte da Universidade de Washington. Sou um patrocinador ali e quero

reunir certa exposição para isso. Além disso, Elpidio não toleraria uma grande galeria de renome. Quer intimidade.

Intimidade... O som de Elpidio junto à palavra intimidade evocou um brilho quente em todo meu corpo. Estava obcecada por um homem que nunca tinha conhecido, não era mais que um conceito. E aqui estava, me pondo a trabalhar fisicamente com suas obras primas, as expressões de mármore de sua alma, os rastros de seu coração... em Seattle.

— Seattle é perfeito – disse a ele, o entusiasmo engrenado em cada letra de minhas palavras — . Tenho a sensação, a julgar por seu trabalho, que Elpidio não está nisto pela fama ou o reconhecimento de outros artistas. Não é o prestígio do lugar. É o aprimoramento da técnica, o que é o foco. — Sorri e me perdi em minha cabeça só imaginando essas esculturas que tinha admirado em imagens, mas depois de ter tido o prazer de ver uma peça em vivo — Vai ser incrível; uma experiência impressionante para tanta gente.

— Fala como uma verdadeira curadora — disse Vin com carinho. Podia ouvir o sorriso em sua voz.

— Não – disse a ele e fiquei vermelha — Isso foi dito por uma verdadeira fã.

Vin me olhou com curiosidade.

— Descreveu perfeitamente Elpidio, Srta. Lucia. Um pequeno museu é ideal para sua primeira exibição, e você é ideal como sua organizadora. Tenho uma muito boa sensação sobre esta associação, Srta. Lucia. Uma sensação muito boa na verdade.

Sorrindo, respondi:

— Assim como eu, Vin.

— Meu assistente entrará em contato em breve com todos os detalhes mais específicos. Enquanto isso, se puder chegar a Seattle o mais rápido possível, podemos retomar de lá.

— Obrigada, Vin – disse a ele de novo, e com o mais mínimo movimento de sua mão saiu da sala.

Minutos mais tarde, o mesmo assistente me acompanhou para fora do museu. Enquanto estava na parte superior da impressionante escada do MET, levantei minha cabeça para trás para contemplar o céu claro do verão e tentei me conter com todas minhas forças para não gritar de felicidade.

Tinha conseguido.

Estava a ponto de começar a trabalhar com o melhor escultor na era moderna.

Tinha conseguido o trabalho de meus sonhos.

Voltando para o aqui e agora, tirei meu celular e desbloqueei a tela. Por um momento fiquei olhando o fundo de tela, minha peça favorita de Elpidio, um anjo de mármore branco de Carrara[3] sem nome.

Um raio de emoção cruzou por meu corpo enquanto pressionava o dois em minha marcação rápida, só para logo escutar um familiar e amado acento inglês dizer:

— Olá, estranha!

— Molls! — saudei com entusiasmo — Tem um quarto livre em sua mansão? Porque sua melhor amiga vai para ficar!

[3] Carrara, é um município italiano da província de Massa — Carrara, na região da Toscana. Centro de uma importante indústria de mármore, graças ao famoso mármore branco que se extrai em suas proximidades, que se conhece como "mármore da Carrara".

Capítulo 2

Ally

Seattle, Washington

O táxi parou bem as margens do lago Washington. Fiquei olhando fixamente a impressionante mansão de pedra branca situada do outro lado de um par de hectares de terras protegidas por enormes portões de ferro. A nova casa de Molly e Rome.

Rome... pensei e sorri. De maneira nenhuma Molly escolheria esta casa.

Agarrando minhas malas, me virei para os portões, quando de repente começaram a se abrir. Esbocei um sorriso e cumprimentei uma câmera grande no topo de um poste inclinado na parede de pedra branca circundante.

Enquanto andava pelo caminho da entrada, fiquei maravilhada com os jardins: exuberante grama verde, fontes de água ornamentais, árvores de todo tipo, e um milhão de flores iluminando os jardins.

Um grande conjunto de degraus pavimentados apareceu à vista, que conduziam a uma porta branca. Esta se abriu exatamente quando levantei minha mão para bater na porta. Meus lábios se abriram com um sorriso de orelha a orelha quando meu primo, Rome Prince, apareceu na porta, seu habitual cabelo loiro areia emaranhado e seus olhos marrons brilhantes. Continuava sendo o epítome do estilo popular enquanto permanecia de pé, com os braços cruzados, vestido com uma camiseta branca justa e jeans desgastados.

— Olá, prima – me cumprimentou com um amplo sorriso, seu forte sotaque tão Bama como sempre enquanto dava um passo para frente, com os braços estendidos e me levantava do chão em um abraço de urso.

Não pude deixar de rir enquanto o abraçava de volta.

Rome me colocou no chão, e me deu um beijo na bochecha.

— Olá para você também, Sr. Quarterback Todo-poderoso!

Rome revirou os olhos e passou diante de mim para pegar minha bagagem. Segui ele para dentro da casa. Meus olhos se ampliaram enquanto assimilava o saguão, porque assim era como tudo poderia ser descrito, saguão. O lugar era enorme.

— Rome... — ia continuar, quando fui interrompida.

— Ridículo, não é?

Minha cabeça se virou para a escada. Molly Prince descia, coberta com um vestido de verão comprido, sem manga, de cintura império cor púrpura. Seu longo cabelo castanho pousava sobre seus ombros e seu bonito rosto levava um sorriso de felicidade.

— Molls! — gritei de emoção e, enquanto Molly descia o último degrau, envolvi ela em meus braços. Imediatamente me devolveu o abraço — Senti falta de você! — confessei, e a deixei ir, para que pudéssemos caminhar de volta ao saguão.

— Senti sua falta também, querida — disse Molly, apertando minha mão, só me deixando ir quando Rome estendeu a mão e a atraiu para seu peito, com seus braços envolvendo-se ao redor de seus ombros por trás. As mãos de Molly se levantaram para aferrar-se a seus braços, e esse olhar que ambos tinham quando estavam um com o outro se deslizou em seus rostos.

Uma dor momentaneamente apunhalou meu peito. Ver eles felizes só destacava o quanto me sentia só. Trabalhar até altas horas da noite poderia ser uma boa distração, mas por mais que adorasse meu trabalho, ele nunca poderia substituir o amor vertiginoso e apaixonado que ansiava tão desesperadamente.

— Vamos. vamos tomar uma drink! — disse alegremente, lutando contra meu momento de tristeza, e deixei Rome e Molly liderarem o caminho para sua cozinha branca de estilo rústico.

Molly deve ter me visto ofegando ante a opulência da cozinha e se ruborizou.

— É muito, não é?

Minha atenção se deslizou para minha tímida amiga e sua expressão envergonhada.

— Não, absolutamente, querida. É linda.

Molly se uniu a mim enquanto olhava ao redor da cozinha. Eu adorava que ainda se sentisse incômoda por ter dinheiro. Não acreditava que alguma vez se acostumasse. Mas não podia deixar de pensar que era uma característica adorável de possuir.

— Ela brigou comigo pela compra deste lugar, mas queria um lugar seguro para viver... algum lugar para começar uma família — declarou Rome.

Os olhos de Molly, que tinham estado pegos na mesa, dispararam para seu marido e começaram a se encher de lágrimas.

Rome levantou a mão de Molly até seus lábios. Sentia-me como uma intrusa em seu momento privado e significativo. Molly pareceu se recompor e me deu o esboço de um sorriso.

— Ally, deve estar com sede. Posso te oferecer uma bebida?

— Não se preocupe, querida. Está tudo sob controle! — declarei com entusiasmo, corri até minha bagagem de mão e tirei a garrafa de champanhe que tinha comprado a caminho de sua casa.

Quando levantei o olhar, notei que Molly ficou verde e correu para fora da cozinha.

— É... estarei de volta em um minuto! — Molly saiu correndo pelo corredor. Fiquei de pé no meio da cozinha, franzindo o cenho.

Me virei para Rome, que estava inquieto em seu assento.

— Ela está bem, querido? – perguntei a ele — Parecia que ia vomitar.

Os olhos do Rome seguiram na direção em que Molly tinha desaparecido.

— Está bem. — Pude ver a preocupação em seu rosto. Mas Rome sempre tinha sido todo sério e possessivo com Molly. Sua necessidade de manter ela salvo e cuidar dela permanecia acima de qualquer outra coisa em sua vida.

Me sentindo incômoda pelo silêncio que seguiu imediatamente, perguntei a ele:

— Onde estão suas taças de champanhe?

Rome saiu de sua preocupação e se aproximou de um aparador. Estendendo-se para cima, tirou duas taças de champanhe e as colocou sobre a mesa enquanto eu tirava a rolha. Quando fui servir, fiquei imóvel.

— Rome, se esqueceu uma. Só tem duas aqui.

Rome ficou tenso a meu lado, e quando levantei os olhos, seus olhos olhavam fixamente a direção em que Molly tinha desaparecido. Meus olhos se estreitaram, e dei um empurrão nele com o cotovelo.

— Ouça, primo! Está comigo?

Rome girou a cabeça para mim e passou a mão pelo cabelo.

— Sim, sinto muito, Al.

— O que está acontecendo? – perguntei a ele — Porque estão agindo de maneira muito estranha.

Baixei o olhar às duas taças de champanhe e deixei escapar um suspiro emocionado.

— Por que ela não está bebendo?

Rome abriu a boca, mas...

— Estou grávida. — A tranquila voz de Molly flutuou da porta de entrada para onde estava. Tanto Rome como eu rapidamente viramos a cabeça para olhar para ela. Estava pálida, e percebi que acabava de vomitar.

O ar saiu de meus pulmões em um assobio e minha mão voou sobre minha boca. Molly se adiantou, e seu lábio se curvou de felicidade.

— Estou de dezesseis semanas... — Olhou para Rome e as lágrimas de felicidade encheram seus olhos — Pode acreditar nisso? Vamos ter um bebê de novo!

Então as lágrimas se derramaram por suas bochechas. As minhas fizeram exatamente o mesmo enquanto corria para

minha melhor amiga, suas mãos agora dando forma à pequena protuberância redonda sob o vestido folgado. Peguei ela em meus braços.

— Estou tão feliz por você, querida – sussurrei para ela enquanto senti Molly me segurava com força.

Ela tremia.

Me afastei e sequei as lágrimas com meus polegares.

— Estou tão malditamente feliz por você.

— Obrigada, Ally — disse com uma risada emocionada. Todo seu rosto resplandecia de emoção. Mas essa expressão vacilou quando seus olhos se dirigiram para Rome, que ainda não tinha se movido de sua posição encurvada perto do balcão. Nos olhava de perto, mas havia dor em seu olhar escuro.

Molly se afastou de mim, apertando brandamente meu braço em sinal de agradecimento antes de me soltar e se dirigir para seu marido. Levantando a cabeça, pôs seus dedos sob seu queixo e levantou a cabeça de Rome antes de pressionar um beijo em seus lábios.

— Vou ficar bem — sussurrou com doçura.

Rome a olhou durante o que pareceu uma eternidade antes de puxar ela em seu colo e a envolver em seus braços. Molly me viu olhar para eles confusa e explicou:

— Tenho pré-eclampsia, Ally. A gravidez pode ser difícil, já que não deveria ter desenvolvido pré-eclampsia tão cedo. Nosso médico me deu uma lista de coisas que tenho que fazer para me ajudar a ficar bem, mas este aqui está aterrorizado. — passou a mão pelo cabelo comprido de Rome para enfatizar sua opinião — É a razão pela qual não contamos nada a ninguém. Já sabe, no caso de algo sair mal de novo. Lexi e Austin sabem, mas queria esperar e dizer isso a você cara a cara. É obvio que Rome não pode parar de se preocupar.

Essa espiral em minhas vísceras estava de volta de novo.

— Eu tenho terror de te perder — disse Rome com voz profunda e áspera, logo baixou sua voz — : Nenhum bebê vale isso.

A cabeça do Molly se inclinou lentamente para um lado enquanto o observava.

— Não vai me perder. Tudo vai ficar bem. Vamos ter um bebê e tudo estará bem.

Se olharam nos olhos e pareceram falar um com o outro simplesmente através de sua conexão.

Me balancei desajeitadamente em meus pés e me movi para minhas malas. Molly me viu pela extremidade do olho e se levantou do colo de Rome.

— Rome, mostre a Ally seu quarto, querido. Vou me deitar. — Ela revirou os olhos — Ordens do médico. Muitíssimo descanso e nada de estresse.

Sorri para ela e vi como saiu da cozinha. Molly parou e então se virou.

— Ah, quase me esqueci. Organizamos um jantar de comemoração para você esta noite, querida. Todo mundo vem. Uma grande boas-vindas para você e sua chegada à Cidade Esmeralda.

— Moll, eu... — comecei a discutir, preocupada se por acaso a estava pressionando muito.

— Você também não, Ally! Tenho o suficiente com meu melancólico e corpulento garanhão do futebol, me tratando como se fosse uma boneca frágil. — Molly assinalou a Rome e fez uma careta brincalhona. Os olhos de Rome se estreitaram, sendo brincalhões de novo — Estou bem. — Sua mão foi para

seu estômago — Ambos estamos bem, e não vou ter todos pisando em ovo ao redor de mim durante os próximos meses!

— Sim, senhora – disse a ela e simulei uma saudação militar.

Molly riu e sacudiu sua cabeça.

— E depois quero escutar tudo sobre esta nova galeria que está desenhando em minha escola, ok?

— Claro que sim — respondi, divertida.

Molly assentiu em sinal de triunfo, logo caminhou com cuidado subindo as escadas, me deixando sozinha com Rome. Rome pegou minha bagagem, caminhou rapidamente para a escada, e eu o segui.

Me levou a um quarto no final de um longo corredor. Quando abriu a porta, minha boca caiu aberta. Era lindo, espaçoso e luminoso, um quarto totalmente branco com um enorme banheiro, com a maior banheira que já tinha visto.

— Rome... isto é... — sussurrei e me virei para o meu primo, que estava apoiado no marco da porta, com os braços cruzados sobre o peito.

— Pode ficar todo tempo que quiser, está me ouvindo? Molly adora te ter por perto. E para mim também não parece nada mal.

Fiquei olhando meu primo, ouvindo o tom de sua voz enquanto tentava encobrir sua apreensão sobre sua esposa com uma brincadeira. Me aproximei de seu corpo alto e agarrei seus braços tensos.

— Ela vai ficar bem, você sabe. Este bebê é algo bom. É uma bênção.

Rome baixou o olhar para o chão.

— Sei que ele é, Al, e estou feliz. Quisemos um bebê durante muito tempo. Sabe. Mas, Cristo, Al, escutar esse médico falar sobre os riscos de novo e lembrar constantemente que sua mãe morreu da mesma coisa que Molls tem... e... — Rome parou de falar, e apertou minha mão em seu braço. Suas fossas nasais se dilataram e continuou — : ...lembrar da minha garota nessa maldita cama de hospital quebrada e perdida, me mata. Poderia voltar a acontecer. Ou poderia ser pior.

— Isso não vai acontecer, Rome. *Tudo* é diferente desta vez. Está em uma posição muito melhor, é mais amadurecido, não tem seus pais respirando em sua nuca e toda essa tensão

com a qual lutar. E te conheço. Você não vai deixar que nada aconteça a sua esposa nunca mais.

O lábio de Rome se curvou em um sorriso relutante, e eu devolvi o sorriso.

— Vou ser tia! — gritei com entusiasmo, e Rome começou a rir. Meu coração se rompeu por quanto estava preocupado, e depois por quanto estava emocionado quando por fim deixou brilhar sua felicidade.

— Sim, sim, vai ser. Tia Ally.

— E você vai ser papai.

Deixou escapar um suspiro, passando as mãos por seu rosto.

— Sim... merda...

— E vai ser um malditamente bom, Rome. O melhor maldito papai no planeta.

Rome me deu um enorme sorriso agradecido, e pude ver a alegria pura em sua expressão. Pude ver o muito que queria a esse pequeno bebê que Molly carregava.

Rome sacudiu sua cabeça divertido e revolveu meu longo cabelo cor marrom com a mão.

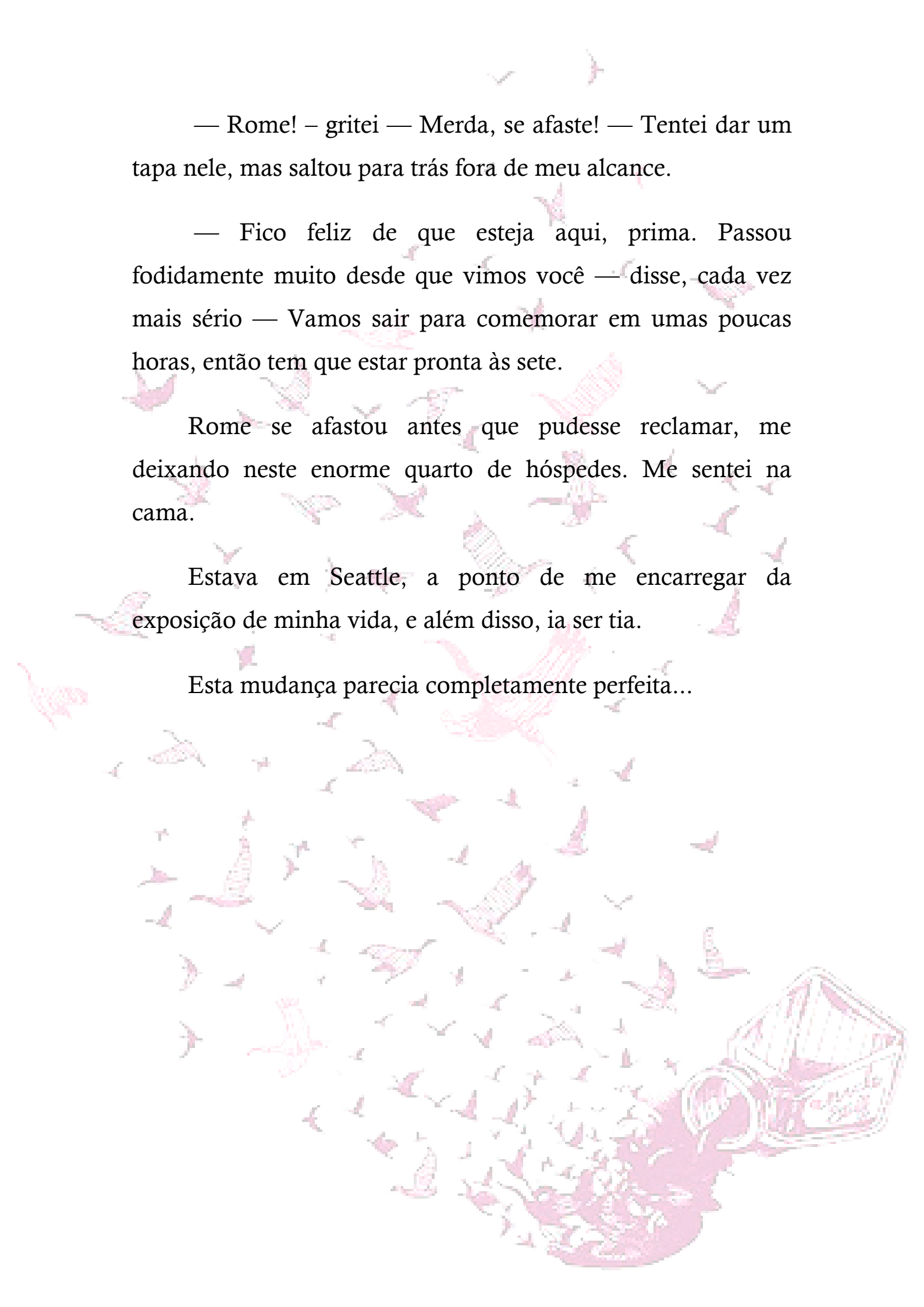
— Rome! – gritei — Merda, se afaste! — Tentei dar um tapa nele, mas saltou para trás fora de meu alcance.

— Fico feliz de que esteja aqui, prima. Passou fodidamente muito desde que vimos você — disse, cada vez mais sério — Vamos sair para comemorar em umas poucas horas, então tem que estar pronta às sete.

Rome se afastou antes que pudesse reclamar, me deixando neste enorme quarto de hóspedes. Me sentei na cama.

Estava em Seattle, a ponto de me encarregar da exposição de minha vida, e além disso, ia ser tia.

Esta mudança parecia completamente perfeita...



Capítulo 3

Ally

Algumas horas mais tarde nós entramos em um restaurante, e o garçom nos levou a um espaço privado na parte traseira. Fiquei feliz, porque quando atravessamos pela concorrida sala de jantar, as pessoas começaram a olhar fixamente para Rome sussurrando entre si, fanáticos das celebridades reconhecendo o quarterback[4] titular dos Seahawks[5]. Molly abaixou a cabeça e tentou seguir a toda pressa para frente, claramente envergonhada, mas Rome a puxou pela mão, aproximando ela a seu lado. Ele odiava ser o centro das atenções também.

Quando entramos no espaço privado, o qual tinha uma grande vista da linda noite do The Sound, exalei, alisando meu vestido sem mangas com listras pretas, só para escutar alguém gritar meu nome do outro lado da sala.

---

[4] Posição que se assemelha ao de atacante no Futebol Americano.
[5] Principal time de Futebol Americano em Seattle

— Ally!

Esbocei um sorriso para Lexi, uma de minhas melhores amigas, que tinha se levantado de seu assento e corria para mim. Meu coração se encheu enquanto ela se aproximava. Ainda era pequena e magra, mas de aspecto saudável agora que estava comendo mais desde a universidade. Seu cabelo negro agora era comprido e liso, até a metade das costas. Usava um vestido verde comprido até os joelhos com mangas largas e botas de cano alto.

Estava linda.

Me estendendo, segurei as mãos de Lexi entre as minhas e me inclinei para beijá-la na bochecha. Apertei seus dedos com força e dei um passo atrás. Tive que reprimir a vontade de aproximá-la em um abraço. Lexi não podia ser tocada dessa maneira por causa de sua anorexia. Apesar de estar em recuperação, ainda era um gatilho para ela que a tocasse nas costas.

— Senti falta de você — disse Lexi brandamente, sorrindo para mim meigamente.

— Também senti saudades de você, querida. Não posso acreditar que estejam vivendo em Seattle também! É uma loucura! Dois meninos de Bama jogando para os Seahawks!

Nesse momento, Austin Carrillo, o melhor amigo de Rome, apareceu atrás de sua esposa e se inclinou sobre ela para me dar um beijo na bochecha.

— Ally — cumprimentou e, retrocedendo, envolveu seus braços completamente tatuados ao redor dos ombros de Lexi e a apertou contra seu peito. Austin era a única exceção aos gatilhos de Lexi, a única pessoa que podia tocar ela. Austin tinha salvado sua vida por volta de cinco anos atrás quando quase perdeu a batalha com seu transtorno alimentício, mas o amor entre eles demonstrou ser mais forte. Ele era sua razão para viver, e ela a dele.

Distinguindo uma cabeça de cabelo loiro desordenado por trás de Austin e Lexi, me inclinei rodeando eles, só para ver um menino jovem e bonito de pé nervoso. Era musculoso e atlético. Olhou para mim sorrindo timidamente, e minha boca se abriu quando me dei conta de quem era...

— Levi? O pequeno Levi Carillo? É você, querido? — perguntei. Encontrei-me com seus olhos cinzas quando levantou a cabeça, com um profundo rubor vermelho recobrindo imediatamente a pele azeitonada de suas bochechas.

— Olá, Al. — Foi sua resposta tranquila enquanto corri para ele e lancei meus braços ao redor de sua cintura, apertando ele com força.

Levi exalou uma risada tranquila por cima de mim, me abraçando de volta. Cheguei para trás e estendi os braços, estudando o muito que tinha mudado.

— Levi, está tão grande e me passou! — brinquei, e ele baixou seus olhos para evitar meu olhar, com um tímido sorriso em seus lábios — Quantos anos tem agora, querido?

— Dezenove, senhorita — respondeu. Rome caminhou por trás dele e alvoroçou seu cabelo. Levi deu uma cotovelada afastando ele.

— Bom, merda! Dezenove!

— E um dos melhores receptores que vi em minha vida — elogiou Lexi ao se esticar para acariciar sua bochecha com sua esbelta mão. Levi deu a ela um amplo sorriso, e a gente simplesmente podia ver o amor que sentia por nossa pequena amiga irradiar de cada um de seus poros.

— Assim como seu irmão, então, né? — brinquei, vendo Austin tomar assento à mesa junto a Rome, Molly e Lexi se moveram para se sentarem ao lado de cada um de seus maridos.

Entrelaçando meu braço através do de Levi, disse:

— Bom, parece que é minha acompanhante desta noite, Lev. Pode se sentar a meu lado.

Levi caminhou junto a mim e nos sentamos.

— Então o que, está na universidade, Lev? Está aqui em Seattle para visitar Austin e Lex?

— Não, senhora, ainda moro com eles. Frequento à Universidade de Washington; me transferi da UCLA.

Olhei para ele, me sentindo de algum modo confusa.

— Não queria ficar em Los Angeles?

Austin se moveu em seu assento enquanto olhava para seu irmão mais novo. Levi baixou a cabeça.

— Queria estar perto de meu irmão e Lexi. Isso é tudo. Os Huskie não são tão maus, e estamos indo muito bem este ano.

Meu coração se afundou quando vi um sotaque de vulnerabilidade passar rapidamente através de seu lindo rosto.

— O melhor maldito jogador nesse campo, né, irmãozinho? — disse Austin, rompendo o silêncio, e Levi

levantou a cabeça, ficando vermelho ante a expressão de orgulho de Austin.

— Então, Al, Moll e Rome disseram que está organizando uma exibição extravagante na Universidade? — disse Austin tirando a atenção de Levi, logo depois que Rome ordenou uma rodada de bebidas do garçom que estava bem fora de nossa linha de visão.

Ri da forma como se expressou.

— Sim, estou organizando uma exposição extravagante.

— O que? É extravagante, não? — disse Austin, enquanto Lexi sacudia a cabeça com exasperação a seu lado.

— Ignora ele. Ele é todo o futebol, futebol, futebol, não é exatamente um aficionado à arte — provocou Lexi a Austin, ganhando um cenho ameaçador.

Lexi agitou sua mão e me olhou outra vez.

— Nos fale dela, Al.

— Sim, nos conte a respeito Srta. Aliyana Lucia — disse Rome, secamente. Tinha utilizado o nome de solteira de minha mãe para os negócios, e Rome sempre se burlava por isso. Simplesmente não queria o estigma do Prince Oil me

seguindo. Queria conseguir o êxito de forma independente, sem estar conectada com o sobrenome.

Meus olhos se encheram de emoção imediatamente.

— O que posso dizer? É meu sonho se tornando realidade. Esta exposição é a exposição estreia de um artista, e me escolheram como sua organizadora. Ainda não posso acreditar isso!

— O que é que ele pinta? — perguntou Molly.

— Não. É um escultor. — Soltei um longo suspiro — É o escultor mais valente, torturado, talentoso, inspirador e escuro que encontrei... — Olhei fixamente o panorama escuro do The Sound, perdida nas imagens de suas esculturas dando voltas por minha cabeça, cada uma mais poética e trágica que a anterior.

Meneando a cabeça, encontrei os olhares de assombro de meus amigos e com ansiedade retirei o cabelo de meu rosto.

— Sua obra, é... é... é minha alma. Essa é a única maneira que posso explicar. É a vida, a morte, o amor, tragédia, e todo o resto, cada condição humana... tudo. Sua obra fala diretamente com meu coração.

— Ally... — expressou Molly com lágrimas contidas nos olhos.

Quando senti uma umidade em minhas bochechas, me dei conta de que estava chorando. Rapidamente enxuguei as lágrimas, respirei fundo e expulsei uma risada nervosa.

— Realmente eu adoro seu trabalho.

— Percebe-se — disse Rome carinhosamente.

— Estou tão feliz por você — disse Lexi com entusiasmo e se inclinou para frente — Como é ele? É bonito? — Austin lançou um olhar incrédulo a Lexi, mas ela ou não viu ou de propósito ignorou.

Dei de ombros.

— Eis a questão, nunca o vi. Ninguém nunca o viu. É um ermitão total. Fui comissionada por outro artista, seu mentor, quem está à frente de tudo. É um patrocinador do museu de arte da universidade e reside em Seattle. Realmente deveria ter estado em um museu maior, mas disse que queriam manter isso pequeno.

— Vin Galanti? — disse Molly.

— Sim, conhece ele?

— Uma ou duas vezes. — Um sorriso se estendeu em seu rosto — É um personagem peculiar. Ele trouxe alguns dos escritos originais de Platão ao museu de arte para uma

exposição temporária de mostra de filosofia e arte da qual fazia parte. Ajudei com a história e a tradução do latim para os painéis de texto. Adoro ele.

— Então, qual é o nome dele? — perguntou Lexi quando o garçom voltou com nossas bebidas.

— Nome? — questionei enquanto uma taça de champanhe era colocada diante de mim.

— O escultor, o nome do Sr. Dono De Sua Alma! — sublinhou, e fez um biquinho com seus lábios para deter o sorriso que iluminava seu rosto.

— OH, certo, sinto muito. Ahh... Elpidio. Ele responde pelo nome de Elpidio — respondi.

Austin bufou a meu lado.

— Não ouvia esse nome a muito tempo.

— Ouviu falar dele? – perguntei a ele.

— Era o nome de nosso nonno[6] — respondeu Austin — O nome do pai de nossa mamma. Não é muito comum agora...

— Então é italiano? — perguntei, emocionada, pelo menos tinha revelado algo mais sobre o solitário artista.

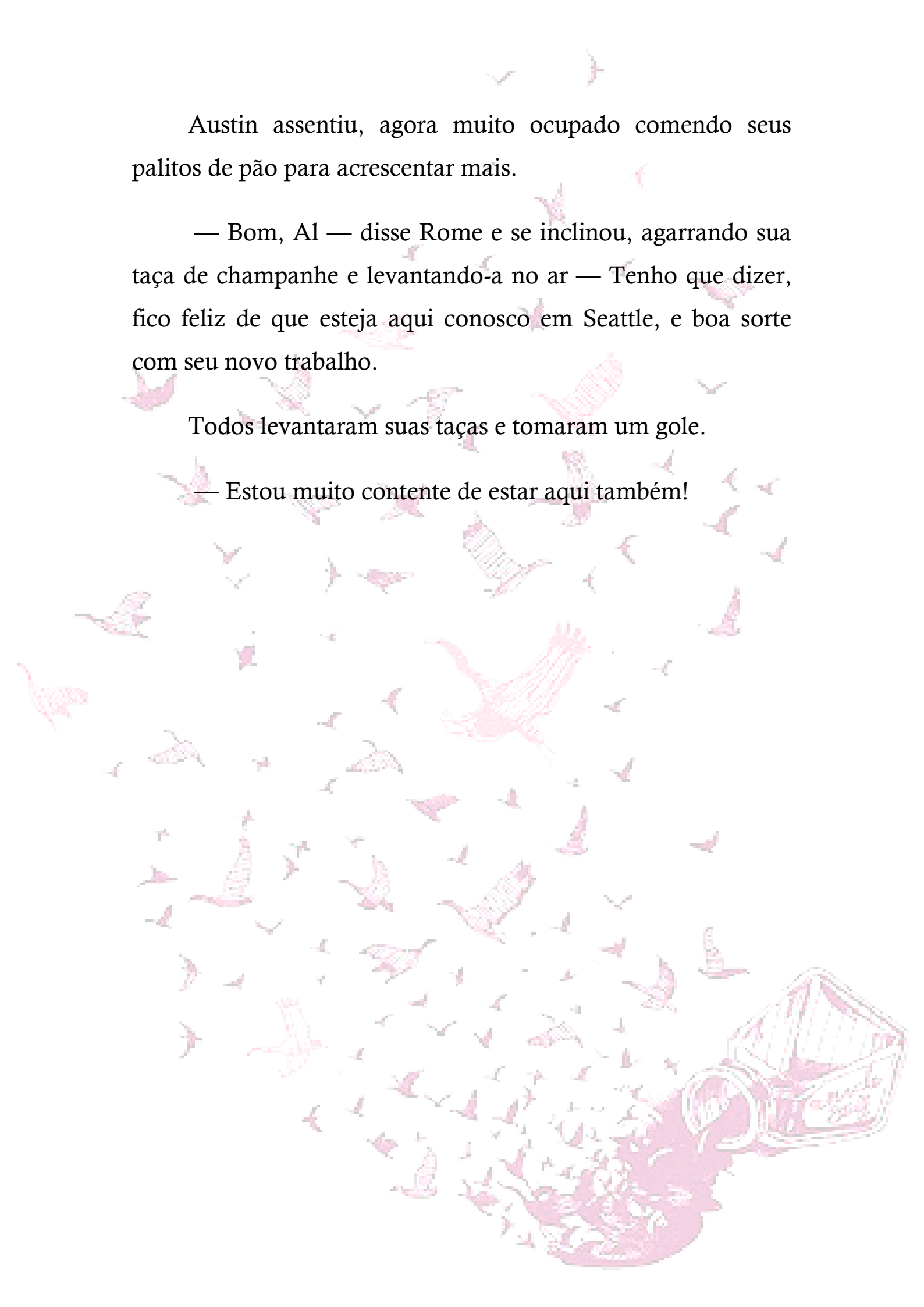
[6] avô em italiano

Austin assentiu, agora muito ocupado comendo seus palitos de pão para acrescentar mais.

— Bom, Al — disse Rome e se inclinou, agarrando sua taça de champanhe e levantando-a no ar — Tenho que dizer, fico feliz de que esteja aqui conosco em Seattle, e boa sorte com seu novo trabalho.

Todos levantaram suas taças e tomaram um gole.

— Estou muito contente de estar aqui também!



Capítulo 4

Elpidio

Seattle, Washington

Vin estacionou o carro diante do endereço que tinha dado a ele. O endereço ao qual me agarrei toda a viagem de avião até aqui, a tinta desse endereço agora manchado no pedaço de papel gasto em minha mão.

Minhas mãos tremiam enquanto olhava para frente, muito assustado para olhar diretamente à casa que sabia estava ali me esperando. Tudo permanecia silencioso enquanto tentava respirar apesar dos nervos. Podia sentir os olhos de Vin me olhando.

— Está bem, Elpi? — perguntou, rompendo o silêncio.

Abri a boca para responder, mas não saiu nenhuma palavra. Assentindo uma vez, soltei um longo suspiro e movi

minha mão tremente para a maçaneta da porta. Enquanto esta se abria, e sem olhar para Vin, disse:

— Obrigado por me trazer.

— Não há problema, Elpi – respondeu — Nos vemos no estúdio amanhã, ok? Mostrarei a você o lugar que consegui para que continue com seu trabalho.

— Bem — disse em um tom cortante e saltei fora do carro, dando uma portada atrás de mim.

Puxando a mochila sobre meu ombro, me forcei a levantar a cabeça e vi uma grande mansão de tijolos frente a mim.

Meu coração palpitava muito rápido, o caminho de entrada parecia um maldito paredão. Dei um passo para frente, com as mãos tremendo mais forte enquanto pensava no que me esperava do outro lado da porta negra.

Me forçando a me mover, o cascalho rangia sob minhas botas. Meu estômago se retorcia e o suor corria por meu rosto sob meu espesso cabelo comprido.

Tudo o que tinha deixado no mundo estava do outro lado dessa porta. Tudo o que tinha deixado, mas nada do que merecia. Um montão de perguntas começaram a bombardear minha mente: E se me rechaçassem? E se as únicas pessoas às

que amava já não me amassem? Não os tinha visto em três anos, rompi com eles sem nenhuma explicação. E se não pudessem me perdoar por isso? E se realmente estivesse sozinho? Que diabos faria então?

Tentando me desfazer do medo, meus pés continuaram se movendo para frente com minha respiração se agitando mais à medida que me aproximava da casa. Tudo estava em silêncio, só um par de aves cantavam entre as altas árvores que rodeavam a propriedade. Odiava a tranqüilidade, fazia com que os pensamentos de merda soassem mais forte em minha cabeça.

Alcançando a porta, tentei escutar algum sinal de vida lá dentro, mas não pude ouvir uma merda. Dentro estava tão silencioso como fora. Não estava acostumado a isso. Estava acostumado aos gritos, às portas metálicas fazendo ruído, às ordens gritadas... não a este silêncio. Não a esta inquietante paz.

O som de meu sangue correndo trovejava em meus ouvidos e levantei a mão para bater. Mas não podia parar de tremer. Droga! Não podia parar de tremer. Imediatamente abaixei a cabeça.

Não pensei que pudesse fazer isso. Depois de todo este tempo... E se não me quisessem? Fechei os olhos com força. Era um maricas de merda!

Apertando a mão em um punho, respirei profundamente, abri os olhos e antes que pudesse me convencer de não fazer isso, bati na porta duas vezes, deixando cair a mão para esperar uma resposta.

Muitos pensamentos correram por minha mente enquanto estava aí parado, com os pés presos ao chão, tremendo como uma menina, droga! Logo, escutei passos do outro lado.

Prendendo a respiração, escutei como as fechaduras se abriam lentamente e, como se o tempo passasse em câmara lenta, vi o trinco girar. O cabelo me cobria o rosto enquanto tentava acalmar meus nervos, mas quando vi um par de pés, soube quem estava aí... bem diante de mim... finalmente, depois de todos estes anos.

— Posso te ajudar?

Fechei os olhos quando escutei a voz familiar.

Levantando lentamente a cabeça, vi que era até maior do que lembrava. Estava vestido com um folgado moletom cinza e uma camiseta branca de manga curta, seus braços expostos

estavam cobertos de tatuagens escuras. Me forcei a levantar meus olhos e encontrar seus olhos e me cambaleei para trás. Foi como se o tivesse visto ontem mesmo, e me dando conta disso, uma tonelada de lembranças desagradáveis alagaram minha mente, lembranças que tentava bloquear para não me afogar na culpa.

Seu cabelo escuro estava mais longo, não muito, mas mais comprido do que estava na última vez que nos vimos. Exalando, passei a mão pelo cabelo, jogando-o para trás, mostrando mais de meu rosto barbudo.

E então o vi, o momento em que se deu conta exatamente de quem estava de pé em sua porta. Seus olhos marrons se abriram tanto que pareciam antinaturais. Deu um passo para trás, surpreso, boquiaberto como se tentasse dizer algo mas não saíam as palavras.

— Austin — cumprimentei com voz áspera, olhando para o outro lado, me sentindo mais nervoso do que tinha estado em toda minha puta vida. Esperando... só esperando que me afastasse.

Austin agarrou a beirada da porta, me olhando, até que troquei de postura e assenti. Entendi o significado de seu silêncio: não era bem-vindo.

— Entendido — disse secamente.

Me virei para ir embora exatamente quando deu um passo adiante e sussurrou:

— Axel?

A voz de Austin era tensa, mesclada com emoção. Fiquei gelado e a contra gosto olhei por cima de meu ombro.

— Menino — respondi e vi como a surpresa em seu rosto, agora mais crescido, fundia-se no maior sorriso que já tinha visto. Austin se lançou para fora da porta e jogou seus braços ao redor de meu pescoço.

Nunca tinha me abraçado tão forte.

A mão tremente de Austin segurava a parte de trás da minha cabeça, me apertando contra seu corpo.

— Merda... não posso... não posso acreditar que seja você... — Sua voz era áspera e minha garganta estava tão apertada que não podia falar. Acariciando Austin nas costas, esperei que se afastasse, mas quando senti que suas costas também tremia, sabia que não o faria. O menino estava chorando.

E maldição se não me quebrou.

— Fratello, me olhe – disse a ele lutando contra minhas próprias lágrimas. Como sempre, meu irmão pequeno fez o que pedi, sempre fazia.

Austin manteve os olhos para baixo enquanto me enfrentava, suas mãos permaneceram em meus ombros mas pude ver as lágrimas caindo de seus olhos. Agarrando a parte de atrás de sua cabeça, levei ele de novo até meu peito sussurrando:

— Porra! Senti saudades, menino.

— Giuri? — perguntou Austin tremente, com a voz afogada por minha camisa.

Soprei com uma risada.

— Giuro.

Retrocedendo, Austin me olhou, sacudindo a cabeça sem poder acreditar.

— Como... o que... Axe? Como diabos saiu? Como é que está aqui?

— Bom comportamento, Aust.

O orgulho que brilhou em suas bochechas sem barbear quase me desfez. Por que sempre tinha tido tanta fé em mim, não entendia.

Não merecia. Não merecia ele... nada disto.

Austin lançou seu braço ao redor de meu ombro e disse:

— Sempre soube que podia fazer isso. Abaixar a cabeça e se endireitar.

Começou a me guiar para a casa e empurrou sua mão sobre meu cabelo comprido.

— Que diabos há com o cabelo longo e a barba? Nunca tinha te visto com nada mais que o cabelo quase rapado.

— Não sei. Só que nunca me incomodei em cortar.

Austin parou, e pude sentir seu duro olhar. Finalmente levantei a vista e elevei uma sobrancelha.

— O que?

— Só que quase não te reconheço, isso é tudo. É como se fosse outra pessoa. E... — Seus olhos marrons se cravaram em minha bochecha esquerda e levantei a mão para onde meu Stidda, minha estrela negra tatuada, estava acostumada a estar, a marca que dizia a todo mundo que era um Heighter para toda a vida — . Cobriu ela...

Afastei o olhar.

— Sim... — respondi, não precisava de mais informação.

— Por que? — pressionou.

— Porque sim, menino.

— Por um crucifixo? — perguntou, mas só encolhi os ombros. Austin ainda seguia me olhando, mas não ia entrar em detalhes.

— Você tirou a sua — disse com orgulho.

— Essa já não é minha vida, Axe. Era hora de deixar para trás toda essa merda. — Assenti, entendendo ele, e Austin tomou como um sinal para nos mover dentro da casa.

À medida que entrávamos pela porta, pude sentir que Austin ainda me olhava como se pensasse que desapareceria se não continuasse me vigiando. Seu braço nunca deixou meu ombro.

Austin pegou minha bolsa e a colocou no chão de mármore negro. Dei uma olhada ao redor e tive que respirar através da inquietação que sentia ao estar em tal lugar. Estava acostumado às magras paredes, tetos de zinco, e janelas de plástico de reboques ou os chãos de pedra e portas metálicas das celas, não as putas mansões como a que estava agora...

uma mansão que meu irmãozinho comprou com seu esforço, por seu próprio talento. Era incrivelmente surrealista.

Austin me deu uma palmada nas costas e eu sacudi a cabeça.

— O que? – perguntou para mim enquanto eu fazia um gesto para o grande corredor e a sala de TV que parecia uma puta sala de cinema.

— Você fez bem, menino.

Austin abaixou o olhar.

— Disse a você que faria. Disse a você que teria uma casa a qual poderia vir e na qual poderia viver também, quando saísse.

Essa maldita garganta obstruída estava de volta outra vez, e soube que Austin entendia que não pudesse falar.

— Austin? Querido? Quem estava na porta?

Uma voz feminina chegou da direita, por um corredor que vi que levava a cozinha. Pouco depois, uma garota pequena, magra e com o cabelo negro apareceu.

Me revolveu o estômago. Merda. Lexi.

— Querido? – chamou ele outra vez, caminhando com a cabeça encurvada enquanto secava um copo com um pano de cozinha. Austin ficou tenso a meu lado. Quando Lexi levantou o olhar, pulou, assustada com quem viu.

— Ax... Axel...? — sussurrou. Suas mãos começaram a tremer tanto que o copo que segurava caiu no chão e se rompeu em pedaços.

— Pix — disse Austin e pude ouvir a preocupação em sua voz — Merda, Pix, está bem?

Seus grandes olhos verdes foram de mim para Austin enquanto assentia, mas não passou nem um maldito segundo antes que voltassem para mim.

Austin parou diante dela e embalou suas bochechas, obrigando ela a olhar para ele.

— Pequena, me olhe. – ela olhou — Está bem?

Devagar assentiu e Austin a envolveu em seus braços como se a estivesse mantendo a salvo. A salvo de mim. Sabia que ela tinha problemas. Droga, sabia que quase morreu. Lev tinha me dito isso quando me ligou do hospital faz cinco anos e gritou comigo por ter decepcionado a todos.

Meu pulso palpitava em meu pescoço enquanto via o quanto me temia. Droga! Estava aterrorizada.

— Lexi — cumprimentei, mas minha voz foi áspera.

Seus olhos verdes nunca deixaram os meus enquanto Austin a abraçava mais forte.

— Axel — respondeu com voz tremente.

Não pude suportar.

Dando um passo adiante, observei como esticava seu corpo então parei e levantei as mãos.

— Olhe, Lexi, quero me desculpar pela maneira como te tratei. Foi muito mau. Fui um estúpido imbecil. — abaixei a cabeça, sentindo a tensão de Austin de onde eu estava parado — Já não sou esse tipo.

Levantando de novo a cabeça, Lexi me observou em silencio durante um momento muito comprido. Então, finalmente, deixou escapar um longo suspiro, dando uma olhada em Austin.

— Pix? — perguntou Austin. Lexi levantou a mão e, com o polegar, secou a umidade que ainda ficava nas bochechas de Austin. Vi as lágrimas encher seus olhos também.

Afundando os ombros derrotada, virou-se para mim e abaixou o queixo.

— Isso pertence ao passado, Axel. Nenhum de nós estava em um bom lugar naquele tempo. Naquele tempo. Todos estávamos fazendo o que pensávamos que tínhamos que fazer para sobreviver. Tem que ficar no passado.

Senti como se um enorme peso tivesse sido retirado de meus ombros.

— Pix — sussurrou Austin, e pude ouvir o nível de gratidão em sua voz. Gratidão por deixar que seu irmão ex-presidiário entrasse em sua casa, inferno, que irrompesse de novo em suas vidas.

Austin abraçou sua esposa e não pude parar de olhar para eles. Realmente nunca tinha visto quanto meu irmão amava Lexi, ou sequer me importou uma merda quanto ela, obviamente, adorava ele também. Quando já está miserável no inferno, suponho que não pensa em como poderia ser do outro lado.

Mas meu irmão tinha. Tinha tudo. Tinha saído de nosso imundo parque de trailers e estava vivendo o fodido sonho americano.

— Austin? Lexi? Viram minhas chuteiras de futebol? Preciso ir treinar.

A voz grave soou do piso de cima e meu estômago se afundou. Meu coração pareceu ter saltado um batimento como se tivesse um maldito sopro no coração ou alguma merda assim, porque sabia exatamente a quem pertencia essa voz.

— Lex? Viu minhas chuteiras?

Os passos soaram acima no primeiro piso, e Austin e Lexi se olharam em seguida um ao outro e logo para mim, com a mesma expressão de preocupação em seus rostos. Exatamente quando, um par de pernas começaram a descer as escadas, pouco a pouco revelando a alta e atlética estrutura do corpo de meu irmão mais novo, Levi.

Meus lábios se abriram quando me dei conta de que tinha crescido um montão, seu cabelo loiro escuro se encontrava revolto como se acabasse de sair da cama. Usava um moletom azul marinho e uma camiseta com as letras "Huskies Futebol Universidade de Washington" escritas no peito. Permaneceu cabisbaixo enquanto procurava nas escadas suas chuteiras, quando começou levantar o olhar um sorriso tímido puxava sua boca.

Em um instante, seus olhos cinzas se abriram, seu sorriso se converteu em uma careta, apertou as mãos em punhos e seu peito começou a se agitar.

Levi desceu as escadas e Lexi o encontrou no último degrau, movendo sua mão para agarrar seu braço.

— Levi...

— Que demônios está fazendo aqui? — disse Levi friamente com os dentes apertados e puxou seu braço para liberar-se.

Austin se adiantou e agarrou seu braço.

— Lev...

— Que diabos ele está fazendo aqui?

Um enorme sentimento indesejado se incrustou em meu peito. Levi estava fodidamente ardendo de raiva.

— Levi, diabos, se acalme! — exigiu Austin, mas Levi sacudiu a cabeça com incredulidade.

— Me acalmar? Me acalmar, caralho? Está me zuando?

— É nosso irmão, Lev! Que diabos acontece com você? — gritou Austin, parado diante de Levi. Mas Levi não se acalmaria.

Levi empurrou Austin para um lado e deu um passo adiante, seus olhos acesos com fogo, e disse:

— Que diabos está fazendo aqui? Por que não continua apodrecendo naquela cela onde deveria estar?

Lexi se apressou e pegou os braços de Levi entre suas mãos:

— Levi, por favor...

Mas os olhos de Levi continuaram fixos nos meus. O adolescente que tinha vindo por essas escadas procurando suas chuteiras de futebol fazia um minuto, agora cada milímetro dele parecia um verdadeiro Carrillo, cada milímetro como o ex-membro da turma Heighter e como à pequena merda que o tinha obrigado a ser.

Ao ver o ódio que agora sentia por mim, quando esses olhos cor cinza clara estavam acostumados a me olhar só com o mais absoluto respeito e amor, me destruiu.

— Levi, olhe para mim – pressionou Lexi de novo, mas respirei fundo e dei um passo para frente, enfrentando uma vez mais o olhar de meu irmão pequeno.

— Lexi, está bem — disse. Sua cabeça se virou em minha direção. Pude ver o pânico e o incômodo em sua expressão, mas dei uma olhada a Austin e assenti. Ele me retornou o gesto.

Esticando-se, Austin pegou a mão de Lexi e a atraiu para ele, sussurrando algo em seu ouvido.

Respirando profundamente, me virei para Levi:

— Lev, sei que está de chateado...

— Chateado? — disse e se aproximou ainda mais, seus nódulos brancos de tão tensos e apertados que estavam seus punhos — Chateado nem sequer se aproxima do que estou sentindo pelo fato de que esteja aqui, em nossa casa. – Vi ele tomar uma longa respiração — Supunha-se que estaria longe durante outros cinco anos. Supunha-se que você não fosse vir aqui.

— Supunha-se que sempre iria vir aqui, Lev. Uma vez que saísse, esta sempre seria a casa de Axel... conosco — disse Austin atrás de Levi, e Levi olhou para trás.

Austin esticou o braço e pôs sua mão no ombro de Levi:

— É nosso irmão, Levi. Estamos aqui para ele aconteça o que acontecer. Somos Carrillo.

Queria falar, tentei falar, mas sabia que se abrisse a boca, cairia como um covarde. Austin, este menino sempre me cobria as costas. Até mesmo agora, depois de ter cortado todo o contato há anos, agia como se não tivéssemos nada exceto coisas boas em nosso passado.

A boca de Levi se apertou e um olhar de pura repulsão se estabeleceu em seu rosto.

— Sim, temos que estar aí para ele? — Tentou dar um passo para mim, mas a mão de Austin o reteve. Isso só pareceu chatear Levi mais ainda — Me diga, Austin. Onde estava nosso *irmão* depois da overdose de Porter e fugir? Onde esteve nosso *irmão* quando te deixou trabalhar com Gio e sacrificar seu título? Onde estava nosso *irmão* quando a mamma estava morrendo e quase perdemos Pix? E onde estava nosso *irmão* quando pulverizamos as cinzas da mamma em Florença, o único lugar ao qual ela tinha chamado lar? — Levi disse a palavra "irmão" como se significasse uma merda para ele, como se eu significasse merda para ele, e cada vez que me jogou na cara meus pecados, essa merda só me matava um pouquinho mais por dentro.

Por que diabos eu tinha retornado? Em que diabos eu estava pensando?

— Nah, Aust — disse Levi, me mostrando seu lábio curvado como se fosse um montão de merda que acabava de pisar — Ele não é um irmão para nós. Não é um Carrillo... Simplesmente é um fodido perdedor ex-presidiário que não vai a lugar nenhum na vida, e veio aqui para utilizar seu dinheiro e nos arruinar de novo também.

Com o rosto avermelhado, Levi golpeou a mão de Austin, caminho para o armário debaixo das escadas para pegar uma bolsa de treinamento, e sem voltar a olhar, caminhou diretamente para a porta principal, deixando Austin, Lexi e eu estupefatos em silêncio.

Lexi passou Austin e correu para a porta:

— Levi! Espera! — Escutei seu grito da calçada, mas o som de um carro se afastando no cascalho a afogou, e entrou correndo.

— Austin! Temos que ir atrás dele.

Austin passou a mão por seu rosto e negou:

— Nah, Pix, deixa ele. Precisa se esfriar.

Vendo Lexi limpar olhos e Austin claramente estressado, sacudi minha cabeça.

Não deveria estar aqui.

Caminhando para a porta, fui para fora, agarrando minha bolsa do chão.

— Axe, espera! — gritou Austin, e parei a contra gosto com os ombros cansados. Só queria sair de uma puta vez. Já não era bem-vindo aqui — Axe, o que está fazendo? —

perguntou Austin, ficando diante de mim e bloqueando meu caminho.

— Olhe, menino, devia ter ligado antes e dizer que saí. Não devia ter vindo aqui e ponto... só pensei... merda, não sei... não achei que...

— Pensou que seus irmãos iriam querer te ver.

Mantendo meus olhos no chão, assenti:

— Sim, devia ter pensado melhor. Arruinei suas vidas, não falei com vocês durante anos, depois apareço cinco anos antes do que deveria. Entendo ele, menino, eu sei.

Austin se apoderou da alça de minha bolsa e a pegou do chão, me fazendo levantar os olhos. Ia protestar, quando levantou sua mão e me interrompeu.

— Conseguiu sair da merda, Axe — disse com força e deu uma olhada a Lexi, que deu a ele, depois a mim, um sorriso aquoso. Fixando seus olhos escuros de novo em mim, adicionou -: No meu modo de ver, saiu antes por fazer algo bom. O Axe que conhecia sempre teve algo bom nele. Só que nunca tomou boas decisões.

Austin pendurou a bolsa no ombro e se dirigiu às escadas, falando enquanto caminhava.

"Mas que tenha vindo diretamente para cá da prisão me diz que finalmente, pela primeira vez em sua vida, pensa com claridade."

Afastando o cabelo comprido de meu rosto, vi Austin subir as escadas:

— Austin, posso conseguir outro lugar para ficar. Lev expressou seus sentimentos sobre mim condenadamente claro. Não me quer. Não quero estar onde não me querem.

Austin parou no meio do caminho mas manteve seu foco direto. Não disse nada durante uns vinte segundos e o silêncio foi fodidamente sufocante.

— Senti saudades, Axe — disse finalmente.

Um vulto obstruiu minha garganta quando a voz de Austin se quebrou, e meus olhos se encheram de lágrimas.

— É meu irmão mais velho, Axe. Sempre fomos você e eu. Lev era muito pequeno para entender, mas tudo caiu em você e em mim quando éramos crianças... eu te amo. É de meu sangue. E não quero que vá a nenhum lugar sem mim outra vez.

Afastando o olhar, incapaz de ver Austin se romper, de repente senti Lexi junto a mim. Quando levantei o olhar para

as escadas, Austin tinha desaparecido nos deixando sozinhos, sua esposa e eu.

— Ele estava destroçado quando começou a rechaçar suas solicitações de visita faz uns anos, nunca explicou a razão do por que...

Virei minha cabeça à direita só para ver Lexi olhando fixamente atrás de Austin, antes de me olhar de novo.

— Teve muito com o que lutar: a morte de sua mãe, o recrutamento, se mudar para São Francisco. — Seus olhos se encheram de lágrimas e limpou suas bochechas — E eu... tive muito com o que lutar enquanto me reabilitava... enquanto melhorava, o que não foi um caminho fácil. — Lexi sorveu, descansando uma mão em meu braço.

"Todos os dias fala de você. A cada dia se pergunta o que está fazendo, se está a salvo... se sua mãe cuidar de você.

— Lexi... -sussurrei, me apagando enquanto a emoção secava em minha garganta. Não podia lidar com imaginar Austin se encarregando de tudo enquanto eu apodrecia em uma maldita cela, incapaz de fazer uma merda a não ser desperdiçar minha vida.

— E estava contando os dias até sua liberação para poder estar lá, nas portas da prisão, quando saísse. Não podia esperar para te trazer para casa.

Fechei os olhos brevemente e inalei pelo nariz:

— Merda, Lexi... mas Levi.

— Ainda está tentando superar a morte de sua mãe. É muito calado, não expressa seus sentimentos.

— É? Bom, claramente não teve problema no que sente por mim — respondi.

— E essa é a razão pela qual você estar aqui é uma bênção.

Minhas sobrancelhas desceram pela confusão, e Lexi deu de ombros:

— Isso é o mais apaixonado que eu vi Levi fazer desde que todos nós retornamos de Bama. Cinco anos guardando tudo dentro. Acaba de liberar algo de seu interior.

— Ódio — disse, sentindo a verdade dessas palavras no fundo em meu peito.

Lexi apertou minha mão e começou a se afastar, sópara olhar para trás e dizer:

— Amor. Só o sentimento de amor tiraria isso de Lev. Conheço ele o suficiente para saber isso. Só machuca os que ama. Acredito que você estar aqui o obrigará a enfrentar coisas que tentou enterrar profundamente. Ter você aqui o fará enfrentar sua dor.

Lexi se dirigiu à cozinha de novo, e perguntei:

— Ouça, Lexi?

Virou-se e sorriu tristemente.

— Por que não está me expulsando? — Agachei minha cabeça, envergonhado — Ameacei você, assustei você... merda, quis calar sua boca. -O remorso, um remorso verdadeiro correu através de mim quando me encontrei com seus olhos — E nem mesmo teria duvidado, se Aust não tivesse me impedido. Eu... eu teria feito, Lexi. Entende isso? Teria machucado você para proteger os Heighters.

Lexi engoliu seco e pude ver um brilho de puro medo cruzar seu rosto:

— Sei, Axel. Lembro de suas ameaças tanto quanto você e lembro da intenção em seus olhos enquanto as fazia. Mas estou trabalhando em ser mais forte e me apegar ao ódio só me manterá fraca. -Seu olhar se desviou para as escadas de

novo, aonde podia escutar o que parecia com as portas de um armário sendo abertas e fechadas — E Austin te ama.

Franzi o cenho.

Lexi se deu conta.

— Austin me põe em primeiro lugar. Sou tudo para ele. Eu tenho sido durante muito tempo agora. Ele é meu protetor e se nega a me deixar cair ou estar em qualquer tipo de perigo.

Fiquei olhando para ela em silêncio e Lexi se ruborizou. Pude ver em seu rosto o muito que amava meu irmão. Isso me fez me sentir incômodo. Nunca tinha sido testemunha desse tipo de amor antes e sabia cem por cento que nunca poderia ser tão importante para ninguém enquanto vivesse.

Lexi suspirou:

— Axel, se Austin pensasse que de algum jeito fosse um perigo para mim ou para o Levi, não estaria aqui neste momento. Meu Austin confia em você, implicitamente, e porque sei que meu marido nunca me deixaria cair, também confio que você mudou... confio em que o Axel que tem encravado profundamente dentro de você, que tem o amor de Austin, finalmente está abrindo caminho para a superfície.

Lexi rodou o anel de casamento em seu dedo. Encontrando meu olhar, moveu rápido seu queixo em direção às escadas:

— Será melhor que suba e diga a ele que vai ficar. Pelos sons, já desfez a mala por você. Ele vem mantendo seu quarto desde que nos mudamos.

Lexi desapareceu na cozinha e fiquei na porta de entrada sozinho durante um momento. Suas palavras davam voltas em minha cabeça e antes de sequer me dar conta, fui para a longa escada de caracol e cheguei a um enorme corredor com portas que conduziam em todas direções.

Seguindo o corredor com o som das gavetas abrindo e fechando, não pude deixar de olhar as fotografias alinhadas nas paredes: Austin quando foi selecionado, vestido com terno, segurando sua camiseta dos 49ers, depois este último verão assinando aqui com os Seahawks. Levi se formando no colegial, sem sua stidda em sua bochecha. Senti uma mescla de remorso e orgulho ante isso. Envergonhado de que ele tenha ganhado uma em primeiro lugar, mas orgulhoso de que não fosse aquele menino agora.

Me aproximei mais do quarto, mas uma foto no final, uma maior que todas as demais, paralisou meus passos.

Mamma.

A Mamma, aproximadamente com a mesma idade que Levi tinha agora, cantando sobre um palco em Verona.

Não sei quanto tempo fiquei ali, mas quando minha barba estava úmida com lágrimas e meus pés se tornaram insensíveis, soube que tinha passado muito tempo.

A vergonha encheu de dor meu estômago e quase caí de joelhos.

Tinha falhado com minha mamma. Ela tinha me pedido -não, *implorado* – para que me endireitasse, que salvasse meus irmãos. Ao invés disso, tinha os condenado à vida de gangues enquanto ela estava presa em sua cama com sua doença, incapaz de fazer qualquer coisa a respeito. Eles tinham atirado em pessoas, traficado drogas... e eu os tinha elogiado todo o tempo.

— É minha favorita — falou Austin atrás de mim, mas não me virei. Não podia afastar os olhos do rosto sorridente de minha mamma.

— Estava guardada em um baú que tinha sob sua cama. Não sabia nada. Esta, as fotos de nossos avós que nunca conhecemos. — Austin parou junto a mim — Fotos de nós quando éramos crianças... tantas malditas fotos.

Continuei sem dizer nada. Não podia.

— Ela sabia que a amava — disse Austin em uma voz rouca como se soubesse o que me matava por dentro.

Não podia suportar mais. Não podia suportar mais dor... não podia falar de minha mamma, olhando ela tão jovem e saudável, quando minha última lembrança dela estava enjaulada em seu corpo quebrado em sua pequena cama de merda. Então limpei meus olhos e me voltei para Austin.

Ele parecia tão quebrado quanto eu me sentia.

Abri a boca para falar, quando me interrompeu:

— Você vai ficar, Axe. Não vou permitir que vá.

A única coisa que pude fazer foi assentir.

Suspirando profundamente, passei meu braço ao redor do pescoço de Austin, e ele me levou ao maior quarto que já tinha visto em minha vida. Estava acostumado a me sentir claustrofóbico em uma cela de um metro e oitenta por dois e meio. Isto era um sonho.

— Tudo está desempacotado.

— Obrigado, menino — disse em voz baixa enquanto caminhava para a janela, uma janela que dava para um lago tranqüilo e silencioso.

Podia sentir Austin pairando na porta, podia sentir seu olhar em minhas costas:

— Só pergunte, Austin – disse a ele sem me virar.

Escutei chiar o piso de madeira.

— Só... só me pergunto quais são seus planos, já sabe, aqui em Seattle?

Ri em silencio para mim mesmo. Que demônios diria se dissesse a ele o verdadeiro motivo pelo qual estava em Seattle?

— Está tudo resolvido, trabalharei em algum mercado de pescados da zona costeira. – Encolhi os ombros — As condições da minha liberdade condicional. Começo amanhã.

Meu irmãozinho suspirou com alívio:

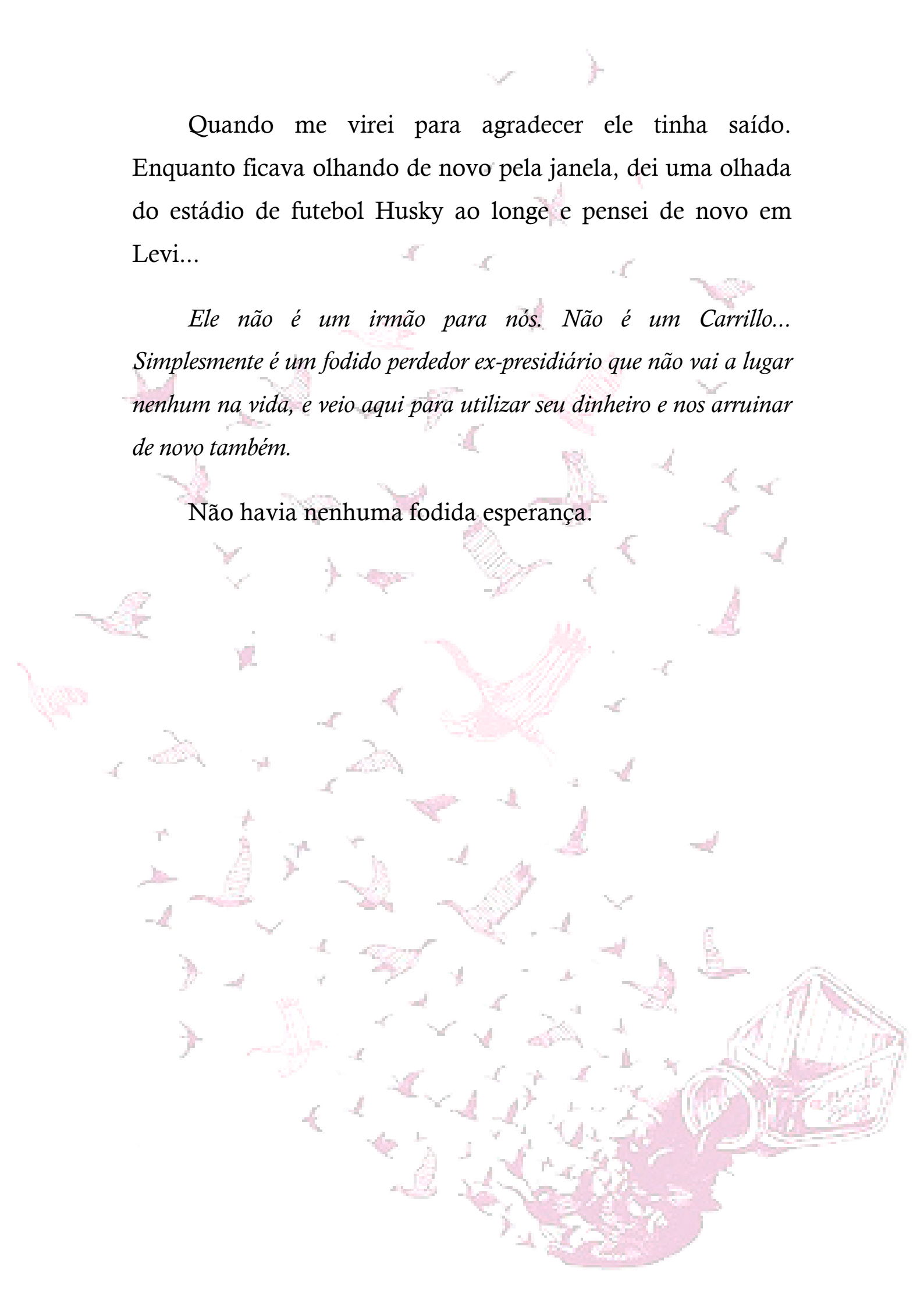
— Estou orgulhoso de você, Axe — disse, e pude escutar a sinceridade em sua voz — Ainda tenho seu velho El Camino em minha garagem. Quando me mudei, não podia suportar a ideia de me desfazer dele. Fiz com que o melhorassem, repintassem e voltassem a estofá-lo.

Meu coração se afundou ao saber que tinha feito isso com meu carro velho. Um carro, que em minha época, provavelmente cuidava mais do que a minha família.

Quando me virei para agradecer ele tinha saído. Enquanto ficava olhando de novo pela janela, dei uma olhada do estádio de futebol Husky ao longe e pensei de novo em Levi...

Ele não é um irmão para nós. Não é um Carrillo... Simplesmente é um fodido perdedor ex-presidiário que não vai a lugar nenhum na vida, e veio aqui para utilizar seu dinheiro e nos arruinar de novo também.

Não havia nenhuma fodida esperança.



Capítulo 5

Ally

Uma semana depois...

Limpando minha testa, me sentei, olhando a última caixa de madeira que acabava de abrir. Armazenava a última das esculturas de Elpidio enviadas para a exposição.

Prendi a respiração quando retirei brandamente invólucro de proteção para revelar a única peça de mármore que simplesmente me devastava cada vez que a via em uma revista ou uma imagem. E que uma vez voei vários quilômetros para ver de perto.

Enquanto a embalagem de espuma deu lentamente deu lugar a um suave mármore branco, as lágrimas encheram meus olhos. Na realidade estava vendo ela ao vivo de novo. Para ser sincera. Em toda sua perfeição devastadora.

Enquanto dava uma olhada em meu relógio, vi que passavam quinze minutos da meia-noite. Tinha estado aqui todo o dia, tentando colocar as esculturas na posição correta para que a exibição fosse fluída.

O tema da exibição estava sendo difícil de conceber. Sentia que havia um padrão, uma história natural para as esculturas, mas ainda tinha que descobrir qual era. Não estava segura de poder fazer isso sem alguma referência do próprio artista.

Pegando um movimento pela extremidade de meu olho, vi Christoph, o segurança da noite, fazendo suas rondas.

Quando fiquei de pé, Christoph saltou para trás assustado.

— Srta. Lucia, quase me deu um ataque do coração! Não a vi aí em baixo.

— Sinto muito! – disse a ele me desculpando — Estou tentando tirar a embalagem da peça final para poder posicioná-la corretamente amanhã. É feita de mármore e é muito alta, então...

Christoph sorriu, e veio a me ajudar. Em poucos minutos, removemos a caixa de madeira e a embalagem. À medida que a escultura foi revelada, ambos retrocedemos, e minha mão voou a minha boca ante a vista.

Esta peça era perfeita.

Durante um momento, tudo o que pude fazer foi olhar... observar o anjo branco de frente e verso de um metro e oitenta

de altura, com as mãos estendidas como se estivesse suplicando. Ela segurava uma pilha de cinzas negras em sua palmas. Sabia por minha pesquisa que o que estava vendo era a parte quebrada do anjo.

Suas asas estavam rachadas e cortadas e seu belo rosto estava contorcido pela dor... *não*, agonia. Seu corpo estava curvado para dentro, quase como se estivesse lutando para se manter de pé. O que deveria ser um lindo vestido, estava rasgado e quebrado, manchado com emplastros de sujeira. Seu cabelo estava revolto e débil, pendurando até a metade das costas, e o olhar desolado em seus anormalmente grandes olhos... era inquietante.

Rompeu meu coração. Era como se esta escultura tivesse alma, projetando cada emoção que o artista sentiu quando laboriosamente esculpiu cada curva e a expressão no rosto do anjo. Podia sentir a dor desesperadora, a tortura interna do anjo quebrado correndo através de meu sangue.

Nenhuma imagem que tinha visto antes fazia justiça a esta peça. Ser testemunha dela, realmente, era como receber um presente do próprio céu.

Tomando fôlego profundamente, pouco a pouco movi meus pés e me dirigi para o outro lado, onde minhas emoções

tomaram o controle por completo e as lágrimas começaram a cair por minhas bochechas.

Este anjo era incrivelmente lindo, em completo contraste com seu alto ego. O corpo deste anjo estava erguido, voluptuoso e saudável, envolto em um antigo vestido de estilo romano. Seu rosto sereno e sorridente estava inclinado para o céu, com seu cabelo comprido e espesso caindo até a cintura. Pude sentir a sensação do sol beijando suas bochechas, o calor que envolvia seu corpo como um abraço. Suas delicadas mãos se encontravam levantadas como empreendendo vôo, suas asas de anjo estendidas. As cinzas negras que seu alter ego segurava tão desesperadamente, nesta criação, estavam pulverizadas no chão.

Ela estava se libertando.

Meu coração pulsava cada vez mais rápido com cada minuto que passava. Não sabia quanto tempo fiquei ali, cativa desta estátua.

Me sacudindo de meu transe, limpei meus olhos e ri por quanto esta escultura me rasgava.

— Sinto muito, Christoph, reconheço que às vezes me emociono um pouco com o trabalho de Elpidio...

Olhei ao redor da escultura sem nome, só para ver a galeria completamente vazia, os sons da minha risada ressonando no teto de cristal abobadado.

Rindo de novo pela forma em que devo ter assustado Christoph, passei as mãos pelo meu coque bagunçado e dei uma palmada em minhas bochechas. Precisava chegar em casa. O esgotamento estava me deixando louca.

Com nostalgia, dei um último olhar à escultura e me dirigi ao banheiro para salpicar um pouco de água em meu rosto. Enquanto olhava o reflexo no espelho do banheiro, meu coração se acelerou por estar neste trabalho. Estava completa e absolutamente cativada por esta exposição.

Estava convencida de que nenhuma outra exposição que tinha organizado poderia chegar perto de meu entusiasmo por esta. Estava obcecada com estas peças. Mais que isso, não podia me desfazer de meus pensamentos sobre o que o artista deve ter passado em sua vida para criá-las. Nada bom, isso era certeza. Devido a isto, meu coração se angustiava por ele.

Controle-se, Ally, adverti a mim mesma e me movi para sair do banheiro e ir para casa.

Exatamente quando estava a ponto de sair do museu, me dei conta de que tinha esquecido meu bloco de anotações. Tinha que trabalhar no desenho do piso quando chegasse em

casa; ainda tinha que modificar o desenho. Nada do que tinha feito até agora tinha funcionado. Algo me faltava, o que nunca tinha acontecido comigo. Me virando sobre meus calcanhares, rapidamente voltei à galeria.

Vendo meu bloco de anotações apoiado na parte superior de uma caixa vazia, corri para recuperá-lo, quando pela extremidade de meu olho, vi um homem na galeria, ao lado da peça do anjo.

Temerosa do que estava fazendo aqui tão tarde de noite, me movi com cautela para frente para chamar o segurança mas imediatamente parei. O homem era alto, encorpado e vestido completamente de negro: jeans negros, uma camisa de manga longa negra, o cabelo comprido e castanho recolhido em um coque baixo. Mas isso não foi o que me fez parar e olhar fixamente para ele. O homem estava tão quieto como a noite enquanto permanecia de pé com a escultura principal. Sua mão se esticou e pousou sobre uma das asas estendida, sua cabeça encurvada ocultava seu rosto. Seus ombros tremiam, como se estivesse chorando. Como se estivesse chorando pelo anjo.

Não podia me mover, e meu peito apertado se esticou cada vez mais ao ver este grande homem aparentemente se decompor.

Decidi falar com Christoph, dei um passo para frente, mas o salto de minha bota fez clique no chão de concreto polido. Meus olhos se dirigiram bruscamente para o homem, que agora se endireitou, ocultando seu rosto com a grande escultura.

A sala estava em silêncio, enquanto ambos ficamos ali imóveis, tão silenciosa que se poderia ouvir um alfinete cair.

—Esta é uma galeria privada — disse finalmente encontrando minha voz.

Os ombros do homem se esticaram.

Esticando minha cabeça, tentei ter uma melhor visão dele, mas pareceu antecipar o movimento e deu um passo afastando-se de minha visão.

— A galeria está fechada aos visitantes. Realmente não deveria estar aqui — acrescentei, nervosamente.

Em um segundo, o homem soltou a mão da asa quebrada da escultura como se quase o matasse fazer isso. Com sua cabeça firmemente para baixo, deu a volta e saiu correndo da galeria.

Meu coração pulsava com força quando o vi sair.

Que demônios foi isso? Por que de repente sinto como se estivesse de pé no vazio, sem ar em meus pulmões? E mais concretamente, por que estava aqui a esta hora da noite, caindo diante do anjo?

Me sacudindo energicamente, agarrei meu bloco de anotações e minha bolsa, e me dirigi para o balcão de segurança, onde Christoph estava monitorando as telas.

— Christoph? — chamei, e olhou para cima. Suspirei e me inclinei sobre a mesa — Não pode permitir que os estudantes penetrem no museu depois da hora, especialmente em *minha* galeria. Muitas pessoas querem ver estas peças de perto e farão qualquer coisa para conseguir dar jogar uma olhada.

Christoph franziu o cenho.

— Garanto, Srta. Lucia, que nenhum estudante esteja deslizando ou tenha entrado .

Fechei meus olhos um breve momento, exasperada.

— Christoph, fizeram isso agora a pouco. Acabo de pegar um estudante na galeria, e estava tocando a escultura principal. E se a tivesse quebrado?

Christoph ficou de pé e se apoiou no balcão de granito negro diante de mim, com a confusão ainda gravada

claramente em seu rosto. Levantou o livro de registro e leu os nomes da página.

—Não, foram só vocês dois os que estiveram aqui até tão tarde.

Estava para discutir quando suas palavras finalmente penetraram em meu cérebro.

— Nós dois? — perguntei, sem entender a quem se referia.

Christoph comprovou a folha de novo.

— Sim, você e o artista.

Minha cabeça sacudiu bruscamente para o livro que segurava.

— O... Elpidio? — soltei surpresa. Algo parecido a mariposas revoou em meu estômago, e lutei para falar — : Elpidio, o artista cuja exposição estou organizando estava aqui?

Christoph me olhou como se estivesse louca. Estava começando a me preocupar sobre isso também.

— Sra. Lucia, Elpidio esteve vindo cada noite ao redor desta hora para comprovar o progresso. Pensei que sabia. Vin Galanti estipulou isso antes de que ambos chegassem a Seattle.

O bloco de anotações em minha mão estava tremendo ao ritmo de meu estremecimento, e o baixei. *Elpidio tinha estado vindo todas as noites?*

Isso significava...

— Christoph, ele estava vestido de preto esta noite? Tem o cabelo comprido e escuro?

Christoph assentiu.

— Sempre vem de preto. Nunca diz nada. — Christoph se inclinou para frente — É um artista do tipo melancólico e escuro. E, honestamente, assusta como o inferno. É um tipo intimidante.

— OH, Meu deus...! — sussurrei. Acabava de ver ele... Ele estava aqui... Tinha estado vindo aqui e eu não sabia...

De repente, cobri a mão de Christoph com a minha.

— Christoph, por onde Elpidio saiu?

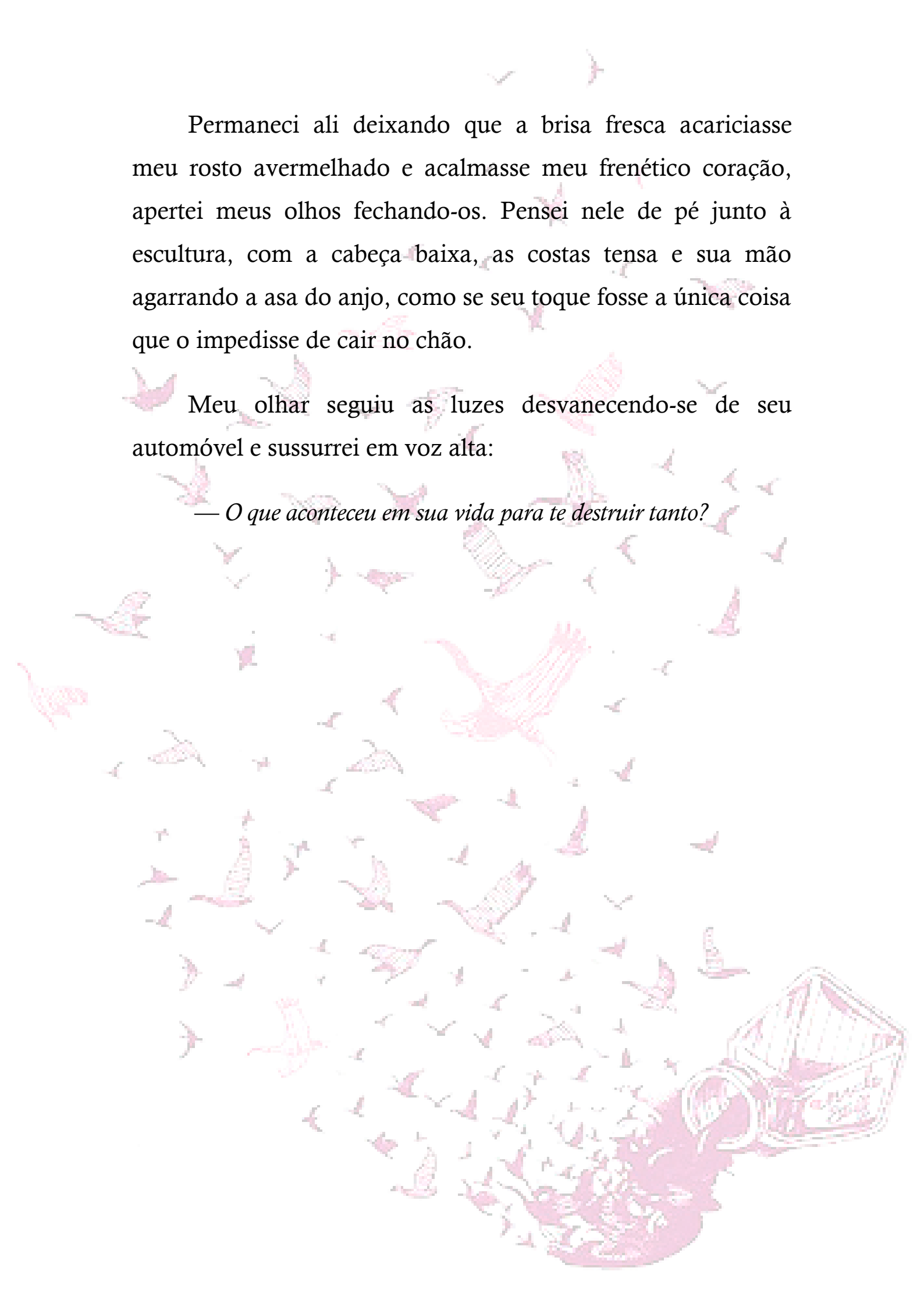
— Pela porta traseira para o estacionamento dos funcionários. É onde estaciona toda noite.

Imediatamente comecei a correr para a porta de saída dos funcionários. Enquanto fazia balançar a porta aberta e sair ao frio da noite, vi impotente como um carro esportivo preto partia do estacionamento e do museu acelerando.

Permaneci ali deixando que a brisa fresca acariciasse meu rosto avermelhado e acalmasse meu frenético coração, apertei meus olhos fechando-os. Pensei nele de pé junto à escultura, com a cabeça baixa, as costas tensa e sua mão agarrando a asa do anjo, como se seu toque fosse a única coisa que o impedisse de cair no chão.

Meu olhar seguiu as luzes desvanecendo-se de seu automóvel e sussurrei em voz alta:

— O que aconteceu em sua vida para te destruir tanto?



Capítulo 6

Ally

Ninguém podia saber deste momento nunca. Este momento de autêntica loucura, guardarei para mim.

Isso estava beirando o ridículo. Apesar de tudo, estava no banheiro do museu, aplicando brilho labial de um tom rosa pálido em meus lábios, e escovando meu cabelo longo e escuro até que caiu contra minha cintura. Estava vestida simplesmente com uma camiseta cinza com os ombros descobertos e jeans negros ajustados que realçava minha figura. Nunca me vestia bem para galeria, muito pó e desordem. O que tinha colocado não era muito mais do que normalmente vestiria. Mas não havia dúvida, que passando meia hora da meia-noite no meio da semana, normalmente não estaria aplicando maquiagem pela remota possibilidade de que um artista solitário mostrasse seu rosto.

Esse artista solitário que não podia tirar da minha cabeça. Esse artista solitário com o qual sonhei na noite passada. Esse artista solitário que tinha estado chorando enquanto se agarrava à asa quebrada de um anjo de mármore. Esse alto, robusto e áspero artista que tinha fugido no momento em que escutou o som de minha voz.

Era uma pilha de nervos, simplesmente pensando em como seria me encontrar com o Elpidio em pessoa. Rezei a todo os Santos para que não fosse um imbecil pomposo. Não queria que meu sonho deste homem se destroçasse.

Comprovando uma última vez que eu parecia bem, fui de volta para a galeria, olhando para a mesa de segurança para ver se Christoph estava ali. Não estava. O que provavelmente significava que Elpidio não apareceu.

Droga. Ontem à noite, ao me ver, devia ter se assustado. Se soubesse que estava vindo de noite, poderia ter me apresentado... poderia finalmente ter conhecido o homem cujo trabalho tinha roubado meu coração.

Cabisbaixa pela decepção, me aproximei lentamente da galeria e passei para um lado as cortinas escuras, entrando no espaço de trabalho privado. Bridgette, a diretora do museu, tinha mandado pôr as cortinas essa mesma tarde depois de minhas muitas queixa sobre os estudantes de arte e alguns

visitantes que tentavam aproveitar de uma das primeiras amostras da exposição.

Enquanto as cortinas se fechavam atrás de mim, fiquei surpresa quando captei o movimento adiante.

Meus olhos percorreram lentamente para cima de um par de pernas vestidas com jeans negros, uma cintura esculpida e o torso coberto com uma camisa de manga curta negra salpicada do que parecia pó de mármore.

Meu coração estava em minha garganta enquanto observava atentamente os grandes braços musculosos, esculpidos e pronunciados sob a pele oliva extremamente tatuada. Meu olhar se desviou ao musculoso pescoço tatuado, parcialmente coberto por uma desalinhada barba curta e longo cabelo castanho até os ombros.

Elpidio...

Tive que piscar para acreditar que o homem com o qual tinha querido me encontrar durante anos estava realmente bem diante de mim. Esqueci como respirar. Esqueci como falar, me mover, ou qualquer outra coisa que qualquer ser humano faria naturalmente.

Elpidio abaixou a cabeça, evitando meu olhar, mas estava segura que sabia que eu estava aqui. Cada milímetro de

seu corpo estava tenso, como se estivesse preparado para saltar. Minha voz não funcionou corretamente enquanto observava seu largo peito subir e descer. Depois, com deliberada lentidão, exalou com dureza pelo nariz e levantou a cabeça. Quase me cambaleei para trás. Era... misterioso. Não havia nenhum outro adjetivo que me ocorresse para fazer justiça a ele. Misterioso, intensamente tatuado, e absolutamente pouco convencional... lindo.

Elpidio era tão inspirador para olhar como suas esculturas, e quando seus olhos quase negros perfuraram os meus, soltei um suspiro tremente reprimido.

Pensei que minhas pernas cederiam quando vi essas curiosas, íris de cor ônix vagar por todo meu corpo. Tremia sob seu escrutínio, com os joelhos débeis e o coração revoando.

Italiano, pensei. Austin estava certo. Elpidio definitivamente parecia italiano.

Pareceu como se os minutos passassem em silêncio enquanto estávamos imóveis, sem saber o que dizer.

Tentando salvar um mínimo de profissionalismo, saí de meu estupor e dei um passo para frente, timidamente estendendo minha mão.

— Olá... — disse com voz quebrada.

O olhar severo nunca, nenhuma só vez se desviou do meu, com seus olhos escuros, agudos.

— Sou Aliyana. Você... você deve ser Elpidio?

Em um segundo, fui testemunha da palidez que se propagava por suas bochechas e seus olhos caíram ao chão, com o cabelo castanho comprido até os ombros caindo para ocultar seu rosto. Estava protegendo seu anonimato. Vin havia me dito o quanto se sentia incômodo com qualquer aclamação ou reconhecimento. Seu mentor claramente não estava mentindo.

— Está bem. – Me apressei em dizer — Sou a curadora da exposição. Sua presença aqui fica comigo. Estou eticamente obrigada a proteger seu anonimato se assim desejar.

Os ombros de Elpidio pareceram relaxar um pouco, e suspirando a contra gosto, passou para trás seu cabelo comprido limpando seu rosto e levantou a cabeça.

Desta vez pude ver ele mais claramente. Era grosseiramente atrativo, e na bochecha esquerda, tinha uma tatuagem de um crucifixo negro bem debaixo de seu olho. Ele simplesmente gritava perigo. Tinha os olhos

desconcertantemente avaliadores como se não confiasse em mim, ou em qualquer outra pessoa na verdade.

De repente, Elpidio se adiantou e apertou sua mão com a minha. Quando nossas mãos se tocaram, fiquei sem fôlego, ligeiramente ofeguei ante o calor de sua abrasadora palma. Tinha me esquecido que estava segurando minha mão para cumprimentá-lo, muito encantada com sua aparência e temperamento calmo.

— Aliyana — disse com voz rouca. Meu coração deu um tombo ao ouvir seu acento rouco.

— Elpidio — respondi nervosa — Não te posso dizer o quanto estou feliz por finalmente te conhecer — disse sem fôlego. Sua boca se apertou, como se meu entusiasmo se perdesse ou o irritasse. Eu não conseguia decidir.

Esclarecendo minha garganta, me soltou e fiz um gesto para a exposição em processo de desenvolvimento.

— O que acha? – perguntei a ele nervosamente, tremendo sutilmente minha voz. Me posicionei a seu lado para ficar de frente à galeria — Sou uma admiradora entusiasta de seu trabalho, então isto é realmente um sonho se tornando realidade para mim, desenhar esta exposição.

Elpidio permaneceu em silêncio, então me virei para ele, e seus olhos escuros se estreitaram como em desagrado enquanto nossos olhares chocaram. Uma quebra de onda de calor se estendeu por todo meu corpo sob sua pesada atenção. Podia sentir minhas bochechas ardendo.

— Algo está errado? – perguntei a ele, enfiando nervosamente meus dedos por meu comprido cabelo.

A expressão de Elpidio ficou em branco, um maior estreitamento de seus olhos foi a única mudança em seu olhar. Elpidio voltou o olhar para a extensão da galeria e lentamente inclinou a cabeça, cuidadosamente esquadrinhando algo diante de nós. Refletindo sua postura, tentei seguir seu olhar e ver o que estava olhando.

Elpidio me olhou de novo, e por um momento, senti que já o tinha visto antes. Essa fração de segundos vislumbrando seus olhos escuros revelaram uma familiaridade em seu rosto. Mas então o momento se foi tão rápido como chegou e ele caminhou para frente.

Elpidio se parou ante sua escultura de um homem inclinado com a cabeça apoiada em suas mãos, as pernas dobradas no peito... e tragicamente, cada centímetro de seu corpo perfurado com facas de mármore pintados de negro, as

facas rachando o mármore carrara branco como se estivesse sendo esmigalhado pelas lâminas.

— Elpidio? — perguntei, e me olhou.

— Elpi — disse com frieza, e um calafrio percorreu minha espinha dorsal com seu tom dominante.

— Elpi... está bem — sussurrei em resposta. A forma como ficou olhando meus lábios por um tempo um pouco longo, me aturdiu.

Estendendo sua mão, passou seus calosos dedos tatuados ao longo da curva das costas da escultura e olhou para um espaço vazio no canto da sala.

Vi ele examinar de perto suas peças com cuidado preciso.

Elpidio de repente se levantou e assinalou para o canto mais afastado.

— Isto deveria ir ali.

Meu coração acelerou pela emoção enquanto me movia para me juntar a ele, me inclinando por cima do ombro para ver o lugar exato ao que estava apontando. Enquanto estava ali respirando brandamente, senti seu corpo esticar com nossa proximidade. Nesta proximidade, cheirava ligeiramente a

fumaça de cigarro e ao almíscar de cedro com carvalho de sua colônia.

Cheirava bem... *muito* bem. Tão bem, que estava ultrapassando os limites da minha conduta profissional.

Os fortes músculos e tendões nos braços de Elpidio se esticaram. passou a mão pelo cabelo uma vez mais. Supus que fazia isso quando se sentia nervoso.

— Há alguma razão em particular para que queira a peça nesse canto? – perguntei a ele.

Elpidio inclinou a cabeça para trás e olhou para o teto abobadado de cristal. Fiz o mesmo, franzindo o cenho confusa.

— O sol passa através do teto durante a maior parte do dia. Se o movermos em ângulo bem à direita, os raios atravessarão a escultura e refletirão as facas no chão, exatamente como tinha planejado.

Quanto mais falava, mais me recolhi na devastação do profundo timbre de Elpidio. Ao final de sua explicação, percebi que já não estava olhando para o teto abobadado, mas sim para ele e à expressão de profunda tristeza gravada em seu rosto. Por um breve momento, Elpidio fechou seus olhos e pude sentir a tristeza fluindo dele.

Em um instante, meu coração se rompeu por ele. Não tinha nem ideia do por que, mas definitivamente parecia estar sofrendo. Os segundos passaram em silêncio, entretanto, não podia deixar de olhar seu rosto. Este misterioso escultor era mais intrigante em pessoa do que jamais poderia ter imaginado. Intrigante mas problemático... intimidante... um homem de quem todos meus instintos me diziam que me mantivesse à distância.

Como não queria me meter no que pareceu um momento pessoal, me obriguei a me concentrar na escultura.

— Está de acordo? — Elpidio finalmente perguntou.

— Eu adoro — disse em voz baixa e me movi sob a lua cheia e toda sua luz que estava à vista. Enquanto olhava as sombras projetadas no chão, com os olhos arregalados.

Minha atenção voltou para o Elpidio, que estava de pé com os volumosos braços cruzados sobre o peito. Seu duro olhar se centrou em mim.

— Estou de acordo com o que quiser, mas... – Calei-me, me inclinando mais para comprovar que ele estava certo.

Elpidio se esticou.

— O que? — perguntou.

Retrocedi um pouco ante sua sagacidade. Ele suspirou, suas bochechas se ruborizaram de um tom vermelho enquanto se balançava inseguro sobre seus pés. Era como se estivesse inseguro, como se não estivesse acostumado a ter alguém falando de sua arte a nível pessoal com ele... como se estivesse completamente fora de sua zona de conforto.

Mas isso não podia ser certo. Embora esta fosse sua primeira exposição, certamente deveria estar acostumado a ter pessoas discutindo sobre sua arte, tanto acadêmica como publicamente. Tinha estado esculpindo durante alguns anos.

Suspirando, endireitei-me.

— Bom, com os raios do sol brilhando, parecerá como se estivesse sangrando.

Elpidio esticou o pescoço para a escultura, mas não se moveu.

— Vêem aqui e olhe — insisti, e a contra gosto, Elpidio se moveu até meu lado e se agachou, cuidadoso de que nossos corpos não se tocassem. Soube o instante no qual viu ao que me referia, quando uma exalação tranquila escapou de seus lábios.

Elpidio passou a mão pelo rosto.

— Parece isso — concordou com uma voz rouca.

— Esse efeito de sangramento encaixa no que originalmente inspirou a peça? Não queremos mudar o significado do que representa – perguntei a ele. Elpidio não tinha nomeado nenhuma de suas obras primas, nem contribuído com antecedentes sobre o que inspiravam, o que a arte estava destinada a retratar. Como escultor, sua concepção só poderia ser explicada por uma pessoa, *ele*. Mas como a curadora, o não saber nada a respeito dos antecedentes das esculturas fazia com que fosse um pesadelo as acomodar em uma apresentação.

— Totalmente — respondeu sem fôlego.

Parecendo totalmente desconcertado, Elpidio se sentou no chão, contente ao ver a luz projetada da lua criar sombras que pareciam riachos negros arrastando-se ao longo da continuação de concreto.

Caindo de joelhos junto a ele, esperei que falasse. Estava acostumada aos artistas que tinham métodos não convencionais ao exibir seu trabalho, mas Elpidio parecia estar completamente perdido com este processo.

Me inclinando para frente, risquei uma longa sombra negra no chão de concreto gentil com meu dedo para obter algum tipo de compostura. Quando levantei os olhos, Elpidio

estava me olhando. Seu olhar era um toque mais suave que antes e sua expressão era cálida.

— Sinto muito — disse rapidamente — . Sei que posso me deixar levar por momentos. Seu trabalho... — suspirei e me ruborizei envergonhada – me deixa um pouco louca. — Balbuciei com uma risada nervosa e voltei a riscar as sombras perto de meus joelhos.

Elpidio não falou durante uns segundos, mas logo perguntou:

— Por que acha que está sangrando? — Surpresa, olhei para ele. Elpidio fez um gesto com o queixo à estátua de mármore do homem ante nós.

— Por que acredito que está sangrando? — perguntei, confusa.

Assentiu secamente.

Enquanto estudava a escultura, sua forma inclinada como em agonia, disse a ele:

— Por dor? Família? Rejeição?

Os olhos do Elpidio estavam desfocados, perdidos na concentração.

— Estou certa? É dor? Família? Algo mais?

Os olhos de Elpidio abruptamente se encontraram com os meus.

— Culpa.

Culpa...

Olhei a escultura de novo, desta vez com novos olhos. Agora sentia a culpa. Cada adaga, um pecado que o homem não deveria ter cometido... o homem de mármore estava se rompendo em pedaços por sua culpabilidade.

— Você... alguma vez sentiu culpa dessa maneira, Aliyana?

Meu coração se agitou ante a maneira em que Elpidio pronunciou meu nome, sua língua envolvendo-se ao redor da pronúncia do espanhol perfeitamente. Quando encontrei seus olhos, seu olhar me implorou que respondesse a sua pergunta.

Tristemente neguei. Não carregava nada perto do nível de culpabilidade retratada nesta peça. De fato, duvidava que muitos o fizessem.

Com os dentes apertados, Elpidio repentinamente ficou de pé e correu para a saída.

— Vai embora? — perguntei, minha voz mesclada com decepção. Elpidio parou de repente.

— Sim — resmungou. Sua voz estava quebrada, mas não acreditei que fosse de irritação, mas sim bem mais de dor.

Senti o quanto queria ir. Suas mãos se apertaram em punhos aos lados de seu corpo suas largas costas musculosas estavam impossivelmente tensas sob o fino tecido de sua camisa.

Não queria que fosse. Queria que me explicasse cada peça como fez com o homem destroçado pelas adagas. Queria ver o mundo que tinha criado através de *seus* olhos. Queria falar com o homem cujo trabalho apreciava *mais* que qualquer coleção que tinha estudado ou visto. Queria que explicasse sua viagem da vida, para assim poder criar a exposição que um gênio como ele merecia. E se fosse honesta comigo mesma, queria chegar a conhecer ele também.

— Por favor — sussurrei desesperadamente e Elpidio com cautela virou para mim.

A expressão que carregava não era acolhedora. De fato, só poderia ser descrita como francamente ameaçadora. Mas eu tinha uma insaciável necessidade de saber *mais*. Não conhecia Elpidio, nada. Mas algo dentro de mim queria que o ajudar a se curar.

Uma coisa era certa. Conhecia seu trabalho. Tinha tido uma visão do homem de verdade através de cada curva de

suas criações de mármore. Ele podia se esconder por trás das tatuagens e cabelo comprido, mas não podia ocultar o que aparecia a olho nu. Suas esculturas gritavam ao mundo que ele era imperfeito.

— Nunca põe nomes em seu trabalho — disse enquanto os olhos de Elpidio se esticaram com agitação óbvia. Dei um passo para frente, olhando nervosamente através de meus longos cílios — Seu trabalho... nunca dá títulos a eles.

Elpidio deu de ombros, mas esse toque de insegurança, ou seria relutância? que tinha visto antes, apareceu de novo em seu rosto. Dei um passo adiante de novo. Ele não deu marcha ré à medida que ficamos cara a cara.

Minhas mãos tremiam. Era tão maravilhosamente fascinante... a pele latina, essas tatuagens faciais proibidas, a espessa capa de tinta que cobria o verdadeiro homem que descansava abaixo.

— Por quê? – perguntei a ele — Por que deixar suas lindas peças sem nome? As nomear dá vida a elas. Um batismo de sua criação, por assim dizer.

Olhou para mim. Engoli seco, tremendo. Mas Elpidio, desta vez, inclinou-se para mim, e um calafrio percorreu minha coluna vertebral em previsão do que ia fazer.

— Dar nome a elas as faz fodidamente muito reais — sussurrou, seu fôlego quente percorrendo meu rosto.

— Não entendo... — Comecei a discutir, mas Elpidio me cortou com sua expressão severa.

— Inferno, não mereço tudo isto. Não mereço nada desta merda... acredite em mim... nunca quis isto... mas o consegui de qualquer maldita maneira.

Aspirei entrecortadamente enquanto seu grande corpo se elevava sobre mim. Meus olhos revoaram para se encontrar com os seus. Seus olhos quase cor ébano se acenderam com fulgor.

— Isso não é verdade — sussurrei. Sua obra, mais que a de qualquer outro, merecia estar na exposição. As pessoas devem ver suas obras de arte.

— Não me conhece, garota — esteve em desacordo com os dentes apertados.

— Conheço seu trabalho — repliquei, meu coração rompendo-se um pouco ante o aumento de sua agressão e seu uso condescendente da palavra "garota" — Mais que ninguém, conheço seu trabalho...

Elpidio me olhou com tanta atenção que pensei que poderia me derrubar sob o peso de seu olhar. Então, para

minha total surpresa, deixou cair seu cenho franzido e seus olhos com a derrota. Sua mão se aproximou e pegou uma mecha de meu cabelo comprido entre seu indicador e seu polegar, esfregando-os, antes que seu olhar se fixasse no meu.

O ar parecia tão espesso como a névoa mais densa nos rodeando, até que Elpidio deixou cair meu cabelo como se fosse uma chama. Uma expressão de surpresa incrédula se estabeleceu claramente em seu rosto, como se estivesse surpreso de ter me tocado.

Rapidamente se virou.

Desta vez soube que ia sair, apesar de meu protesto. Quando abriu as pesadas cortinas, perguntei a ele:

— Os títulos...?

O punho de Elpidio se envolveu ao redor do tecido negro e sua cabeça caiu.

— Realmente precisa tanto deles? — perguntou brevemente.

Um brilho de esperança se desatou em meu peito.

— Me ajudariam... imensamente. As pessoas gostam de pôr um nome em uma escultura, e adoram se houver alguma explicação por trás de sua criação. A imprensa gosta também,

com isso podem fazer referência a sua peça favorita em suas críticas. Já tive pedidos de alguns dos principais gigantes da indústria.

— Porra — vaiou entre dentes, mas o ouvi. Esperei em suspense por sua resposta, cada parte de mim tremia por nosso estranho encontro, quando por fim deixou cair seus ombros — Bem, como quiser.

— Obrigada — respondi, com meu estômago formando redemoinhos com mariposas.

Elpidio correu as cortinas.

— Vou vir ao redor desta mesma hora amanhã a noite.

— Está bem — respondi, calor infundindo meu sangue ante a idéia de trabalhar com ele de novo.

— No momento em que se virou para sair, rapidamente perguntei:

— Elpidio?

Parou, mas não se virou.

— Há alguma possibilidade de que seja de Bama? — Seus ombros se esticaram — Só te pergunto por que sou de Birmingham, e reconheci seu sotaque também.

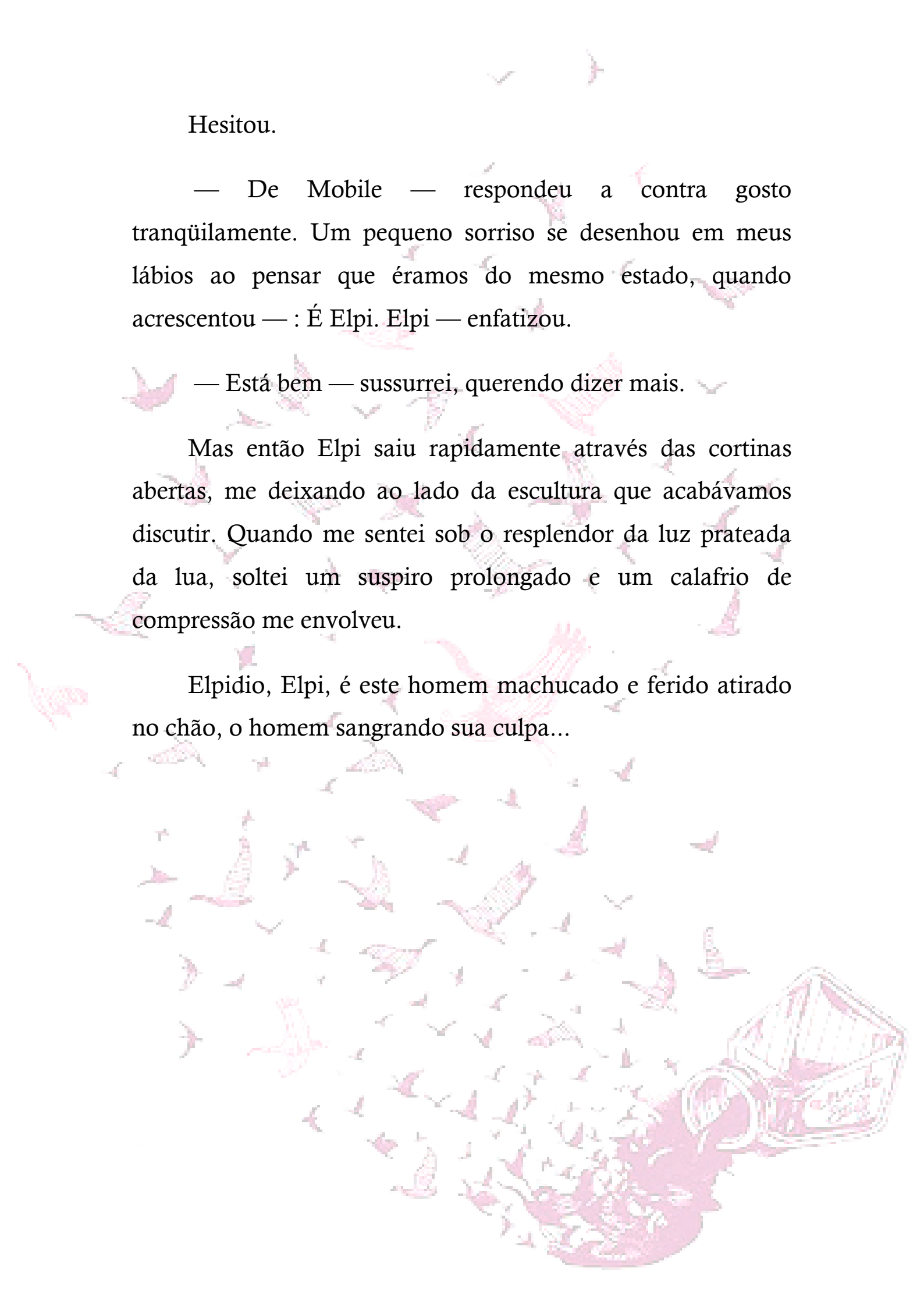
Hesitou.

— De Mobile — respondeu a contra gosto tranqüilamente. Um pequeno sorriso se desenhou em meus lábios ao pensar que éramos do mesmo estado, quando acrescentou — : É Elpi. Elpi — enfatizou.

— Está bem — sussurrei, querendo dizer mais.

Mas então Elpi saiu rapidamente através das cortinas abertas, me deixando ao lado da escultura que acabávamos discutir. Quando me sentei sob o resplendor da luz prateada da lua, soltei um suspiro prolongado e um calafrio de compressão me envolveu.

Elpidio, Elpi, é este homem machucado e ferido atirado no chão, o homem sangrando sua culpa...



Capítulo 7

Axel

— Você não me conhece, garota.

— Conheço seu trabalho. — Os olhos espanhóis de Aliyana estalaram com convicção — Mais que ninguém, conheço seu trabalho...

Enquanto rodeava a imaculada laje de mármore diante de mim, com meu peito nu e suarento pelo treino recente, as palavras da curadora continuavam dando voltas em minha cabeça.

“ — Conheço seu trabalho... Mais que ninguém, conheço seu trabalho..."

Aliyana. A maldita Aliyana Lucia por se meter na porra da minha cabeça.

Do momento em que a vi faz duas noites na galeria, me pegando junto ao anjo de mármore, tinha me surpreendido me deixando fodidamente estupefato.

Nunca tinha visto nenhuma garota parecida com ela. Nunca tinha visto ninguém com olhos tão brilhantes, o cabelo tão escuro, ou um sorriso tão fodidamente ofuscante. No passado, tinha conseguido uma buceta sempre que queria. Um montão de putas italianas perto do parque de trailers dispostas para eu me afundar em uma buceta molhada rapidamente. Mas nunca tive uma garota de seu porte me dando nem um pouco de atenção. Caralho, mal vi uma mulher em cinco anos, e muito menos fiz sexo... Por isso ela é a primeira que dei atenção, percebendo com suas palavras que pensava que era a melhor coisa do mundo.

Então ontem à noite, Aliyana esperou que aparecesse. *A mim*. Eu mal podia tirar esse fato da porra da minha cabeça. Deveria ter me mantido à margem. Nunca quis ninguém envolvido com esta exposição de merda, e muito menos saber como me veriam. Mas a mórbida curiosidade de como poderia parecer minha exibição me atraiu de novo a essa fodida galeria, noite pós noite... curiosidade para ver as esculturas que tinha passado meses criando, esculturas que não tinha visto em muito tempo... e ali estava ela, me olhando com seu

fodido rosto impressionante, toda emocionada por conhecer o maldito *Elpidio.*

Elpidio, um artista fictício. Elpidio, o escultor pelo qual o maldito mundo afetado da arte se apaixonou. Mas ninguém, ninguém "exceto Vin" sabia que Elpidio na realidade era Axel Carillo. Um fodido ex-presidiário de um parque de trailers. E nenhum filho de puta tinha tempo para ele.

Axel Carillo, um ex-presidiário de trinta anos, que conseguiu uma redução de pena por entregar um fornecedor de drogas aos federais. Axel Carillo, ele uma vez famoso segundo no mando dos Heighters, o membro mais duro e brutal dessa turma, uma vez famoso por possuir esse pedaço de território. E Axel Carillo, o maldito homem que quebrou o coração de seu mamma doente e que levou os dois melhores irmãos que um cara poderia pedir à ruína.

Axel Carillo merecia viver na miséria de merda pelo que tinha feito.

Axel Carillo merecia ser tratado como escória.

Axel Carillo não merecia outra oportunidade na vida.

Não, Aliyana Lucia pode pensar que o sol brilhava através do traseiro de Elpidio, mas meus irmãos conheciam o

verdadeiro eu. Sabiam quem era realmente no fundo. Merda, a forma em que Levi me tratava cada vez que me via me dizia.

Fazia só duas horas que ele tinha me demonstrado o quanto não podia me suportar, e não conteve suas palavras enquanto fazia isso...

***

Sentado na mesa do café da manhã, bebi meu café preto, como o fazia todos os dias, enquanto Lexi cozinhava nos fogões, com os braços de Austin envoltos ao redor de sua cintura. A eles não importava uma merda que estivesse aqui, ou ao menos a Austin não. Ali estava com seus lábios beijando ao longo do pescoço de Lexi.

Por muito que não quisesse ver meu irmão mais novo babando sobre sua magra mulher, eu adorei ver ele tão feliz.

Nesse momento, Lexi voltou a cabeça para mim e imediatamente se ruborizou. Austin seguiu seu olhar e começou a rir quando viu o que tinha deixado sua mulherzinha tão envergonhada.

— É malditamente linda, Pix — disse Austin e pressionando um beijo na bochecha de Lexi, se sentou na minha frente, depois. Lexi serviu seus ovos e se sentou junto a seu marido, pouco a pouco levantando seu garfo para cortar sua comida. Manteve os olhos baixos enquanto mastigava metodicamente cada bocado de ovos. Peguei

Austin olhando para ela de vez em quando, com a mão descendo por sua perna.

Durante um minuto, meu estômago encolheu ao pensar no quanto minha mamma teria gostado de ter visto seu orgulho e alegria assim tão feliz. Ela fodidamente teria adorado Lexi. Teria sido a filha que mamma nunca teve.

Esse único pensamento de minha mamma, tinha me deixado com os olhos fechados e a minha garganta lutando contra um enorme vulto.

-Está bem, Axe? — perguntou Austin.

Meus olhos se abriram de repente, e pude ver suas sobrancelhas juntas enquanto me olhava.

— Sim – respondi com voz rouca, tossindo e mudando de posição em meu assento.

Austin me olhou com ceticismo, mas não me pressionou.

— Então — disse Austin, levantando-se da mesa para nos dar mais café. Enquanto encheu minha xícara e se sentou de novo, esperei para ver o que queria me dizer — Você tem trabalhando muitas longas horas nesse mercado. Parece que todo o maldito tempo.

Como sempre meu coração pulsava com força quando Austin abordava meu disfarce. Porra odiava mentir a todos, mas não podia dizer a eles o que realmente estava fazendo em Seattle.

— Estou pegando mais turnos. Trabalhando tanto quanto posso — murmurei vagamente.

— Durante a noite? — Austin questionou.

— Um cara com o qual trabalho tem um lugar lá perto. Às vezes fico lá. Mas pego turnos a noite também.

— Um cara com o qual trabalha? — Austin sondou e Lexi olhou para cima, com preocupação em seus olhos. Austin se moveu em seu assento — Um ex-presidiário?

Meus olhos se estreitaram sobre meu irmão mais novo.

— E se ele for? – perguntei a ele — Eu sou, Aust.

Austin abriu a boca para responder, quando outra voz cortou em seu lugar.

— É obvio que é, Aust. Axe somente passa o tempo com putos perdedores. Lembra de Gio? Era mestre de marionetes de Axel lá em Bama, não?

Fechei os olhos um instante e tentei respirar através do discurso moralista de Lev que se aproximava. Lançava eles diariamente, suas palavras tentando de me açoitar cada puta vez.

— Provavelmente não estão trabalhando até tão tarde. Provavelmente voltou a vender coca. A única coisa em que ele era bom. Um empresário da coca.

Cada parte de mim ficou imóvel ante a menção do tráfico de drogas, e me virei para olhar para Levi, que estava apoiado contra o balcão de granito, fazendo uma vitamina de proteínas. Meu irmãozinho estava disparando adagas para mim com seus olhos cinzas.

Tinha sido assim desde que cheguei. A maioria dos dias me ignorava, o resto do tempo tentava me derrubar, tentando me fazer sentir como o puto perdedor que todos acreditavam que eu era.

Os primeiros dias, suportei sua merda, tentando acalmar a ira. Entretanto, recentemente, eu estava ficando em meu estúdio mais vezes. Vin pôs uma cama para mim lá. Não queria estar aqui, onde não me queriam. Não queria foder a vida de Lev mais do que já o tinha feito.

— Levi, pare! — disse Lexi com cansaço, mas levantei minha mão para deter ela.

Fechei o olhar com meu irmão.

— Acredite ou não, cara, já não estou nessa merda.

Um sorriso se estendeu sobre a boca de Levi.

— Sim, Axe? Está reformado agora?

— Sim, Lev, estou. Só tento seguir adiante com minha vida.

Levi agarrou a coqueteleira em sua mão e deu um passo adiante, com o rosto de um radiante vermelho.

— Sabe, estava acostumado a acreditar que Deus cuida das pessoas boas, mas te vendo sentado aqui nesta casa depois de tudo o que fez a Aust, a Lex e a mim, simplesmente não parece certo. — Lev se inclinou para frente, e por uns minutos, pensei que o menino ia tentar me golpear, mas se retirou no último momento — Matou pessoas, Axe, por nada além de território. Fez com que Austin e eu atirássemos nos meninos dos King, e o que me deixa mais puto de tudo é que Mamma está morta. Mamma, a melhor mulher que já existiu, fodidamente morreu enquanto você vive. Você!

Meu peito se apertou enquanto via as lágrimas encher os olhos de Lev. Não queria fazer nada mais além de me levantar e fodidamente levar ele até meu peito e dizer que o sentia. Mas de maneira nenhuma ia me deixar fazer isso.

— Lev, é melhor que feche a boca neste maldito instante. — Austin advertiu. Lev lançou seus olhos para Austin, continuando, centrou-se de novo em mim.

— Está bem, Aust. Deixe que ele diga o que quiser. Obviamente, quer tirar isso de seu peito – disse a ele com frieza, o que só serviu para irritar mais Lev.

— Axel, ninguém merece que falem assim — disse Lexi em voz baixa, e foi a única vez em toda esta atuação que vi Lev perder seu duro ato de valentão.

Sem romper o olhar de Levi, virei a cabeça para Lexi.

— Que diga o que quiser dizer, Lexi. Isso estava por vir a muito tempo.

Os olhos cinza de Levi se acenderam com fogo, e tinha certeza de que se tivesse uma arma, teria atirado em minha cabeça. Inclinou-se mais.

— Trabalhe em seu mercado de pescado de merda, Axe. Mas sabe que nada do que faça nunca fará que te perdoe. Não nada mais que lixo.

Levi saiu de casa, e me sentei à mesa, sem soltar meu café, a xícara quase rachando sob meu punho apertado.

— Axe, porra, não deveria ter dito isso da Mamma... — Austin tentou dizer, mas o interrompi, lavei minha xícara na pia, e a coloquei no escorredor.

Fechei os olhos e inalando, para lutar de novo contra a devastação que me atravessava, disse:

— Ele tem razão, Aust. Tudo o que disse estava certo. — Levantei os olhos para ver Austin e Lexi me olhando com olhos compreensivos.

Não queria nenhuma porra de pena. Só me incomodava mais. Não era um maldito caso de caridade.

Saindo do balcão, caminhe além de meu irmão e sua esposa, mas não antes de dizer:

— Se pudesse trocar de lugar com a Mamma, faria isso sem pensar. Mereço estar morto. Nunca fiz nada bom em toda minha vida. Lev tem razão. Sou lixo.

***

Sentindo o frio metal do martelo em minhas mãos, comecei a golpear as grandes partes de mármore Pavonazzo com veios cinza que não era necessário nesta escultura. Com cada golpe senti cada uma das palavras de Levi golpeando meu peito como se estivesse me rasgando.

Que demônios eu fiz para esse menino?

Merda o tinha destruído, isso é o que fiz. Eu, o homem que estava destinado proteger ele, havia malditamente o destruído.

O pó de mármore nublou a sala. Olhando os restos de argila que tinha criado como um modelo para a escultura, tomei meu martelo e golpeei diretamente através do centro, duas peças de argila se estrelaram contra o chão.

O martelo pendurava a meu lado. Ofegava pelo esforço, os músculos dos meus braços palpitavam com o peso da ferramenta.

Permaneci imóvel, olhando fixamente o mármore. Antes de me dar conta, tinha recolhido meu cinzel bicudo e comecei a esculpir um novo esquema. Uma determinada imagem abriu caminho em minha mente, dando a ela vida com minhas mãos.

Trabalhei como um homem enlouquecido. Horas e horas passaram enquanto esculpia no mármore, finalmente tomando a forma definida.

Trabalhei tanto tempo que os céus cinza deram espaço ao negro da noite e um forte vento sacudiu as largas janelas do estúdio com vista para o Sound[7].

[7] Puget Sound é o nome da baia de Seattle

Com dores musculares e o corpo esgotado, dei um passo para trás, avaliando a escultura. Tive que dar as costas a ela. Não podia suportar olhá-la.

Quando virei, meus olhos se encheram de lágrimas. Minha ira normal incontrolável tomou conta, provocado por um caminhão carregado de ódio por mim mesmo. Então, me dei conta de que Vin estava de pé na porta, olhando fixamente à escultura sem finalizar, uma expressão em branco em seu velho rosto.

— A quanto tempo está aí? – perguntei a ele, apertando os dentes enquanto ia pegar uma toalha que tinha arremessado sobre minhas ferramentas. Limpei meu rosto.

— Faz algum tempo — disse Vin, enquanto arrastava os pés de seu corpo envelhecido na sala, com sua bengala de madeira a seu lado.

Fiquei tenso enquanto se aproximava. Odiava que alguém visse meu trabalho em qualquer momento, mas especialmente quando estava em progresso. Não podia suportar o julgamento.

Vin se aproximou da escultura com as sobrancelhas desenhadas e lentamente a rodeou. Não dei atenção a ele e fui pegar meu maço de cigarros. Acendi um e dei uma longa tragada.

Vin se arrastou para mim, pude ver ele olhando através do pequeno estudo. Seus olhos se dirigiram a grande cama de casal no canto mais afastado.

— Tem ficado muito aqui? — perguntou.

— Trabalho até tarde.

Vin assentiu, mas pude ver a preocupação em seus olhos. Soltei uma grande nuvem de fumaça.

Não entendo por que importaria a alguém.

— Sei que trabalha até tarde, Elpi. É perto de uma da madrugada.

Passei a mão pelo meu rosto. Merda, tinha estado aqui todo o maldito dia.

Pouco a pouco levantei a cabeça para olhar para Vin.

—Quase uma?

— Sim, são doze quarenta e cinco — respondeu confuso — Saí para jantar com uns amigos e pensei em passar por aqui. Eu apenas sabia que estaria acordado. Tenho que voltar para Nova Iorque de manhã, por isso queria te dizer um adeus rápido. Meu trabalho me manterá longe até perto da abertura de sua exposição.

Apagando o cigarro, alcancei minha camisa preta que estava cheia de pó de mármore e argila, e me deslizei em minhas botas pretas.

— Bom. Adeus.

—Aonde vai com tanta pressa? — perguntou Vin quando me estendi por minha carteira e as chaves do carro.

— À galeria.

— Ah. Ainda vai todas as noites — Vin comentou, e parei de repente.

— Sabe que estive indo?

Assentiu com a cabeça.

— Inscrevi você como visitante noturno antes mesmo que chegasse. Sabia que não poderia resistir. É algo bom. Me diz que não é tão indiferente a esta exposição como tenta aparentar.

Mantive meu silêncio, me sentindo como um maldito idiota. Sim, importava-me uma merda.

— E vai revisar seu progresso agora?

Olhei fixamente a Vin e soube que o bastardo não deixaria de me pressionar até que falasse.

— Vou dar nomes a minhas peças

A boca de Vin se expandiu transformando-se no maior puta sorriso.

— Elpi! Estou tão feliz. Os nomes darão vida a elas! — Então franziu o cenho — Mas por que agora? Se negou todo este tempo.

Meu estômago se estremeceu enquanto o rosto de Aliyana vinha a minha mente. Baixando o olhar, esfreguei minha barba.

— A curadora me pegou lá ontem à noite e me pediu que as nomeasse. Aceitei. Ela foi... persistente. — Fique calado; por alguma razão me sentia mais leve quando pensava em seu rosto ansioso.

Olhando a escultura sem terminar de gesso no meio do estudo, já sabia que nome daria a essa...

— Conheceu Aliyana? — A pergunta de Vin me trouxe de volta ao presente.

— Ontem à noite.

Algo próximo a diversão passou pelos olhos de Vin enquanto lutava para não rir. Esse olhar conhecedor simplesmente me incomodou.

— O que? — perguntei com aspereza.

Vin levantou as mãos.

— Nada.

Olhei para ele fixamente, então peguei outro cigarro e o deslizei entre meus lábios. Ao sair passei empurrando Vin.

— Vou indo.

Enquanto saía do estúdio, juro ter escutado a risada de Vin.

Abrindo a porta para a escura e úmida noite, abaixei a cabeça enquanto corria sob a chuva e saltei dentro do meu carro, El Camino 69 preto. Respirei profundamente enquanto a chuva golpeava o teto do meu carro. A fumaça do meu cigarro encheu a cabine recém estofada.

Olhando no retrovisor, tirei a faixa que mantinha meu cabelo comprido recolhido para trás e deixei que meu cabelo úmido caísse para baixo. O pó de mármore me cobria por toda parte. Sacudi a cabeça me perguntando por que sequer me importava uma merda como parecia.

É obvio que sabia porque me importava tanto. A razão tinha mais ou menos um metro e sessenta e cinco. Tinha um maldito corpo pelo qual morrer, cabelo comprido castanho

escuro que caía até o meio das costas, e os maiores olhos hispânicos que já tinha visto. Sim, por isso malditamente me importava. Por uma linda mulher que se encarregou de meu trabalho.

Deixando meu cigarro pendurando de meu lábio inferior, olhei meu reflexo. *Acabe com isto de uma vez, Axe. Deixe a garota em paz. Nomeie as esculturas. Dê a ela informação suficiente para que utilize nos painéis de texto. Então vá e não volte.*

***

Entrando pela porta traseira dos funcionários, dei uma olhada ao segurança noturno, que sempre estava em sua mesa. Abaixou sua cabeça atrás da mesa para romper qualquer contato visual. Tinha medo de mim. Não me surpreendia, a maioria das pessoas tinha. Todos exceto Vin, e talvez Aliyana. Vin porque não estava totalmente são, e Aliyana? Quem diabos saberia por que.

Notando que as cortinas pretas estavam fechadas, foi então quando escutei o som de música pop em espanhol no interior.

Inalando profundamente e implorando a Deus para ter outro cigarro para me acalmar, abri as cortinas e entrei na galeria. Parecia muito diferente da última noite. Todas as

caixas de madeira e as embalagens das esculturas tinham desaparecido. Só ficaram minhas esculturas e as plataformas para as posicionar. As notas manuscritas estavam dispersas no chão ao redor de cada peça.

Escutando o canto fora de tom na parte traseira da sala, segui o brutal som fodido . Enquanto rodeava o canto, Aliyana Lucia estava ali vestida com uma grande camisa branca, leggings pretas justas, Dr. Martens rosa e com seu cabelo escuro preso em um nó desordenado em cima de sua cabeça.

Não pude tirar os olhos dela.

Mas sua roupa e como se parecia não era o que tinha me fascinado. Ela estava segurando uma broxa de pintura em sua mão, pintando o que parecia ser uma prova de tons de branco na parede de trás, enquanto sacudia seus quadris, cantando desafinadamente – *amor proibido murmuram pelas ruas. Porque somos de distintas sociedades...* — em um espanhol perfeito. Estava se divertindo, se deixando levar...

Minhas sobrancelhas baixaram. Em toda minha vida, não acredito que alguma vez tenha estado perto de alguém que tivesse um pouco de diversão. Nunca tive diversão...

Um sentimento quente e desconhecido se estendeu em meu peito quando olhava a Aliyana. Via ela cantando a todo pulmão a letra, fazendo pinceladas ao ritmo da canção.

Pela primeira vez em minha vida, queria sentir essa felicidade, só por um minuto, queria saber como seria sentir esse nível de liberdade. Parecia... agradável... em Aliyana, ali de pé balançando seus quadris, sem uma maldita preocupação no mundo, era como sentir um raio de luz brilhando sobre seu rosto enquanto estava preso em um poço escuro durante toda sua vida.

Depois de apenas uns minutos observando ela, hipnotizado, endireitei-me, parei de sorrir, cruzei os braços sobre meu peito e esclareci minha garganta.

Aliyana congelou na metade de uma pincelada e virou lentamente sua cabeça. Seu lindo rosto estava salpicado com tinta branca, e seus olhos café estavam tão grandes como os de um personagem da Disney enquanto aterrissavam em mim. Sua pele oliva se escureceu com um brilhante vermelho. Com cuidado baixou a broxa na bandeja sobre o carrinho que estava a seu lado, sussurrando algo para si mesmo em voz baixa.

Minhas bochechas se contraíram, e tive que me abster de rir por causa de sua reação ao me encontrar aqui.

Merda, parecia mortificada.

— Elpidio, não sabia que viria — disse ela, completamente nervosa, segurando sua mão em seu peito.

Foda-se, era linda. Pensei o mesmo ontem à noite, mas agora, bem assim...?

Sustentei seu olhar, vendo como seu peito começava a subir e descer ante minha atenção, foi mais e mais rápido quanto mais tempo sustentávamos nossos olhares. Seus escuros e longos cílios revoavam e meus punhos involuntariamente se apertaram juntos contra meu peito ante a ação.

-Elpi – lembrei ela friamente.

Os olhos de Aliyana brilharam com vergonha e seu rosto se ruborizou ainda mais que antes. Levantou sua mão para brincar com seu cabelo. No repentino movimento, sua camisa desabotoada se abriu em seu pescoço, Me permitindo dar uma olhada em sua pele bronzeada e a parte superior de seus seios firmes sob seu sutiã de renda branco. Quase gemi ante a visão, mas estava pregado ao chão, fodidamente estupefato por esta garota.

— Sinto muito, Elpi – se apressou a dizer — Lembrou-me sobre seu nome ontem à noite. Não estava pensando.

Imediatamente me senti como um idiota ao escutar a desculpa em sua voz suave, mas me mantive em silêncio enquanto Aliyana se apressava a mudar a música.

Fique congelado no lugar enquanto ela tomava uma longa e profunda respiração, de costas para mim, com ombros tensos e um silêncio ensurdecedor que golpeava aos dois. Mas se recompôs e se voltou para mim com esse lindo sorriso em seu rosto.

— Estou tão feliz que tenha conseguido — disse ela, aproximando-se de mim. Seus olhos escuros percorreram meu corpo, desde meu comprido cabelo desordenado até minha camisa preta coberta de argila e meus Jeans pretos rasgados. Os lábios cheios e rosados de Aliyana se estenderam, mostrando duas covinhas em cada bochecha. Com vacilação, levou sua mão aos extremos de meu cabelo. Cada parte de mim se congelou e a respiração entupiu em minha garganta enquanto a via engolir seco nervosamente.

Tinham passado anos desde que uma garota havia me tocado. E nunca foi uma que parecesse com ela.

Quando seu magro dedo se desviou a minha bochecha, apanhei sua essência... de jasmim. A mamma costumava acender incenso de Jasmim no trailer. Não sabia se essa era a razão, mas pela primeira vez em muito tempo, me senti

relaxado perto de alguém. Estranhamente, parecia como estar em casa.

Aliyana pegou parte de meu cabelo entre seu dedo indicador e o polegar. Seus lábios rosados se separaram ligeiramente e seu quente fôlego se estendeu por todo meu rosto.

Eu... gostava de sua cercania... seu toque.

Um segundo depois, Aliyana afastou sua mão e a manteve frente a meus olhos, para que pudesse ver.

— Mármore — sussurrou, suas covinhas se aprofundaram e seus lábios fizeram um delicado beicinho, seus olhos se estreitaram com suspeita — Deve ter estado realmente ocupado hoje. Está completamente coberto.

Algo em meu rosto deve ter feito com que se afastasse, porque soltou meu cabelo e retrocedeu.

Apertei os dentes. Não tinha idéia de como fazer toda esta merda. *Mulher, deixe que a exposição... seja fodidamente normal.*

— Esteve?

— O que?

— Trabalhando todo o dia.

Pude ver a emoção em seus olhos. Assenti antes de olhar para o outro lado, colocando as mãos em meus bolsos.

Então fui para perto da peça da adaga sobre a qual discutimos ontem à noite. Agora estava no canto que tinha sugerido, no alto de um pedestal e um grande projetor estava brilhando debaixo deste. Franzi o cenho.

— Se não a quer realçada, podemos mudar — Aliyana disse de repente atrás de mim. Sua essência de Jasmim me fez ir à deriva de novo. Meus lábios se esticaram ao ter ela tão perto. Passou a mão pelo pedestal branco, estudando a peça — Pedi que fosse colocada mais alto para maximizar o efeito dos fluxos. E pus os projetores esta noite para que assim pudesse ver como seria vista de dia. Vê?

Agachei-me e imediatamente vi que tinha razão. Enquanto me levantava de novo, Aliyana mordia o dedo, mantendo ele entre seus dentes.

— E então? perguntou.

— É perfeito — disse secamente. Realmente era. Com o resplendor dos refletores, corriam fluxos pelo homem esculpido, acomodado no pedestal e rodeado por uma sombra de uns sessenta centímetros com o passar do chão. A pele de minhas costas me picava ao sentir o olhar da Aliyana em mim.

— Então você aprova?

— Merda... sim... é... — Fui ficando em silencio sem saber como expressar como me fez sentir. Nunca fui bom com as palavras. Não, a menos que te estivesse ameaçando alguém para pagar por crack ou então romperia seus malditos joelhos.

Aliyana entrelaçou suas mãos e uma expressão de orgulho se instalou em seu rosto, o que me fez retroceder. Precisava de um pouco de distância.

— Fiz ela feliz. Só que não estava seguro de como tratar isso. A felicidade e eu não nos dávamos bem.

— Então... -disse enquanto se virava, dirigindo-se à estátua — pensou em como chamá-la?

Olhando para esse homem, com os fluxox quase afogando seu corpo e com as sombras que pareciam fervuras de sangue, só um nome me veio à mente.

— O Sangramento — sussurrei antes de ter tempo para pensar nisso.

Aliyana se esticou. Merda. Esse provavelmente era um título estúpido, era uma merda com isso de nomear a arte.

— Drenando o sangue? — refletiu Aliyana em voz baixa. Meus olhos foram aos dela, mas estava olhando a

escultura, um empático olhar em seu rosto — . O Sangramento... — murmurou sob seu fôlego. Seus olhos brilhavam enquanto olhava os meus.

— De culpa — expliquei, com minha voz quebrando-se — De cada pecado que cometeu este homem... das ações que causaram dor às pessoas... ações que não pode desfazer. Essas adagas estarão ali por toda a vida.

Aliyana conteve o fôlego, e baixei meu rosto, sentindo a verdade em cada que palavra que cortava meu negro coração.

— E qual foi a inspiração? — empurrou timidamente.

Suspirei e afastei o cabelo de meus olhos. Olhei para Aliyana, mas não poderia ver o olhar de dor em seu rosto do bonito do caralho.

— Merda, garota — disse sem nenhuma precaução. Meus olhos se fecharam brevemente enquanto tentava reter estes sentimentos, estes fodidos sentimentos que nunca me atrevia a perder.

— Realmente precisa saber como pensei nesta fodida peça? Precisa de cada maldito detalhe? — Saiu mais duro de que queria, mas não estava realmente cômodo ao revelar esta merda a ninguém.

— Somente alguma coisa estaria bom — Aliyana se moveu nervosamente mais perto de mim, sua voz apenas mais audível que um sussurro — Algo como... como pensou nisso? Isso seria suficiente para os painéis de texto.

Lentamente inalei pelo nariz, deixei cair minha cabeça e meu cabelo cobriu meu rosto.

— O cara é um pecador. Um cara que tem feito coisas realmente fodidas, mas no momento em que se deu conta da dor que tinha causado, era muito tarde. Já tinha feito o pior. Já tinha arruinado as pessoas... arruinado vidas... destruído a inocência das pessoas, mudando as pessoas, mudando a alma das pessoas...

Em minha mente vi Levi como um menino de quatorze anos, eu de pé atrás dele, apontando um membro da turma rival, um King. Levi segurando em suas mãos uma Beretta. Seus dedos pequenos estavam tremendo, porra, o rosto branco pelo medo, mas ignorei tudo isso. Gio tinha assentido para mim, ordenando a meu pequeno irmão a ganhar uma Stidda do Heighter, a tatuagem de uma estrela na bochecha de um Heighter que mostrava que tinha acontecido a iniciação... ao atirar em um Rei.

Olhei para meu eu de vinte e cinco anos atrás de Levi como um maldito demônio em suas costas, sussurrando em

seu ouvido que se apressasse. Apontando seu braço para perto de nosso rival e ordenando "agora" enquanto Levi fazia o que dizia a ele e disparava uma bala direto no filho de puta.

Mas mais que tudo, podia ver Levi virando-se para mim. Até podia sentir o quanto fodidamente orgulhoso estava dele, que tivesse provado a si mesmo ante meus irmãos, a turma que era meu tudo e sempre tinha sido desde que tinha doze anos. Mas também podia ver a mudança no rosto de Levi. O menino ao qual Austin e a Mamma amavam, mudado para sempre, como sua vítima que jazia sem vida no chão.

— Elpi? — perguntou Aliyana ante meu silêncio.

Sentindo uma lágrima cair por minha bochecha, sobre a tatuagem do crucifixo que agora cobria meu stidda, acrescentei:

— Cada adaga é um crime que cometeu, com a culpa alagando a tudo e todos a seu redor. Uma culpa que fodidamente nunca termina, — Um sentimento de reverência se assentou em minhas vísceras, e olhei para a escultura — Mas as adagas nunca se vão. A culpa vai seguir descosturando. Feridas que nunca vão se fechar... as rachaduras, as fraturas em seu corpo, nunca vão se curar.

O repentino silêncio na galeria me sufocou, me provocando a apenas querer sair correndo, abandonar esta

maldita exposição e minha dor para que alguém lidasse com isso. Mas enquanto escutava a respiração silenciosa de Aliyana a meu lado, não podia me mover.

Pela primeira vez desde sempre, alguém estava compartilhando esta dor comigo. Um estranho virtual. E não sabia que demônios fazer com o malditamente bem que me sentia. Tinha prometido não deixar ninguém entrar. Não entendia por que tinha quebrado essa promessa com ela.

Levantando minhas mãos sujas, sutilmente tirei umas lágrimas que tinha falhado em impedir que caíssem por meu rosto e me virei para a escultura, à escultura que era toda eu.

Jogando para trás minha cabeça, olhei para o teto em forma de cúpula para os milhões de estrelas. De repente não me sentia tão torturado; quando imaginava Austin e a mim quando crianças, e Levi só um bebê em meus braços. Apenas um par de jovens irmãos, os melhores amigos, sentados no teto de nosso trailer e olhando as estrelas...

***

A mãozinha de Austin assinalou para o céu escuro.

— Essas três bem aí são o cinturão de Orión. Pode ver elas, Axe? As três estrelas em uma fila? E essas dali são as Plêiades, ou as

Sete Irmãs. Mas para ver as sete estrelas de uma vez, tem que fechar os olhos, e logo abrir eles muito rápido, porque algumas delas se desvanecem imediatamente, deixando apenas algumas – disse para mim.

Olhei para meu irmãozinho de oito anos, enquanto segurava Levi em meus braços. Austin não era mais que membros desajeitados e grandes olhos marrons, um mini eu, e eu ri.

— Como sabe tudo isto, Aust?

Ele encolheu os ombros e suas bochechas ficaram de cor vermelha brilhante.

— Li em um livro na escola. Tenho lido um montão deles.

— Você gosta das estrelas? – perguntei a ele.

Ruborizou-se ainda mais.

— Sim. Me fazem me sentir feliz.

Ficou em silêncio, sabia que estava envergonhado por me dizer isso. Austin era um pensador; era inteligente.

Olhando para o céu outra vez, assinalei uma estrela.

— Qual é essa, menino?

Austin se aproximou mais de mim e seguiu meu dedo.

— Essa é Sirius, Axe – disse para mim com entusiasmo.

Seu rosto se virou para mim.

— Você gosta das estrelas, Axe?

— Eu gosto que me fale sobre delas, menino — respondi, sorrindo.

Austin se recostou, enquanto escutávamos nosso pai chegar em casa bêbado do bar do parque de trailers e começar a gritar com a mamma. A mamma imediatamente começou a chorar, implorando que não a machucasse. Senti Austin se esticar a meu lado e sua respiração mudou. Estava aterrorizado. Ele sempre se assustava quando nosso pai quando chegava em casa destroçado. Essa era a razão pela que o levava lá, para distrair ele.

Me inclinando, envolvi meu braço ao redor de seu ombro e puxei ele para o meu lado. Malditamente odiava nosso perdedor pai. Tudo o que ele queria fazer era nos machucar. Então me fiz uma promessa a mim mesmo de que sempre faria qualquer coisa para proteger meus irmãos.

— Vamos, menino. Me diga mais. – pressionei ele, sentindo Austin agarrar minha camisa e apertar realmente forte quando um copo de vidro se rompeu no interior do trailer e minha mamma gritou de dor.

Com uma voz tremente, Austin assinalou a uma estrela brilhante.

— E... essa é M... Marte...

— Não, sério? – perguntei — É feita de chocolate também?

Senti Austin começar a rir fracamente a meu lado.

— Não, Axe, mas é de cor vermelha e grande, e algumas pessoas pensam que os extraterrestres vivem nela...

— Sério? Extraterrestres? — perguntei com entusiasmo, puxando Austin e Levi mais perto.

Austin soltou minha camisa, sabia que ele tinha conseguido bloquear a surra da mamma lá dentro e exalei com alívio.

— Veja, Marte, é feita de rocha vermelha, Axe...

***

E assim foi como conseguimos atravessar os maus tempos. Nós três perdidos nas estrelas, o céu da noite nos levando longe do camping de merda que chamávamos de lar.

Olhar o céu da noite se tornou o nosso, até que todo meu afã se tornou a turma, minha equipe de irmãos os Heighters tomando conta da minha vida... e arrastei pequeno e inocente

Austin ao longo do caminho. Ele tinha acreditado em mim, e eu o tinha convertido em um valentão traficante de coca à idade de doze anos... exatamente como eu.

Austin, Levi e eu nunca olhamos as estrelas assim outra vez.

Sentia saudades.

Porra sentia saudades de Austin e a relação que estávamos acostumados a ter... que nunca cheguei a começar com Levi quando ele tinha a idade suficiente para entender.

Enquanto olhava o céu através do cristal, meus olhos pousaram no Cinturão de Orión. Não poderia ir lá agora. Não poderia continuar pensando em nossas vidas antes de que tudo desse errado.

Uma mão correndo brandamente por minhas costas me fez virar. Os olhos preocupados de Aliyana estavam muito abertos enquanto olhava para mim, sua mão tranquila em minhas costas. Podia sentir o calor de seu rastro em minha pele como se fosse um ferro em brasa quente queimando minha pele.

— Está...? — Seus dedos se moveram, acariciando minhas musculosas costas, fazendo que minha pele parecesse como se estivesse em chamas — Está bem?

Meu instinto foi me afastar e dizer a ela que fosse para o inferno. Afastar ela como fazia com todo mundo, mas à medida que olhei seus olhos, não pude me mover... Queria essas mãos se movendo mais abaixo, para tocar cada parte de mim.

A mão de Aliyana subiu, seus dedos roçando meu cabelo até que seu dedo indicador correu sobre minha barba rala.

— Elpi?

Alcançando ela, agarrei sua mão para afastá-la de meu rosto. Sua respiração se entrecortou quando nossas mãos se tocaram, mas a mantive... merda, não sei por que, mas mantive sua mão contra minha bochecha, com meu coração palpitando loucamente com rapidez em meu peito.

Um rubor de cor vermelha subiu correndo do peito de Aliyana para seu pescoço e bochechas. Sua língua passou por cima de seus carnudos lábios rosados e suas pálpebras baixaram enquanto me olhava, só respirando... nós dois fodidamente respirando.

— Elpi... — Aliyana sussurrou e começou a se mover para mim. Fiquei olhando esses lábios carnudos e não queria nada além de beijar ela, levantá-la de repente contra a parede e foder ela até que nenhum de nós pudesse estar em pé.

Mas não podia... nós não podíamos.

Apertando sua mão, tirei-a de meu rosto e a pus a seu lado. A decepção se mostrou em sua expressão dolorida, e a contra gosto me movi para o meio da galeria, nos dando um pouco de espaço.

— Elpi? — chamou Aliyana atrás de mim. Quando a enfrentei, estava brincando com uma mecha solta de cabelo que caiu de sua faixa. Parecia tão malditamente linda e inocente, me olhando com esses enormes olhos exóticos, seus longos cílios revoando contra suas altas bochechas — Está bem para falar das outras? — perguntou ela com acanhamento.

Queria dizer que não. Com toda esta merda de exposição, acabei desenterrando coisas do meu passado que não queria enfrentar jamais.

Ao invés disso, respirei fundo e assenti.

Um sorriso de alívio se estendeu em seu rosto, e se moveu a meu lado. Imediatamente senti seu calor, e o ar nos

rodeando se tornou espesso. Aliyana baixou a cabeça e se ruborizou, sabia que ela sentiu o puxão estranho entre nós também.

Por que tudo em minha vida tem que ser tão fodidamente complicado?

— Então, qual devemos fazer agora? — perguntou ela.

— Não me importa — disse, com minhas mãos nos bolsos, sentindo meus cigarros... realmente queria um maldito cigarro.

Aliyana começou a caminhar diretamente para minha peça maior, a peça, e parei de repente. Aliyana levou um segundo para se dar conta de que não estava atrás dela. De fato, tinha dado as costas, me sentindo como se uma maldita rachadura tivesse dividido meu peito.

Não podia lutar enfrentando o que a escultura significava para mim neste momento.

— Elpi, que...

— Não vou aí – disse.

— Está bem — disse com cautela — Quer escolher outra?

Fechei meus olhos e me senti relaxar. Analisando a sala, percebi que quase todas as peças me destroçavam. Todas elas tinham algum significado... significados que eram muito difíceis de enfrentar. Mas poderia revisar umas poucas.

Caminhando para uma peça menor, um relógio de areia com uma mão estendida através da areia, fiz gestos com um movimento de minha cabeça para que Aliyana se unisse a mim.

— Esta está bem? — perguntou, dei um singelo assentimento — Temos um título?

Enquanto olhava a mão do homem afogando-se na areia, senti a asfixia, a situação impossível em que estava... a areia pesada puxando ele mais e mais para baixo...

— A queda — soltei.

Assim antes, senti os olhos de Aliyana esquadrinhando meu rosto, provavelmente tentando ler mais, mas desta vez fiquei estóico.

— A queda — repetiu, rabiscando em sua caderneta — E a inspiração?

***

Depois da sexta peça, me sentia emocional e fisicamente esgotado.

— Quer encerrar por esta noite? — perguntou Aliyana seguido de um bocejo.

Exalando um suspiro de alívio, passei as mãos por meu rosto esgotado.

— Sim — respondi, e pela primeira vez desde que tinha chegado à galeria, meus músculos pareceram perder a tensão... então começou a doer como a merda.

Enquanto aliviava o torcicolo de meu pescoço, escutei Aliyana mover-se a meu lado. Olhei para ela. Estava ficando vermelha.

Estava afetada por mim... E eu gostei disso mais do que deveria ter feito.

— Então... — disse em voz baixa, aproximando-se ainda mais. Minhas palmas começaram a suar enquanto se aproximava. E meu coração palpitando em meu peito — Obrigado por fazer isto esta noite. Não posso acreditar o quão poderosas são suas palavras em suas já impressionantes obras de arte.

Lutei contra um sorriso. Vindo de qualquer outro curador, estava seguro de que com apenas uma frase teria sido

suficiente para se arrastar diante do escultor, mas não dela. Vi em seus olhos que adorava toda esta merda. E ainda mais desatinado, adorava meu trabalho... as retorcida fodidas esculturas de minha mente.

Como era possível, não tinha nem idéia. Estava convencido de que se ela realmente soubesse quem era ele, o que tinha feito, veria as esculturas com um olhar completamente diferente; repulsão, e um pobre intento de merda por obter o perdão.

— É tarde, ou cedo, dependendo de como deseje olhar. — riu timidamente e olhou para o chão.

Franzi o cenho, me perguntando por que continuava falando. Quando me olhou através de seus longos cílios, a visão de seu rosto à luz da lua me roubou o fôlego. Se fosse um pintor, teria criado uma maldita obra prima apenas com essa impressionante lembrança.

— Está com fome? — Meu cenho se aprofundou, e a observei engolir seco. Sua mão se levantou para retorcer essa mesma mecha de cabelo solto ao redor de seu dedo — Eu... quero dizer... gostaria de tomar o café da manhã comigo? Isto é, se tiver fome? — perguntou com nervosismo.

Abri a boca para dizer que não, quando meu estômago grunhiu. A verdade era, que estava fodidamente faminto.

Aliyana, ouvindo meu estômago, fez uma pausa, logo esboçou um poderoso sorriso com covinhas, a beleza deste quase me bateu até a merda. Desta vez, não houve sorriso desdenhoso, só um sorriso relutante se estendendo em meus lábios.

Parecia estranho sorrir. Não o tinha feito em muito tempo.

— Elpi — disse Aliyana através de uma risadinha incontrolável — Realmente sorriu! — Seu rosto estava iluminado como luzes em natal, neguei com a cabeça.

— Sim, não se acostume. É uma estranha ocorrência.

Aliyana deu um passo para trás e pôs sua mão em seu peito.

— E tem senso de humor também?

Vi ela rir, e meu peito se encolheu até o ponto em que pensei que os músculos se rasgariam debaixo de minha pele.

Quando Aliyana perdeu gradualmente sua risada, deu um passo ainda mais perto de mim, com seus seios roçando minha camisa. Já não estava sorrindo. Não, agora estava respirando com força, lutando contra o impulso de pegar ela em meus braços e esmagar meus lábios nos dela.

Aliyana piscou, logo voltou a piscar sem dizer uma palavra, só para logo dizer:

— Café da manhã?

Levantando minha mão, não podia deixar de pegar essa comprida mecha de cabelo que caía sobre sua bochecha e colocá-la de novo em seu desordenado nó.

Ouvindo a respiração de Aliyana entrecortando-se ante meu toque, não pude resistir a me inclinar, inalando o aroma de seu cabelo... lavanda.

Os seios firmes de Aliyana roçaram minha camiseta fina, sua magra coxa se pressionou firmemente contra minha ereção dura. Seu quente fôlego mentolado soprou sobre minha bochecha, arrepiando minha barba, quando coloquei a mão em meu bolso de atrás, tirando as chaves do meu carro.

— Eu dirijo – disse asperamente, me movendo para trás, rompendo a insuportável tensão em que estávamos imersos.

Sem fôlego, Aliyana pressionou sua mão contra seu estômago, reorientando-se.

— Está bem. — Conseguiu dizer e começou a caminhar atrás de mim quando me lancei através das cortinas, saindo rapidamente e ofegando ao ar frio de Seattle, a chuva leve salpicava contra meu rosto quente.

Ouvindo a porta fechar atrás de mim, tirei um cigarro e o coloquei entre meus lábios. Aspirei uma longa e doce baforada, a fumaça enchia meus pulmões, me acalmando de uma puta vez.

Sem olhar para minhas costas, pisoteei o pavimento até meu carro e abri a porta do passageiro, deixando ela aberta para Aliyana. Enquanto me deixava cair no banco do motorista, Aliyana se deixou cair a meu lado, com seus olhos marrons ainda frágeis de nosso momento debaixo da abóbada

Levantando meu cigarro, inalei uma longa imersão, logo joguei a cinza no cinzeiro do painel.

— Aonde vamos? — perguntei, olhando para diante através do pára-brisa impreciso com a chuva — Não conheço Seattle ainda.

Aliyana conteve o fôlego.

— Eu tampouco. Só posso pensar em um lugar.

— É privado, você sabe, não está abarrotado de gente?

— É pequeno.

Liguei o motor, apaguei meu Marlboro cereja, acendi outro cigarro, e o deixei repousar sobre meu lábio inferior.

— Me indique.

Capítulo 8

Axel

Quanto mais tempo nos deslocávamos no carro, mais sabia que não deveria estar aqui com esta mulher. Mas estava e, honestamente, não ia a lugar nenhum. Ia tomar o café da manhã com Aliyana pela simples razão de que não podia ir a outro lugar. Ela tinha me pedido isso e eu tinha aceito. Não havia outra opção.

— É um pouco mais à frente — disse Aliyana, apontando uma pequena cafeteria escondida na beira mar. Ri para mim mesmo. Estava a apenas três quarteirões de meu estúdio.

Em minutos, tinha estacionado o El Camino e saímos, com o sol começando a aparecer. Não havia ninguém ao redor, exceto os trabalhadores do mercado organizando-se

para o dia e os primeiros compradores esperando o pescado fresco que vinha nos navios.

Aliyana e eu entramos na cafeteria com vistas para o Sound, onde nos deixaram escolher onde nos sentar. Os caras que cuidavam do lugar ainda estavam se preparando, então caminhei na frente de Aliyana até o último canto e me sentei. O lugar estava repleto de bandeiras italianas, os garçons com traços latinos e, sem dúvida, italianos também.

Perguntei se ela tinha eleito este lugar porque tinha decifrado minha herança ou, simplesmente, porque gostava do café.

Enquanto me deixava cair no assento, Aliyana se sentou frente a mim e deu outra olhada à cafeteria vazia. Estávamos sozinhos. Bem.

— Isto, está bom para você? Esta cafeteria vazia? — perguntou com um sorriso zombador.

— Sim — respondi, e sorriu mais amplamente ante minha resposta cortante.

E, de novo, estava se divertindo por minha atitude. A maioria das pessoas já teriam se dado por vencidas ao tentar falar comigo, mas era como se não entendesse que eu gostava

de estar sozinho. Que não queria pessoas ao redor... porra, simplesmente queria que me deixassem só.

— Não é alguém com quem ter um pequeno bate-papo, não é? Os olhos de Aliyana pareciam cansados. Caralho, sabia que os meus também, mas os dela não perderam seu brilho brincalhão quando me olhou, esperando minha resposta.

— Na verdade, não.

Começou rir de novo.

Então, um garçom que vinha até nós, chamou a outro na cozinha para organizar o terraço. Tinha falado em perfeito italiano. Chegou em nossa mesa, seu olhar ardia quando se fixou em Aliyana.

O rapaz se ruborizou ficando vermelho brilhante e pegou desajeitadamente seu bloco de anotações e caneta em sua mão. Algo se apertou em meu estômago quando Aliyana sorriu para ele e o filho da puta dirigiu a ela um largo sorriso.

Me sentindo muito irritado com esse imbecil que estava vibrando, encostei em minha cadeira e o fulminei com o olhar. Então, encontrou-se com meus olhos e, quando o fez, os seus caíram imediatamente ao bloco de anotações e, nervosamente, perguntou o que queríamos.

— *Café doppio e una brioche alla crema* — pedi.

O garçom levantou os olhos e, embora sua expressão continuasse sendo cautelosa, perguntou:

— *Tu parli Italiano?*

— *Sì* — respondi.

— *Da dove vieni*? — perguntou, querendo saber de onde eu era.

— *No, sono Americano. I miei genitori loro sono Italiani* — disse, que meus pais eram italianos, não eu.

Inferno, mal tinha falado italiano nos último anos. Não podia fazer isso. Só falava italiano com a mamma e meus irmãos. Mas desde que tinha saído da prisão, não me parecia adequado. A mamma se foi. Não podia começar a falar sua língua nativa muito mais de um par de frases sem que isso me estripasse por dentro.

O garçom deve ter visto meu corpo endurecer e meus olhos cair à mesa enquanto se movia para falar com a Aliyana. Nem sequer escutei o que ela pediu, estava muito ocupado tentando de respirar através da dor que me rasgava ao meio.

A sensação da quente mão de Aliyana colocada sobre a minha me fez levantar meus olhos para me encontrar com os seus.

— Você está bem? Está realmente silencioso. Chamei você, mas se perdeu em seus pensamentos.

— Estou bem.

Nos sentamos em silêncio enquanto o garçom trouxe nossos cafés. Uma vez que nos deixou sozinhos, Aliyana pegou um sachê de açúcar, o derramou em seu café no café, então começou brincar com o pacotinho.

— Então. — Rompeu o silêncio — Fala fluentemente italiano?

— Sim.

— Me disseram que Elpidio é um antigo nome italiano. — Levantou seu café com leite para seus lábios, mas seus olhos nunca deixaram os meus, me implorando para que respondesse a sua pergunta.

— Meus pais eram italianos, então eu falo. Bilíngüe — respondi evasivamente, bebendo meu expresso duplo e fazendo um sinal ao garçom para que trouxesse outro.

— *A mim también* — disse Ally, e juro que meu pênis se endureceu em resposta a seu ronrono nesse maldito espanhol.

Seu rosto se iluminou e acrescentou:

— Hablo español, nada de italiano, aunque pudeo entender de lo que dijiste.

Pornô porra. Uma garota tão sexy como Aliyana Lucia sentada na minha frente, o cabelo revolto em um desordenado nó e a camisa aberta, me falando em espanhol, era a coisa mais ardente que já tinha visto, caralho.

Me dei conta por certas palavras nessa frase que falava espanhol e não italiano, embora ela pudesse entender muito do que eu havia dito. Não podia deixar de tocar meu queixo em apreciação. Também podia entender o que havia dito. Pelo menos um pouco.

Ela riu de mim e percebi que ela tinha impedido que me afogasse nos escuros sentimentos sobre minha mamma. Me afastou deles... de novo.

O garçom estava junto a nossa mesa com uma bandeja cheia de doces e café.

— Pode baixar isso*, ragazzo* – eu disse, então ele pôs a bandeja diante de nós.

— *Gracias* — disse Aliyana com amabilidade enquanto entregava a ela um croissant coberto com Nutella.

Não podia tirar meus olhos dela enquanto partes do folhado do croissant e os colocava em sua boca, lambendo o chocolate que se espalhou em seus dedos.

Não tinha nem puta ideia do quanto era linda... e o efeito que tinha sobre os homens.

— Tem alguém na sua vida? — espetei de repente.

Aliyana se congelou, com sua língua a ponto de lamber uma gota da Nutella em seu polegar. Um rubor cobriu suas bochechas, baixou a mão e agarrou um guardanapo.

Limpando a garganta, negou e sussurrou:

— Não.

Quando murmurou a palavra, relaxei. Nem sequer me tinha dado conta de que tinha ficado tenso ante a idéia de que me dissesse que tinha um fodido namorado rico e bonito... alguém que a tratava como uma rainha.

— Por que? — perguntei bruscamente, e Aliyana chegou para trás em sua cadeira. Me movi na minha também, notando um segundo tarde demais o quão agressivo soei. Os olhos de Aliyana tinham caído sobre a mesa.

Era um imbecil.

Me inclinando para frente, com os cotovelos sobre a mesa, acrescentei:

— Só pensei que uma mulher como você teria uma fila de homens de um quilômetro a seguindo – Passei a mão pela minha barba muito envergonhado, porra. Cada vez estava dizendo mais coisas estúpidas.

E este era o motivo pelo que preferia que me deixassem sozinho como o inferno.

Um sorriso apareceu na boca de Aliyana e encolheu os ombros.

— Simplesmente nunca conheci um homem com o qual realmente me conectasse, sabe? Nunca senti esse raio que me deixasse sem fôlego, eu acho.

— Não há namorados? — perguntei, agora com curiosidade.

Seu nariz se enrugou, aparecendo suas covinhas.

— Na verdade, não. Me descarreguei um pouco em meu trabalho nestes últimos anos. Nunca conheci um homem que fosse meu tipo. — A forma como se ruborizou e brincou de novo com o pacotinho de açúcar vazio, me deixaram com vontade de perguntar qual era seu tipo. Depois de segundos desejando saber, foda-se, finalmente perguntei:

— E como é?

Aliyana respirou fundo, empurrando seus seios fartos contra sua camisa, e se encontrou com meus olhos.

— Um homem que seja protetor, forte, misterioso... artístico, apaixonado... culto... – se interrompeu, esfregando juntos seus lábios de cor rosa, e congelei.

Seus olhos marrons perfuravam os meus como se pudesse ver através da minha maldita alma escura. Eu me mexi ante seu escrutínio e senti meu coração começar a acelerar.

Me obrigando a olhar para outro lado, agarrei meu brioche e comi em silêncio. A tensão nos envolveu de novo, mas a tirei da minha mente. Só tinha que conseguir aguentar até que acabasse este café da manhã.

— Posso te fazer uma pergunta? — inquiriu Aliyana, e me recostei em minha cadeira, meu brioche agora demolido. Assenti com meu queixo em resposta, dando o aval — Por que não quer que ninguém saiba quem é?

E ali estava. A única questão que todos queriam saber. Por que *Elpidio* era um recluso?

Dei de ombros.

— Porque não me interessa isso da fama e sucesso.

— Então para que a exposição? E por que agora? — pressionou.

Olhando ao longo do Puget Sound, joguei meu cabelo para trás com os dedos. O que eu deveria dizer? *Que estive preso por distribuir drogas de "classe A" dentro da propriedade da Universidade do Alabama e, no processo, quase arruinei meu irmão o impedindo de chegar a NFL. Ah, a propósito, não sabe. Meu irmão é Austin Carillo, o número oitenta e três dos Seahawks e considerado um dos melhores receptores do país. Mas isso agora. Faz uns anos, liderou uma equipe que distribuía drogas na rua. Ah, e vendi um pouco de pó fodido a um jogador dos Tide e teve uma overdose. Então estava cumprindo dez anos na prisão, mas saí faz algumas semanas depois de cinco anos, só porque delatei um grande fornecedor de cocaína.*

Não podia dizer a ela nada dessa merda, então respondi:

— Vin queria e disse a ele que, desde que não tivesse que lidar com as pessoas, inferno, poderia fazer o que quisesse.

Aliyana inclinou a cabeça enquanto me olhava.

— E como e onde conheceu o Vin? Não posso imaginar que se movam nos mesmos círculos.

Se ao menos soubesse.

Inclinou-se para frente, esperando minha resposta.

— Por aí.

— Por aí? — perguntou.

— Por aí — respondi um pouco mais firme para que soubesse que eu não iria dizer mais merda nenhuma.

Chegando para trás, começou a comer de novo, só fez uma pausa para dizer em voz baixa:

— Você me deixou ainda mais intrigada, Elpi.

Franzi o cenho.

Deve ter visto minha expressão e acrescentou:

— Suas obras me fascinam, tão tragicamente belas. — Minhas vísceras se apertaram quando disse essas palavras. Tragicamente belas...

Baixou seu croissant, deixando escapar uma gargalhada.

— Lembro da primeira vez que vi uma foto de uma de suas esculturas. Era uma peça em uma revista do Vin Galanti e ele não fazia nada além de falar de seu protegido, o solitário e misterioso Elpidio. Acabava de emprestar uma de suas peças ao Met, como parte de uma exposição contemporânea de estátuas de mármore, uma exposição de escultores que ainda

utilizavam as obsoletas técnicas do martelo e cinzel. — Os olhos de Aliyana perderam seu foco quando passou seus dedos através de um pequeno montinho de grânulos de açúcar que tinha caído do pacote que usou antes — Vin mostrou sua primeira peça, o único trabalho seu que tinha visto em fotos. — Um pequeno sorriso surgiu em seus lábios — E a peça continua sendo minha favorita até hoje.

Sabia a qual se referia. A única peça que mal podia olhar agora sem me romper.

— O anjo... — disse, e pude ouvir o amor por ela em sua voz.

Esperava sentir o golpe habitual de dor que nunca deixava de experimentar cada vez que pensava nessa peça e o que representava.

Mas que Aliyana estivesse sentada aqui agora, me dizendo que adorava a peça, que era sua favorita de entre todas minhas esculturas, fez eu me sentir orgulhoso... humilde... fodidamente extasiado. Extasiado de que, de tudo o que tinha criado, Aliyana adorava mais a peça dedicada a meu mamma.

— Eu estava em Austin, Texas, no Museu de Arte Blanton, mas quando me inteirei de que sua peça estaria no Met, subi em um avião e voei até lá para uma mini viagem de

quarenta e oito horas só para ver ela de perto. – começou rir — O mesmo fiz para conseguir este trabalho, na verdade.

Esse rubor estava de volta em suas bochechas, só que desta vez desfrutei de cada ruga em seus olhos, seu rubor, os suspiros silenciosos que exalava. Estava desfrutando de Aliyana e ponto.

— Parece estúpido, Elpi, mas ver seu anjo me mudou. Não sei o que foi, mas... mas... ah, não importa — disse envergonhada.

— Me diga — pedi com brutalidade. Realmente precisava que terminasse essa maldita frase. Precisava entender o que via em minhas esculturas que a comoviam tanto.

Aliyana engoliu seco forte e longamente, mas me olhou com seus olhos marrons e disse:

— Senti você. Senti você em cada uma de suas curvas. Senti como se estivesse olhando diretamente para sua alma. Senti o amor que derramou naquela escultura... me fez reavaliar tudo em minha vida... me fez querer mais... é difícil de explicar.

Inalei fortemente, subindo minhas mãos para esfregar meus olhos.

— Aliyana... — grunhi, mas não zangado, e sim pelo fato de que estava me dizendo coisas que não merecia... coisas nas quais não gostaria de se ver envolvida.

— Falei demais?

Passei minhas mãos por meu rosto.

— Aliyana... se visse o meu verdadeiro eu... se olhasse diretamente em minha alma, não estaria sentada aqui, comigo, agora.

Os olhos de Aliyana aumentaram.

— O que quer dizer com isso? — Sua voz agora tremia. Tinha assustado ela. Bem. Deveria ter medo de mim. Não era o homem adequado para ela. Mal acabava de conhecer ela, mas sabia que deveria fixar seus padrões como a porra de um quilômetro de distância de mim.

— Exatamente o que disse. Se conhecesse meu verdadeiro eu, o que tenho feito em minha vida, estaria fugindo como uma alma do diabo.

— Q-o que você fez? — Suas sobrancelhas se franziram — Por que é tão duro com você mesmo?

— Penitência. Um montão de merda de penitencia que preciso pagar.

— Mas, não posso acreditar nisso sobre você.

— Está equivocada.

Sacudiu a cabeça firmemente.

— Mas... — começou a discutir.

Abrindo minha mão sobre a mesa, apertei os dentes, cortando tudo o que ia dizer.

— Não sabe uma merda sobre mim, garota — sussurrei, com minha voz muito baixa para ser mais que uma ameaça retumbante — Pode ser que conheça minha arte, mas não sabe nada de mim.

Me endireitando em minha cadeira, agitei minha mão para chamar a atenção do garçom, pedindo a conta.

Aliyana não disse nada mais. Na verdade, agarrou sua bolsa e se dirigiu diretamente para fora da cafeteria.

Os garçons a viram partir, empurrando uns aos outros enquanto olhavam a bunda dela. Saltei de meu assento, tirei uma nota de cinquenta, saí correndo até onde os idiotas italianos permaneciam boquiabertos e bati o dinheiro no balcão.

Assim que puseram os olhos em mim, retrocederam com as mãos em alto. Seus rostos empalideceram ao ver o muito

que me enfureceram; saí da cafeteria para ver Aliyana ao lado do meu Camino. Tirei um cigarro e, como sempre, o coloquei entre meus lábios, dando uma imersão calmante. Pela primeira vez, agradeci o banho de chuva que caía do céu sempre cinza.

Ao chegar no carro, Aliyana manteve a cabeça baixa e deslizou silenciosamente no banco do passageiro.

Meu estômago se apertou.

Inferno, tinha machucado ela.

No momento em que retornamos à galeria, tinha queimado três cigarros e um fodido montão de culpa. Mas era o melhor. Não era apto para ter uma relação, especialmente com uma garota tão boa como ela.

Quando estacionei o carro na entrada lateral coberta, esperei que saísse. Mas não se moveu. O ar na cabine do Camino parecia ranger com eletricidade e o calor do ar cheio de tabaco se espessou até que foi insuportável. Podia ouvir cada respiração que saía da boca de Aliyana, e com cada suave inalação e exalação, meu pênis parecia endurecer cada vez mais, a sensação de estar preso debaixo de minhas calças jeans era quase dolorosa. Arrisquei dar uma olhada a ela. Aliyana tinha o olhar à frente, agarrando com força sua bolsa em seu colo com ambas as mãos.

Só pretendia pegar um vislumbre dela, um último olhar antes de sair do meu carro. Só tinha a intenção de deixá-la aqui na galeria, ir e não voltar nunca mais.

— Preciso dos nomes e os dados da escultura do anjo. Pode vir uma noite para terminar tudo? — perguntou Aliyana. Não podia suportar o quanto parecia triste, inferno.

Assenti em silêncio, incapaz de falar, e me virei para olhar pelo pára-brisa outra vez. Mas quando Aliyana começou a se esticar para alcançar a maçaneta da porta, algo dentro de mim se rompeu. Não podia suportar o quanto estava chateada comigo. Não podia aceitar que fosse sem conhecer seu sabor, caralho.

Antes de me dar conta, minha mão se estendeu e envolvendo meus dedos ao redor do braço de Aliyana, atraí ela contra meu peito, capturando brevemente seus olhos abrindo-se e sua boca soltando um grito de assombro, antes que esmagasse meus lábios nos seus.

Movendo minhas mãos de seus braços, envolvi uma na parte posterior de seu pescoço magro e com a outra agarrei seu cabelo. Quando forcei minha língua em sua boca, ambos gememos com nossas línguas chocando entre si.

Tinha um sabor incrível, e qualquer parte de mim que queria levar isto lento foi anulada no segundo em que suas

mãos jogaram sua bolsa no chão e levantaram a parte inferior da minha camisa para tocar meu abdômen. Grunhindo enquanto suas palmas queimavam minha pele, aproximei ela ainda mais com a mão em seu pescoço até que seus seios se pressionavam contra meu peito. Aliyana soltou um gemido entrecortado, seus dedos se esticaram até que suas unhas se cravaram em meu abdômen, minha pele ardia pelas marcas que estava fazendo... Marcas que se arrastavam por meu ventre até a parte superior de meu jeans.

Meu pênis pressionava contra o zíper, implorando desesperado por sua mão, minha língua lutando contra a dela pelo domínio. Mas assim que os dedos de Aliyana começaram abrir o botão, fiquei gelado.

Merda.

Tínhamos que parar.

Que demônios estava pensando?

Aliyana se separou de minha boca, seus lábios carnudos e língua úmida se moveram para baixo para lamber e morder meu pescoço. Em suas mãos, o botão na parte superior de meu jeans se abriu e começou baixar meu zíper... as calças eram a única barreira entre ela e meu pênis.

Fechando meus olhos com força, sabendo que o que ia fazer seria doloroso, apanhei suas mãos entre as minhas. A cabeça de Aliyana se elevou de repente e, incapaz de resistir, apertei minhas mãos em suas bochechas e pressionei minha boca sobre a sua por última vez, antes de afastar ela e ordenar:

— Vá.

Aliyana lutou para respirar enquanto permanecia sentado com minha camisa para cima e meu zíper meio aberto.

— Mas...

— VÁ! — gritei, me movendo para fechar meu jeans, levantando minhas mãos para agarrar o volante. Aliyana inalou com força, mas não olhei em sua direção. Se fizesse, pressionaria ela contra este banco e sua boceta estaria estrangulando meu pênis em uns dez segundos no máximo.

Um momento depois, ouvi a porta abrir e fechar silenciosamente.

Fechando os olhos, lutei contra a sensação de mal-estar atravessando meu corpo. Mas tudo o que vi foi um par de grandes olhos marrons que me diziam que podiam olhar diretamente para minha alma, que me *sentiam.*

Em trinta minutos, estava de volta em meu estúdio, deixei preparando uma jarra de café forte, tirei minha camisa e jeans, me meti na ducha.

À medida que a água quente caía sobre minha cabeça e o vapor ondulava pelo pequeno quarto, tudo no que podia pensar, era o rosto de Aliyana sorrindo para mim como se não visse todos os meus pecados. Falando comigo em espanhol, deixando escapar as palavras com fluidez, o gosto de sua boca com sabor de Nutella em minha língua, e a sensação de suas mãos descendo para agarrar meu pênis.

Merda! O que esta garota tinha? Por que me afetava tanto?

Agarrando o gel de banho, joguei o líquido verde em minha mão e deslizei o sabonete perfumado por meu corpo. Mas quanto mais lavava os restos de mármore de minha pele, mais imagens de Aliyana passavam por minha cabeça: seus olhos, sua boca, suas covinhas fodidamente lindas aparecendo em suas bochechas enquanto sorria para mim... sua voz ofegante quando me disse que tinha voado por todo o país só para ver uma de minhas esculturas de perto... esses seios pressionados contra sua camisa, seu peito avermelhado ao me olhar e esses gemidos que se perderam em minha boca enquanto nos beijávamos.

Sem ser consciente, minha mão se envolveu ao redor do meu pênis duro e comecei a me acariciar de cima para baixo. Gemi em voz alta, imaginando os longos dedos magros de Aliyana agarrando meu pênis no lugar da minha mão e apoiei minha testa nos azulejos úmidos. Movendo minha mão mais rápido, comecei a ofegar, imaginei ela nua debaixo de mim, eu segurando ela para que não pudesse se mover e fodendo ela duro... e isso foi tudo. Com apenas um pensamento de me afundar em sua boceta molhada, meu sêmen saiu jorrando sobre minha mão, ressonando um comprido grunhido no box do banheiro de azulejos.

Sacudindo meu pênis mais lento, me masturbei, com minhas pernas ainda tremendo por como era condenadamente bom... o quanto me excitava assim que imaginava deu ela deitada sobre suas costas com suas magras pernas envolvidas ao redor da minha cintura.

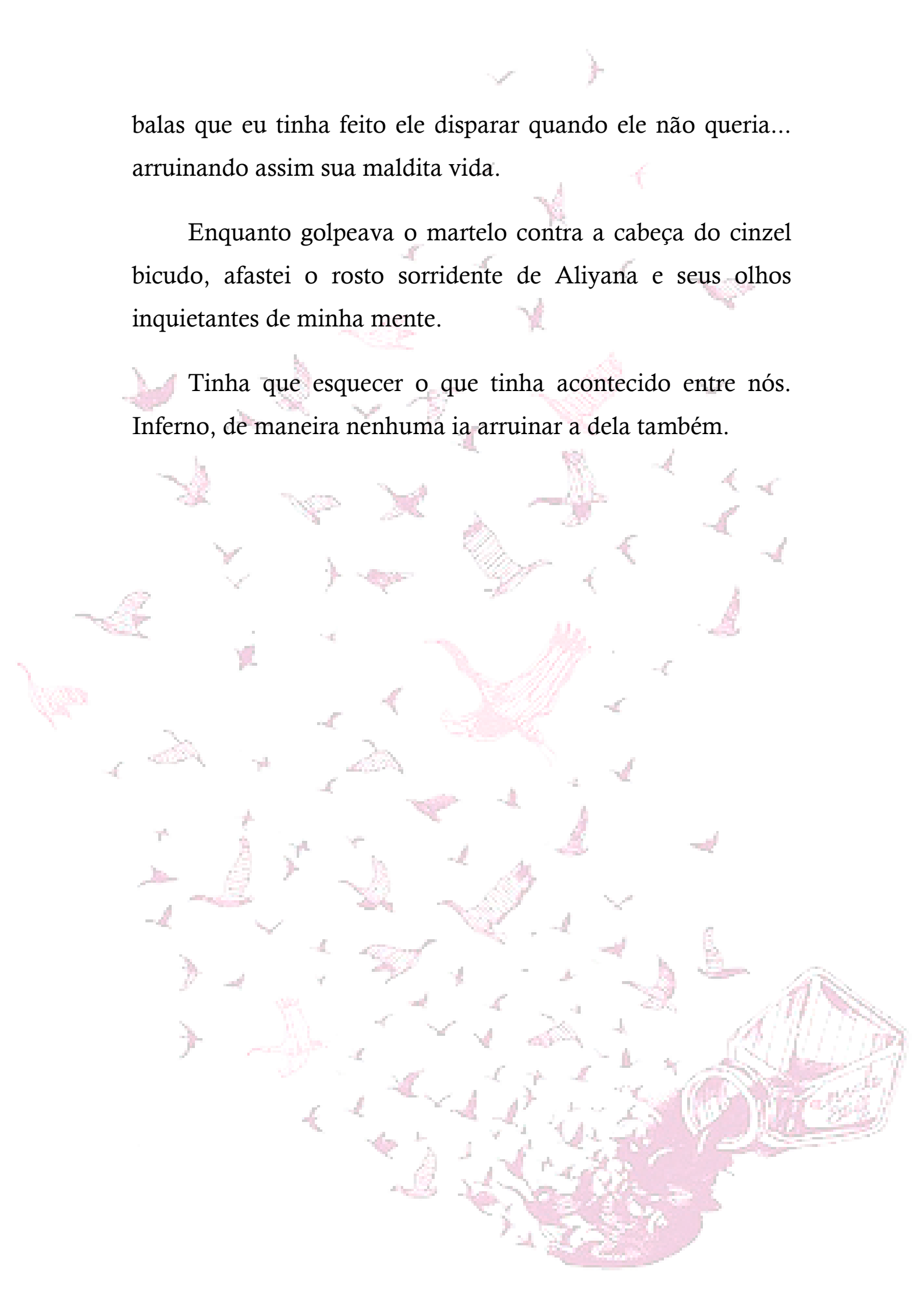
Mas então a realidade me golpeou e os demônios do meu passado chegaram trovejando de novo em meu peito, tirando o ar de meus pulmões, trazendo os habituais sentimentos de ódio, tristeza e culpabilidade a cada célula...

Depois de me secar, coloquei umas calças folgadas e retornei, exausto mas sem poder dormir, a meu trabalho atual em progresso e comecei a esculpir o rosto do menino pequeno... o jovem, com o rosto rasgado chorando balas...

balas que eu tinha feito ele disparar quando ele não queria... arruinando assim sua maldita vida.

Enquanto golpeava o martelo contra a cabeça do cinzel bicudo, afastei o rosto sorridente de Aliyana e seus olhos inquietantes de minha mente.

Tinha que esquecer o que tinha acontecido entre nós. Inferno, de maneira nenhuma ia arruinar a dela também.



Capítulo 9

Ally

Duas semanas depois...

Então é este? Este é o lugar onde se hospeda? Pensei, olhando o estúdio de escultura a partir de meu carro. O endereço que Vin tinha me dado, levou-me ao longo da costa, não muito longe do Pike Market[8].

A noite era escura e, a meu lado, no banco do meu carro de aluguel, havia uma caixa cheia de rascunhos e títulos. Tinha ligado para Vin para pedir a ele que os terminasse, mas insistiu que estava muito ocupado na Costa Leste e que deveria levá-los diretamente a Elpi... em seu estúdio... o estúdio com vista para o Puget Sound... depois de duas semanas de não de escutar nada dele.

[8] Um dos mais antigos mercados dos USA. Fica em Seattle e você encontra desde de salmão até uma loja da Starbucks.

Como sempre, o céu estava nublado, havia uma leve brisa no ar, mas o dia se manteve sem chuva. Comprovando de novo o endereço que Vin enviou em meu e-mail, suspirei. Este era o lugar correto...

Estava adiando isso.

Um grande edifício quadrado branco se levantava diante de mim. Parecia uma pequena fábrica, as janelas eram grandes, mas estavam obscurecidas neste lado. Estava escondido em um pequeno caminho que oferecia uma vista linda do oceano. Vin tinha dito que este era seu estúdio, que tinha usado durante anos, mas que tinha dado a Elpidio por sua exibição.

Meu coração pulsava mais rápido à medida que olhava as portas duplas de madeira procurando algum sinal de vida. Não havia nada, o que significava que tinha que sair do maldito carro e bater na porta, mostrar a Elpi os rascunhos e conseguir que me desse permissão para usá-los.

Tomando fôlego para me dar forças, abri a porta do carro, tremendo pelo frio que se filtrava através do tecido fino do meu vestido comprido lilás e a curta e ajustada jaqueta de couro negra. Meu cabelo estava murcho e solto, a suave brisa fazia que flutuasse através do meu rosto.

Agarrei a caixa que continha os rascunhos no banco do passageiro e fechando com chave o carro, me dirigi lentamente pela rua até ficar ante a grande porta de madeira.

Do interior, vinha o som de música alta e meu estômago se apertou com os nervos. Queria ver Elpi mais que tudo no mundo, mas duvidava que ele, na verdade, quisesse me ver. Meus joelhos tremiam quando levantei a mão e bati na porta.

Enquanto esperava, olhei ao redor do beco, notando que havia um silêncio sepulcral. Era completamente apropriado para Elpi. Um estúdio solitário em uma rua solitária para um escultor solitário.

A música a todo volume ressonava no interior e não havia nem rastro de Elpi. Tentei de novo, mas golpeando mais forte desta vez, esperei uns cinco minutos antes que me desse conta de que não podia me ouvir.

Sentindo mais e mais frio a cada minuto, olhei para a rua vazia outra vez antes de colocar a caixa debaixo de um braço e tentar girar o trinco.

Girou.

A porta rangeu ao se abrir, traindo a idade do estúdio, e revelando um corredor comprido e vazio que levava em uma só direção.

Segurnado a pesada caixa com as duas mãos, entrei no corredor, chutando a porta para fechá-la com o pé, e gritei:

— Olá?

Minha voz não era páreo para a música de rock duro a todo volume que provinha do quarto no final do corredor. Endireitando os ombros, me obriguei dar um passo para frente e suprimi meus nervos. Quanto mais me aproximava do final, mais duvidava da decisão de vir aqui. Este era seu espaço privado. Definitivamente, não gostaria que me metesse.

Mas, enquanto pensava em ir, ouvi o poético som de um cinzel picando o mármore e fiquei quieta.

Queria ver ele trabalhar. Observar um artista em seu trabalho era um estranho privilégio. E mais que isso, queria, não, precisava ver Elpidio outra vez.

Não podia evitar. Sentia um puxão dentro de mim que me impedia de dar a volta e ir.

Apertando os lábios, me inclinei para colocar a caixa com os rascunhos no chão e avancei lentamente até estar na soleira sem portas... e a vista que me recebeu me deixou sem fôlego.

Elpidio estava de pé no centro do quarto, vestido somente com uns jeans negros rasgados, seu torso nu, cada

centímetro de sua pele oliva estava coberta do que pareciam centenas de tatuagens. Era impossível ver um pingo de pele sem eles. Nunca tinha visto alguém tão coberto de tinta em toda minha vida. Mas, além das tatuagens, que me faziam me agarrar no batente da porta com os dedos rígidos, estavam os grossos músculos definidos que se sobressaíam sobre suas omoplatas, cada bocado de pele estava úmido e brilhante do suor, flexionando-se com cada golpe do martelo em suas mãos.

Suas coxas avultadas estavam rígidas enquanto se mantinha firme, esculpindo cuidadosamente a parte posterior de uma laje de mármore que parecia ser a imagem de um jovem com um menino mais velho em suas costas, sussurrando algo em seu ouvido.

A música de rock duro enchia a sala e, antes de me dar conta, meus pés estavam me levando para frente como uma mariposa à chama. Quanto mais me aproximava, mais me dava conta.

As costas de Elpidio estavam coberta de cicatrizes. De fato, toda sua pele tinha cicatrizes, tanto antigas como novas, com relevos e planas, vermelhas e brancas. Mas uma longa cicatriz percorria irregularmente ao longo da parte posterior de seu pescoço grosso... um pescoço visível agora que estava livre

da cortina de seu cabelo escuro, preso na metade de sua cabeça em um coque frouxo.

Isso me fez sorrir. Sempre tinha pensado que seu cabelo comprido era seu amparo, sua máscara. Me agradava ver que quando esculpia o separava de seu rosto... como se estivesse livre de todas as restrições, derramando sua alma em suas obras primas cuidadosamente elaboradas.

Era entristecedor ver um homem tão esmigalhado e torturado, tão cru e desalinhado, mas apaixonado, tudo ao mesmo tempo...

Me sentindo segura de dar um passo ainda mais perto, curiosa para dar uma olhada ao que estava criando, avancei exatamente quando houve uma mudança na música. A pausa de três segundos entre canções delatou minha presença quando meu pé pisou em uma velha tábua que chiava no chão, o som do rangido ecoou nas paredes no amplo espaço.

Como se estivesse esperando um golpe nas costas, Elpidio virou, com seu cinzel em ângulo como uma arma. Fiquei imóvel, uma sensação de medo desceu por minha coluna vertebral.

Os olhos de Elpidio aumentaram brilhando com surpresa quando me viram cravada no lugar. Sua expressão dura e

violenta mudou em um instante. Deixou cair seu cinzel no chão enquanto seu escuro olhar me perfurava.

Não nos movemos. Não falamos. Só nos olhamos, acelerando nossa respiração. Enquanto roçava meu lábio inferior com meus dentes, permiti que meus olhos baixassem até seu tatuado e volumoso peito musculoso, a seus abdominais definidos e proeminentes, brilhantes pelos efeitos de seu trabalho. Sua cintura estreita contava com um sexy e definido "V", exibido por seu jeans negros de cintura baixa.

Quando meu olhar subiu, um calor se propagou entre minhas pernas e gemi em voz alta sentindo a pressão insuportável palpitando em meu núcleo.

Umas mechas de cabelo caíram sobre o rosto de Elpi, fazendo com que parecesse um sonho proibido. Quando nossos olhos se encontraram uma vez mais, a temperatura no quarto pareceu aumentar com a intensa atração que crepitava entre nós.

Cambaleei, sem saber o que dizer ou o que fazer, quando, com um gemido doloroso, Elpi se precipitou para frente, pressionando seu grande corpo contra o meu, e selou seus lábios contra os meus, agarrando meu cabelo com uma mão e a outra apertando meu traseiro firmemente. Não podia me mover. Não podia fazer nada além de me deixar levar por

este homem, este homem forte e dominante que me fazia perder todo pensamento racional.

O sabor de tabaco e cerveja enchia minha boca enquanto movia sua mão do meu traseiro para começar a tirar minha jaqueta. Ofeguei quando meus lábios deixaram sua boca, minha jaqueta aterrissou no chão enquanto outra canção de rock ressonava através dos grandes alto-falantes do sistema de som, por todo o quarto.

Elpi não perdeu o ritmo, desceu por meu pescoço com seus lábios, suas mãos liberaram meu cabelo para rasgar as alças de meu vestido e do sutiã. Meus seios se endureceram imediatamente assim que ficaram expostos à sala fria.

Revirei os olhos quando Elpi soltou um grunhido de satisfação e, juntando meus seios com suas mãos grandes e ásperas, chupou meu mamilo enrugado. A sensação de seus dentes raspando meu seios fez com que minha buceta se umedecesse ainda mais.

— Elpi, sim! — sibilei enquanto sugava com força, me fazendo gritar, com minhas pernas tremendo de necessidade.

Totalmente satisfeito com minha carne, liberou o mamilo com um pop e, com suas mãos espalmadas, me empurrou até que minhas costas golpearam a parede. Parou seu ataque só

para me queimar com um olhar desesperado, sua expressão faminta quase me derretendo em uma poça no chão.

À medida que tocava num crescente a música de heavy metal, utilizou ambas as mãos para baixar meu vestido até o chão, levando minhas calcinhas de seda com ele.

Estava completamente nua para ele.

Elpi deu um passo para trás, em silêncio; seu peito tatuado estava levantando com dificuldade por causa de sua agitada respiração. Não tinha me atrevido a me afastar da parede, seus duros olhos de cor marrom escura me mantinham fixa no lugar.

Soltei um suspiro tremente enquanto absorvia seu grande corpo, me sentindo mais que linda, suas fossas nasais se ampliavam à medida que seus olhos riscavam cada uma de minhas curvas.

Ao ver um vulto inchado debaixo de seu jeans, apertei as coxas, procurando a liberação enquanto ele abria o botão da calça e baixava o zíper.

Uma camada fina de pêlo escuro quase rapado apareceu quando seus jeans desceram por suas coxas. Seu longo pênis ficou livre, duro e pronto para me foder.

— Elpi... — sussurrei e me preparei enquanto chutava seu jeans para um lado, seu coque segurava seu cabelo comprido me dando a oportunidade de ver cada ângulo de seu lindo e sério rosto. Irrompeu para frente, me prendendo contra a parede fria com seu peito úmido enquanto o forte ritmo de Tainted Love de Marilyn Manson invadia o quarto.

Baixando a mão, me levantou do chão me agarrando pelas coxas, minhas costas arranhavam contra a parede. Em nenhum momento, rompeu o contato visual nem disse nada enquanto seu pênis começou a passar por minha buceta, me fazendo gritar com a fricção em meu clitóris.

Estava preparada. Estava molhada e pronta e mais que ansiosa para que me tomasse e me fodesse contra esta parede com a ferocidade que sabia que abrigava profundamente em seu interior. Uma ferocidade que sabia que precisava soltar. Uma ferocidade que queria que descarregasse dentro de mim.

— Você toma alguma coisa? — grunhiu enquanto se pressionava para frente, seus duros mamilos roçando os meus.

Meus olhos revoaram enquanto tentava formular uma resposta. Mas quando ele empurrou seus quadris mais forte, seu pênis esfregou meu clitóris fazendo com que cravasse minhas unhas em seu pescoço, e não podia nem sequer falar.

Elpi congelou e tentei mover os quadris para aumentar essa sensação viciante de quase chegar ao topo.

— Você toma alguma coisa? Não tenho uma camisinha — disse, repetindo sua pergunta. Sua voz tinha caído uma oitava, soando mais gutural, como se tivesse engolido vidro quebrado, fazendo com que uns calafrios de excitação cobrissem cada centímetro de meu corpo exposto.

— Injeção – sussurrei — Me aplico injeção.

— Bom. — Foi toda a advertência que tive antes que usasse sua força para me levantar mais alto e, então, com um só movimento rápido, me empalou com seu pênis. Gemi ao sentir sua espessura me enchendo tão incrivelmente por completo. Seu aroma masculino almiscarado encheu meu nariz e afundei meus dentes em seu ombro enquanto um tsunami de prazer me envolvia.

A cadência da canção se incrementou, Elpi usava o ritmo da bateria para controlar suas investidas. Seus grunhidos eram guturais enquanto me golpeava com força, a ponta de seu pênis empurrando implacavelmente em meu interior. Seus sólidos músculos tremeram sob sua pele e colocou a cabeça no oco de meu pescoço, subindo o volume de seus fortes grunhidos.

Minhas coxas doíam pela força de seu agarre. Minhas costas ardiam pela parede dura contra minha pele nua. Dentro de mim, aceso como fogo, meu coração aumentava mais e mais, tanto, que sentia que não poderia suportar. Quando a voz de Marilyn Manson elevou o tom, os quadris de Elpi se tornaram frenéticos enquanto me destroçava contra a parede, minha buceta sentindo cada centímetro de sua carne nua empurrando profundamente em meu interior.

Meus dedos arranharam seus ombros, mudando meus gemidos de curtos e ofegantes a fortes e prolongados.

— Elpi! — gritei enquanto uma pressão impossível se construía entre minhas pernas.

Não disse nada em resposta a minhas preces, seus quadris agora estavam me golpeando furiosamente. Gemeu com tanta força que soou como se estivesse grunhindo em meu pescoço.

Quando se retirou uma última vez, depois se inundou de novo em mim com o dobro de força de antes, sendo minha perdição.

Minhas costas e pernas esticaram, gritei minha liberação, meu canal estava contraindo ordenhando Elpi embora nunca, nem uma vez, vacilou em suas investidas.

Meus olhos se fecharam por vontade própria enquanto colocava o nariz em seu pescoço, lambendo sua pele avermelhada. Seus movimentos se fizeram mais irregulares, seus grunhidos cada vez mais altos. Abrindo a boca, seus lábios se aferraram à parte inferior de meu pescoço. Chupando forte, rugiu contra minha pele, puxando a carne coberta em sua boca quente enquanto seu pênis se inchava. Senti vertigem ante a sensação de sua liberação.

Meu clitóris palpitava enquanto seus quadris se balançavam lentamente contra mim, seu pênis se sacudia ao mesmo ritmo que sua respiração contra meu pescoço.

À medida que a névoa de prazer começou a se dissipar, ainda agarrando com minhas mãos sua escorregadia pele tatuada, pisquei ante a surpresa do que acabava de acontecer

Eu tinha fodido Elpidio... Eu tinha fodido Elpidio... sexo frenético, duro e desprotegido... o melhor sexo da minha vida.

Sem estar segura de como reagiria, me preparei para seu rechaço, mas, para minha completa surpresa, jogou a cabeça para trás, chocando seu olhar com o meu.

Como sempre, não disse nada, mas pela expressão surpresa em seu duro rosto, sabia que se estava se sentindo tão nu e exposto como eu. Quando inclinou sua cabeça para frente, passando seu nariz brandamente por minha bochecha

avermelhada, fechando seus olhos enquanto fazia isso, fazendo com que meus olhos alagassem. Nunca tinha visto este lado dele antes... o lado quase suave que sempre tinha acreditado que estava enterrado debaixo desse duro exterior.

Enquanto o quente fôlego de Elpi deslizava por meu pescoço, deu um passo para trás, me afastando da parede. Nos virando, com seu pênis ainda dentro de mim e minhas coxas ainda envolvidas ao redor de sua cintura, caminhou lentamente pelo quarto. À medida que avançávamos, não pude resistir sorrir e pôr uma mecha de cabelo atrás de sua orelha. Me dando um olhar rápido, seus olhos escuros brilharam com calor ante meu gesto e sua boca se torceu.

Gostava que o tocasse desta maneira.

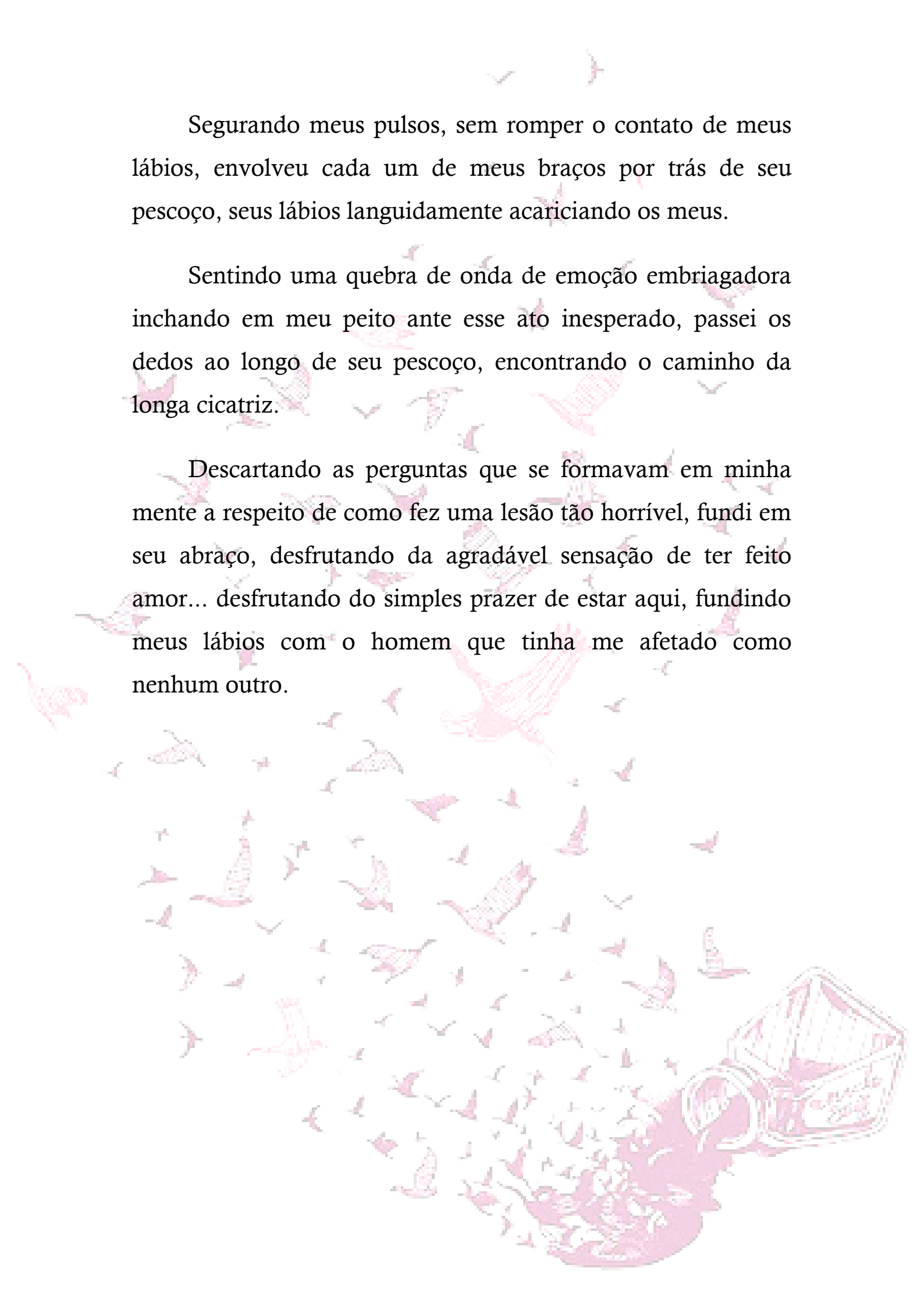
De repente, estávamos do outro lado do quarto, Elpi me baixou até uma cama macia debaixo de umas largas janelas, do teto ao chão, que mostravam uma vista panorâmica do Sound.

Essa vista não podia igualar-se a do homem que pairava sobre mim enquanto estava deitada sobre lençóis brancos perfeitamente engomados. Olhou para mim durante uns segundos antes de se inclinar e pressionar sua boca contra a minha, seus quadris finalmente se moveram enquanto deslizava para fora de mim.

Segurando meus pulsos, sem romper o contato de meus lábios, envolveu cada um de meus braços por trás de seu pescoço, seus lábios languidamente acariciando os meus.

Sentindo uma quebra de onda de emoção embriagadora inchando em meu peito ante esse ato inesperado, passei os dedos ao longo de seu pescoço, encontrando o caminho da longa cicatriz.

Descartando as perguntas que se formavam em minha mente a respeito de como fez uma lesão tão horrível, fundi em seu abraço, desfrutando da agradável sensação de ter feito amor... desfrutando do simples prazer de estar aqui, fundindo meus lábios com o homem que tinha me afetado como nenhum outro.



Capítulo 10

Axel

Ela tinha sabor de hortelã.

Cheirava a jasmim.

Tinha perfurado através da minha maldita alma... a alma poluída que nunca quis que ninguém visse.

A língua quente de Aliyana lutava contra a minha, suas mãos se arrastavam prazerosamente para cima e para baixo por minhas costas. Mas não a queria preguiçosa. Queria que se retorcesse debaixo de mim. Queria que gritasse meu nome, que me arranhasse minhas costas, que me devolvesse à vida depois de cinco anos de estar sem nada mais que meu próprio fodido coração como companhia... depois de anos de nada mais que intumescimento.

Esfregando meus quadris contra sua boceta molhada, engoli seus gemidos que enchiam minha boca. De repente, nos

virei até que Aliyana estava escarranchada em minha cintura, seus olhos frágeis entrecerrados e sua boca torcida aberta enquanto me olhava. Tomando uma toalha limpa do lado da minha cama, passei entre suas pernas, eliminando qualquer evidência de mim de dentro dela, amando como seu rosto ficava vermelha ante a ação.

Nunca tinha visto algo tão fodidamente sexy em toda minha vida como ela escarranchado em minha cintura. Seus seios eram do tamanho perfeito para minhas mãos, e os levantei para sentir contra minhas duras palmas. Aliyana jogou sua cabeça para trás e gemeu, meu pênis se endureceu enquanto o pressionava contra sua apertada bunda redonda.

Precisava saborear ela. Precisava sentir sua boceta úmida contra minha língua.

Em menos de um segundo, agarrei as coxas de Aliyana, e com um só puxão, usei a força de meus braços para arrastar ela para cima por meu peito até cobrir meu rosto. Agarrando fortemente suas coxas, esmaguei sua boceta contra minha boca. Minha língua imediatamente se inundou em seu buraco, se retirando só para encontrar seu clitóris inchado e o chupei em minha boca.

— Porra! Elpi! — gritou Aliyana. Olhei para cima só para ver suas palmas golpearem contra a parede branca atrás

da cama enquanto seus quadris começavam a balançar contra minha língua, suas coxas apertando com cada lambida e cada sucção.

Sentindo meu pênis mais duro que antes, grunhi, necessitava desesperadamente que o tocasse. Olhando para trás para meus quadris movendo-se contra o vazio, o rosto avermelhado de Aliyana olhou para o meu. Tirou suas mãos da parede e sussurrou:

— Deixe eu me virar.

Estava muito ocupado comendo sua boceta, seu sabor era viciante, e não me movi. Mas enquanto meus olhos se fechavam, senti um dedo acariciar brandamente minha testa, me fazendo abri-los de repente.

O lindo rosto de Aliyana encontrou meus, passando sua língua por seus lábios rosas. Ofegando enquanto sugava longamente seus clitóris. Aliyana soltou um grande gemido e senti seu clitóris palpitar contra minha língua lisa.

— Elpi... por favor... quero te saborear também... Quero seu pênis em minha boca enquanto me lambe. Quero que goze em minha garganta enquanto meu gozo corre na sua.

Porra! Ouvir essas palavras sair dessa boca malditamente perfeita fazia com que meu pênis se sacudisse, movesse e se esticasse procurando sentir seus lábios ao redor de sua ponta.

Sem querer perder o ritmo, soltei o férreo agarre em suas coxas, e levantando seus quadris, usei toda a força de meus braços, virando ela pela cintura para que se sentasse de costas sobre meu rosto. Agarrando as suaves bochechas de seu bunda e encontrando sua fenda fervendo, bati minha boca contra enquanto enfiava o polegar.

Os seios de Aliyana pressionavam contra meu abdômen e grunhi forte enquanto suas suaves mãos se envolviam ao redor da base de meu pênis. Com um gemido, Aliyana tomou a ponta de meu pênis em sua boca quente, tomando tão profundo como podia.

A sensação de sua boca sugando meu pênis quase me desfez, a pressão já estava se construindo em minhas bolas enquanto Aliyana as embalava em sua palma.

Minha língua se moveu mais rápido contra seus clitóris, mantendo o ritmo com sua língua movendo-se de cima para baixo em meu pênis. Querendo escutar ela gritar meu nome, inundei outro dedo em sua boceta.

Aliyana gemeu, separando suas coxas cada vez mais em meus ombros, amassando sua boceta contra meu rosto tanto quanto podia.

Tudo o que podia sentir era a ela.

Tudo o que podia pensar era em seu corpo nu, em seu olhar que não via um ex-presidiário perdedor debaixo de mim, e sim meu verdadeiro eu.

A cabeça de Aliyana de repente baixou e a ponta do meu pênis bateu na parte traseira de sua garganta. Ao sentir suas mãos apertando meu escroto, o líquido pré-seminal gotejou em sua boca, Aliyana gemia enquanto o engolia.

Estava a ponto de gozar. Que ela fizesse ruídos assim garantiam que estivesse a ponto de gozar... duro.

Podia sentir o calor construindo-se, a dor surda arrastando-se até minhas coxas. Necessitando que ela também gozasse, movi a língua com mais força contra seus clitóris e curvei os dedos em sua boceta.

Aliyana se moveu contra meu rosto e deixou sair um grito. Suas coxas ficaram tensas e seus quadris se balançavam furiosamente contra meu rosto enquanto meus dedos se afundavam de trás para frente.

Sua mão, que estava envolta na base do meu pênis, me bombeou mais rápido. Sua palma estava escorregadia contra minha pele quente enquanto sua língua lambia minha ponta.

Quando seus lábios envolveram meu pênis, deu uma última sucção, e rugi contra seus clitóris, sentindo meu sêmen disparar em sua boca. Aliyana gemeu ao redor do meu pênis, sua boceta apertando enquanto se contraía ao redor de meus dedos.

Bebi de sua boceta, engolindo seu sabor enquanto Aliyana envolvia sua suave língua de cima para baixo em meu pênis.

Desabei sobre o travesseiro e tirei os dedos de sua boceta. Nossa respiração pesada parecia encher cada centímetro do estúdio, meus grandes alto-falantes rangiam pela falta de música que estava sendo reproduzida a partir de meu telefone, que ainda seguia conectado.

Com um suspiro de satisfação, Aliyana caiu pressionando sua bochecha no interior de minha coxa direita.

Durante uns minutos, enquanto olhava para o teto, me permiti desfrutar deste momento. Não deixei que a dor do meu passado me golpeasse no peito. Não deixei que o rosto desfigurado da mamma rondasse minha mente ou que o ódio que Levi tinha por mim me revolvesse o estômago...

simplesmente permaneci deitado aqui, ainda saboreando Aliyana em minha língua, cheirando sua essência de jasmim em minha pele úmida, desfrutando da sensação de seu fôlego quente fluindo sobre minha perna.

Caralho, ela era a perfeição.

Ela era a luz. Uma luz de ouro ardente. Quando você está preso na escuridão perpétua, você fará qualquer coisa para perseguir essa luz.

A minha luz...

Os minutos passavam e nenhum dos dois falou. Mas um impulso estranho bombeava através de meu sangue... Queria olhar em seus olhos. Queria ver essas covinhas em suas bochechas enquanto me olhava através de seus cílios estupidamente longos, com um enorme sorriso ofuscante em sua boca. E pela primeira vez na história, queria que alguém estivesse em meus braços... Não, queria *ela* em meus braços.

Queria que esta garota subisse pela cama e simplesmente estivesse em meus braços.

Agindo por impulso, me sentei, me inclinei para frente e passei meu braço por debaixo da barriga lisa de Aliyana. Levantei ela, posicionando-a para que se deitasse a meu lado.

Sorri quando Aliyana ofegou surpresa enquanto movia seu corpo sonolento para que se deitasse a meu lado. Então meu coração estalou em meu peito quando um rubor tímido tingiu suas bochechas quando enganchei meu braço ao redor de seu pescoço e a puxei para que se deitasse com metade do seu corpo sobre meu peito.

Olhei para cima, me sentindo perturbado por quanto eu gostava de sua mão pressionada sobre meu peito. Meu corpo congelou ao estar tão perto de uma mulher. Mas meus dedos agarraram um fino fio do cabelo comprido de Aliyana, rodando a suavidade entre o polegar e o dedo indicador.

Passaram mais minutos em silêncio e pensei que tinha adormecido. Com minha mão livre, me aproximei do meu criado mudo e agarrei os cigarros. Colocando um Malboro Red na boca, acendi e trageui, jogando a fumaça pelo nariz. Quando estava a ponto de tomar outra imersão, um dedo bateu em minha barba e me guiou a olhar para minha direita... diretamente aos olhos carinhosos de Aliyana.

Merda. Como era possível que um par de olhos pudessem te dizer tanto? Como era possível que um par de olhos escuros pudessem me fazer cair de joelhos com apenas um olhar?

— Olá — disse, com suas bochechas ruborizadas.

Tomando outra imersão, deixei que a fumaça enchesse meus pulmões, passei meus dedos pela suave pele nua de seu ombro.

— Mmm... — grunhi com brutalidade.

Seus olhos revoaram para baixo, logo piscaram e me olharam de novo.

— Não esperava que acontecesse isto quando vim esta noite. — Seu rubor se intensificou e me dei conta de que estava nervosa. Nervosa sobre minha rejeição.

A mão de Aliyana desceu por meu esterno até meu abdômen, e fez uma pausa antes de acariciar de um lado ao outro na parte baixa de meu estômago, bem acima de meu pênis. Meus músculos ficaram tensos ante a sensação e Aliyana sorriu para mim, então pressionou um único beijo em meu peito.

Equilibrando o cigarro em meu lábio inferior, pus minha mão em sua bochecha e disse:

— Tampouco eu. — Aliyana franziu os lábios, seus olhos muito abertos pela dor, quando adicionei -: Mas garanto como o inferno que me alegra que tenha acontecido.

Aliyana sorriu amplamente, seus dentes brancos brilhavam. Então, fez o impossível... me fez rir, um maldito

sorriso feliz dela me fez rir, caralho! Não era muito, um grunhido que mal poderia passar como uma risada, mas ela conseguiu. De algum jeito, podia me trazer um montão de emoções.

Aliyana se apoiou no cotovelo, empurrando seus seios contra meus bíceps. Pegando o cigarro de minha boca, deu uma imersão. E sim, ela fumando? Não havia nada mais sexy que ver esses lábios carnudos envoltos ao redor da extremidade.

Enquanto punha de novo o cigarro entre meus lábios e voltava a deitar sobre meu peito, tomei outra imersão, e exalando, perguntei:

— Fuma?

Negou.

— Não realmente. Só ocasionalmente quando bebo. – bateu em seu queixo — . Ou quando faço sexo.

Sabia que estava brincando, mas uma puta onda doente de ciúmes varreu através de mim, e cuspi:

— Você fode muitos caras?

A cabeça da Aliyana retrocedeu como se a tivesse golpeado, mas não pude evitar. Pensar nela com outro homem me fazia dar voltas.

— Não, não faço isso! — disse entre dentes — Você fode muitas garotas?

Sentindo o espiral começar a relaxar em meu estômago, joguei o cigarro ainda aceso no chão e respondi:

— Não há anos.

Aliyana ficou boquiaberta e seus cílios revoaram surpresa.

— Não esteve com ninguém em anos?

Não respondi sua pergunta, mas apertei minha boca e entrecerrei meus olhos.

Aliyana não se desanimou. Inclinando-se mais perto, pôs sua mão em minha bochecha e perguntou:

— Por que? Por que não estaria com ninguém durante tanto tempo? Não duvido que poderia atrair bastante interesse.

Neguei, dizendo sem palavras que não íamos ali, e soltando meu braço de seu ombro, sentei, passando minha mão pelo rosto.

Esta conversa estava se aproximando muito de coisas que não queria, nunca, falar com ela.

Escutei Aliyana suspirar derrotada atrás de mim, depois senti sua bochecha pressionar minhas costas. Fechei meus olhos e respirei. Eu gostava muito da sensação de seu tato.

— Por que você não fala comigo? — sussurrou. Senti a dor em sua voz cortar através de meu coração — Não diria a outra alma nada do que me revelasse.

Deixando cair minha cabeça e finalmente perdendo o muro que mantinha ao redor de mim em todo momento, sussurrei:

— Porque realmente não poderia suportar a maldita ideia de que me odeie.

Aliyana rodou sua bochecha até que sua testa se pressionou contra minha omoplata:

— Nunca poderia te odiar.

— *Poderia* e *faria* se soubesse a merda fodida que eu fiz.

Não respondeu durante vários segundos, mas então seus braços deslizaram ao redor da minha cintura e me jogaram na cama. Me achatando no colchão, suas mãos em meus ombros, sentou-se escarranchada sobre minha cintura, inclinou-se e

pressionou seus lábios sobre meus. Mas o beijo foi mais suave desta vez; não deixando tomar sua boca agressivamente como tinha feito cada vez que tínhamos nos beijado antes... Não, esta garota estava decidida a me fazer sentir, a tirar a merda que tinha enterrado no mais profundo de mim.

Rompendo seu beijo, Aliyana pôs suas mãos em minhas bochechas e disse:

— Vale seu peso em ouro, Elpi. É alguém, alguém realmente especial.

Minhas fossas nasais se alargaram enquanto lutava contra o vulto que estava obstruindo minha garganta. Ela não tinha nenhuma puta ideia do muito que significava para mim. Estava completamente equivocada. Mas mesmo assim, essas palavras me transpassaram fodidamente.

Deslocando suas pernas de minha cintura, Aliyana pulou da cama e envolveu um lençol ao redor de seu peito. Não me movi do meu lugar na cama, decidi olhar ela enquanto caminhava pelo quarto. Seus olhos inquisitivos observaram cada parte do meu estúdio: meu local de ferramenta, a área onde moldava os modelos de argila de minhas esculturas, a mesa que normalmente continha meus esboços... e finalmente, seus olhos se fixaram em meu trabalho atual em progresso.

Meu estômago se encolheu enquanto a via se aproximar cautelosamente à peça quase terminada, seus olhos experimentados de curadora avaliando cada centímetro dela. E vi cada emoção deslizar ao longo de seu olhar: entusiasmo, curiosidade... depois tristeza, o instinto de tristeza real.

Enquanto Aliyana rodeava a escultura, parou quando chegou à parte dianteira, e observei sua boca como sua boca se abria enquanto o efeito completo da escultura apareceu à vista. Seus olhos se umedeceram e se aproximou do terminado jovem cambaleante segurando uma arma em suas pequenas mãos, seus olhos grandes estranhamente chorando sangue e balas. Então vi quando seu olhar se deslocou até o homem de vinte e pouco anos atrás dele, segurando a arma do menino com braço firme, empurrando ele ao fogo.

O homem de mármore ainda não estava terminado. Seu rosto ainda não estava esculpido. Não tinha acrescentado o bastante em suas características. Minhas características nesse fodido menino que já não reconhecia, obrigando seu irmão pequeno a matar...

Fiquei tenso, esperando pela condenada tormenta de perguntas que Aliyana não duvidaria em perguntar a respeito de minha inspiração, mas para minha surpresa, simplesmente limpou os olhos, sem nem uma vez olhar em minha direção.

Ao invés disso se moveu ao outro lado mais longínquo do quarto, ao piano grande que Vin tinha colocado aqui.

Enquanto Aliyana passava a mão pelo piano de cauda negro brilhante, sua cabeça se virou para mim:

— É teu? — perguntou sem fôlego.

— Do Vin — respondi, minhas sobrancelhas franzidas com curiosidade quando a vi acariciá-lo como se fosse uma pedra preciosa.

Aliyana se virou de novo para o piano e se dirigiu à frente. Levantou a tampa para revelar as teclas.

— É formoso — admirou com assombro e me olhou de novo — É um piano de cauda Steinway.

Arrastando os pés mais para frente na cama, rodei sobre meu lado, apoiando minha cabeça sobre minha mão.

— Touca?

Aliyana assentiu, ainda deslumbrada pelo condenado piano, e riu uma vez.

— Tenho tocado toda minha vida. Minha mãe também sabe e ela me ensinou. Mas só tínhamos um piano normal... nada como isto. -Aliyana se sentou no tamborete de piano e acariciou as teclas brancas e negras.

— O piano era minha vida quando era uma menina. E ainda eu gosto de tocar. Ainda gosto de me perder na melodia da minha peça favorita. — Aliyana se inclinou para frente e inalou, seu rosto iluminando-se — É lindo.

Não sabia o que era, talvez a paixão e a alegria que vi dançando em seus olhos, mas não podia afastar meu olhar dela enquanto se sentava nesse poeirento tamborete de couro coberta só por um lençol, um lençol no qual acabávamos de foder. Seu comprido cabelo estava desordenado e caía livremente por cima de seu ombro.

Parecia uma pintura.

Aliyana liberou suas duas mãos do lençol, deixando-o cair até sua cintura. Mordi um gemido enquanto seus seios arredondados estavam descobertos. Mas Aliyana não se deu conta de que a estava olhando. Ao invés disso, flexionou suas mãos, e com um sorriso emocionado aparecendo pela comissura de seus lábios, colocou seus dedos sobre as teclas.

Contive o fôlego ante a primeira nota que soou, seus olhos focados enquanto provava o som, seus pés mudando para frente para pressionar os pedais.

Depois, fechando seus olhos, uma expressão serena se estendeu por seu lindo rosto. Aliyana começou a tocar... a tocar perfeitamente uma peça de música como se estivesse

treinando com Mozart ou alguma merda. Uma peça de música que não poderia ter sido melhor adaptada a ela e a sua atitude contagiosa. As notas estavam enlaçadas com esperança, amor e alegria... como uma canção de ninar, mas mais poderosa. As notas melódicas me fizeram sentir que minha vida poderia melhorar. Porque isso é o que Aliyana fez, me fez sentir que minha vida podia melhorar.

Não tinha ideia de por que, mas esta peça musical que estava tocando, começou a trazer lágrimas a meus olhos, como um maldito covarde. Era como se estivesse me dizendo com a canção como se sentia a respeito de mim... de nós... pelo que acabávamos de fazer.

Concentrei-me em Aliyana tocando essa música, suas expressões faciais mudando com cada nova seção: de feliz a triste, de chorosa a cheia de adoração. Nunca tinha visto ninguém parecer como se pertencesse a algum lugar tanto quanto ela o fez no tamborete em frente a esse piano, tocando a mais fodidamente linda peça de música que tinha escutado em minha vida.

Estava completamente envolto em tudo o que ela era. Seus dedos longos e esbeltos se desaceleraram para tocar uma seção mais tranquila e menos complicada da canção, sua cabeça balançando de um lado a outro, perdida nas notas. Ante esse espetáculo, algo se apoderou de meu corpo, correu

como lava através de meu sangue. Uma coisa que nunca tinha me atrevido a me deixar sentir por... não sabia honestamente se alguma vez havia sentido antes...

Esperança.

Estando com Aliyana assim... sua alma tolerante só vendo a mim e não a meu passado, uma fodida fé cega injustificada... ela me enchia de esperança.

Lei era speranza... Ela *era* a esperança. *La mia luce*... minha luz.

Lembrou o que minha mamma esperava de mim quando a gangue me tinha na profundidade de suas garras. Tinha dado um beijo de despedida nela, partindo para me encontrar com Gio e minha turma enquanto a mamma estava imóvel em sua pequena cama, sua ELA a mantinha como refém de seu corpo. Olhou para mim com esses enormes olhos tristes, uns olhos que rezaram para que nossas vidas fossem melhores, e ela tinha sussurrado com palavras entrecortadas, *Io prego perché tu possa trovare la tua luce, mio figlio smarrito*... Eu rezo para que encontre sua luz, meu filho perdido...

Meu coração pulsou mais rápido quando a lembrança invadiu a minha mente, apertando o meu peito. Os dedos de Aliyana desaceleraram como se pudesse sentir que estava

fodidamente me desmoronando por dentro, o doce som da melodia gradualmente chegou a seu fim.

Algo dentro de mim tomou frente, e incapaz de me deter, deslizei para fora da cama e cruzei em silêncio o quarto. Me movi até parar a um lado de Aliyana exatamente quando os dedos em uma mão dançavam sobre as teclas superiores no piano, a nota final aguda pendurando no ar.

Antes que sequer tivesse tido uma oportunidade de mover suas mãos das teclas e seus pés descalços dos pedais, peguei seu queixo em minha mão por trás, virando sua cara para pressionar seus lábios contra meus. A pressão em meu peito desapareceu assim que seu doce sabor entrou em minha boca.

Surpresa por minha ação, Aliyana gemeu em minha boca, levantando seu braço para envolvê-lo ao redor de meu pescoço. Sem romper o beijo, enganchei meu braço ao redor de sua cintura e a levantei do tamborete, suas costas alinhadas com minha parte dianteira. Incapaz de esperar mais, inclinei ela para frente para pressionar sua barriga contra a madeira fria do piano, ainda mantendo seus lábios sobre os meus. Enganchando sua perna direita sobre o interior de meu cotovelo, levantei ela o suficiente para abrir sua buceta e em um impulso firme deslizei meu pênis profundamente em seu

interior. Não estava apressando isto. Agora não a estava fodendo... era algo mais... porque ela era mais...

Aliyana deslizou sua boca da minha enquanto gritava em voz baixa meu nome:

— Elpi...

Deslizando pouco a pouco por meu braço, sua mão livre estava em cima de mim sobre sua barriga. Enquanto me impulsionava dentro dela, minhas coxas ardiam pela sensação, Aliyana levantou minha mão e entrelaçou seus dedos dentro aos meus.

Arrastando o fôlego ao sentir sua mão pequena apertando a minha tão brandamente, estava lutando para não me deixar cair de joelhos e fodidamente implorar a ela que nunca saísse deste quarto. Não necessitávamos de mundo exterior. Tínhamos este quarto. Só estávamos ela e eu neste quarto.

Quando Aliyana levou seu olhar de novo para o meu, parei em seu interior e fiquei olhando ela de volta. Não havia música tocando para afogar tudo, sem palavras ditas para romper o silêncio... Foi o momento mais intenso e significativo de minha vida. Aqui, enterrado no interior desta mulher que só conhecia o homem que era agora, não o filho da puta insensível que era antes, era meu *mais*.

Nunca tinha pensado que merecia uma segunda oportunidade, nunca quis uma. No que me diz respeito, merecia passar o resto de minha vida miserável pelo que tinha feito. Mas aqui, no interior da mulher mais linda que já tinha visto em minha vida, a mulher que simplesmente *me tinha*, estava negociando com Deus para que me permitisse ter ela... só por um tempo... para continuar sentindo... isto... o que quer que fosse isto...

— *Tu sei bella...* – é linda, sussurrei e me dei conta que os olhos de Aliyana brilham. Ela se inclinou para frente e pressionou um beijo breve em meus lábios, depois inclinou sua cabeça para um lado, me incitando a beijar seu pescoço. Meus quadris começaram a balançar de novo, Aliyana ofegando ligeiramente com cada impulso interminável.

Aliyana apertou seu aperto ao redor de meu pescoço e com nossos dedos entrelaçados aferrando-se fortemente, aumentei a velocidade, nos levando mais e mais até a borda.

Uns minutos depois, com nossa pele úmida fervendo, Aliyana gemeu em voz baixa enquanto gozava. Seus olhos se fecharam, e depois de dois impulsos mais, coloquei meu nariz em seu cabelo e também gozei.

— Elpi... — murmurou Aliyana em voz baixa e apertei meu braço ao redor de sua cintura. Abracei ela o mais perto

que podia fisicamente. E Aliyana me deixou. Deixou-me segurar ela em nossa conexão sem dizer uma palavra.

— Qual era essa música que tocou? — perguntei de repente — Agora mesmo, o que foi isso?

— Beije a chuva de Yiruma — respondeu sem fôlego, a flacidez de seu corpo cansado em meus braços.

Guardei o título dessa canção na memória.

— Beije a chuva.

Saí dela, levantei ela em meus braços, só parando para pegar o lençol no chão e a levei de volta para minha cama. Enquanto nos deitamos, Aliyana salpicou brandamente beijos por todo meu rosto antes de apoiar sua bochecha carinhosamente em meu peito.

— Senti saudades de você, Elpi... — sussurrou adormecendo.

Apertei ela mais perto a meu lado, desejando poder dizer que também tinha sentido saudades dela. Ao invés disso, ordenei bruscamente:

— Você vai ficar aqui esta noite.

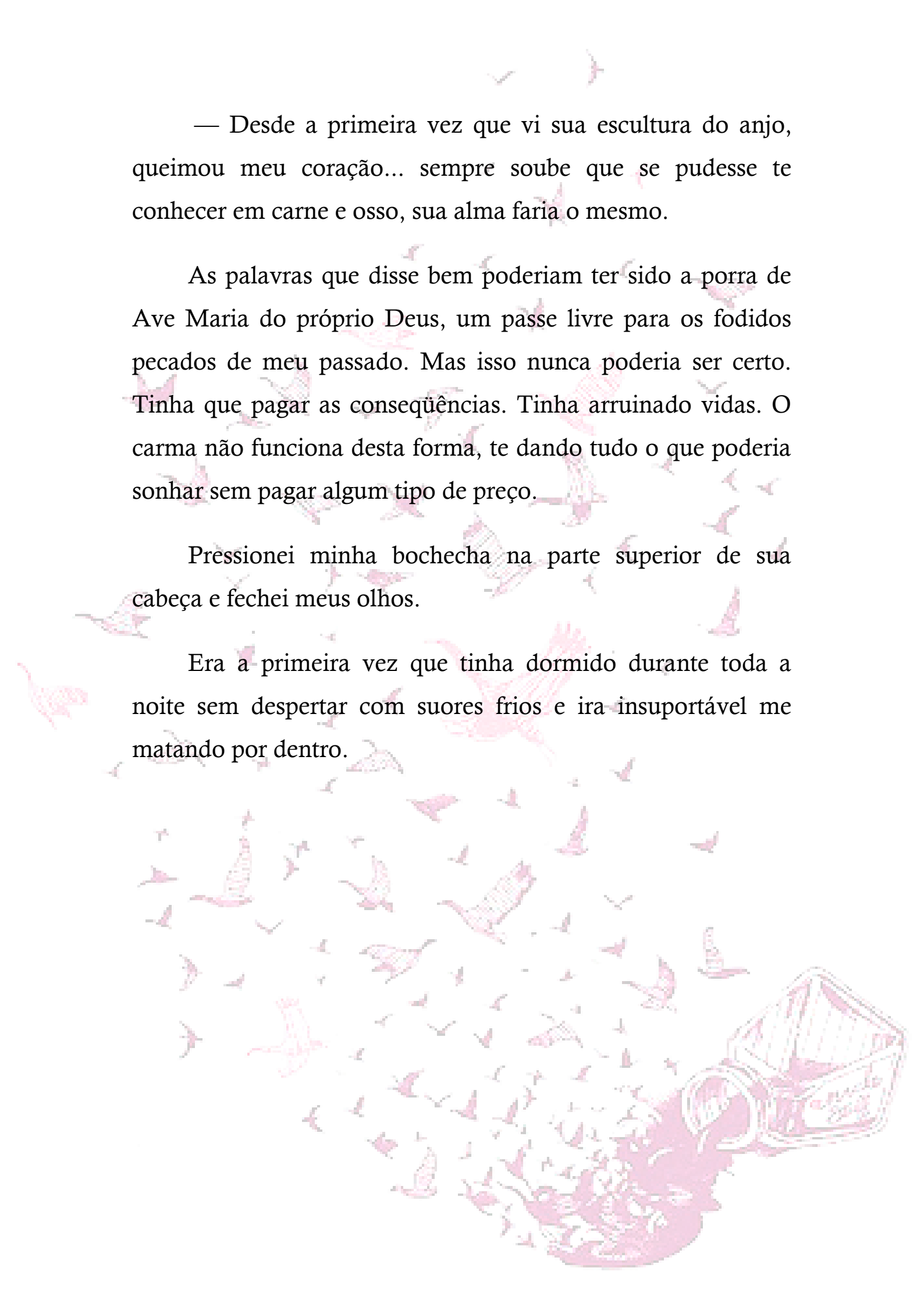
Aliyana acariciou meu peito com seu nariz e senti os músculos de suas bochechas se esticarem em um sorriso.

— Desde a primeira vez que vi sua escultura do anjo, queimou meu coração... sempre soube que se pudesse te conhecer em carne e osso, sua alma faria o mesmo.

As palavras que disse bem poderiam ter sido a porra de Ave Maria do próprio Deus, um passe livre para os fodidos pecados de meu passado. Mas isso nunca poderia ser certo. Tinha que pagar as conseqüências. Tinha arruinado vidas. O carma não funciona desta forma, te dando tudo o que poderia sonhar sem pagar algum tipo de preço.

Pressionei minha bochecha na parte superior de sua cabeça e fechei meus olhos.

Era a primeira vez que tinha dormido durante toda a noite sem despertar com suores frios e ira insuportável me matando por dentro.



Capítulo 11

Ally

Enquanto despertava com o sol brilhante que se filtrava através das grandes janelas do estúdio, os raios iluminavam seu corpo nu e musculoso, parecia como se estivesse presa em um sonho.

Os fortes braços de Elpidio me mantinham perto; não tinha me soltado durante toda a noite. Guardava o toque deste fechado e torturado homem, mas senti uma profunda onda em meu estômago.

O que escondia de si mesmo que era tão terrível?

O que estava atormentando sua mente de gênio, afastando todo aquele que se aproximava muito? Me advertindo que me mantivesse afastada.

Levantando meus dedos, risquei brandamente sobre suas feições fortemente marcadas, centrando minha atenção no crucifixo negro que dominava sua bochecha esquerda. As linhas pareciam como se as tivesse feito ele mesmo, o centro da cruz parecia como se cobrisse algo debaixo.

Meus dedos seguiram com os olhos, descendo por sua barba curta e suave de seu pescoço, as tatuagens que cobriam cada centímetro de sua pele. Símbolos desconhecidos, imagens da Itália e palavras enigmáticas destacadas na maioria dos desenhos. Estes desenhos conduziam para obras similares no peito, a peça central um rosário intrincado caindo a seu esterno.

Era lindo.

Mas em uma inspeção mais próxima, minhas sobrancelhas se franziram enquanto estudava uma série de cicatrizes e o que pareciam feridas de arma branca em seu abdômen e estômago.

Todas pareciam feias, mas nenhuma tão dolorosa de ver como a que estava na parte posterior de seu pescoço.

Como demônios fez todas elas?

Voltei a pensar nas numerosas perguntas sobre seu passado que tinham ficado sem resposta: os trágicos

antecedentes de suas esculturas, a cama intocada quando entrei no estúdio ontem à noite, as cicatrizes, e o fato de que não tinha estado com uma mulher em anos.

Enquanto colocava meus olhos sobre sua escultura atual, o menino com uma pistola, chorando lágrimas de sangue e balas, um pensamento veio à mente: Era militar? Era por isso que era tão fechado? Tão cansado das pessoas... da vida?

Um assobio estridente soou do outro lado do quarto, o ruído estridente despertou Elpi, seus sonolentos olhos escuros piscaram até se abrirem. Prendi a respiração enquanto olhava para baixo. Franzindo o cenho como se estivesse confuso por me ver deitada sobre seu peito. Mas quando uma dica de um sorriso preso apareceu no canto de seu lábio superior, senti um enxame de mariposas invadir meu estômago.

— Olá — sussurrei.

— Muito bom — sussurrou de volta em seu acento atrativamente profundo. Inclinando o rosto para baixo para se encontrar comigo, nossos lábios se tocaram bem quando meu telefone soou de novo.

Gemendo pela interrupção, joguei-me para trás.

— Tenho que ir — anunciei, a contra gosto.

Elpi olhou para o grande relógio pendurado na parede do fundo e assentiu. Seu rosto se obscureceu como se um mau pensamento tivesse deslocado por sua mente, mas logo desapareceu tão rápido como chegou.

Pressionando um último beijo brincalhão em seu duro abdômen, virei para o lado da cama, assobiei enquanto meus pés descalços tocaram o chão frio de ladrilho congelado. Enquanto me levantava, a mão de Elpi segurou meu braço, fazendo com que olhasse para ele.

O conflito que brincou em seu rosto me confundiu, mas depois de um reticente suspiro, disse:

— Volte esta noite. — Parecia que doía pronunciar essas palavras.

Meu coração se derreteu, sabendo que mostrar tanta vulnerabilidade devia ter custado a ele emocionalmente.

As mariposas em meu estômago voaram e mergulharam de novo e, sorrindo, assenti:

— Vou chegar tarde, no entanto. Sairei com uns amigos durante todo o dia e parte da noite.

Lançou-me uma breve inclinação de cabeça, com o rosto impassível e sério. Pegando minha mão, enrosquei seus dedos com os meus.

— Eu gostaria de não ter que ir.

Enquanto apertava minhas mãos, fiquei vermelha. Sabia que era sua maneira de me dizer que também desejava que não tivesse que ir.

Indignada por ter que assistir ao primeiro jogo da temporada dos Seahawks, me obriguei a sair da cama e me vestir.

Elpi se sentou na cama, o lençol sob seus quadris enquanto acendia um cigarro e o segurava entre seus lábios, parecendo como uma versão mais sinistra e perturbada de James Dean.

Ele vivia respirando poesia. Não os poemas de amor, e sim a poesia que arranca seu coração, o fazia em pedaços e devolvia de novo em seu peito, fazendo com que se pergunte, que demônios te destroçou a alma?

Não podia afastar meu olhar dele enquanto colocava meu vestido sobre meus seios, seu varonil rabo-de-cavalo sedutoramente desordenado, sua tatuagem cobrindo seu abdômen tenso enquanto seu braço se movia para cima e para baixo para segurar o cigarro enquanto inalava. Quando deixou escapar a fumaça, umas pequenas rugas se gravaram ao redor de seus olhos; o efeito severo gritava perigo. Estava completamente apaixonada por este homem.

Elpidio me pegou olhando enquanto arranhava suas unhas sobre a pele de seu amplo peito. Seus olhos se iluminaram com o desejo evidente, e mexeu seu queixo.

— Saia daqui de uma maldita vez ou não irá a nenhuma parte.

Exalando um suspiro instável ante seu pedido cortante, dirigi-me para a cama, onde Elpi balançava o cigarro em seu voluptuoso lábio inferior, uma ação que começava a me demolir pelo malditamente sexy que era.

Quando parei a centímetros de distância, Elpi estendeu a mão para agarrar meus quadris, e então me puxou para mais perto até que estava sobre seu corpo. Liberando uma de suas mãos, moveu o cigarro da boca e exalou a fumaça, a espessa nuvem ondulando diante do meu rosto, o rico aroma do tabaco misturado com o almíscar natural provocou um gemido no fundo da minha garganta.

— Malditamente retornará esta noite — grunhiu, assegurando-se de que sabia que tinha que obedecer suas ordens. Com a intensidade sem censura em seus olhos, a única coisa que pude fazer foi assentir de acordo enquanto sua mão em meu quadril se arrastou para baixo para passar um dedo pelo contorno da minha buceta.

Obrigando a mim mesma a engolir um gemido e me afastar, peguei minha bolsa do chão e saí sem olhar para trás.

Quando abri a porta do estúdio, absorvi fortemente o fôlego, deixando que o ar frio me acalmasse. Enquanto exalava, levantei minha cabeça para o céu e ri de felicidade.

Meu coração se sentia vivo. Minha alma se sentia... minha alma se sentia... *fundida*... fundida a do Elpidio. Não havia outra explicação quando entendi que havia um bom homem debaixo de todas as tatuagens e a barreira que desdobra para manter as pessoas a um braço de distância. Um bom homem cuja alma sorriu quando toquei minha peça favorita de música no piano, uma peça que significava muito para meu coração. Ele *teve* que fazer amor comigo...

Fundida.

Nada mais descrevia esta nova sensação de ápice em mim.

Ao escutar o telefone tocar de novo, grunhi pela interrupção. Correndo até meu carro, abri minhas mensagens. Havia duas.

MOLLY: É O DIA DA PARTIDA!!!

E outra vez...

MOLLY: tentei te ligar três vezes, mas não há resposta. E me dei conta de que não veio para casa ontem à noite... depois que foi na casa do Elpidio... Então estou assumindo que as coisas estão bem? SIM! Mas temos que sair em uma hora se formos à partida. Rome adoraria ver você lá.

Sorri quando li a última mensagem de Molly e enviei uma resposta rápida de que estava a caminho de casa. Ela ia me interrogar intensamente para mais detalhes. Simplesmente sabia.

***

— Merda, Moll! Como as pessoas ricas vivem, heim? — disse, sacudindo a cabeça ante a opulência da decoração enquanto Molly me conduzia ao camarote privado de Rome, no estádio CenturyLink. Me aproximei da parede de vidro do chão ao teto, que oferecia uma perfeita visão do campo e dei um assobio baixo. Era incrível. Desta posição, teríamos a melhor vista da partida.

Típico do Rome. A compra de um camarote muito caro só para que sua esposa grávida estivesse a salvo e quente enquanto jogava.

Por um momento, olhei para baixo para meu vestido rosa até o joelho, minha jaqueta preta, e minhas botas marrons de cowboy favoritas que tinha a anos. Meu cabelo estava preso com palitos e usava umas grandes argolas de prata nas orelhas.

Tinha perguntado a Molly um milhão de vezes se o que tinha colocado estava bom. Me garantiu que sim. Mas Molly realmente não poderia dar a mínima sobre o que ela ou eu parecíamos, nunca foi assim. O que não via, entretanto, era que estava sempre linda, não importa o que usasse. E hoje não era exceção, já que ela usava um vestido longo preto, o pano de sua jaqueta apertada mostrava seu crescente ventre e figura imponente. Seu comprido cabelo castanho encaracolado estava fluindo por suas costas, com seus óculos quadrados da Chanel que complementavam seu rosto bonito.

Ao escutar alguém entrar no local, me virei para ver a Lexi e o Levi entrar. Lexi tinha um sorriso enorme para todos nós, cumprimentando com entusiasmo enquanto usava sua típica camiseta "Carillo" Seahawks com calças jeans. Levi usava a camiseta azul marinho e verde também. Esperava que viesse e dissesse olá. Ao invés disso, fez um gesto com o

queixo em uma breve saudação e caminhou até o outro lado do camarote para se sentar em uma cadeira.

Com o cenho franzido ante seu comportamento estranho, estendi minhas mãos para Lexi e beijei sua bochecha.

— Como vai, querida? — perguntei.

— Bem, e você? — respondeu, mas podia ver que estava distraída por alguma coisa.

Ficando vermelha, abaixei a cabeça.

— Estou muito bem.

Lexi inclinou a cabeça para um lado me olhando.

— O que...

— Esteve fora toda a noite, Lex — Molly interrompeu ao nosso lado, e os olhos de Lexi se ampliaram em interesse.

— Com quem? Me diga? — perguntou Lexi, me levando a um sofá no canto do local. Molly nos seguiu e todas nos sentamos.

Respirando fundo, não podia lutar contra o sorriso puxando meu rosto.

— Elpidio — confessei, e o sorriso emocionado de Lexi refletia o meu.

— O artista solitário? — perguntou com curiosidade.

— Sim – respondi rindo.

— E? — perguntou Molly — O que aconteceu ontem à noite? Não me disse nada a respeito ainda. Me deixou na expectativa!

Encolhi os ombros. Não estava segura de como explicar o que Elpi e eu tínhamos compartilhado. Não era normal para que qualquer um pudesse imaginar, e honestamente, tanto pelo seu aspecto como pela sua atitude fechada, que parecia ter para todo mundo exceto para mim, sabia que meus amigos me advertiriam que me mantivesse afastada.

Lexi e Molly estavam esperando ansiosamente minha resposta, por isso simplesmente disse:

— Foi a melhor noite de minha vida. Está além do que jamais poderia ter imaginado.

Molly se aproximou e me puxou em um abraço feliz, e Lexi não podia fazer nada mais que sorrir. Ri ante a reação de Molly quando um garçom veio nos entregar taças de champanhe.

Enquanto estendia a mão para minha taça, me dei conta de que Levi desabou ainda mais em sua cadeira, olhando para o campo e os fones de ouvidos colocados, com a música a todo volume a bloqueando o mundo, perdido em seus pensamentos. Parecia triste. Minhas sobrancelhas baixaram interrogantes.

— Lex? — chamei e, parando sua conversa sobre a estreia de Austin hoje com o Molly, ela se virou para mim.

Dei a ela uma cotovelada e movi minha cabeça em direção a Levi.

— O que está acontecendo com Lev? Parece tão desolado quanto um pecador e mal disse olá quando entraram.

Lexi passou sua pequena mão por seu rosto, mostrando o esmalte preto em suas unhas, olhando com simpatia para Levi, continuando, de novo a nós.

— Axel — disse em um suspiro de exasperação.

Fiz uma careta.

— Merda. Sim. Molly e Rome me disseram que tinha saído da prisão. Como vai tudo? Não tive tempo para te perguntar muito a respeito.

— Axel não é de dizer muito a ninguém. Guarda tudo para si mesmo. De fato, me sinto um pouco mal por ele. Sempre está sozinho. – Inclinei-me para frente para acariciar a mão de Lexi. Ela apertou meus dedos — Mas Levi... Levi simplesmente está zangado todo o tempo. E me quebra ver ele desta maneira... *os dois* desta maneira. Axel tenta falar com Levi, está realmente tentando fazer as pazes, mas Lev simplesmente explode quando ele faz isso. Não há esperança.

— E o que está acontecendo com ele hoje? É a estréia de Austin nos Seahawks. Pensei que estaria emocionado. E estão jogando contra a equipe de Reece também, por isso vão se ver de novo.

— Ele está — respondeu Lexi, — mas Axel estará por aqui a qualquer momento. Austin queria tanto Axel aqui que implorou a ele que aparecesse. Me destroçou ver o quanto Austin estava emocionado de que Axel fosse finalmente vê-lo jogar na NFL. Meu marido adora o seu irmão mais velho. Mesmo depois de tudo o que tiveram que passar, ama ele até a morte.

— Axel viá aqui hoje? — perguntei com voz cautelosa, com meus olhos muito abertos. Imediatamente me senti incômoda. Nunca tinha conhecido o cara ou olhado em seus olhos, mas sabia que não era nada além de problemas com P maiúsculo. Merda, recém-saído da prisão, pelo amor de Deus.

Lexi assentiu.

— Como te disse, Austin queria Axel aqui. E não posso tirar seu mérito, Axel está realmente se esforçando. Está se mantendo fora de problemas e passando despercebido. Está trabalhando nesse mercado de pescado que a prisão arrumou como parte de sua liberdade condicional, todas as horas que Deus quer. Mas mesmo assim, Levi simplesmente não pode perdoar ele ainda. Acredito que tem medo de confiar nele e amá-lo como precisa, só para ter Axel voltando para seus velhos hábitos. Levi perdeu muitas coisas em uma idade muito precoce. Acredito que está tentando proteger seu coração para que não saia ferido. Mas quero tanto que sejam uma família outra vez. Que farei o que for preciso para que isto aconteça, pelo bem de todos.

Enquanto escutava minha pequena amiga, senti uma forte onda de orgulho enchendo meu peito. Ela tinha conquistado muito quando era jovem, recuperou a si mesma da beira da morte, em duas ocasiões, conseguiu converter-se em uma bem-sucedida mulher de negócios ao ajudar outros que sofrem de transtornos alimentares, e agora, estava tentando desesperadamente reunir um grupo de irmãos destroçados há anos por nada além de atos de egoísmo e dor.

Nós três estávamos sentadas em silêncio quando o telefone de Lexi tocou. Olhou para baixo e ficou de pé.

— Axel está lá fora. Vou descer para me encontrar com ele. Trarei ele aqui para ver a partida.

Lexi cruzou o camarote até chegar a Levi e deu uma batida em seu ombro. Levi tirou os fones de seus ouvidos.

— Axel está lá fora, querido. Quer vir e pegar ele comigo?

Os olhos do Levi gelaram com veneno e, colocando os fones em sua cabeça, disse:

— Basta deixar o maldito lá fora, Lex.

Os ombros de Lexi se afundaram, e sem olhar em direção a Molly ou na minha, saiu do local para se encontrar com Axel.

Soltei um longo suspiro, e Molly negou.

— É um desastre — disse, e tomando um sorvo do meu champanhe, concordei.

— Então, me conte os detalhes desta galeria que está projetando. Parece como se tivessem passado décadas desde que tivemos uma verdadeira oportunidade para nos pôr em dia.

— Bom... — comecei e joguei tudo o que tinha acontecido nas últimas semanas e os detalhes da idéia esquemática da exposição de Elpidio.

Por estar muito ocupada falando com Molly, de costas para a entrada do camarote privado, não vi Lexi caminhando atrás de nós até que os olhos marrom-dourados de Molly olharam por cima de seus óculos e estes adotaram uma expressão nervosa. Me jogando para trás em meu assento, vi Lexi diante de mim.

— Ally, Molly — disse Lexi, e fiquei no sofá, vendo alguém entrar no camarote a partir da minha visão periférica. De repente, meu telefone tocou no interior da minha bolsa, e vi que era do museu.

— Me desculpe, Lex, me deixe atender isto — disse e corri para o lado oposto da sala, fora da vista. A ligação terminou dez minutos mais tarde, algo sobre um carpinteiro que arruinou as medidas de um pedestal que estava construindo.

Caminhando de volta a sala, meu olhar se perdeu na multidão dos Seahawks gritando e as animadoras animando no campo. Dirigi-me para onde Lexi se sentava, vendo sua cara de duendezinho virar-se para mim. Lexi imediatamente ficou de pé, e vi Molly elevar suas sobrancelhas para um

indivíduo que se sentava atrás de Lexi. Quase não podia ver ele enquanto estava em um canto escuro, só sua cabeça apoiada sobre seu volumoso braço no braço da cadeira visível de onde eu estava.

— Sinto muito, querida – disse a ela — Estou ocupada vinte e quatro horas por dia!

— Não tem problema — disse Lexi e fez gestos a suas costas — Ally, eu gostaria que conhecesse o Axel, o irmão mais velho de Austin.

Me sentindo nervosa de conhecer o cara responsável por grande parte da dor de meus amigos, minhas mãos tremiam. O homem atrás de Lexi a contra gosto ficou de pé. Suas largas costas estavam coberta com uma camiseta preta, as mangas enroladas até os cotovelos, e seu cabelo estava coberto por um gorro preto de grande tamanho que pendurava descendo nas costas, cobrindo seu pescoço.

Merda, pensei. Era enorme. Provavelmente maior que Austin em termos de tamanho muscular.

Lexi se moveu para um lado, e respirei fundo quando o notório cara mau de Bama se virou para mim, e enquanto meus olhos se encontravam com um par de olhos escuros italianos... um familiar par de olhos escuros italianos que estavam gravados em meu coração...

Todo o sangue foi drenado do meu rosto.

Não... É... não é possível...

O barbudo rosto bronzeado de Elpi empalideceu enquanto me olhava fixamente, boquiaberto e de olhos abertos em alarme.

Nós dois ficamos ali, congelados em nossos lugares.

Imóveis.

Calados.

Simplesmente nos olhando...

Elpidio é... Axel Carillo?

Dei uma olhada para a esquerda e vi a cara preocupada de Lexi.

Me obrigando a reagir, estendi uma mão tremente. A boca do Elpi, quer dizer *a de Axel*, apertou-se.

— Olá — sussurrei com voz tremente, me estremecendo quando sua quente palma tocou a minha e enviou uma corrente habitual de eletricidade disparando por minha coluna vertebral.

Axel baixou a cabeça em sinal de saudação, bem quando Lexi acrescentou:

— Esta é Ally Prince, Axel, a prima de Rome Prince.

A mão de Axel apertou a minha ante o anúncio de Lexi, e pude ver o desdém por meu primo escrito em seu rosto.

Retirei a minha mão e deslizei o meu olhar involuntariamente pelo corpo de Axel. Um corpo que agora conhecia intimamente.

O locutor pegou o microfone pelo campo, elevando sua voz fortemente sobre a multidão em um frenesi enlouquecido. A equipe Seahawks estava saindo.

Mas não podia me mover.

— Ally! Rápido, vem, ou não verá Rome e Austin saindo do túnel — disse Molly, e Lexi se apressou a sentar-se a seu lado, deixando Axel e eu presos em um olhar tenso.

— Ally! — Molly chamou de novo. Finalmente capaz de mover meus pés, cambaleei para onde minha melhor amiga se encontrava sentada, olhando para trás para ver Axel ir para o lugar mais longínquo no outro lado dos painéis de vidro... o lugar que oferecia a ele uma perfeita visão de mim. E ele continuava olhando. Senti seus olhos sobre mim tão claramente da mesma maneira que podia sentir o calor sutil da ventilação ao lado de meus pés soprando o ar quente.

Não podia acreditar.

Meu coração chorava enquanto olhava pela janela... Estava completamente apaixonada por Axel Carillo.

Sentindo seu olhar queimar através de mim, me neguei a levantar os olhos, exatamente quando Molly e Lexi ficaram de pé. Levi tinha se movido para o lado de Lexi, deixando Axel sentado no lado oposto da sala sozinho.

Isso por si só fez que meu coração se apertasse. Parecia o marginalizado, seu próprio irmão descaradamente o rejeitava... a ovelha negra dos Carillo, perdido e desprezado, obrigado a estar sozinho.

Uma mão de repente esteve em meu ombro. Molly estava me olhando.

— Ally, estão a ponto de anunciar Austin e Rome. Reece já está no campo dos Redskins.

Me concentrei no campo e o orgulho correu por minhas veias ao ver as bandeiras e camisetas que diziam "Prince 7". Meu primo tinha passado por muito e merecia tudo isto. Também vi Reece, pavoneando-se em um lado do campo, sempre egocêntrico. Não tinha visto ele nem uma vez depois da universidade.

Sorri com entusiasmo forçado quando os foguetes e a pirotecnia irromperam através do CenturyLink, a música a

todo volume pelos alto-falantes. Me esticando, peguei a mão de Molly, agarrando-a com força. Precisava de seu apoio. Não pela emoção da primeira partida de Rome da temporada, e sim para me manter serena ante a revelação que acabava de vivenciar.

Elpidio era Axel.

Meu coração estava destroçado.

Tanto Molly quanto Lexi tinham lágrimas em seus olhos, esperando que seus maridos saíssem ao campo, e quando olhei para o lado de Lexi, Levi estava agarrando sua mão também. Não havia nada mais que adoração em seu lindo rosto por seu irmão, Austin, enquanto esperava o anúncio do novo Seahawk. Mas um poço engoliu meu estômago quando vi seu claro desprezo por Axel.

Pensei na pequena escultura do menino, e lutei para não me romper em pranto e soluçar ao compreender tudo o que passava por minha cabeça.

São Axel e Levi...

O locutor emocionou a multidão quando começou sua introdução de Austin. Ouvi Lexi prender a respiração enquanto passavam pelos elogios futebolísticos de seu marido. Levi levantou a mão de Lexi e a apertou contra seu peito, um

grande sorriso apareceu em seu rosto normalmente tímido enquanto a multidão rugia sua aprovação e dava as boas-vindas a seu novo receptor.

Segundos mais tarde, com uma fila de chamejante pirotecnia, Austin Carillo entrou correndo no campo. Lexi chorou silenciosamente de felicidade a meu lado, mas isso não é o que quase me fez chorar também... Não, essa honra pertencia a um homem alto, a uma solitária figura de pé no lado mais afastado da sala. Uma figura solitária com seus braços musculosos cruzados sobre seu largo peito, com a expressão mais comovedora de orgulho em seu rosto, enquanto observava seu irmão segurar seu capacete para cima para a multidão. O fantasma de um sorriso surgiu em seus lábios enquanto via o rastro de umas lágrimas deslizarem por suas bochechas.

Axel Carillo *se preocupava*... Axel Carillo se preocupava mais do que todos pensavam, com seu irmão... com sua família... mais do que alguma vez poderia ter pensado ser possível devido à reputação infernal que viajava com ele.

A dor se acumulou em meu corpo. Tentei assimilar que Elpidio era realmente Axel Carillo. Como diabos isto podia ser possível? Parecia como se o universo estivesse me dando uma rasteira.

Como se houvesse sentido meu duro olhar, os olhos de Axel dispararam para os meus, seu orgulhoso indício de sorriso caiu pela vergonha de ter sido pego, e limpou rapidamente seus olhos afastando seu olhar de mim.

A mão de Molly apertou a minha, e quando olhei em seus olhos, estava olhando a Axel e a mim com uma estranha expressão em seu rosto.

Inclinando-se perto de meu ouvido, fiquei rígida quando Molly ia dizer alguma coisa, mas nesse exato momento o estádio levantou positivamente o volume, o locutor mal audível sobre os gritos dos fãs. Molly se afastou, seus olhos fixando-se imediatamente no túnel dos jogadores quando anunciaram Rome. Da fila de animadoras com pouca roupa agitando pompons e foguetes iluminando o estádio, Rome Prince entrou em campo.

Molly exalou, e vi seus olhos observando seu marido enquanto ele parava em meio da loucura, o amor puro em seu olhar enquanto sua mão passava por cima de sua redonda barriga. Rome olhou diretamente para nosso camarote, e segurando seu capacete em sua mão, apertou os dedos em seus lábios em sua direção. Molly sorveu seus soluços e devolveu o gesto. Rome sorriu e golpeou seu peito onde estava seu coração. Correu para Austin, lançando sua mão sobre seus ombros.

Molly riu, afogando-se com a emoção.

— Sinto muito, garotas, são meus hormônios — disse, secando as bochechas.

Soltando sua mão e secando suas bochechas com meu polegar, disse:

— Não, isso é apenas como vocês dois são.

Molly riu, e nos sentamos.

A verdade era que queria um amor como o deles... um amor demolidor que chega até à sua alma, o tipo de amor que te deixava sem fôlego...

Esse pensamento tinha meus olhos instintivamente procurando Elpi sob meus cílios e imediatamente nos olhamos fixamente. Ainda estava olhando intensamente.

O apito soou no campo, me fazendo saltar, e me obriguei a afastar o olhar do homem que temia que já tivesse roubado meu coração. Obriguei-me a ver a partida e tentei não pensar em todas as coisas más que tinha feito em seu passado... a montanha de erros... e ofensas, que não estava segura se alguma vez poderia conseguir superar...

Capítulo 12

Ally

Os Seahawks ganharam. Austin inclusive marcou um touchdown em sua estréia, mas não me atrevi a olhar a reação de Elpi. De fato, quanto mais tempo estava sentada nesta cadeira, menos podia suportar a onda de tensão entre nós.

— Ally?

Pisquei rápido, ao me dar conta de que Lexi estava dizendo meu nome, olhei para o meu lado. Ela se inclinou para a frente, me fazendo um gesto para que também o fizesse.

— Está bem? — sussurrou, e olhou cautelosamente para Axel enquanto ele olhava pela janela para o campo se deslocando.

Assenti, mas Lexi disse:

— Não te fará mal, você sabe.

Franzi o cenho, desconcertada.

— O que está...

— Esteve olhando para Axel toda a partida, e sei que é porque tem medo dele. *Parece* assustador, com todas essas cicatrizes e tatuagens, e esses olhos escuros que parecem que podem queimar as pessoas que olha. Mas não te fará mal. Pode estar segura disso.

Chocada porque obviamente eu estava prestando muita atenção em Axel, simplesmente assenti e me sentei em meu lugar, rezando para que Rome e Austin se apressassem e chegassem aqui para que pudéssemos ir.

Precisava de tempo para pensar. Só precisava de tempo para lutar com esta maldita...

Então Axel se levantou de sua cadeira e congelei.

Minhas mãos ficaram úmidas enquanto via Axel escanear a sala. Molly e Lexi também o olharam. Axel parecia desanimado e seus punhos se abriam e fechavam. Agia nervoso por alguma coisa, e razão desse nervosismo logo foi revelada quando caminhou para Levi.

— Quer ir procurar uma bebida ou algo para comer comigo, garoto? — perguntou, e meu pulso acelerou, vendo o brilho de esperança brilhar em seus olhos.

Mas Levi o ignorou e manteve a cabeça baixa. O rosto do Levi era de pedra enquanto sua mandíbula se apertava.

— Lev? — insistiu Axel e esticou a mão para tocar o ombro de Levi.

Levi moveu seu ombro bruscamente.

— Não vou a lugar nenhum com você.

A expressão de pura dor que cruzou o rosto do Axel foi minha perdição. Isso me afetou até a medula e escavou um poço de compaixão em meu estômago do tamanho do Grand Canyon. E lutei contra o impulso de me levantar e abraçá-lo em meus braços.

— Pode me trazer uma garrafa de água, Axe, se for ao bar? — disse Lexi, e Axel assentiu, aparentemente agradecido por algo a fazer depois de ser tão duramente rechaçado. Moveu-se para deixar a sala, mas não antes de me dar uma olhada, com um brilho de dor desesperada em seu olhar.

Quando Axel deixou a sala, Lexi enfrentou Levi.

— Lev, tinha que ser assim? — disse, a decepção era evidente em seu tom.

Levi encolheu os ombros.

— Não queria uma maldita bebida.

Lexi suspirou e deixou a cabeça cair.

Molly se moveu para a frente para consolar Lexi, quando Rome entrou na sala.

Rome, como sempre, foi em linha reta para Molly e, envolvendo seus braços a seu redor, puxou ela para dar um beijo.

Austin entrou na sala pouco depois de Rome, e imediatamente seus olhos começaram a procurar no camarote. Todos nós sabíamos que procurava Axel.

Austin, vendo sua esposa o aplaudindo para felicitá-lo, riu e, pegando seu rosto entre suas mãos, aproximou-a para um beijo. Quando se afastou, sussurrou em seu ouvido:

— Te amo tantissimo. – Fazendo ela ficar vermelha, continuando pegou Levi em seus braços.

— Esteve fodidamente incrível, Aust — disse Levi com orgulho.

— Obrigado, Lev — respondeu Austin, e exatamente nesse momento, a porta se abriu e Axel entrou levando uma garrafa de água para Lexi.

Rome, que nesse momento acabava de me abraçar, ficou tenso. Mas Austin, todo o seu rosto se iluminou enquanto

cruzava a sala e lançava os braços ao redor do pescoço de Axel. Os olhos avaliadores de Axel olhava para todos observando-os, e desajeitadamente devolveu o abraço a Austin.

— Veio, Axe — disse Austin com alívio.

Axe bateu no rosto de Austin com a mão.

— Sabe, menino — respondeu Axel — *Sei stato grande, fratello*.[9]

— *Grazie, Axe, grazie*[10] — respondeu Austin.

Deslizando um braço pelo ombro de Axel, Austin o dirigiu para nós.

— Vamos beber alguns drinks aqui primeiro, e depois vamos jantar? — perguntou, olhando para Rome.

Os olhos de Rome se estreitaram e se focaram em Axel. Os olhos de Axel fulminavam o meu primo com a mesma ferocidade.

— Axe — cumprimentou Rome com frieza.

— Rome — respondeu Axel.

---

[9] Você foi ótimo, irmão.
[10] Obrigado, Axe, obrigado.

Austin ficou tenso enquanto olhava entre seu irmão e seu melhor amigo, mas Rome rompeu a tensão quando se virou para Austin e disse:

— O jantar parece uma boa ideia. — E se sentou, puxando Molly para sentá-la em seu colo.

Lexi se moveu junto a Austin onde ele imediatamente passou o braço ao redor de seu pescoço.

Axel ficou junto a Austin, bebendo uma cerveja, e escutou o resumo de seu irmão sobre a partida. Levi observava, pouco disposto a unir-se a eles, mas pela expressão de seu rosto, claramente queria fazer isso.

— Eu não gosto dessa merda — disse Rome a meu lado, muito baixo para que Axel o escutasse e meu coração se afundou por suas palavras.

— Rome – o repreendeu Molly.

— O que? Depois de tudo o que ele fez, Austin simplesmente volta a receber ele? Sem fazer perguntas?

Uma ira repentina se construiu dentro de mim enquanto escutava meu primo ser tão implacável com Axel, e bem quando estava a ponto de saltar em sua defesa, alguém entrou no camarote.

— Bom, olhe isto, é como uma maldita reunião da UA!

Minha atenção seguiu a voz e, ali na porta, estava Reece. Não pude evitar sorrir quando o vi ali, cerveja na mão parecendo tão universitário como sempre com seu impecável cabelo loiro e o sorriso de mil dólares. Engordou um pouco desde a universidade, mas mesmo assim era muito bonito.

Reece entrou e chocou as mãos com Austin, Levi e Rome, abraçou Molly, logo virou seu enorme sorriso para mim.

— Ally — disse brincando — Não mudou nem um pouco — adicionou enquanto me envolvia em seus braços. Quando olhei por cima do ombro de Reece, devolvendo o abraço vagamente, Axel nos olhava, e nesse olhar vi o verdadeiro Axel Carillo. Vi o infame ex-líder dos Heighters, o cara que não aceitava nenhuma merda. E a esta versão dele, realmente temia.

Me puxando de novo por meus braços, Reece se inclinou, e me pegando de surpresa, plantou um beijo em meus lábios.

Empurrando seu peito, rompi o beijo.

— Reece! Se afaste de mim!

Reece piscou para mim.

— Merda. Continua sendo minha garota dos sonhos, Al. Tão sexy como sempre. — Neguei para ele em reprimenda, mas não pude evitar rir. Aos vinte e três anos, ainda era um sedutor sem esperança. Senti um pouco de saudades de ter ele por perto.

— Reece, se afaste da minha prima, pedaço de merda desgradável — disse Rome, divertido.

Reece riu, levantando as mãos.

— Já vou. Não pude evitar isso. – Virou-se para mim e subiu as sobrancelhas. Ri de novo. Sempre me fazia rir. O rapaz era tão depravado como sempre.

Reece lançou seus braços ao redor de meu pescoço e nos virou para olhar a toda a velha turma.

— Então, vamos sair esta noite? Vôo de volta a D.C. amanhã e quero ver como é a vida noturna em Seattle.

— Podemos ir jantar, mas vou levar Molls para casa depois — disse Rome.

— O mesmo para nós — Escutei Austin dizer.

Reece suspirou dramaticamente.

— Todos vocês estão ficando realmente chatos enquanto envelhecem. Nunca os vejo e já estão jogando. – Me apertou

mais forte — Então somos você e eu, Al — brincou e me beijou na bochecha — Estou seguro de que podemos encontrar algo divertido para fazer.

Abri a boca para pedir desculpas pela noite, inclusive o jantar, quando escutei Austin gritar:

— Axe? Aonde vai?

Quando olhei ao redor vi Axel saindo pela porta, com seu pacote de cigarros agarrado com força em sua mão.

— O que aconteceu? — perguntou Lexi a Austin.

Ele negou, confuso.

— Não faço a maldita ideia.

Meu coração pulsava com força quando todo o grupo se moveu para sentar-se ao redor de uma mesa e o garçom nos trouxe bebidas. Mas não pude afastar minha mente de Elpi... Axel... como quiser chamar. Sabia que se foi por causa de Reece.

O ar na sala se fez sufocante. Precisando tomar um descanso e enfrentar as revelações desta noite, me desculpei e fui em direção ao banheiro. Quando saí do banheiro e caminhava pelo comprido corredor vazio, dobrei na esquina do banheiro, onde Axel se dirigia em minha direção.

Ambos paramos de repente.

Nossos olhares chocaram.

Parecia furioso.

Nossos peitos ofegavam intensamente, e quando me obriguei a caminhar para a esquerda, Axel me agarrou pelo braço e me arrastou até o banheiro, fechando a porta atrás de nós.

Retrocedi para a parede mais longe enquanto seu escuro olhar se virava para mim; parecia como o próprio diabo, com o peito inchado e os lábios em uma linha tensa.

— Quem é esse filho da puta que estava sobre você? — exigiu, avançando lentamente. Retrocedi contra a fria parede de azulejos — Quem era esse pequeno imbecil loiro? Está fodendo ele? Por que demônios tinha seus lábios nos teus?

— Quem é *ele*? — sussurrei com incredulidade, entrelaçando com ira minha voz por sua atitude — Quem é ele? — chiei mais alto — É um velho amigo! Alguém que não via há anos!

Axel passou os lábios sobre seus dentes, tremendo visivelmente. Deu um passo para frente quando me olhou, jogando faíscas por seus olhos.

— Quem demônios é *você, Elpidio*?

— Não — advertiu-me, com frieza.

— Não? — disse — Não? É Axel Carillo! *O maldito* Axel Carillo! Jesus! – Passei a mão em minha testa quando Axel não disse nenhuma palavra — É a razão pela qual meu amigo quase perdeu a bolsa de estudos com os Tide. Fugiu e o deixou para lutar com tudo por si só. Deixou ele traficar drogas só para fazer dinheiro para sua família! Ameaçou com "fechar sua boca" minha melhor amiga que lutava contra a anorexia! E odeia meu primo, vocês se matariam se tivessem a oportunidade, se odeiam! E... — Engasguei com o soluço que começava a subir pela minha garganta.

— E o que? — perguntou com os dentes apertados — Porra, não pare agora quando está jogando toda essa merda em cima de mim.

Encontrei seus olhos inexpressivos e disse:

— E esteve na prisão! Merda, Elpi! O que compartilhamos estas últimas semanas... o que compartilhamos ontem à noite... e é o maldito Axel Carillo! Eu supunha que era *Elpidio*! Foi o único homem pelo qual alguma vez senti esse maldito alívio em meu coração, e descubro que era... *ele! Você!*

Axel se inclinou para trás como se o tivesse esbofeteado e minha respiração gaguejou pela quantidade de dor gravada em seu rosto.

— E você é Ally Prince — disse com rudeza, mas podia ouvir a dor irradiando em sua voz. Machuquei ele. Realmente o machuquei — Ouvi falar de você, Ally. Conheço seu maldito primo, lembra. Sei de que família vem. Sua presunçosa família.

Abri a boca para falar, para dizer que não sabia nenhuma merda sobre mim, quando disse:

— Eu supunha que você fosse Aliyana Lucia... a mulher da qual tentei me afastar, mas continuou voltando de qualquer maneira, derretendo a porra toda. Devia ser Aliyana, a única mulher, não, a única pessoa que sabe o que estive fazendo com minha vida durante os últimos anos, enquanto por dentro tento manter a cabeça encurvada e não me afogar sob minha culpa. Eu supunha que era a mulher que afirmava sentir meu trabalho. E era a mulher que me disse que valia meu peso em ouro apesar de ter dito que tinha um fodido passado. Eu te avisei! Disse a você que eu era menos que escória.

Meu coração se afundou enquanto dizia essas palavras, porque o fiz dizer isso. Eu era essa pessoa. Mas todo este tempo, ambos pretendíamos ser alguém mais. Não estava

segura neste momento se algo do que compartilhamos foi real. Estava tão malditamente ferida... tão surpresa... tão confusa por ter perdido meu coração por um criminoso. Um homem que me autoconvenci de que era um imbecil desumano e sem alma.

Nossa forte respiração encheu o banheiro. E, depois de uma expressão penetrante cruzasse por seu rosto, virou sobre seus calcanhares e foi para a porta, girando a fechadura.

De repente me deu pânico que fosse embora, meu coração ignorou minha cabeça e gritei:

— Elpi!

Parou, olhou para trás, e com pura dor nos olhos, disse:

— Acaba que tinha razão, Aliyana. Nenhum filho da puta pode perdoar meu passado, sem importar o quanto me esforce em seguir adiante. Não há redenção para mim. Mentiu quando disse que podia ser perdoado, Aliyana. Mentiu na minha maldita cara. O pior é que acreditei em você. Acreditei que poderia ser minha luz em todo este fodido desastre. — Suas sobrancelhas caíram, sua expressão facial se tornou severa — Isso é o que malditamente dói mais.

Abriu a porta e se foi, antes que pudesse reunir as palavras para implorar a ele que esperasse, para falar sobre isso.

Me deslizando lentamente pela parede, desabei enfraquecida. Sem poder conter o forte fluxo de lágrimas.

Capítulo 13

Axel

— Quem demônios é *você, Elpidio*?

Não de Aliyana, as palavras da fodida Ally Prince espreitavam minha mente. Não, tinham tomado posse de minha maldita mente enquanto dirigia meu Camino como uma alma endiabrada para meu estúdio. Tinha deixado Austin e Levi. Não disse a ninguém que ia. Não pude. Não podia fazer enfrentar todo mundo nesse maldito camarote, todos desejavam que eu não estivesse ali. As pessoas que acreditavam que era lixo, olhavam para mim como se não quisessem nada mais que desaparecesse... Aliyana e Molly me olhavam como se fosse caminhar para elas, tirar uma pistola e as assassinar.

Aliyana! Cristo, como ia ter medo de mim agora? Agora que tinha mostrado a ela meu verdadeiro eu?

Por acaso nenhum deles entendia que se fiz o que fiz em meu passado foi por minha *famiglia*? Tomei o único caminho disponível para mim e mantive minha *famiglia*, consegui que não faltasse a medicação da minha mamma. E sim, paguei com sangue, com o sangue de King... mas que demônios acreditavam que devia fazer? Era só um jovem tentando arrumar os malditos problemas que não podia solucionar...

Ao ver um letreiro de néon vermelho de uma loja de bebidas, virei bruscamente à direita e parei meu carro. Saltando para a loja, dirigi-me diretamente às filas de uísque e agarrei uma garrafa de Patrón e Jägermeister.

Precisava me afogar na bebida por um tempo.

Queria esquecer quem era por um momento... ao menos por esta noite. me esquecer de tudo. As últimas semanas, os últimos anos... tudo... só por um momento.

Mas enquanto caminhava para a caixa registradora, a maldita gravação em espanhol a todo volume pelos alto-falantes de lata mudou, a familiar melodia latina me fez parar em seco.

Parecia que enquanto queria esquecer, Deus tinha outros planos.

Fechando os olhos, ainda podia ver Aliyana dançando esta canção, *"Amor Prohibito",* de pé em sua camisa branca e botas rosa Doc Martin, balançando seus quadris enquanto pintava a parede da galeria.

Ao ouvir o pequeno indivíduo mexicano mover-se atrás do balcão, abri os olhos para encontrar ele me observando, com uma expressão de terror em seus olhos. Sua mão estava escondida sob o balcão fechado. Realmente tive que me esforçar por não enlouquecer.

Tinha tentado com todas minhas forças aprender a frear a ira que acumulava em meu interior. Mas às vezes, eu tentar, *realmente* lutava contra ela.

Caminhando para frente, a cara do homem empalideceu quando deixei as três garrafas sobre o balcão e tirei um pouco de dinheiro. Engoliu seco, e logo estendeu a mão tremente para pegar o dinheiro em espécie.

Estreitando os olhos, disse:

— Fique com o troco. — antes de agarrar as garrafas e sair pela porta.

Quando o ar fresco da noite golpeou meu rosto, parei, esticando os músculos enquanto tentava me acalmar. Sem fôlego, fui para o meu carro.

Deslizei no banco do motorista e olhei para minha direita ao ver um grupo de garotos na parte traseira do centro comercial. Meu estômago se revolveu. Cada um deles estava vestido com roupa escura folgada, com as tatuagens de gangue cobrindo cada centímetro de sua pele... e lágrimas coloridas corriam por suas bochechas, demonstrando a quem pertenciam.

Olhar os irmãos rindo enquanto estavam juntos, intercambiar coca ou a merda que fosse, senti um momento de nostalgia. A única vez que senti que pertencia a esta vida foi com os Heighters.

Com o Gio.

Uma dor aguda cortou minhas vísceras ante a idéia de Gio. Tirou-me da minha vida de merda e me deu algo pelo que viver. Passei todos os dias com ele, era meu melhor amigo... e fiz com que o matassem. Esse fato me obcecava cada minuto de cada dia.

Tive que deixar meu melhor amigo morrer para proteger meus irmãos. Ninguém sabe o que a culpa disso me fazia.

Ri para mim mesmo. Meus irmãos fizeram de tudo para nem sequer me querer. A morte de Gio enterrou qualquer vínculo com minha gangue. E agora minha cabeça tinha um preço... e uma horrível cicatriz na parte posterior de meu

pescoço para mostrar o quão perto os meus antigos irmãos de gangue chegaram a tirar proveito disso.

Movendo minhas garrafas de whisky para o banco do passageiro, coloquei a mão no porta-luvas e tirei um rolo de cinquenta. Continuava ali.

Fiquei olhando à gangue de novo, e antes de mudar de ideia, dirigi-me para eles.

Um de seus membros me viu enquanto me aproximava e se colocou diante de seus irmãos, com seu rosto sério e preparado para me enfrentar. Sorri quando fez isso. O imbecil não tinha nem ideia de quem era eu, quem ia perder se as coisas ficassem feias.

— Que diabos você quer? — perguntou o diminuto punk quando me uni a eles nas sombras.

Sorrindo com frieza pela atitude valente do pequeno líder latino-americano, coloquei a mão em meu bolso. Todos os irmãos retrocederam, levando as mãos à parte dianteira de suas calças jeans para tirar suas armas. Sem me alterar, tirei meu rolo de anos atrás de cinquenta e o levantei.

— Pó — disse com frieza. O líder se relaxou e fez um gesto, acalmando a seus moços.

Me dando um par de bolsas cheias de pó branco, o líder as pressionou em minha palma, a sensação desses pacotes de plástico tão familiares, estranhamente, me tranqüilizou. Virando sobre meus calcanhares, o líder gritou:

— Está em uma gangue? Tem suficientes marca que dizem que está.

Parando, olhei para trás, ao ver a camaradagem entre os garotos colocados protetoramente ao redor de seu líder. Perdi isso. Essa merda era uma família para mim. Essa era a vida.

— Não, não mais — respondi bruscamente, sentindo a longa cicatriz na parte posterior de meu pescoço ardendo como o dia em que se fez.

Caminhando rápido, cheguei a meu carro, coloquei as bolsas de coca em meu jeans, abri o Jim Beam e voltei para o estúdio.

Abrindo a porta de madeira velha do estúdio, atravessei ela segurando o contrabando de bebida contra meu peito, uísque já aberto, meio vazio de minha viagem a casa. O líquido de cor âmbar esquentava meu peito, e me dava um zumbido perfeito. O estúdio estava escuro, frio e completamente silencioso.

Silêncio... não podia suportar o silêncio.

Tropeçando através do corredor, com caixas e pedaços de mármore velhos, finalmente cheguei à entrada de meu estúdio, mas não antes de golpear meu pé em uma caixa grande bem ao lado da porta.

Com o cenho franzido pela confusão, cambaleei para meu posto de trabalho, ao lado de meu trabalho em progresso, joguei a bebida no suporte de madeira, peguei a metade de minha coca, deixando a outra bolsa para depois. Joguei ela ao lado das garrafas de vidro adormecedoras de mentes.

Acendendo um abajur no local de trabalho, fui de volta ao corredor, agarrei a caixa estranha e a levei ao estúdio. Deixando ela cair junto a minha escultura atual, agarrei a garrafa de uísque e a deixei cair no chão. Tomando quatro largos goles do Beam, coloquei a garrafa a meu lado e abri a caixa.

O conteúdo imediatamente apareceu à vista e roubou o ar de meus pulmões. Os títulos e os textos para minha exposição.

Fechei os olhos, respirei fundo, e usei minhas mãos para me pôr de pé.

Silêncio... tudo estava fodidamente silencioso.

Colocando a mão no bolso de trás, tirei meu telefone, tentando abrir minha música, quando a única coisa que podia ver era um montão de ligações perdidas e mensagens de texto de Austin...

Austin: Onde está, Axe? Ainda está aqui no estádio?

Austin: Procurei você por toda parte. Onde está? Quero te levar para jantar.

Austin: Volta para casa agora. Estou preocupado. Por que saiu sem falar comigo. Aconteceu alguma coisa?

Sentindo uma forte onda de culpa percorrer meu peito, empurrei ela da minha mente no momento em que imaginei esse loiro Redskin beijando Aliyana nos lábios, seu maldito sorriso brilhante e enormes olhos marrons olhando depois para ele, e sua mão pressionando seu peito. Então...

Foi o único homem pelo qual alguma vez senti esse maldito alívio em meu coração, e descubro que era... ele! Você!

Me sentindo como se tivesse recebido um golpe em meu estômago ante a repetição de suas palavras, palavras que eram muito reais, conectei os alto-falantes e deixei que os sonoros acordes do Linkin Park ressonassem através do estúdio.

Olhando a caixa colocada no chão, fui para frente, agarrando a garrafa de Patrón no caminho. Me deixando cair no chão de ladrilhos, a sala começou a girar, tirei a parte superior e tomei um longo trago como se fosse água e não realmente uma boa fodida Tequila.

Alinhando o Patron junto ao uísque, coloquei a mão na caixa, tirando o título que dizia "O sangramento". Meus músculos do estômago involuntariamente se apertaram ao ver o título de uma de minhas peças ali em branco e preto.

De algum jeito fazia toda esta merda real.

Colocando o suporte da placa a meus pés, recolhi um quadro maior. As letras eram do mesmo tipo, o esquema de cor preta contra o branco. Mas havia muito mais escrito, e comecei a ler...

— A inspiração do escultor para sua obra misteriosa e altamente emocional; "O sangramento" nasceu do intenso conflito interior do homem com a culpa. A posição fetal do sujeito se deve a sua incapacidade para enfrentar sua dor, sua confusão interna o força fisicamente a ajoelhar-se. Cada adaga pintada cuidadosamente de preto enterrada no rachado mármore de Carrara retrata a pesada carga do pecado em sua alma, a reparação da deliberada violação do homem à moralidade. As adagas punidoras são inamovíveis e são um aviso permanente para o sujeito de que seus crimes não podem ser

esquecidos ou redimidos. Tampouco pode ser salvo. Ele sangra sua culpabilidade em um eterno e constante fluxo de desolação.

Quando terminei de ler a última palavra, soltei o quadro ao chão e me deixei cair contra minha escultura mais nova, sentindo que meu peito se rasgou, exposto para que todo mundo observasse meu interior.

Como diabos sabia escrever a coluna dessa maneira? Como escrever o que sentia desta forma? Como diabos sabia como entender meu trabalho e a mim na perfeição? Como um maldito e fodido livro.

Sentindo que meus pulmões estavam sendo espremidos em um punho, tirei meus cigarros e acendi um. Tomando largas imersões de meu Marlboro e enormes goles de meu uísque, levantei o olhar e observei o jovem garoto de mármore com uma pistola, chorando balas vermelhas pintadas e uma raiva incontrolável se estendeu em mim.

Com cada imersão de meu cigarro e cada gole de uísque, empurrei-me cada vez mais longe da borda. As imagens do rechaço de Levi torturavam minha mente. A maldita cara de asco de Aliyana quando se deu conta de que era eu, Axel Carillo, não seu precioso *Elpidio*, a mão de Molly tremendo de puro medo quando pegou a minha na sua. E essa estúpida careta de Rome Prince enquanto me olhava com nada mais

que ódio, agindo como se ele fosse do sangue de Austin, não eu.

Que se fodam.

QUE SE FODAM TODOS!

Ficando de pé, comecei a caminhar de um lado para o outro do estúdio, agarrando o pescoço de vidro da garrafa de uísque mais forte na mão e a cinza de meu quase terminado Marlboro caindo sobre meu peito.

Meu coração pulsava cada vez mais rápido ao ritmo do heavy metal do Walk de Pantera agora fazendo vibrar as paredes.

Estava farto. Farto de tentar demonstrar a todos que tinha mudado. Tinha terminado com esta merda da arte, com o fodido Elpidio!

Não sabia como ser "normal". Porque não era normal! Nunca tinha sido. Ter um pai abusivo, uma aleijada como mãe, e ser obrigado a ser o homem da casa aos dez anos de idade arruína um pouco um menino "normal".

Drenando o resto do uísque, joguei minha cabeça para trás e gritei minha ira, lançando a garrafa contra a parede, ouvi ela romper-se.

Cuspindo meu cigarro acabado no chão, fui para meu local de trabalho e coloquei um pacote de coca no balcão, colocando a mão no bolso de atrás agarrei minha licença de motorista. Pegando a peça retangular de plástico, cortei o pó em linhas, essa sensação de emoção formava redemoinhos em meu estômago só de imaginar o êxtase que seguiria.

Nunca me fiz viciado nesta merda, estava muito ocupado vendendo nas ruas, mas me assegurava de inalar uma linha de vez em quando, quando as coisas ficavam ruim. Eu gostava do zumbido, o zumbido adormecedor de mentes que o pó mágico obtinha.

E precisava disso agora mais que nunca.

— ... esteve na prisão! Merda, Elpi! O que compartilhamos estas últimas semanas... o que compartilhamos ontem à noite... e é o fodido Axel Carillo!

As palavras da Aliyana pulsavam em meu cérebro, sua decepção era como o pior tipo de enxaqueca. Levantei a cabeça para tentar tirar de cima de mim a maldita dor, só para que meu olhar chegasse à imagem dessa maldita escultura.

Levi...

Levi que não podia me olhar com algo diferente do fodido desprezo... A lembrança de sua rejeição hoje me partia a alma.

Com o uísque correndo em meu sangue e essa escultura torturando minha mente, algo dentro de mim se quebrou.

Vendo meu martelo tendido no meu local de trabalho, recolhi ele, sentindo o frio metal nas palmas de minhas mãos, e virei para a escultura quase terminada. Desejando nada além de ter ela fora de minha vista... desaparecida de minha puta vida, coloquei-me atrás dela, levantei meu martelo e...

— ELPI!!!! NÃO!

Me paralisando por ouvir sua voz superar o forte som da música e minha mente bêbada até o traseiro, virei minha cabeça para a porta, só para ver fodida Aliyana Lucia me olhando fixamente, com a boca aberta e suas mãos estendidas tentando impedir a destruição desta patética escultura.

No primeiro momento em que a vi ali parada com esse curto vestido rosa, botas de cowboy e seu cabelo escuro jogado para trás, meu pênis se endureceu a um nível doloroso dentro de meus jeans. Mas então, quanto mais a olhava, mais se prendia o fogo em meu peito.

Minhas mãos começaram a tremer violentamente. Deixando cair o martelo no chão, virei para olhar para ela, com os braços rígidos a meu lado.

— Que diabos você *quer*? — grunhi.

Toda as pessoas do meu passado esperavam que fosse Axel Carillo? O escuro fodido idiota de merda que só trouxe dor?

ESTE era o maldito Axel Carillo! Poderia SER o maldito Axel Carillo!

Aliyana abriu sua boca ante minha pergunta e seu rosto empalideceu. Dei mais um passo, e ela deu um passo para trás. Meu lábio superior se curvou em humor negro. Quase podia cheirar seu medo todo o caminho até aqui.

— O que acontece, menina? Tem medo? — disse em voz baixa e áspera, com os olhos entrecerrados — Tem medo de mim?

Aliyana respirou fundo, aterrorizada, levantou sua mão para afastar o cabelo de seu rosto, e por um momento, por essa simples ação, me dei conta de que estava realmente assustada... e, por esse maldito momento, minha irritação pareceu fodidamente desvanecer-se em vapor.

Parte de mim não queria que esta garota realmente me temesse. Mas lembrar o bastardo loiro beijando seus lábios, e a puta repulsão em seus olhos ao descobrir que seu precioso Elpidio era realmente a ovelha negra dos Carrillo, voltaram a me enfurecer.

Não precisava de nenhum deles. Tinha sobrevivido até agora por minha conta. Podia fazer isso de novo. Podia fazer tudo por minha fodida conta.

Parecendo armar-se de coragem de algum lugar, Aliyana avançou, com seu rosto nervoso.

— Elpi, por favor...

E isso foi tudo. Sua súplica sussurrada usando esse fodido nome falso me arruinou. Sabia quem era realmente, mas mesmo assim não se atrevia a dizer.

Axel Carillo.

Axel. Carillo.

SOU O MALDITO AXEL CARILLO!

Avançando furioso, lutei com todas minhas forças para afrouxar a constrição de meu peito por como fodidamente boa parecia. Queria que se fosse. Fodidamente fora de minha vida e não me torturasse ao estar parada aqui em meu estúdio... em

meu maldito espaço pessoal, depois de não ter feito nada além de cuspir na minha cara durante a partida.

Indo para frente, Aliyana retrocedeu, os saltos de suas botas de cowboy estalando no chão até que suas costas se chocaram contra a parede. Levantando minhas mãos sobre sua cabeça, enjaulei ela esses enormes olhos de corça quase me destruíam.

— Por que está aqui? — exigi. Até para mim minha voz soava letal.

— Elpi... esteve bebendo — disse, cheirando claramente meu fôlego. Mas fiquei imóvel, não porque tinha descoberto que acabava de tomar uma quinta parte do Jim Beam, mas sim porque tinha me chamado novamente por esse puto nome!

— Porra, não sou ELPI! — Rugi, Aliyana se encolheu debaixo de mim — Meu nome é AXEL. A - X - E - L! O FODIDO AXEL CARILLO!

A respiração de Aliyana se acelerou quando gritei. Esperava sua fuga. Queria que fugisse de medo. Cagando de medo do Axel Carillo dos Heighters... como faria qualquer outro filho da puta.

Mas ao invés disso, enquanto meus olhos se cravaram em seus lívidos olhos, levantou sua mão tremente e a colocou

nervosamente em meu peito, bem em cima de onde meu coração estava fodidamente batendo.

Estava estupefato... podia lutar com seu medo, com ela fugindo assustada... inclusive com seus gritos, estava acostumado a causar medo nas pessoas. Mas o que não podia enfrentar, o que não podia malditamente aceitar era seu afeto em um momento como este... não podia aceitar a maldita compreensão de seus chorosos olhos escuros.

Engolindo com dificuldade, sibilei quando sua quente palma atravessou o tecido de minha camisa e um rubor rosa coloriu suas bochechas perfeitas.

— Axel... — sussurrou, com seu acento claro e forte — Axel Carillo...

Não... NÃO! NÃO! Não podia fazer isto comigo.

Não podia me dar esperança... realmente não podia lutar com a condenada esperança... tudo menos esperança...

Me cambaleando para trás como se tivessem me queimado, dando tombos tropecei com os quadros de texto no chão. Aliyana me seguiu, seus olhos nunca se separaram dos meus. Incapaz de continuar olhando seu rosto triste, dei a volta, então me paralisei... não tinha outro puto lugar aonde ir.

Uma mão se pressionou contra minhas costas, enquanto ouvi uma breve inalação brusca. Ficando tenso pelo ofego de Aliyana, fechei meus olhos e me preparei para que me dissesse que tinha terminado. Que iria embora e nunca retornaria. Que ia dizer a meus irmãos o que tinha estado fazendo. Mas isso é o que queria, não? Que desaparecesse e saísse da minha vida? Perguntei a mim mesmo, sabendo que a verdadeira resposta era um enorme fodido NÃO.

— Axel... — Aliyana disse com um suspiro de dor, sua mão abandonando minha pele. Parecia como se tivesse perdido todo o calor quando essa mão foi retirada.

Virando lentamente, vi Aliyana em meu local de trabalho. Sua atenção estava nas garrafas de uísque alinhadas... mas então meu estômago caiu quando vi que não era o que tinha captado sua atenção.

As linhas de coca...

Parado imóvel, esperei que olhasse para mim, e quando o fez, não havia nada além de uma doída decepção em sua expressão.

Nunca havia me sentido tão parecido ao lixo italiano como nesse momento. Parecia exatamente ao homem que ela pensava que era. Um perdedor drogado de merda.

— Axel... — sussurrou com tristeza – Você fez isso?

Enquanto olhava seus olhos cheios de lágrimas, sacudi minha cabeça, e tropecei para o outro extremo do estúdio perto da minha cama. Mas enquanto tentava conseguir alguma maldita distância, o forte aperto por sua mão sobre meu braço me fez virar.

Estava farto.

Farto de tudo.

— O que? — gritei, liberando meu braço.

Aliyana engoliu sua apreensão e deu um passo para mim, seu aroma de jasmim encheu imediatamente meus pulmões.

— Você já consumiu? — perguntou em voz baixa, assinalando as linhas de coca.

As chamas correram por minhas veias e me inclinei, para grunhir:

— Por que diabos te importa? Por que diabos inclusive está aqui, Ally Prince? Apenas volte para a merda aonde seus amigos esnobes e imbecis e com o bastardo loiro para uma fodida fácil. Porque isso parece ser a sua, não? Foder um cara após o outro? Foi só ontem à noite quando estava enterrado

em sua boceta úmida e então deixa que o titular dos Redskin consiga tudo nessa buceta menos de doze horas mais tarde!

Foi rápido, quase tão rápido como um brilho da luz, mas o rosto de Aliyana se encheu de ira incontrolável e, antes mesmo que me desse conta, esbofeteou-me com força na cara.

Por instinto, com meu rosto fodidamente ardendo pela força de seu golpe, estendi minha mão e agarrei seu magro pulso, puxando seu peito contra o meu.

— Porra, está querendo morrer? — silvei entre os dentes apertados.

Os olhos marrons escuros se acenderam, e Aliyana respondeu:

— Vá a merda, Axel!

Meus lábios se esticaram.

— Agora sou Axel? Agora que está malditamente zangada, sou Axel? — Minha respiração era forte, assim como a dela, seus grandes e firmes seios roçando contra meu corpo. Baixei minha boca perto de seu rosto e disse bruscamente: — Saia.

Afastando seu braço, virei para me dirigir para minha cama, com minha maldita cabeça dando voltas com muito uísque, quando Aliyana gritou:

— Não fodi com o Reece, bastardo insensível!

Meus pés pararam abruptamente, mas não a enfrentei.

Bastardo insensível...? Isso era uma fodida brincadeira. Daria qualquer coisa para não sentir por só um maldito minuto.

— É um completo maldito idiota de merda! Vim aqui para ver você! Tinha que ver você! Mesmo sabendo que é o fodido Axel Carillo, um homem do qual sei que devo me manter o mais longe possível... — respirava rápido, mas meu coração estava correndo mais rápido esperando por qualquer outra coisa que tivesse a dizer, — Eu só... – Ouvi ela se aproximar, logo senti seu quente fôlego em minhas costas filtrando-se novamente através de minha camisa, os calafrios correndo por minha espinha dorsal.. — Simplesmente não pude... Cristo, Axel. Simplesmente não pude permanecer longe...

Foi então quando me dei conta de que realmente não tinha respirado desde que tinha saído dessa partida, desde que tínhamos discutido nesse banheiro. Mas ouvi-la sussurrar essas

palavras tinha me deixado com meus ombros debilitados. Virei lentamente para ela.

Quando nossos olhares se encontraram, pude ver que estava tão acelerada como eu, um maldito louco veneno correndo por nosso corpo nos mantendo perto. O olhar de Aliyana perfurou o meu e acrescentou, com voz derrotada:

— Como diabos poderia alguma vez querer mais alguém ainda mais agora que tive você?

O ar ao nosso redor parecia completamente imóvel, o pulso pulsando em meu pescoço, fazendo-me sentir tão fodidamente vivo. Sentindo um raio queimando através de meu corpo, ambos nos cambaleamos para frente ao mesmo tempo, nossas bocas fundindo-se instantaneamente enquanto suas mãos começaram a me atacar, arrancando minha roupa.

Brevemente rompendo nosso beijo, Aliyana arrastou minha camisa por cima de minha cabeça, meu gorro indo com ela. Incapaz de saboreá-la em minha língua, enrolei seu cabelo em minha mão e puxei sua boca contra a minha, minha língua empurrando dentro. Gemi em sua úmida e quente boca que roçava furiosamente a minha enquanto suas unhas arranhavam minha pele nua.

Levantando minhas mãos, rasguei a parte de cima do vestido de Aliyana, fazendo voar os botões para o chão,

seguido por seu sutiã um segundo mais tarde. Enquanto movia-me para tirar o resto de seu vestido enrolado em sua cintura, Aliyana empurrou meus ombros, minha boca se separou da sua enquanto caía na cama, golpeando meu traseiro contra o colchão com um ruído surdo.

Quase gozei ao ver ela de pé sobre mim, com seus olhos marrons brilhantes e seu cabelo desordenado e caindo sobre seu ombro. E esses fodidos e perfeitos seios nus, com o que ficava de seu vestido pendurando languidamente ao redor de sua cintura, isso simplesmente me desarmou.

Suas botas de cowboy estavam enraizadas ao chão, com suas pernas ligeiramente separadas. Lambendo seus lábios enquanto me apreciava, suas covinhas parecendo tão condenadamente grandes em suas bochechas rosadas.

Com um gemido, Aliyana se lançou, subindo em meu colo, suas mãos instantaneamente baixaram meu zíper liberando meu pênis duro.

Cristo... Grunhi quando sua quente palma começou a acariciar meu pênis de cima abaixo. A boca de Aliyana se chocou contra a minha. Não era suave ou amável; não, estava fodendo minha boca com sua língua. Exatamente quando levantou seus quadris, afastou suas calcinhas a um lado, e

pondo meu pênis em sua buceta úmida, se chocou com força, tomando em sua apertada boceta em um movimento rápido.

— Caralho! — gritei, levantando seu vestido para dar uma palmada em seu bronzeado traseiro com minhas mãos. Gemendo fortemente por meu toque, Aliyana se cravou sobre meu pênis, virando seus quadris de maneira que quase gozei em questão de segundos.

Esta garota estava me fodendo. Estava me fodendo duro... estava me possuindo... estava me fodendo como Axel Carillo...

Ao compreender isso através da minha mente bêbada, usei minhas mãos sobre seu traseiro para baixá-la ainda mais sobre meu pênis. Seus dentes morderam meu lábio inferior enquanto sua respiração se tornou irregular, e suas mãos puxaram meu cabelo desordenado, quase até o ponto da dor. Mas eu gostava disto. Merda... fodidamente eu adorava isto, com ela malditamente selvagem sobre meu colo.

Jogando sua cabeça para trás, com seus olhos fechados enquanto gemia e gritava pela sensação de nós juntos. Inclinei-me para a frente, peguei um duro mamilo de cor vermelha em minha boca e o chupei. Quando meus dentes arranharam contra sua pele, Aliyana apertou minha cabeça ainda mais

contra seus seios enquanto sua boceta começava a apertar o meu pênis.

Jogando minha cabeça para trás, vi seu rosto ficar vermelho tão condenadamente sexy quando gozou, cravando suas unhas em meus ombros. Sabia que tinha me tirado sangue, mas não me importava. Sentindo minhas bolas ficarem tensas, apertei ainda mais seu traseiro enquanto abria sua boca, seus olhos se chocaram com os meus e gritou:

— Axel — enquanto eu gozava.

Sua buceta parecia como uma mordaça enquanto me ordenhava até me secar, meu sêmen enchendo ela tão rápido que os nervos do meu pescoço se apertaram com a tensão.

— Merda! — sussurrei com um ofego, meus quadris se sacudiram com a força do quanto malditamente bom que se sentia. As mãos da Aliyana se apertaram ao redor da minha cabeça, e minha bochecha descansava sob seus seios úmidos enquanto tentava desacelerar meu pulso, meu coração, demônios, um milhão de pensamentos corria por minha cabeça.

Exatamente quando José González começou a cantar "Heartbeats" através do alto-falante, Aliyana pôs suas mãos em minhas bochechas barbudas e me empurrou para trás, inclinando meu rosto para olhar diretamente nela.

— Deveria, mas não me importa que seja Axel. Só quero estar aqui com você... assim... sentindo esta energia entre nós.

Exalando fortemente, afastei o olhar e fechei os olhos.

— Porra, garota... – Calei-me — Não estou acostumado a tudo isto.

— O quê? — Aliyana perguntou nervosamente, tentando usar seus dedos debaixo de meu queixo para virar minha cabeça — Acostumado a quê?

Mas não podia olhar para ela. Não estava seguro de querer ver o quanto desejava sentir isto... tão fantástico... simplesmente me aterrorizava.

— Axel... por favor... — implorou Aliyana.

Levantando minha cabeça, encontrei seu amplo olhar. Pegando sua mão da palma da minha, rocei ela através de meus lábios, dando um beijo em sua pele morna, deslizando-a depois por meu pescoço e sobre meu coração.

Aliyana conteve o fôlego e um rubor alagou suas bochechas.

— Está pulsando muito rápido — sussurrou.

Não reagi, mas quando seus olhos sondaram, suspirei e disse com voz áspera.

— Não estava acostumado a sentir coisas boas... Não posso enfrentar a sensação de desfrutar muito de algo... Fiz muita merda ruim, o suficiente para me afogar... — Os olhos de Aliyana brilhavam e, inclinando-se, pressionou três ligeiros beijos ao longo de minha bochecha. Fechando meus olhos ante esse estranho ato de ternura, algo em mim se derrubou, e sussurrei:

— Mas com você... tenho a sensação... de sentir... tudo, cada fodida merda... diretamente aqui... — Apertei sua mão com mais força contra meu coração.

Não era um sentimental. A verdade é, que eu era um bastardo de coração insensível. Não era realmente bom com as palavras, confessando meus sentimentos ou toda essa outra merda brega que as garotas adoravam. Mas isso não significava que meu coração de delinquente não sentisse, não batesse mais forte quando ela estava perto... quando sorria para mim... quando entendia totalmente o que estava sentindo no fundo, sem sequer dizer uma maldita palavra. Deu a este frio coração, vida. Deu a ele luz. Ela era sua maldita batida rítmica.

— Axel... — murmurou Aliyana, antes de pressionar brandamente seus lábios nos meus. Este beijo era diferente de tudo antes. Porque este beijo aconteceu mesmo com todas nossas cartas postas sobre a mesa.

Rompendo o beijo, Aliyana pressionou sua testa com a minha, então cuidadosamente ficou de pé. Soltei um longo suspiro quando meu pênis deixou sua buceta, mas eu não podia afastar os olhos dela enquanto empurrava seu vestido para baixo até que este ficou em seus pés. Meus punhos apertavam a roupa de cama quando ela ficou diante de mim apenas com sua lingerie de cor rosa pálido e botas de cowboy.

Sabia que durante o resto de minha vida, a imagem da garota mais perfeita do planeta, despindo-se só para mim, permaneceria para sempre em meu cérebro.

Tirando as botas marrons, Aliyana depois enganchou seus dedos aos lados das calcinhas e as empurrou lentamente por suas pernas. Uma vez completamente nua, deu um passo para mim, estendendo sua mão. Pondo minha mão na sua, e confiando em alguém completamente pela primeira vez, levantei-me.

Aliyana olhou para mim através das pálpebras pesadas, liberando minha mão, só para as deixar cair até meus jeans já desabotoados. Pondo suas mãos sobre meu peito, passou seus

dedos por meu abdômen, por cima de meu estômago e enganchou seus dedos em minha cintura. Pouco a pouco, Aliyana abaixou minhas calças até que se uniram a sua roupa no chão.

Retomando minha mão, retirou o lençol da cama e se meteu, me guiando para seguir ela. Fiz isso sem pigarrear. Merda. Seguiria esta garota a qualquer lugar.

Enquanto me deitei de frente para a Aliyana, ela apertou minha mão e me lançou um sorriso nervoso.

— Merda, Aliyana — disse, levando nossas mãos unidas a meus lábios.

— É Axel Carillo — sussurrou ela com incredulidade, fazendo com que meus lábios se congelassem na pele suave do dorso de sua mão — Supõe-se que não tenho que te amar... — disse com voz tremente, e senti meu coração afundar-se. Aliyana deve ter visto algo em meu rosto, porque se aproximou mais até que nossos corpos estiveram nivelados e compartilhamos o mesmo ar — ... mas não posso evitar. Não é o homem que todos dizem que é... verdade?

Sentindo meus batimentos do coração acelerar-se, penteei para trás o cabelo de seu rosto e respondi:

— Sou exatamente quem eles acreditam que sou.

Aliyana engoliu seco, uma gota de suor de nossa foda rodou por seu magro e bronzeado pescoço.

— Não... está castigando a si mesmo pelas ações que desesperadamente tomou para salvar a sua família, não abraçando ao homem bom que é agora. — Meu estômago se apertou ante a crença sincera que tinha em mim e fechei os olhos.

A mão de Aliyana pressionou minha bochecha.

— Olhe para mim — insistiu. Quando não fiz como ela queria, rodou-me sobre minhas costas, pressionando seus seios contra meu peito — Axel, olhe para mim — insistiu com mais força.

Abrindo a contra gosto meus olhos, o olhar escrutinador de Aliyana estava avaliando meu rosto.

— Responda a isto — disse. Esperei a sua pergunta — Usou essa cocaína que comprou esta noite?

Minhas sobrancelhas se franziram e tentei me afastar, mas suas mãos em meu rosto se negaram a ceder.

— Me responda – insistiu — Usou?

Minha mandíbula se apertou, mas vendo que não ia ceder, disse com voz áspera.

— Não, não fiz. Está malditamente feliz?

O sorriso que seguiu minha relutante confissão me derrubou. Segurando brandamente suas mãos, acrescentei:

— Mas se não tivesse aparecido, teria feito.

Esse sorriso desapareceu e seus olhos olharam ao longe.

— Não acredito que teria feito — esteve em desacordo.

— Você não me conhece tão bem como acredita então, não é?

O rosto de Aliyana se fundiu em uma expressão triste e assentiu, movendo seu dedo para passá-lo por cima de meu cenho franzido.

— Se o fizer. Me diga. — Observou como seu dedo riscou os bordas de minha barba — De onde a tirou? A coca?

Estreitando meus olhos, encolhi os ombros e respondi:

— De uma gangue de rua que vi perto de uma loja de bebidas.

Os olhos da Aliyana brilharam por um segundo, antes de ficarem completamente tristes de novo.

— O quê? — disse. Odiava a maldita pena. Podia lidar com o ódio, com a pena, não podia fodidamente suportá-la.

— Uma gangue de rua? — perguntou ela — Como os Heighters?

Meus músculos ficaram tensos.

— E o que acontece se fosse? Merda! De qualquer maneira, porque pergunta?

— Axel — disse brandamente, passando seu dedo sobre meu crucifixo... o crucifixo que costumava ser minha stidda. Eu estava acostumado a estar tão condenadamente orgulhoso dessa tatuagem de estrela negra em minha bochecha esquerda, orgulhoso de que minha gangue tivesse minha lealdade, minha confiança.

— Estava ferido depois da partida... depois do rechaço público de Levi... depois do meu... — sua expressão caiu ante isso, uma expressão culpada em seu rosto — e você correu de novo para a única coisa que conhecia. A única vida que viveu aqui em fora.

Minha respiração parou diante do quanto me compreendia bem. Sempre fazia, desde o momento em que viu pela primeira vez minha arte.

— Axel? — insistiu, esperando minha resposta.

Deixando cair meu olhar para suas unhas pintadas de rosa, confessei:

— Eu não sei como fazer isso...

— Fazer o que, querido? — Ally ficou vermelha quando me chamou assim. Não tinha ideia do que havia dito, mas garanto como o inferno que eu gostei da forma como soava. Soava como uma expressão de carinho... soava como se importasse para ela. Nenhuma mulher tinha dado uma merda por mim antes.

Levantando minha mão, tirei os palitos de seu cabelo, caindo compridas e escuras mechas sobre o meu peito. Passei meus dedos através dos fios de seda.

— Axel, não sabe como fazer o quê?

Cheirando o xampu de lavanda em seu cabelo, disse:

— Ser normal... conseguir que as pessoas confiem em mim... acreditem em mim... me deem uma segunda oportunidade. Como existir neste mundo sem ter que lutar? Sem dor?

Os olhos de Aliyana se embaçaram e ela se moveu até estar totalmente deitada em cima de mim, entrelaçando suas pernas com as minhas.

— Você nunca soube como se liberar da dor, não é? Alguma vez foi feliz?

Odiando a compaixão em seu olhar, virei a cabeça, incendiando minhas vísceras.

— Não faça isso — vaiei.

Mas ela continuou:

— Você cresceu lutando toda a sua vida, se unindo a uma gangue porque isso é o que os garotos faziam de onde vinha, depois passou seu tempo cuidando de sua mamma doente, de Aust e Lev. E então...

Engolindo meu orgulho, terminei:

— Então me prenderam.

— Axel... Nunca conheceu a verdadeira felicidade... — Uma lágrima caiu dos olhos de Aliyana. Sequei ela com a ponta do meu polegar. Não podia acreditar que estivesse chorando por mim. Não podia acreditar que essas lágrimas fossem por mim. Ninguém mais além de minha mamma chorou por mim antes. Mas a mamma chorou pelo estado de minha alma, pelos pais dos homens que tinha matado... mas não Aliyana, ela chorou pelo fodido homem que nunca conheceu a felicidade.

Incapaz de ver a Aliyana romper-se, e por uma vez, falando sem me preocupar, disse brandamente:

— Sono felice insieme a te[11].

Aliyana ficou quieta e seus olhos marrons se encontraram com os meus, sua boca ligeiramente aberta em estado de comoção.

— Axel... Você...? – Encolhi os ombros e Aliyana apertou sua mão sobre meu acelerado coração. Um sorriso tremeu em seus lábios carnudos ao claramente senti-lo bater e ela perguntou: — É... você é feliz comigo?

Exalando um suspiro reprimido, confessei:

— Sim.

— Axel — exclamou e seus cílios piscaram rapidamente enquanto lutava para conter as lágrimas. Levantando seu corpo mais para cima, passou seu dedo sobre meus lábios, e me disse: — Me beije. — antes que soubesse o que havia dito, esmagou sua boca com a minha.

Segurando Aliyana contra minha boca, nos beijamos preguiçosamente enquanto percorria meus dedos por suas costas, amando a sensação de seu tremor ante meu tato. Deveria ter uma escultura criada para ela. Era perfeita.

[11] Estou feliz com você

Quando Aliyana separou seus lábios dos meus, nos virou até que estivemos frente a frente e acariciando com suas mãos a parte posterior de meu pescoço.

Sua expressão mudou e pude sentir seus dedos riscando minha cicatriz.

— Axel? — grunhi em resposta, meu peito se apertou pelo que eu sabia que ia perguntar — Como fez esta cicatriz?

Deve ter sentido eu ficar tenso. Aproximou-me mais e sussurrou:

— Por favor, me diga... pare de guardar tudo para si. Pode confiar em mim.

Deitando minha cabeça contra o travesseiro, Aliyana se arrastou mais perto.

— Fiz isso na prisão — disse vagamente.

Os olhos de Aliyana se arregalaram.

— Como? O que aconteceu?

Fechando os olhos, pensei nesse dia e sem necessidade de abrir as pálpebras, fiquei na escuridão e disse:

— Meus velhos irmãos da gangue que estavam dentro da prisão me encontraram sozinho e vieram para mim. Sabia

que chegaria o dia em que eles conseguiriam se vingar de mim. Ninguém trai a um irmão da gangue, mas eu o fiz, e queriam sangue por sangue.

Podia ouvir a respiração de Aliyana acelerando-se. Mas como uma maldita fonte, esta merda só começou a verter para fora de mim.

— Estávamos no pátio, eles de um lado e eu do outro, enquanto tentava manter minha cabeça abaixada. Tinha conseguido me manter à margem deles, cerca de dois anos, mas quando Alessio, o irmão mais velho do líder dos Heighter foi condenado a prisão perpétua, soube que era só questão de tempo antes que viessem para me matar. Esse filho de puta era ruim, e queria me ver morto pelo que aconteceu a seu irmão mais novo, Gio...

— O que aconteceu com seu irmão?

Meus olhos se abriram de repente e minhas mãos começaram a tremer. Caralho, por que minhas mãos estavam tremendo?

Aliyana notou minhas mãos e as apertou entre as suas. Perdendo a cor de seu rosto, pressionou:

— Axel? O que aconteceu com Gio?

Não queria dizer, mas ela precisava saber o que tinha feito em meu passado. Precisava saber quem era o maldito tipo com o que estava deitada.

— Tive que matar ele — sussurrei. As mãos de Aliyana agarraram as minhas tão forte que começou a deter o fluxo de sangue.

— Você... você...

— Tive que matar ele — confessei.

— Axel, porquê? — sussurrou com incredulidade. Podia ouvir a surpresa em sua voz. A verdade era, que nunca entenderia completamente como podia matar. Só as pessoas que crescem em uma gangue fariam isso. Como poderia as pessoas educadas em um fodido doce lar com legítimos pais saudáveis, compreender como um menino tem que lutar, às vezes até à morte, pela sobrevivência?

Olhei pela janela para a noite escura, as estrelas brilhantes no céu e meu estômago caiu enquanto pensava em meu melhor amigo, em tudo o que tínhamos passado juntos.

— Para salvar meus irmãos — disse com voz áspera — Tinha que matar ele para dar a meus irmãos a oportunidade de uma vida melhor. Gio era meu melhor amigo, meu irmão de armas. Era a pessoa mais próxima a mim, mas sabia que

quando entrasse na prisão, iria atrás de Austin e Levi. Estava obcecado em ter aos Carillo a seu lado. E uma vez que você conseguisse a stidda, estava na gangue. Seria Heighter para a vida. A única saída era a morte. Se tentasse sair, era...

— Morto... — interrompeu ela e, encontrou meus olhos, e assenti.

— Sim. Se Levi e Austin fossem plenamente iniciados, membros de pleno direito, a stidda seria tatuada em suas bochechas esquerdas, unidos à gangue para toda a vida. Sabia que a única maneira de que pudessem ser livres era eliminar Gio. Então liguei para o líder de nosso rival. A gangue dos King, contra a qual tinha me dedicado toda minha vida a lutar e disse quando e onde encontrar Gio. Meu melhor amigo e irmão de gangue morreu exatamente quando e onde eu havia dito aos King que podiam encontrar ele. Gio foi assassinado a tiros por minhas mãos, mas Austin e Levi estavam livres. – Suspirei — Foi a melhor coisa que fiz por eles. O sangue em minhas mãos nunca vai desaparecer, mas ao menos meus irmãos estão livres e vivendo boas vidas... a que eu nunca poderia ter dado a eles. Eu os tinha arrastado para essa turma, era justo que os tirasse dessa merda. Simplesmente me levou muito maldito tempo ver a fodida luz.

Aliyana ficou em silêncio, "Lábios de um anjo" do Hinder tocava através dos alto-falantes, o único som no estúdio.

— Teve que matar seu melhor amigo... — murmurou ela sombriamente. Tive que olhar para outro lado, consumido pela pena de repente.

— Não posso me imaginar tendo que tomar essa decisão. Seria como escolher matar Molly para salvar Rome. Seria... impossível. Não poderia viver comigo mesma.

O peso constante que pressionava sobre meu peito se aliviou um pouco quando ela compreendeu o que era meu dia a dia. Ouvi a tristeza em sua voz. Porra, ela entendeu o que ter matado Gio fez comigo, ainda me fazia. Compreendeu a gravidade da decisão mais difícil que já tive que tomar.

Os lábios de Aliyana pressionaram em minha pele me dando força e perguntou:

— Como conheceu Gio? Como você se envolveu com essa gangue?

Independente se queria ou não, essa pergunta me levou diretamente para o passado...

Capítulo 14

Axel

Lado oeste do parque de trailers Heights

Tuscaloosa, Alabama

Dezoito anos atrás...

Entrando no trailer com um Levi de dois anos retorcendo-se em meus braços, vi Austin sentado no sofá, com a cabeça abaixada e chorando.

Ao me aproximar pude ver o sangue em seu rosto e uma contusão em seu olho.

— Austin? O que aconteceu? — perguntei e me apressei a me agachar diante dele. Pus Levi no chão, passando um caminhão de brinquedo quebrado, então me virei para Austin e o obriguei a retirar suas mãos de seu rosto. Austin tentou

resistir, mas eu era mais forte e não pôde lutar contra mim. Enquanto baixava suas mãos, Austin não me olhou, mas pude ver o estado de seu rosto. A ira me fez tremer — Quem fez isto com você? — disse.

Austin piscou quando apertei meus dedos contra seu olho inchado.

— Austin! — gritei, Levi saltou surpreso por meu tom irado enquanto se jogava no chão.

— Não quero falar sobre isso — disse Austin, quase sem voz enquanto chorava.

— Bom, eu só quero falar sobre isso — digo e limpei suas lágrimas com meus polegares — Me diga quem te bateu! Vou matar eles!

Austin levantou sua cabeça e suspirou.

— Alguns meninos maiores da escola. Axel. Não os conhece.

— Por que bateram em você? — perguntei. Pegando uma toalha, comecei a limpar o sangue de seu rosto. Levi, foi engatinhando para Austin e se levantou até apoiar-se no sofá,

— Olá, fratellino — Austin cumprimentou Levi e o atraiu contra seu peito, os gordinhos braços do Levi devolveram o abraço.

— Austin? — insisti de novo — Por que bateram em você?

Os olhos de Austin se entrecerraram.

— Me viu, Axel? — Austin usou sua mão para apontar sua roupa — Sou pobre. Todas minhas roupas ficam pequenas, meus tênis estão velhos e machucam meus pés, mas papai não deixará a mamãe comprar roupa nova. Os meninos na escola... eles zombam de mim...

Jogando a toalha no chão, pressionei minha mão sobre meu estômago. Parecia como se alguém tivesse me chutado... eles zombam de mim...

— Todos os dias é a mesma coisa, Axel. Não sou você, ninguém tem medo de mim. — Austin baixou a cabeça. Suas lágrimas caíram em seus sujos jeans — Odeio nossas vidas! Odeio o papai. Odeio que bata na mamma, a faça trabalhar todo o tempo e gaste o dinheiro em bebida.

Enquanto olhava para meus irmãos pequenos, os dois vestiam roupas desgastadas, todos passavam fome, algo em

mim estalou. Ficando de pé, minhas vísceras pareciam que estavam ardendo.

— Axel? — O rosto machucado de Austin me olhava da poltrona. Estava assustado.

— Fique com o Lev. — ordenei e saí correndo do trailer. Estava tão zangado. Tão malditamente zangado! Antes que me desse conta, estava correndo pelo parque de trailers. Mantive meus olhos olhando para diante enquanto corria ao bar do parque, ignorando os Heighters, ignorando a todos s Heighters que me olhavam passar correndo e atravessei a entrada do bar.

Parei e procurei meu pai. Escutando a uma mulher rir, meus olhos seguiram o som. A sorridente mulher estava sentada no colo do meu pai.

Irrompendo onde ele estava, parei a seu lado e toquei seu grande braço. Seus olhos se encontraram com os meus e seu rosto se encheu de desgosto.

— Que diabos está fazendo aqui, garoto? — Arrastou suas palavras, com tom ébrio.

Respirando profundamente, respondi.

— Preciso de dinheiro. Austin e Levi precisam de roupas e precisamos de comida.

O olhar do meu pai se obscureceu enquanto eu falava e me empurrou fortemente em meu peito. Tropecei para trás enquanto ele e a mulher riam.

Apertando meus dentes, corri até meu pai e o empurrei de volta.

— Eles precisam de roupa! Não é justo! – gritei — Estão pegando Austin na escola por isso!

O bar ficou em silêncio enquanto meu pai me olhava. Sua pele começou a ficar vermelha e comecei a retroceder. Meu estômago deu voltas enquanto me dava conta do que acabava de fazer. Fiz ele se zangar. Realmente se zangar.

Em segundos meu pai tinha jogado de suas pernas a mulher semi-nua e esticou sua mão para pegar o meu pescoço. Arrastou-me fora do bar e abriu caminho pelas portas para a fria noite.

A mão livre de papai agarrou meu cabelo e me puxou para olhá-lo.

— Você pequeno bastardo! Vai pagar por estar me incomodando!

Sua mão soltou meu cabelo e me bateu na mandíbula, a dor fez com que minhas pernas se debilitassem e logo caí no chão. Meu couro cabeludo ardia enquanto meu pai mantinha

seu firme agarre em meu cabelo, me batendo de novo em meu estômago. Soltou meu cabelo e me deixou cair. Fechando meus olhos, dobrei-me no chão tentando me proteger do chute que sabia que viria, quando de repente, escutei alguém detendo meu pai.

Abrindo meus olhos, vi Remo Marino o líder dos Heighters, agarrando meu pai pelos braços.

— Que diabos está fazendo com esse menino, velho? — perguntou. Pude notar que papai lutava para se soltar.

— Me solte, pedaço de merda! — gritou de volta. Mas então mais integrantes dos Heighters o rodearam e começaram a dar golpes.

Tentei me sentar, sem saber o que fazer, quando uma mão pressionou meu ombro. Minha cabeça virou a minha direita, quando vi o Gio Marino a meu lado. Tentei me afastar dele. A mamma havia me dito que me mantivesse afastado da gangue Heighter, dizia que só causavam problemas.

— Relaxe ragazzo — disse Gio — Não te vou machucar.

— Não? — perguntei. Minha voz estava rouca e meus olhos se voltaram para o resto da gangue que estava golpeando meu pai no chão.

— Pai — sussurrei e me cambaleei para ficar de pé. Gio se uniu a mim e envolveu seu braço ao redor de meu ombro, me forçando a ficar onde estava.

Os Heighters começaram a afastar-se de meu pai e meus olhos se arregalaram ao ver ele rodar de dor no chão, coberto de sangue. Nunca antes o tinha visto tão vulnerável.

Meu olhar nunca deixo meu pai, mas alguém ficou frente a mim e levantei o olhar. Remo Marino.

— Axel Carillo, não é? — perguntou e assenti, olhando para trás de Remo a todos os outros Heighters que me observavam. Sabia que todos eram Heighters pelas estrelas negras na bochecha esquerda.

— Pega você assim com frequência? – me perguntou Remo. Minha atenção voltou para o velho líder Heighter e assenti. Não me atrevia a mentir para ele.

— Eu... eu precisava de dinheiro para meus irmãos pequenos. Eles precisam de roupas. Meu pai não me ia dar. — Deixei cair minha cabeça pela vergonha — Fiquei nervoso e vim atrás dele... fui um estúpido. A culpa foi minha que me pegasse.

Remo olhou para trás sobre seu ombro a meu pai tentando se levantar e sacudiu sua cabeça.

— Odeio os malditos imbecis como ele. E você não é estúpido, menino. Fez bem. — O braço de Gio afirmou seu agarre em meu ombro e vi Gio assentir em direção a Remo que levantou sua sobrancelha.

Não sabia o que significava esse olhar.

— Filippo, dê ao garoto um pouco de dinheiro — Remo disse a um garoto que estava a seu lado. Filippo colocou a mão em seu bolso, tirou um rolo de dinheiro e o pôs em minhas mãos.

Minha boca se abriu ante a quantidade de dinheiro que me deu. Deve ter sido algo como centenas de dólares. Encontrei-me com o olhar de Remo de novo.

— Quer continuar conseguindo dinheiro assim?

Olhando o dinheiro de novo, assenti.

— Bem — disse Remo. Virou seu queixo para o Gio — Conhece meu primo mais novo Gio, Axel?

Olhei para Gio.

— Um pouco.

— Cuidarei dele, Rem. Ensinarei a ele como se faz negócios.

Remo assentiu.

— Bene. — Gio tirou seu braço de meu ombro e Remo se afastou — Volte aqui amanhã depois da escola, Axel, e nós podemos fazer com que ganhe uma maldita tonelada de dinheiro, muito mais que isso.

A emoção de ganhar mais dinheiro me paralisou. Podia ajudar a minha mamma. Podia ajudar meus irmãos.

Os Heighters começaram a se afastar com exceção de Gio.

— Por quê? Por que me ajudam? Não entendo. — perguntei e Gio sorriu para mim.

— É Italiano, fratello. Nós cuidamos dos nossos. — Encolheu seus ombros — E a forma em que hoje enfrentou seu velho mostrou que tem bolas. Não tem medo de lutar por uma causa. Vai se sair bem conosco. Cuidaremos de você.

Com suas palavras, deixei sair um longo suspiro.

— Grazie — disse sinceramente — Grazie mille.

Gio veio a meu lado e jogou seu braço ao redor de meu pescoço de novo. Começamos a caminhar para meu trailer, de volta com meus irmãos, quando olhei para trás, para meu pai no chão.

— O que acontecerá com meu pai? Voltará para nos pegar depois disto. Pagarei pelo que fizeram.

Gio riu.

— Ele não vai te tocar de novo, Axel. Sabe que é melhor não foder um Heighers. Agora está conosco, ragazzo. Se ao menos respirar a seu redor, Remo irá garantir que não volte a fazer isso nunca mais.

— Meu pai não tocará em minha mammá e meus irmãos de novo? — perguntei aliviado.

Gio negou e senti um sorriso aparecer em meus lábios.

Gio riu ante minha reação e assentiu.

— Estarei com você sempre, ragazzo. Agora, vamos procurar roupas novas para esses teus irmãos...

***

Aliyana ficou em silêncio enquanto terminava de falar, sentindo meu maldito coração ferido ao pensar nesse dia. O dia em que os Heighters mudaram minha vida.

— Eles te protegeram de seu violento e bêbado pai...? — disse Aliyana — Eles te ajudaram a vestir Austin e Levi?

— Sim — respondi com brutalidade.

— Axel... — disse a voz aquosa de Aliyana — Sua vida era tão triste. Não é de se estranhar que fosse com eles. Deram a você a esperança de que tudo fosse ficar bem.

Neguei.

— Foi mais que isso. Eles me salvaram. Mantiveram minha família junta, cobriam minhas costas... Maldição, devo tudo a eles.

— E seu pai?

— Foi embora duas semanas depois. Mudou-se com essa cadela que estava em seu colo. Foi o melhor dia de minha puta vida. Sabia que foi Remo e os Heighters quem o tinha obrigado a ir. — Soltei uma gargalhada — Eles salvaram a todos.

— Deus, Axel. Não sei o que dizer. Era tão jovem. Tão jovem para ter que lutar com tudo isso sozinho.

— Não me sentia jovem nesse momento. Tinha doze anos, mas parecia como se tivesse vinte e sete.

— E Gio? Tornaram-se bons amigos?

Não podia evitar, mas ante sua pergunta, ainda senti esse laço que tinha tido com meu melhor amigo.

— Ele sempre esteve comigo depois desse dia. Nunca me deixou sozinho. Me ensinou tudo o que precisava saber para sobreviver, para ganhar dinheiro. Foi a única pessoa que nunca me decepcionou. Desde o dia em que nos conhecemos, até o dia em que morreu, cuidava das minhas costas sem duvidar. — Meu corpo ficou tenso ao lembrar o momento em que tinha ouvido que tinha morrido... Morreu por minha causa. Havia sentido como se tivessem me cortado em dois, ao lembrar nossa amizade. Havia-me sentido como o maior desgraçado na face da terra. — E eu o entreguei a nossos rivais para salvar Aust e Lev... Ainda não pude me reconciliar com isso. Acredito que nunca o farei. Nunca tive ninguém tão perto de mim, desde então, duvido que alguma vez tenha de novo.

Ouvi Ally sorver, e quando olhei em seus olhos cheios de lágrimas, senti cada pedacinho de tristeza pela perda de meu amigo que tinha mantido encerrada durante tanto tempo, sair fora de mim.

Era o culpado pela morte do garoto que salvou a minha vida para salvar o sangue do meu sangue.

— E a cicatriz? — Assinalou Ally de repente — Em seu pescoço.

Encolhi os ombros.

— Uma briga estalou no pátio. Alessio e o resto dos Heighters a usaram para encobrir e chegar até mim. — Fiz uma careta, praticamente vendo todos eles se aproximarem, oito malditos deles contra mim — Lutei contra eles o melhor que pude, mas dois dos filhos da puta me imobilizaram contra a cerca. Alessio tirou a faca e, exatamente quando os guardas começaram a alagar o pátio, passou a faca pelo meu pescoço. — Agarrei a mão de Aliyana com mais força, por alguma razão, precisava de seu maldito apoio . — Correram enquanto eu caía no chão e começava a sangrar.

— Meu deus... — disse Aliyana — Como não morreu?

Meu peito se apertou.

— Estive perto. Me operaram e passei semanas e semanas na enfermaria.

— Cristo, Axel... E Austin e Levi? Por que não disse a eles? Não posso acreditar que não se importassem.

Minha visão perdeu o foco enquanto olhava para o vazio.

— Axel, por favor — pressionou Aliyana. Vendo seu rosto precisando de respostas, amaldiçoei a mim mesmo em voz baixa.

— Quando fiquei sabendo que Alessio entrou na prisão, cortei todos os laços com meus irmãos. Disse à prisão que não tinha familiares.

— Não entendo? — disse Aliyana. Seu lindo e preocupado rosto estava todo enrugado. Levantando minha mão passei meu dedo tatuado por sua bochecha, rodeando uma covinha profunda e disse: — Alessio é um imbecil sádico, um louco filho da puta. Assassinava por nada mais que uma simples aposta, esse bastardo matava por diversão. E eu tinha conseguido que atirassem em seu garoto, em seu irmão. Esse cara viria por mim, de qualquer forma que pudesse.

— Austin e Levi... — deixou morrer as palavras, entendendo por que fiz o que fiz.

— Lev tinha parado de vir para me ver na época, era só um menino e me odiava, mas Austin ainda continuava vindo cada vez que podia. Sabia que ele, Levi e Lexi estavam vivendo uma boa puta vida em Cisco. Lev estava em uma boa escola, Austin estava começando para os 49ers, Lexi estava comendo melhor e começou seu próprio centro de tratamento... — As lágrimas encheram meus olhos e tossi para esclarecer minha voz — Estava tão condenadamente orgulhoso.

— OH Axel — disse Aliyana e beijou meu ombro.

Agarrando o cabelo de Aliyana, terminei.

— De maneira nenhuma ia comprometer tudo o que eles tinham agora, a vida que minha mamma queria para eles, então cortei todos os laços. Alessio e seus garotos meninos não teriam nenhuma possibilidade de chegar até meus irmãos, a menos que cruzassem o país e sabia que os bodes não tinham os recursos para ir tão longe. Se chegassem a meus irmãos, seria quando viessem para me ver. Essa merda não ia acontecer.

— Então Austin nunca vez soube que deixou de ver ele para salvá-los?

Sacudi a cabeça para indicar

— Não.

— Também nunca souberam que estava ferido... que poderia ter morrido?

— Não, e nunca saberão — disse com severidade.

Aproximando-se, Aliyana pressionou seus lábios nos meus, me beijando três vezes. Levantando-se bem em cima de meu rosto, disse:

— Eles devem saber o que fez para salvá-los, Axel. Se eles apenas soubessem, se Lev soubesse...

— Não os salvei, Aliyana, condenei-os. Quando eram meninos, fiz acordos com os Heighters para levá-los a brigar a meu lado na guerra de gangues de rua, pensando que era fodidamente importante. Como se um maldito pedaço de merda do parque de trailers fosse malditamente importante. Mas meus irmãos, nah, eles não eram como eu. Eram inteligentes, talentosos... iriam ter algum lugar da vida. Quer dizer, uma vez que chegassem a se afastar malditamente de mim.

O rosto de Aliyana se obscureceu.

— Axel, é a pessoa mais talentosa que conheço, olhe o que cria — disse.

Tive que conter um sorriso ante a convicção de sua voz enquanto apontava para meu trabalho em progresso. Mas esse sorriso rapidamente caiu quando agarrei suas bochechas e disse:

— Não sou uma boa pessoa, Aliyana. Estou condenado. Tenho uma alma realmente escura e muito mais pecados amontoados em minha porta que o próprio diabo. Deveria estar se afastando de mim, não desejando correr para a escuridão que há em minhas mãos de merda.

— Muito tarde — disse em voz baixa — Já me consumiu. Não há volta atrás com você, não agora. Minha mão nunca vai soltar a sua, escuridão eterna ou não.

— Então eu tenho pena de você.

A boca da Aliyana se separou e conteve o fôlego de forma brusca. Passei a ponta de meu polegar por seu lábio inferior e disse:

— Matei pessoas. Entende isso? Mandei homens para o hospital. Arruinei muitas vidas... não há redenção aí fora para mim. Não há beleza, nem conto de fadas que se encontre vinculado a mim.

Aliyana negou e uma expressão determinada se estendeu por seu rosto. Mas então, algo passou sobre seu rosto enquanto olhava para meu menino de mármore chorando balas, e me encarando outra vez, ela disse em voz baixa.

— A arte mais linda frequentemente nasce das mais desesperadas circunstâncias. — E com essa única frase, destroçou meu coração de pedra em pedaços.

— Porra, garota... — grunhi, lutando contra o excesso de emoção, mas Aliyana apertou seu dedo em meus lábios antes que pudesse dizer mais alguma coisa.

— Sua arte é sua redenção, Axel. Elpidio é seu renascimento, sua segunda oportunidade na vida. É uma vítima das circunstâncias, não um pecador por escolha.

Sentindo minha garganta obstruir-se tão forte que senti que ia me afogar, lutei para tomar ar, só para sussurrar.

— *La mia luce*[12]. — Enquanto fiquei olhando para esta mulher a meu lado, completa e fodidamente assombrado por sua defesa de um perdedor como eu.

O rosto de Aliyana se ruborizou e baixou a cabeça até meu peito, com seus braços ao redor de minha cintura. Chegando atá minha mesa de cabeceira, agarrei um cigarro e o acendi. Tomei uma longa imersão.

— Não posso sentir cheiro de fumaça agora sem pensar em você — murmurou Aliyana. Passei a mão através de seu cabelo e me perguntou — Por que há um crucifixo agora cobrindo sua estrela Heighter?

Ficando tenso, tomei outra imersão e respondi:

— Um par de anos depois de me prenderem, meus companheiros reclusos Heighter entraram em minha cela e a apagaram com uma agulha e tinta. Tinham ouvido que Alessio vinha e não queriam que pensasse que tinham me

[12] A minha luz

deixado tranqüilo durante dois anos sem desforrarem de alguma forma. Nem sequer me incomodei em lutar, deixei eles apagarem o símbolo de uma gangue a qual já não queria pertencer de todos os modos. Depois do ataque, uns poucos meses mais tarde, consegui uma agulha e tinta de meu companheiro de cela e o mudei por completo.

— Mas por que um crucifixo? — perguntou Aliyana cuidadosamente.

Suspirando, disse:

— Minha mamma costumava ungir minha testa com água benta cada noite quando era pequeno. Não sei por que, mas quando levantei essa agulha que tinha apagado meu passado, a imagem estava em minha cabeça e antes de me dar conta, uma cruz estava em meu rosto.

— Axel — disse Aliyana, e levantou sua cabeça — A respeito de sua mamma...

Cobrindo sua boca, sacudi minha cabeça.

— Não mais. Caralho, garota, não posso suportar falar mais de toda esta merda esta noite. Tenho dito a você mais do que tinha planejado dizer alguma vez a alguém. Preciso que me deixe em paz agora.

Eu só não podia seguir com o de minha mamma. Era uma parte minha que permaneceria encerrada em meu coração e nunca queria abrir. Não seria capaz de suportar a culpa.

Aliyana assentiu, entendendo que não podia falar mais. Minha cabeça estava girando com o uísque, mas mais que isso, dava voltas porque Aliyana voltou para mim sabendo quem eu era.

Suavizando o cenho em minha frente Aliyana confessou:

— Não posso acreditar que esteja total e absolutamente apaixonada por Axel Carillo.

Fiquei imóvel ante sua confissão, meu coração palpitava contra minhas costelas e, sorrindo, enquanto ela beijava todo meu pescoço.

— Ninguém vai estar feliz a respeito de nós. Não vão entender isso. Mas não posso evitar não me importar.

A ela pode ser que não. Mas a mim sim.

Podia ouvir a tristeza em sua voz quando pensava em seus amigos, em seu primo de merda quando descobrissem que ela era minha mulher. Eles não tolerariam isso.

Precisando proteger ela, disse:

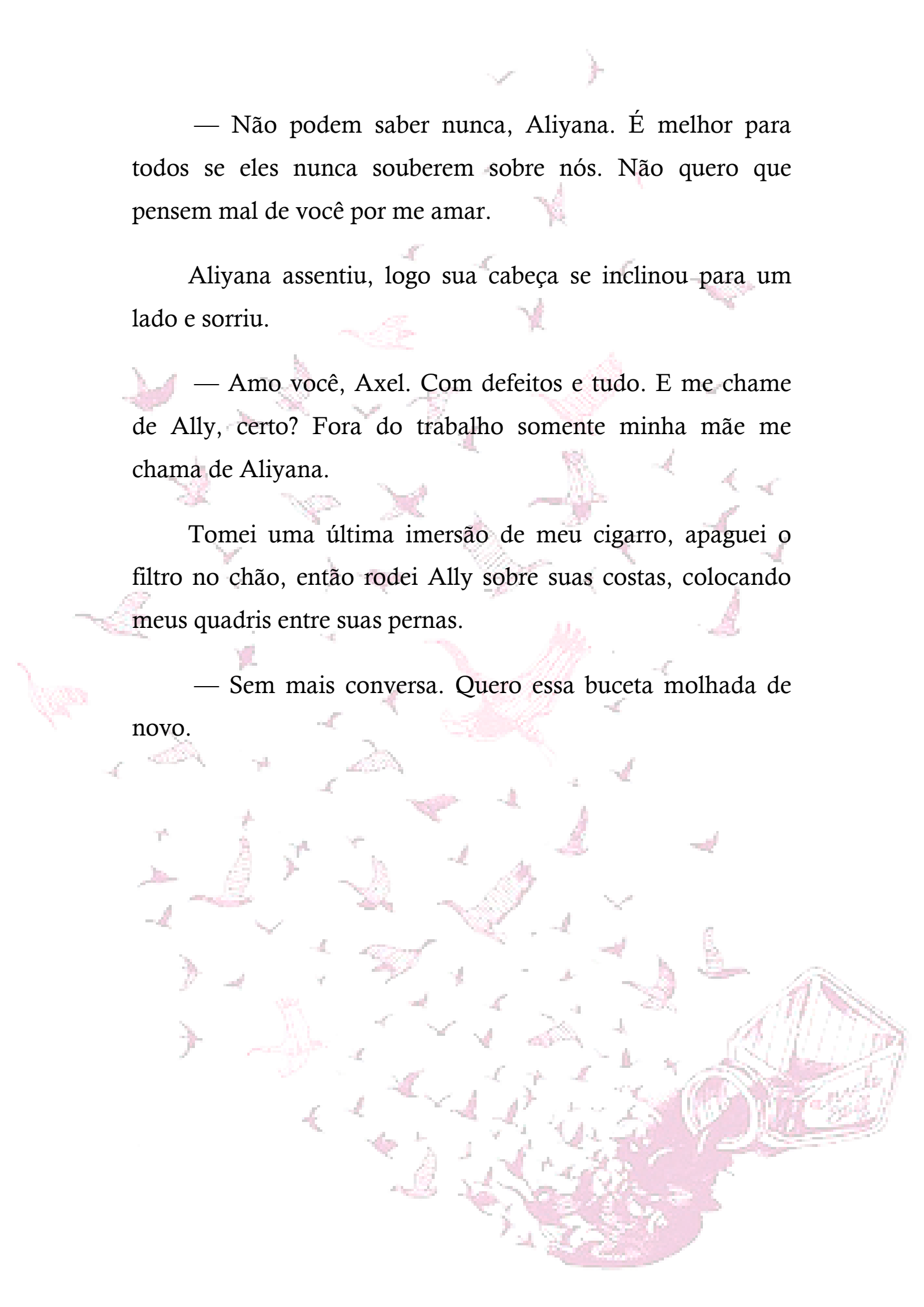
— Não podem saber nunca, Aliyana. É melhor para todos se eles nunca souberem sobre nós. Não quero que pensem mal de você por me amar.

Aliyana assentiu, logo sua cabeça se inclinou para um lado e sorriu.

— Amo você, Axel. Com defeitos e tudo. E me chame de Ally, certo? Fora do trabalho somente minha mãe me chama de Aliyana.

Tomei uma última imersão de meu cigarro, apaguei o filtro no chão, então rodei Ally sobre suas costas, colocando meus quadris entre suas pernas.

— Sem mais conversa. Quero essa buceta molhada de novo.



Capítulo 15

Ally

Um mês mais tarde...

— Está bem, querida, não parece muito bem?

Tinha estado de pé no corredor esperando que Molly descesse pelas escadas para ir na casa de Austin e Lexi, e franzi o cenho quando ela apareceu no alto das escadas parecendo débil e frágil.

Molly sacudiu sua mão diante de seu rosto.

— Ally, estou bem, só estou cansada — disse, mas meus olhos se estreitaram com preocupação.

Nos últimos dias tinha estado muito calada e cansada. Eu estava preocupada, e por certo Rome não a deixaria

sozinha, mimando ela vinte e quatro horas por dia, por isso sabia que ela estava também.

— Pronta para ir ? — perguntou ela. Assenti, sem querer mostrar minhas preocupações. Molly não gostava que a mimassem ou se compadecessem dela.

Cassie e Jimmy Dom tinham chegado do Texas de visita e estavam ficando na casa dos Carillo.

Na casa *dos Carillo*... incluindo *meu Carillo*. Meu escuro e torturado Axel Carillo. O homem pelo qual tinha perdido a cabeça.

Esta noite, Lexi estava fazendo para sua melhor amiga e seu marido, Cassie e Jimmy Dom, uma pequena festa para dar as boas-vindas a Seattle. É obvio que iria, eles eram uns de meus melhores amigos depois de tudo, mas depois de não ver Axel em quase dois dias devido a compromissos de trabalho, não podia esperar para o ver… para roubar esperançosamente um momento para o abraçar... estar apenas perto.

Depois de semanas de estar quase todas as noites em sua cama, estava viciada. Mais que isso, estava cativada, obcecada e completamente apaixonada.

Estava se transformando rapidamente em meu tudo, meu sol, minhas estrelas, minha lua, *meu tudo*. Embora pensasse

que ele sentia o mesmo por mim, nunca estava completamente convencida. Axel Carillo era uma fortaleza, um enigma. Sua atitude fria dizia que ele era de uma maneira, mas comigo, na cama, quando acariciava meu cabelo ou me abraçava depois de fazer amor no refúgio de seus grossos braços, sentia mais nele. Embora não se abrisse muito, nunca tinha falado novamente de seu passado, mantinha seus sentimentos enterrados, sabia que o fazia feliz, e em uma ocasião, tive a oportunidade de fazer ele sorrir...

Não havia nada mais lindo que um sorridente Axel Carillo.

Desejava que se abrisse para mim. Podia ver que estava atormentado. Mal dormia. Trabalhava todas as horas que podia em suas dilaceradoras esculturas, como se purgasse seu passado. Sabia que se ele compartilhasse seus demônios comigo, talvez pudesse começar a se curar, mas por agora, estava contente com apenas ter ele em minha vida. Sabia, que para muitos, a idéia de estar na companhia deste homem seria um pesadelo vivente. Mas, para mim, estar em seus fortes braços era o mais doce dos sonhos... meu mais sincero desejo feito realidade... meu raio de luz.

— Estou pronta, querida — disse a Molly. Tentei não mostrar minha crescente excitação ante o fato de ver meu

homem em questão de minutos, enquanto caminhávamos para meu carro de aluguel sob o céu chuvoso de Seattle.

Caminhando lentamente junto a Molly, entramos no carro e meu coração começou a palpitar enquanto imaginava seu duro olhar penetrando o meu. Só nós dois conscientes de nossa relação proibida. Isto fazia com que tudo o que compartilhávamos *fosse muito* mais intenso, como sabíamos cada momento que passávamos nos beijando, discutindo arte e unidos porque assim era unicamente para nós.

— Está muito bonita esta noite — disse Molly, apoiando sua cabeça contra o encosto de cabeça de couro, passando sua mão brandamente sobre sua crescente barriga.

Fiquei vermelha enquanto passei as mãos por minha saia justa até o joelho, de cor negra, cintura alta; minha curta camisa branca de mangas três quartos que mostrava uns três centímetros de pele entre esta e minha saia. Meu cabelo estava solto e encaracolado, sujeito a um lado, e em meus pés tinha meus Louboutins de couro negro, de dez centímetros.

Tinha me vestido para Axel. E, literalmente, não podia esperar para que me visse. Queria ver essa chama de desespero em seus olhos, a que mostrava quando estava nua diante dele e suas mãos de escultor acariciavam cada centímetro de meu corpo como se fosse uma musa.

— Só pensei em fazer um esforço — disse com um encolhimento de ombros indiferente quando peguei Molly olhando meu rosto com curiosidade.

Molly sorriu em resposta, mas me dei conta por seu olhar avaliador que sua mente de gênio estava trabalhando demais. Mudei a conversa para os últimos avanços na galeria, tentando afastar do rastro. Em escassos dez minutos, chegamos à residência dos Carillo.

Me fez rir quando me dei conta, há algumas semanas, quão perto viviam de Molly e Rome. Não é que Axel ficasse muito aqui agora, praticamente tinha se mudado para seu estúdio, fugindo de seus problemas não resolvidos com Levi... mas sobre tudo para que pudéssemos estar juntos. Sabia que Austin e Lexi se perguntavam onde ele estava quase todas as noites, tinha os ouvido falar em sussurros apressados, preocupados de que Axel estivesse metido algo ruim de novo, mas não o pressionavam. Acredito que Austin tinha medo de que se ele perguntasse, Axel se fecharia por completo. Provavelmente tinha razão; os escudos de Axel eram tão fáceis de romper como o Fort Knox.

Desejava que falasse a eles sobre sua arte, sobre o fato de que tinha mudado sua vida e que era... um homem excepcional, com um talento inigualável, mas não o faria. Ao invés disso, preferia que eles pensassem que trabalhava em um

mercado de pescado, retribuindo à sociedade por suas ofensas ilegais.

Mantinha-se em um estado de auto-ódio que me rompia o coração. Merecia o mundo, mas até que chegasse o dia em que desse aa boas-vindas a esse mundo, eu outorgava a ele toda a graça que podia reunir.

Enquanto Molly e eu saíamos do carro, a porta principal se abriu. Rome chegou a toda pressa, procurando com seus olhos imediatamente sua esposa. Tinha estado no treinamento dos Seahawks com Austin, depois veio diretamente para cá. Jimmy Dom tinha ido com eles, e eu tinha combinado de trazer Molly.

— Neném, está bem? — Ouvi Rome perguntar a Molly enquanto a ajudava a sair do carro — Não parece muito bem.

— Rome, não comece. Estou bem — comentou Molly exasperada, mas Rome lançou um olhar preocupado para mim. Encolhi os ombros. Honestamente, não pensava que parecesse bem tampouco, mas era uma mulher teimosa que insistiu em vir.

Andando atrás de Molly e Rome, olhei as janelas em busca de sinais de vida. Entramos na casa lentamente, e logo que o fiz, meus olhos procuraram Axel. Meu estômago caiu ante a desilusão quando vi que não estava em nenhuma parte,

que se visse. Era como uma viciada, desejando só uma olhada de sua treinada forma.

Rome tomou a liderança, segurando Molly, e nos levando para a esquerda para uma enorme sala de televisão. No sofá bem em frente de mim estava uma Cassie grávida, seu loiro cabelo e vermelhas bochechas tão brilhantes como sempre.

Assim que seus olhos se encontraram com os meus, apressadamente se levantou do sofá e deu o maior sorriso.

— Ally maldita Prince! — gritou alto com seu acento texano, seu típico jeans com strass e camisa xadrez cobrindo sua grande barriga.

— Cassie! — gritei de emoção e cruzei a sala para tomá-la em meus braços — Senti tantas saudades de você, menina! – disse em seu ouvido e ela me segurou em seu forte e apertado abraço.

Cassie me afastou e, olhando meu corpo, assobiou baixo.

— Merda, garota! Bem quando pensava que não podia ser mais sexy, vai e atira fora do estádio. Me faz querer comprar um vibrador com correia e foder seu traseiro.

Com o cenho franzido, neguei com a cabeça e tentei aceitar suas palavras pelo que eram: um elogio!

Me inclinando, esfreguei minha mão sobre sua barriga e levantei os olhos para seu rosto sorridente.

— Está incrível, querida. Não posso acreditar que esteja grávida de novo! Qual é este agora, o terceiro?

Ela encolheu os ombros em um "né", e assinalou ao JD.

— Sim, o terceiro. Culpa deste, que não pode manter suas malditas mãos fora de mim. O que entendo certamente, já que sou uma fodida cadela quente.

Rindo de suas habituais e escandalosas travessuras, olhei ao redor de Cass para ver o JD de pé junto a Austin e Levi, todos bebendo cervejas e vendo uma partida de basquete na tela gigante de Austin.

Me movendo em torno de Cass, fui até o sempre sorridente JD e me esmagou em um abraço de urso.

— Como está, querido? – perguntei a ele, e dei um passo para trás.

— Nada mal, Al, como está? Ouvi que está dirigindo uma fodida e luxuosa exposição aqui em Seattle.

Virei os olhos e olhei para Austin que sorria.

— Me deixe adivinhar, Austin te disse isso?

A meu lado Levi começou a rir enquanto Austin encolhia os ombros.

— Bom é assim, não é? Fodida e luxuosa, quero dizer.

Sacudindo minha cabeça, mas sorrindo por como eles viam o mundo da arte, lancei meu braço ao redor do ombro de Levi, alvoroçando seu cabelo cor areia.

— Não ria, Lev, está destinado a ser mais culto que estes pobres homens!

Levi riu, depois seu rosto se iluminou de um vermelho brilhante enquanto olhava minha roupa.

— Está muito bonita, Ally — disse em voz baixa, e meu coração se encheu. Ele era um bom menino. Mas então meu coração se desinflou rapidamente quando desejei poder fazer ele ver que Axel era um bom homem também. Um homem que tinha feito mais por seus irmãos do que sabiam. Um homem que os amava tanto, mas não sabia como expressar isso, porque nunca tinham mostrado a ele como fazer.

Fingindo um sorriso, abracei ele com força e respondi — E você não está nada mal, Lev. Me diga, tem uma garota já? As garotas na universidade devem estar clamando atrás de você. Se eu fosse mais jovem, teria estado em meu radar. — Pisquei um olho.

Me deu seu tímido sorriso habitual e sacudiu a cabeça.

— Não, senhora, não há garotas no momento. — Austin estava observando Lev enquanto seu irmão menor se fechava em si mesmo. Pude ver a preocupação acumulando-se em seu olhar.

— Olá Ally! — Ouvindo Lexi entrar na sala, me virei e caminhei para beijá-la na bochecha. Em poucos minutos tinha uma taça de Moscato na mão e estava esmagada junto a Cassie no sofá, com Molly e Lexi sentadas em cadeiras diante de nós.

Vislumbrei algo piscando no escuro corredor, meu coração começou a correr quando vi Axel, escondendo-se nas sombras, me observando. Sabendo que podia me ver, sorri em sua direção e notei em seus lábios um sorriso enquanto dava um passo mais para a luz. Deus, era lindo. Como sempre, estava vestido todo de preto, com o cabelo comprido caindo como uma cortina sobre seu rosto, mas esses olhos escuros que eu gostava tanto que ficassem em mim, me bebendo, me fazendo sentir como a mulher mais bela do mundo.

Deus, queria ir até ele. Queria que meus amigos dessem as boas-vindas a ele na sala, falassem com ele porque gostassem e me pertencia. Queria que me vissem caminhar abertamente até ele e beijar ele sem vergonha. Queria que o

aceitassem porque pertencíamos um ao outro, não importa quão difícil fosse para eles entender.

Mas sabia que não podia ser. Meus amigos e seus irmãos, não entenderiam. Então ao invés disso, tive que me conformar com olhadas furtivas às sombras, onde o homem que segurava meu coração se escondia do mundo... o mundo que o tinha rechaçado... o mundo que, aos trinta anos de idade, não o entendia.

— Axel?

Cada músculo meu congelou ao ouvir pronunciar o nome de Axel atrás de mim. Virei-me para ver Austin correndo para frente, um enorme sorriso em seu rosto.

Olhando de novo para as sombras, vi Axel tentando abaixar a cabeça e escapar, mas era muito tarde, Austin já o tinha visto.

— Axe! — disse Austin — . Vêem tomar uma cerveja com a gente... comigo. – corrigiu-se tardiamente, claramente envergonhado por seu deslize.

Os olhos de Rome se estreitaram enquanto permanecia de pé junto a Lev e JD. Levi baixou os olhos ao ver seu irmão mais velho e Rome murmurou algo para si mesmo.

A ira ardia em minhas veias ante a mudança de estado de ânimo do meu primo. Felizmente, Austin ficou diante de Axel, com um olhar esperançado em seu rosto.

— Não pensei que desceria quando te convidei para se unir a nós antes. Estou tão malditamente feliz de que o tenha feito, fratello.

Meu coração se afundou quando escutei quão feliz Austin era de que Axel tivesse mostrado a cara. Porque sabia que Axel nunca teria chegado até aqui para sentar-se conosco. Ele evitava qualquer contato com as pessoas ou multidões. Entretanto, ali estava, rondando na segurança da escuridão só para poder me ver.

De repente senti vontade de chorar. Axel deveria sentir-se bem-vindo na casa de sua própria família. Não deveria ter que guardar o que sentia por mim em segredo, por medo de que meus amigos me dessem as costas... por causa do homem que eu tinha escolhido...

Minha mão voou para meu peito enquanto me dava conta do que tinha estado a ponto de admitir. Não podia... não, ainda não, não é? Era impossível... Era...

Merda... era verdade...

Dei uma olhada para comprovar que ninguém tinha notado minha estranha reação, e ninguém o tinha feito... até que me encontrei olhando um par de familiares olhos dourados, o olhar de Molly Prince estava firmemente pega em mim.

Forçando minha atenção ao corredor às escuras, estava convencida de que Axel se negaria a entrar. Inventaria alguma pobre desculpa e sairia. Sabia que esta era sua idéia do inferno, então tive que evitar que minha boca caísse aberta quando ele, desajeitadamente, caminhou totalmente para a luz. Estava tão condenadamente sexy e melancólico que, por um momento, não pude recuperar o fôlego.

Amava ele. Amava este homem torturado diante de mim com uma intensidade sem fôlego.

Austin, claramente também surpreso pelo aspecto de seu irmão, passou um braço ao redor do ombro de Axel e o conduziu para um cubo das cervejas, entregando a ele uma garrafa de Bud.

— Esse é Axel? — sussurrou Cassie a meu lado. Virando em meu lugar para no sofá para ficar de frente com ela, assenti em silêncio. Queria dizer que era meu Axel, meu Elpidio, o homem que tinha me devolvido à vida com sua profunda alma e magnética força escura, mas não pude.

Vendo Cass avaliar meu homem, preparei-me para que falasse merda sobre ele, sentindo como se estivesse me apunhalando com uma adaga no processo, mas na maneira típica de Cassie, fez exatamente o contrário.

— Não me foda, esse tipo é o pecado em um pau! — exclamou Cassie com um suspiro apaixonado.

Molly e Lexi sacudiram suas cabeças para Cassie cujos olhos estavam fixos em Axel. Seus olhos azuis revisaram cada centímetro de seu corpo formado, um corpo que agora conhecia melhor que o meu, cada tatuagem sua gravada em minha memória.

— Quero dizer, esse comprido cabelo quase negro, a barba, as tatuagens no pescoço e o rosto... toda a coisa de *sou um ex-integrante de gangue, poderia te matar a qualquer momento e passei um tempo difícil?* Céus! — Cass se abanou com a mão — Se não estivesse grávida e casada estaria toda nessa merda de menino mau! Garantiria malditamente de reabilitá-lo!

Jimmy Dom olhava para Cass, exasperado. Depois de tudo, ela estava mostrando seu típico eu em voz alta. Obriguei-me a baixar um gole de meu vinho por temor a me jogar a rir... especialmente quando olhei para Austin e Axel, que estava olhando para Cass com expressões mútuas de

incredulidade. Ao menos Austin estava; Axel simplesmente a olhava com sua mandíbula apertada.

Austin, decidindo ignorar Cass, fez um gesto com a cabeça ao Axel na direção de JD, Rome e Lev. Quando Axel a contra gosto olhou para os três homens, todos estavam olhando para ele com expressões cautelosas, nenhuma das quais pareciam exatamente acolhedoras.

Axel apontou com sua cerveja ao assento mais próximo a mim, debaixo da televisão.

— Só vou ver a partida — disse com voz rouca. Soava com sua acostumada fachada dura e áspera, mas podia detectar a dor e a ferida em seu olhar e sua voz. As ações de Levi deixaram claro que não queria Axel em nenhuma parte perto dele.

Ouvindo Cass suspirar de novo, olhei em direção a ela e ainda estava abanando-se, olhando com avidez para meu homem. Virou-se para mim e murmurou.

— *Essa voz!*

Uma parte de mim se alegrou de que Cass se sentisse da forma em que o fazia eu. Isso me dava a esperança de que Axel e eu não fôssemos uma causa perdida.

— E então, Ally — disse Cass, recostando-se contra o sofá enquanto Axel se deixou cair na cadeira... a cadeira que oferecia uma vista perfeita de mim. Demônios, ele estava sentado exatamente no lado oposto.

Virei-me para Cass.

— Sim, querida?

— Há rumores que, tem um novo namorado? — As sobrancelhas de Cass dançavam, mas minhas bochechas flamejaram quando vi Axel congelar em minha visão periférica.

— Sim — sussurrei e tomei um gole de meu vinho, tentando evitar as perguntas que seguiriam.

— Então, como é? Algum artista solitário, não?

Sentindo minha respiração escapar, assenti com a cabeça.

— Sim.

Cassie golpeou sua coxa com um som forte e gemeu de frustração ante minhas respostas curtas.

— Ally, estou grávida e estive com o JD pelo que parece uma eternidade. Molly está grávida também e Lexi e Austin... bom, ela é sua pequena pix e ele é seu menino mau. Eles não

vêem ninguém mais, então precisamos viver a vida de solteiros indiretamente através de você. Então, solte, preciso de detalhes! Mamãe precisa de algumas fofocas!

Dando uma olhada em Axel, debati o que dizer. Estava preocupada de que fosse muito transparente e nosso segredo saísse à luz. Axel levantou sua garrafa de cerveja para sua boca e lançou um olhar para mim. Esse único olhar faminto me derreteu no ato. Pensei que talvez houvesse um brilho de diversão em seus olhos escuros, mas daqui não podia ter certeza.

Merda. Não tinha nem idéia de como sair desta.

Sentindo o olhar meticuloso de Cass queimando através de mim, suspirei com a derrota e perguntei:

— O que quer saber, Cass? Na verdade não quero falar disso... é pessoal.

Quando sorriu com entusiasmo, sabia que não deveria ter falado.

Fez uma careta, perdida em seus pensamentos, continuando, franzindo os lábios, perguntou:

— Como é ele na cama? Dotado? A foda do século?

Engasgando em meu gole de vinho, tossi e olhei para Lexi e Molly que estavam tentando não rir de Cass.

— Cass! — Lexi a repreendeu, com os lábios franzidos com humor. — Chega!

O rosto de Cassie se enrugou pela confusão.

— O que?

— Não pode perguntar esse tipo de coisas, Cass — disse Molly com cansaço, me fazendo esquecer momentaneamente minha exasperação por Cass e me preocupar com ela em seu lugar.

— Sim posso. Todos somos amigos aqui! E malditamente escutei você e Bullet fodendo e gritando mais do que queria quando voltava da universidade, então não há necessidade de acanhamento agora, Mol! Não é nenhum segredo que eles estão nisso como coelhos! — A mão de Cass pousou em meu braço enquanto os olhos de Molly estavam arregalados. Rome tossiu atrás de nós, e Cass seguiu independentemente — *E então*? O sexo? Como é?

Deixando escapar um suspiro, pude sentir meu rosto em chamas, mas respondi em voz baixa:

— O melhor da minha vida, Cass. É... é, incrível. Está feliz agora?

Cassie sorriu e eu virei a cabeça para olhar para Axel, que estava olhando para mim, seu olhar se acendeu com o calor que tinha chegado a adoração. Ele me queria. E, *Cristo*, eu o queria também.

— E... que aspecto tem? Preciso visualizar — perguntou Cass.

— É escuro, lindo, musculoso... literalmente quase perfeito — sussurrei, me dando conta de que estava traindo meus sentimentos por Axel mais do que o previsto — Simplificando, é o homem mais incrível e assombroso que conheci, em todos os sentidos, não só fisicamente, apesar de que esteja além das palavras nesse departamento também.

— Vá, merda, Al! — disse Cass, por uma vez, sua voz a um volume baixo — Não sabia que tinha se apaixonado por esse homem. Pensei que era só sexo?

Meu ritmo cardíaco se acelerou até igualar a velocidade das asas de um colibri, e piscando muito rápido. O braço de Cass se enroscou sobre meus ombros.

— Realmente você gosta deste garoto misterioso, né?

Inalando um suspiro tremente, dei uma olhada para Axel que estava agarrando o pescoço da garrafa com uma

intensidade feroz, esperando com grande espera por minha resposta.

— Roubou meu coração – sussurrei — Está irreparável e desesperadamente fundido com o seu.

— Ally... — Lexi a fez calar e vi as lágrimas encher seus olhos — Não tinha nem ideia...

Sentindo a sala adquirir um silêncio ensurdecedor, olhei para cima para ver todos meus amigos me olhando com surpresa. Esclarecendo minha garganta, nervosamente perguntei:

— Por que estão todos me olhando assim? Ela me perguntou, só estava sendo honesta.

Molly se inclinou para frente capturando minha atenção.

— Simplesmente nunca te vi assim tão apaixonada por um cara antes, carinho. É uma bênção presenciar isso.

Enquanto olhava os olhos dourados de minha melhor amiga, disse:

— Isso é porque ele não é qualquer homem, ele é meu *mais*, meu relâmpago, que estive esperando toda minha vida. — Um sorriso puxou meus lábios enquanto olhava para o chão e sussurrei — *Él es mi corazón.*

Sabia que não podiam entender que acabava de chamar Axel de meu coração, e me alegrei, era uma admissão para mim mesma.

Quando olhei através da sala, Axel estava sentado em sua cadeira, com os cotovelos sobre os joelhos. Então, como se já sentisse meu olhar, e sendo incapaz de enfrentar tal declaração, sem dizer uma palavra, levantou-se e saiu da sala.

Sentindo como se o ar tivesse abandonado meus pulmões, bebi o resto de meu vinho e fiquei de pé também.

— Se me desculparem um momento – disse — Vou ao banheiro.

Deixando meus amigos refletindo sobre minha confissão, entrei no corredor e, a minha esquerda, vi Axel entrar na cozinha.

Ao olhar para baixo em minha taça vazia na mão, sabia que poderia usar isso como minha desculpa para estar na cozinha com o Axel. Simplesmente precisava de mais vinho. Isso era aceitável, não?

Sem pensar duas vezes, entrei na enorme cozinha, imediatamente vi Axel. Estava inclinado, com mãos colocadas firmemente no balcão.

Suas costas estavam subindo e baixando com respirações profundas controladas.

Comprovando que não havia ninguém atrás de mim, fui para frente e parei a seu lado. Axel saltou sentindo minha presença. Sua expressão cautelosa mudou, quando viu que era eu e relaxou.

Sem tirar as mãos de cima do balcão, seus olhos me despiram lentamente. Podia sentir meus mamilos endurecer sob seu duro escrutínio.

— Porra, Ally — disse com voz áspera, sua voz profunda e gutural, e pude ver uma protuberância formar-se debaixo de suas calças jeans — Está me matando ver você assim. Quase peguei você na sala de TV.

Apertando minhas coxas pelo efeito que suas palavras estavam tendo sobre mim, me virei e fingi procurar algo em um armário alto. Podia sentir o duro olhar de Axel em mim quando me elevei, fingindo procurar mais vinho, sabendo que meu estômago estava se mostrando e meus seios pressionavam para fora enquanto minhas costas se arqueavam.

Ao ouvir um gemido, minha respiração parou quando Axel passou junto a minhas costas com sua frente como se estivesse passando inocentemente a meu lado para chegar a um copo.

Os calafrios correram por minha coluna vertebral com seu duro toque e afoguei um gemido enquanto seu quente fôlego flutuava por meu pescoço. Como se me pressionar em cima do balcão não me fizesse desejar que me fodesse bem ali, o roce de seus lábios e os dentes sobre a pele de minha nuca garantiram que desejasse.

Golpeando minha palma na superfície de granito para me acalmar, ordenou com voz quase inaudível.

— Será melhor que deixe esses sapatos colocados nesta noite quando chegar. Quero você sem nada mais que eles, seu cabelo como está agora e esses saltos golpeando em minhas costas.

Abri a outra porta do armário, tremendo; continuei fingindo procurar alguma coisa, quando seu braço empurrou o meu, com sua pele me roçando.

— Ficará a sós comigo? — perguntei, sabendo que ele, e só ele, seria capaz de me ouvir.

A cabeça de Axel se aproximou mais à minha. Lambendo ao longo da concha de minha orelha com sua língua quente, meus olhos bateram asas fechados, grunhiu.

— Malditamente pode apostar que sim. Não te tive ontem à noite e eu não gostei. Eu... – esclareceu a garganta e o

ouvi fazer uma pausa em sua respiração — Senti saudades, *querida*…

Completamente surpresa pela confissão sincera que saiu de sua boca, que geralmente não admitia nada. Uma confissão tão tenra, com palavras honestas, quando rara vez me dava algo, me fez entrar em lágrimas.

— Axel...

Obriguei-me a me manter tranquila, mas o meu coração estava tão cheio de emoção e meu sangue tão carregado de necessidade que não acreditei que fosse possível. Axel não se moveu de meu lado. De fato sua grande mão flutuou através de meu estômago, vagando seus primeiro dedos ao longo da minha pele exposta, continuando, à deriva até riscar o contorno de minha buceta enquanto seus lábios estavam próximos da minha orelha beliscando meu pescoço.

— Estava falando sério? — sussurrou e meus olhos se abriram.

— Sério sobre o que? — perguntei sem fôlego.

— Que roubei seu coração — disse brandamente. Podia escutar a reticência em sua voz pelo muito que queria saber. — Que está irremediavelmente fundido com o meu.

O calor encheu meu peito enquanto repetia minhas palavras completamente honestas. Deslizando atrás de mim, com seu braço ao redor da minha cintura inquebrável roçando meu traseiro contra sua dura ereção.

— Então, é verdade? Preciso saber...

Podia sentir seu coração pulsando rapidamente contra minhas costas. Sorri. Estava nervoso. Axel Carillo, comigo envolta em seus fortes braços tatuados, desesperadamente queria que minhas palavras fossem verdadeiras. Precisava de alguém que cuidasse dele com tanta força... precisava se sentir... querido.

— Sim — murmurei em voz baixa, sabendo que eu poderia dizer muito mais se eu não estivesse tão assustada — Quis dizer cada palavra. Me consumiu por completo, possuiu e me fez tua, *querido. Toda tuya...*

O agarre de Axel em minha cintura beirava a dor e seus quadris se apertavam contra o meu traseiro com mais força, o que se converteu em um gemido. Seu duro pênis estava zombando de minha buceta já úmida.

Ofegando e roçando as unhas contra as suas mãos, Axel foi subitamente me arrastando através da cozinha para a despensa. Uma vez ali, bateu minhas costas contra a parede, com as mãos mantendo minhas mãos presas por cima de

minha cabeça. Meu peito se movia e gemia ao ver meus seios inchando-se com sua atenção.

— Sinto que quero foder duro, aqui mesmo, agora mesmo, contra esta parede, *la mia luce*. Quero sentir que estrangula meu pênis tão fodidamente bem.

Lambi meus lábios, por quanto acesa estava, não podia suportar a tortura, *a mais doce das torturas*, no entanto, tortura. Queria o que oferecia também. Eu o necessitava dentro de mim. Necessitava essa sensação de um raio atravessando meu corpo, a que só sentia quando gozava com ele.

— Axel... — Suspirei, minhas pálpebras entrecerradas enquanto a boca úmida descia sobre a minha. Os curtos cabelos de sua barba se burlavam de meus lábios enquanto ligeiramente se aproximava de mim, o sabor da cerveja sendo proeminente ao redor de sua boca. Então, em um gemido sem restrições, Axel se lançou para frente e tomou meus lábios com os seus, seus movimentos furiosos. Ofereciam uma promessa... uma promessa do que nos esperava esta noite, quando estivéssemos sozinhos... quando pudéssemos estar juntos sem restrições.

Precisando de mais, precisando cada vez mais deste homem, empurrei minha língua insistente através de seus lábios até que a minha língua acariciou a sua.

Axel, mostrando uma fortaleza que falhei em possuir, separou-se com um grunhido de dor. Deixando cair uma de suas mãos para emoldurar meu rosto com a outra, que tinha uma intrincada tatuagem de teia de aranha que cobria sua pele, disse.

— Me mande uma mensagem quando quiser ir, vou estar lá fora te esperando. Quero você só para mim esta noite.

Assentindo com a cabeça aturdida, minhas pernas tremendo como um potro recém-nascido, retirei meus braços do agarre de Axel, endireitando minha saia e cabelo. O duro olhar de Axel estava me observando todo o tempo. Levantei minha mão para descansar sobre seu peito e confirmei.

— Esta noite, *querido.*

Bem quando me virava para sair, Axel fez sinal com seu queixo na direção de meus sapatos.

— Lembre-se, malditamente ficam.

Assenti em silêncio, lutando contra o impulso instintivo que tinha para não cair em seus braços e implorar que me levasse nesse mesmo segundo, obriguei-me a caminhar de novo à sala de televisão onde todo mundo continuava falando. Eles não sabiam que acabava de experimentar um dos

momentos mais eróticos da minha vida com o homem que acabava de comprometer meu coração.

Dando um sorriso, deixei-me cair junto a Cass, ela enlaçou seu braço com o meu, e me perguntou:

— Então, o que perdi?

***

A noite parecia arrastar-se ao escutar todas as conversas que meus amigos tiveram, mas me sentia desconectada. Minha cabeça, estava de volta nessa cozinha com Axel. Estava sendo despojada de minha roupa. Estava sendo devorada por sua boca faminta e sua úmida língua... E eu estava agarrando suas costas enquanto chorava por minha liberação.

Molly e Rome foram depois de umas horas, Molly finalmente admitiu que não se sentia muito bem. Parecia incômoda durante toda a noite. Estava realmente preocupada com ela.

Por último, ao redor da meia-noite, levantei-me da cadeira, me retirando mais cedo com o pretexto de ter que levantar cedo para ir à galeria. Não era completamente uma

mentira, estaria na galeria amanhã, mas primeiro tinha que passar tempo de qualidade com o escultor.

À medida que saía, uma sombra se moveu a meu lado e sorri sabendo que Axel tinha recebido minha mensagem. Enquanto apertava o chaveiro para abrir meu carro, subi no interior, meu pulso ensurdecedor quando a porta do lado do passageiro abriu também. Axel deslizou rapidamente no banco, apagando as luzes interiores, nos sumindo na escuridão.

O ar no carro parecia estar carregado de eletricidade. Colocando sua mão em meu joelho, Axel apertou minha perna e grunhiu um só comando.

— Dirija.

Lambendo meus lábios junto ao calor de seu toque, disse a ele:

— Só tenho que ir pegar minha bolsa de viagem na casa do Rome. Irei para a galeria amanhã cedo para colocar sua escultura mais recente. Estamos quase a finalizar.

A mão de Axel se congelou na minha.

— Não posso ir com você até a casa do Rome, o filho da puta me odeia, e se te vê comigo... — parou. Podia escutar a preocupação por mim em sua voz.

Levando meus dedos para sua bochecha, disse a ele.

— Só fique no carro, estarei fora em menos de cinco minutos. Ele e Molly estarão na cama de todos os modos. Eles nunca saberão. — Olhei para Axel. Sua expressão facial era glacial. Inclinando-se sobre o assento, deu um beijo em minha bochecha sentindo sua barba e assegurei a ele. — Vai correr tudo bem. Ninguém saberá que está comigo... — Sorri e acrescentei. — Então pode me levar de novo ao estúdio onde vou ser toda tua, para que faça o que quiser...

Axel agarrou minha cabeça com as mãos e me levou em um breve beijo duro. Sem fôlego, ordenou.

— Dirija malditamente rápido

Saí do meio-fio dos Carillos tão rápido como pude, e em tempo recorde, cheguei aos portões elétricos do Rome onde furiosamente pressionei o interfone para que se abrissem.

Cada vez que parávamos em um sinal vermelho, tinha tido que lutar para não jogar para trás o assento e mendigar a Axel para que me fodesse no carro. Nunca antes tinha tido, nem havia sentido, uma necessidade irracional de me entregar a um homem com todo o coração, por nenhuma outra razão que desejar estar o mais perto que pudéssemos chegar fisicamente.

Os portões se abriram lentamente. Ao ver o agarre de Axel sobre suas pernas, arranquei pelo caminho de cascalho e coloquei o carro no estacionamento.

Olhando para Axel, disse:

— Volto em cinco minutos. — Então enquanto abria a porta do carro, a porta de casa se abriu de repente. Ouvi um gemido de dor de Rome e me gelou o sangue.

Meus olhos se estreitaram na entrada às escuras, tentando ver o que estava acontecendo. De repente Rome saiu correndo pela porta... com Molly tombada sem vida em seus braços.

— ALLY! — gritou enquanto se dirigia para meu automóvel, com terror gotejando em sua voz. Corri do carro...

— Rome? — perguntei nervosa. Apanhei sua expressão assustada, enquanto Molly, vestida com uma camisola de seda comprida, pendurava pálida e não respondia em seus braços.

— Me ajude! – suplicou — Ela não acorda! Não posso despertar ela porra!

As lágrimas começaram a descer por meu rosto. Congelei sem saber o que fazer. Rome estava tremendo enquanto pressionava a sua esposa em seu peito, os soluços rasgados de sua garganta.

— Querida — sussurrou, seus dedos correndo por seu rosto — Querida... por favor... acorda...

Afogada em meus gritos, Rome me olhou. A impotência absoluta gravada em seu rosto me fez cair de joelhos.

— Ally – exclamou — Não posso perder ela, não minha Mol, não posso... – interrompeu-se e a balançou contra seu peito.

Tentei pensar, tentei decifrar minha mente frenética enquanto olhava minha amiga inconsciente. Não podia pensar racionalmente, não podia pensar com claridade.

De repente, o som da porta do meu carro se abrindo fez minha cabeça virar para onde Axel estava caminhando ao redor do carro. A cabeça de Rome se levantou quando viu o movimento. Seus olhos se gelaram.

Antes que meu primo pudesse falar, Axel abriu a porta traseira do carro, e olhou para Rome.

— Entra – ordenou — Vou levar vocês para o hospital.

Rome, precisando claramente que alguém assumisse o comando, correu para frente e deslizou com muito cuidado no banco de trás, todo o tempo murmurando a Molly para que despertasse.

Encontrei os olhos de Axel enquanto abria a porta do lado do passageiro. Minha boca se abriu, mas as palavras não saíram. Esfregando rapidamente as lágrimas de meu rosto com as pontas dos polegares, sua expressão se suavizou e disse:

— Entra, *querida*. Temos que ir.

Assenti aturdida, deixei-me cair no banco do passageiro e me virei para ver Rome pressionando beijos ao longo da testa, das bochechas e lábios de Molly. Seu rosto se contraiu de dor agonizante. Um forte grito escapou de sua boca enquanto se balançava com Molly em seu colo, olhando cada pedacinho tão indefeso assim como me sentia.

Em segundos, Axel estava acelerando pelo caminho, em direção ao hospital.

— Vai... Vai... vai fi-car bem — gaguejei para Rome entre soluços. Olhou em meus olhos.

— E se... e se ela morrer? *Cristo*, Ally, o que vai acontecer se os perder, ela e o bebê? Não posso... não posso... não poderei sobreviver... eu...

Levantei minha mão, coloquei sobre a sua e apertei com força.

— Ela vai ficar bem. — Meus olhos baixaram para olhar a proeminente barriga de Molly. E adicionei: — Ambos ficarão. Prometo.

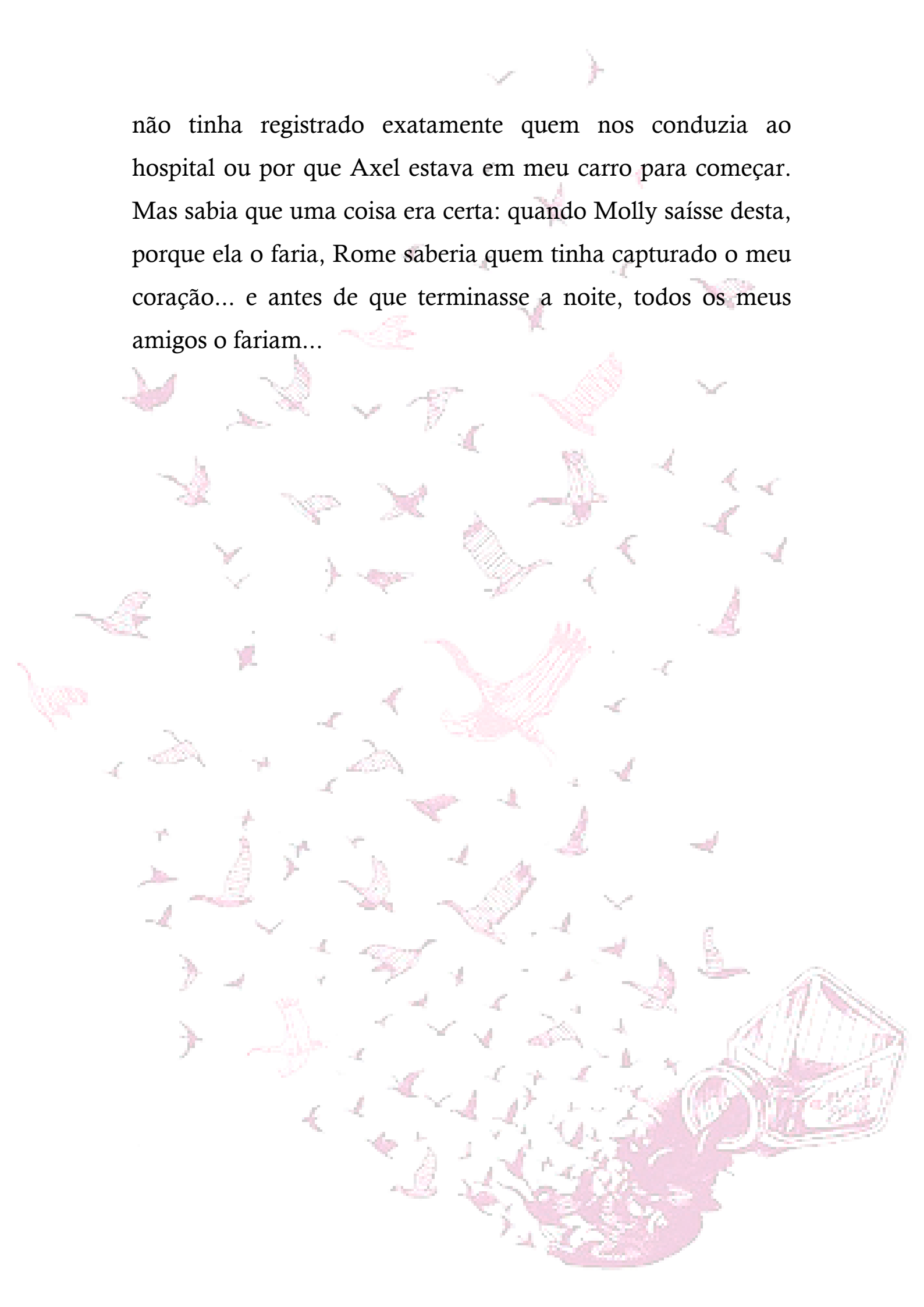
Sentindo um golpe doce com a mão ao longo de minha coxa, meu olhar se lançou para Axel que estava concentrando intensamente na estrada. Meu coração parecia como se fosse explodir. Ele não era alguém que demonstrasse afeto, mas esse só gesto, um toque de apoio fez com que meus olhos se enchessem de lágrimas de gratidão por ter ele em minha vida.

— Mande uma mensagem de texto para Austin e Lexi, *querida* -sussurrou Axel. Assenti, fazendo o que me pediu. Minhas mãos tremiam como folhas em uma tormenta enquanto procurava na tela touch screen. Eu consegui digitar uma frase, dizendo a nossos amigos o que tinha acontecido. Segundos depois, a resposta veio de Lexi dizendo que iriam nos encontrar no hospital.

Quando voltei minha atenção de novo para Rome, parecia... quebrado. As lembranças da noite na universidade quando Molly tinha perdido seu primeiro filho passaram por minha mente. Não podia fazer isso outra vez. Molly era seu universo... ela era seu mais.

Quando me sentei, olhei fixamente para Rome implorando a sua esposa para que estivesse bem. Sabia que

não tinha registrado exatamente quem nos conduzia ao hospital ou por que Axel estava em meu carro para começar. Mas sabia que uma coisa era certa: quando Molly saísse desta, porque ela o faria, Rome saberia quem tinha capturado o meu coração... e antes de que terminasse a noite, todos os meus amigos o fariam...



Capítulo 16

Ally

Rome e Molly foram enviados diretamente à unidade de obstetrícia, logo que chegamos. Molly tinha começado a se mover ligeiramente, seus dedos inquietos, e a soltar suaves gemidos entrecortados, mas isso era suficiente para me dar esperança de que ia ficar bem. Axel e eu estacionamos o carro e nos dirigimos para dentro, uma enfermeira nos disse que fôssemos para a sala de espera.

Enquanto caminhava aturdida, Axel me guiou através de um labirinto de corredores estéreis, comecei a perceber que as enfermeiras e os médicos observavam Axel com cautela. Manteve a cabeça encurvada, como se bloqueasse tudo, mas me dei conta. Estavam o julgando. Estavam vendo as tatuagens em seu rosto, braços e mãos intrincadamente coloridos. Acrescentando isto ao feito de que era muito musculoso e formidável em tamanho, obviamente, consideravam ele perigoso.

Cada guarda de segurança com o qual cruzávamos, virava sua cabeça enquanto Axel caminhava, avaliando-o. E com cada encontro, sentia-me mais e mais aborrecida. Minha melhor amiga mal podia despertar, meu primo estava caindo aos pedaços e o homem que tinha mantido a calma e nos deu a sua ajuda, era julgado como ameaça pelas pessoas neste hospital.

Sentindo minhas mãos apertar com frustração, meu coração começou a acelerar. Ao passar por dois guardas de segurança em um corredor vazio, viraram sobre seus calcanhares e começaram a nos seguir enquanto caminhávamos para a unidade onde levaram Molly. Minhas emoções estalaram, decidi que tinha tido suficiente.

Dando a volta, encontrei-me com os olhos assombrados dos dois homens e, com confiança, perguntei:

— Por que estão nos seguindo?

Permaneceram estóicos tentando segurar o olhar. Quando Axel pôs sua mão em meu braço para me fazer retroceder, seus olhos se centraram nele. Rompeu-me. A forma em que contemplavam este homem que estava se convertendo rapidamente em meu mundo, que não tinha recebido nada mais que caos e tragédia em sua jovem vida, bom, destroçava meu coração.

Afastando meu braço do agarre firme de Axel, dei um passo adiante imaginando como devia parecer com meu cabelo desordenado e rímel negro seco manchando minhas bochechas.

— É por ele? — perguntei friamente apontando ao Axel, cujo rosto não expressava nenhuma emoção.

— Só fazemos nosso trabalho, senhorita — respondeu o maior dos dois.

Ri sem humor e dei um passo adiante de novo.

— Bom, antes de julgar meu namorado, saibam que este homem salvou a vida de uma mulher grávida que não podia despertar. É um bom homem. Tem mais talento em seu dedo mindinho do que vocês dois poderiam sonhar. E só porque tem a aparência que tem, parece oportuno a vocês nos vigiar, enquanto nos dirigimos para saber se nossa amiga vai ficar bem? — sussurrei furiosa enquanto seus rostos permaneciam impassíveis.

— *La mia luce* — disse Axel atrás de mim, sua voz severo e baixa — *Vieni qua*. — Meu coração se acelerou mais e mais rápido enquanto ficava quieta, fulminando eles com o olhar. Então, a mão de Axel agarrou a minha, me surpreendendo.

Meu olhar se dirigiu automaticamente para nossas mãos unidas. Aspirei uma baforada ante sua exibição pública de afeto.

Axel nunca havia segurado minha mão. Nunca se aproximava de mim quando havia pessoas ao redor... não é como se estivéssemos realmente sempre perto de pessoas, de todos os modos, mas esta ação surpreendente me deixou sem palavras.

Axel utilizou seu poder sobre minha mão para me atrair para seu peito e passou sua mão livre por meu cabelo. Nossos olhares escuros chocaram e sussurrou:

— Temos que ir para cima para ver Molly. Temos que nos encontrar com Lexi e Austin. Não faça isto, deixe-os.

As lágrimas encheram meus olhos por como tranquilo e compreensivo que era ante a maneira em que as pessoas o observavam sem sequer conhecer nada acerca dele. Não podia suportar. Valia muito mais do que as pessoas pensavam. Sim, tinha tatuagens de gangues. Parecia sinistro e escuro para a maioria, mas era muito mais que a armadura que levava. Queria gritar aos quatro ventos que havia muito mais! Era criativo, artístico... e, embora tentasse retratar a si mesmo de outro modo, era um bom homem que se preocupava com os seus.

Se importava... de algum jeito tinha que fazer ele compreender também. Tinha que abrir uma greta no muro que tinha construído a seu redor.

Querendo envolver meus braços ao redor de seu pescoço e aproximá-lo, resisti.

— Mas não deve permitir que olhem e julguem você como um perigo. Não podem fazer isso! Não é justo!

Os olhos de Axel se fecharam um instante e inalou.

— Ally — disse enquanto exalava devagar — Que se fodam. Deixa que nos sigam. Não são nada para mim... Estou acostumado...

Enquanto uma lágrima caía por minha bochecha ante esta injustiça, deixei que Axel me afastasse, olhando para cima, para seu rosto inexpressivo enquanto seus dedos seguravam minha mão com força.

Estava tão acostumado a ser desprezado por todos fora de sua gangue que nem sequer pestanejava quando ocorria, inclusive quando estava tão fora de lugar. Nesse momento, entendi este homem tão fechado um pouco mais.

Ele não sabia como existir neste mundo dia a dia.

Cresceu em um infame parque de trailers no lado errado da cidade. Era o filho mais velho de um pai alcoólico e violento, que batia nele e em sua mãe constantemente. Uniu-se aos Heighters quando era um garoto porque isso era tudo o que estava a seu dispor nesse momento... Mas era só um garoto, droga! Condicionado a viver dessa maneira... cometeu erros, grandes erros. Entendia ele, embora ainda não pudesse compreender a maioria das coisas. Mas já tinha cumprido sua condenação. Tinha sobrevivido a ser um objetivo, atacado no cárcere por abandonar a sua gangue para salvar seus irmãos. Seus irmãos, que não tinham idéia do que tinha tido que suportar para garantir que pudessem escapar de suas vidas de merda e serem livres. E, apesar de tudo isto, este homem perdido, cuja vida tinha sido tão injusta, tinha encontrado sua vocação e mudou por completo com as simples ferramentas de um martelo e um cinzel.

Já tinha influenciado tantas vidas com sua arte... inclusive a minha. Ainda não se dava conta, mas tinha mudado completamente minha vida em cada maneira concebível.

Este homem, que estava agarrando minha mão como um parafuso para me salvar de me colocar em problemas por defendê-lo, merecia que as pessoas dessem a ele uma oportunidade. Estava enfurecida de que aceitasse com tanta

indiferença a conduta depreciativa e o comportamento hostil das pessoas para com ele.

Arrastando meus pés até frear, minhas emoções empanando minha lógica, olhei para trás e me dei conta de que os guardas de segurança já não estavam nos seguindo. Axel tinha parado também, sua atenção ainda estava focada para frente, mas pude ver sua mandíbula movendo-se por debaixo de sua barba. Pude ver os músculos de seu pescoço esticados pela ira.

— Por que deixa que as pessoas te tratem dessa maneira? — perguntei, escutando o fio cortante alimentando minha voz.

Os músculos inferiores do pescoço de Axel se apertaram, seus braços grossos pareciam aumentar de tamanho enquanto fechava os olhos fortemente. Exalou devagar pelo nariz, para tranquilizar-se, sua pele bronzeada avermelhada.

Quando não respondeu nada, adicionei:

— Não é justo como olham para você. Porque se parece assim, assumem que é um membro de gangue que só vai causar problemas. Isso me adoece! — Ainda não respondeu nada, então me aproximei mais e fiz com que olhasse em meus olhos — Por que fica em silêncio? Diga alguma coisa. Por Deus! Por que não diz uma puta palavra?

A mão de Axel começou a machucar a minha. Com um grunhido de frustração, deu a volta, me arrastando pelo corredor vazio até que parou em frente a uma porta com o pôster "Depósito".

Girando o trinco, me fez entrar e soltou minha mão. Começou a caminhar de um lado para o outro. Observei ele com cuidado, mas a adrenalina ainda estava bombeando grosseiramente em meu sangue.

Passando uma mão pelo rosto, perguntei:

— Por que estamos aqui?

Axel ficou completamente quieto, virando-se para me olhar, seu rosto estava retorcendo-se de raiva. Passou a mão por cima de meu ombro até a porta e travou a fechadura.

Usando seu peito, me empurrou contra uma estante de metal.

— Acha que não me importa? — disse entre dentes, em voz baixa.

Engoli em seco... empurrei ele até seu ponto de ruptura.

— Não acha que cada vez que um desses maricas, como esses estúpidos guardas, olham para mim como se não fosse nada mais que lixo, não quero me dar a volta e fazer merda

neles? Porque sim! Odeio a todos, porra. Odeio às pessoas e suas atitudes de merda do tipo "sou mais que você", a opinião que têm de "este cara vai me machucar" quando me vêem caminhar pela rua. Tenho uma fúria dentro de mim que estou absolutamente seguro que nunca irá sair, uma fúria que, se a desatasse em idiotas como esses, terminaria cometendo assassinato. E os mataria, eu sei. Não seria capaz de parar. Porque isso é com o que estive lutando toda minha vida, idiotas como esses! Me julgando e desejando desesperadamente que fracasse para então desaparecer e já não ser um problema da sociedade.

— Axel, isso não é verdade...

Levantando as mãos até a estante de metal, golpeou uma contra a prateleira superior e gritou:

— E, caralho, não preciso que me defenda!

Meus olhos se abriram amplamente e toda a ira que estava contendo se dissipou, somente sentia tristeza arrastando-se enquanto internalizava suas palavras.

— Não pude suportar. Não é o homem que vêem! Estão tão equivocados sobre você!

Axel riu em meu rosto, mas era uma escura risada zombadora. Negou, me olhando como se fosse estúpida.

— Não estão equivocados! – bramou — Têm razão! Sou o homem que eles acreditam que sou! Fui esse homem por tanto tempo que não sei como ser outro. É só que você não se permite ver o verdadeiro eu! Está cega por todo esta arte, toda esta merda do Elpidio! – lançou-se para frente e embalou meu rosto entre suas mãos — Porra, acorde, Ally! Sou Axel Carillo. Sou ruim, não sou bom para você... Por Deus! Sou um fodido traficante de cocaína! Continua tentando acreditar que sou este cara genial, me olhando com esses grandes olhos de corsa como se fosse seu sol, mas sou o oposto! Sou a meia-noite! Sou um puto eclipse que rouba a luz! Tenho feito isso a todos em minha patética vida de merda! Olhe pra Austin! Para Levi! Para minha mam...

A voz de Axel parou, quebrando-se pela emoção enquanto tentava pronunciar o nome de sua mãe. Empalideceu; mesmo dizer seu nome o destroçava irreparavelmente.

Afetava ele...

— É mais que isso — discuti, agarrando seu braço e puxando para que se virasse e me olhasse — Não se atreva a me dizer toda essa merda, Axel. Não para mim. — Respirei fundo entrecortadamente enquanto me olhava com uma expressão dura e imóvel cinzelada em seu férreo rosto. — Não

se atreva a fazer isto. O homem com o qual estou é um bom homem.

Suas mãos agarraram seu comprido cabelo.

— Não tem nem puta ideia. Você gosta de pensar que sou o reformado menino mau transformado em escultor ao qual deu seu coração. A verdade é que não há reparação para mim, Ally. Só escondo o demônio em meu interior, muito bem. Quando fui para a prisão, tive que aprender a lutar com a vida de lá muito rápido, maldita seja. Tive que aprender a controlar a ira, ou me arriscar a ser assassinado. Tive que fingir que era um bom menino, assim poderia conseguir sair vivo, porra... não tem ideia de como foi...

— Cale a boca — disse. Os músculos de Axel começaram a contrair-se pelo extremamente tenso que estava ficando devido a minha atitude.

— Que porra é essa que acaba de dizer? — perguntou, apertando os dentes.

Sem medo, enfrentei ele, olhando diretamente em seus olhos, e repeti:

— Disse para calar a boca.

Axel Carrillo ficou ali, seu enorme corpo irradiando ondas de pura ameaça, mas não me assustava. Isto era o que

fazia. Intimidava. Causava temor. Afugentava as pessoas. Mas, no fundo, era um menino pequeno assustado que não soube fazer outra coisa na vida além de brigar; brigar para proteger a sua família e os que amava, brigar contra uma sociedade que se esqueceu dele, que o tinha deixado de lado desde o nascimento.

— Tem que retroceder de uma puta vez, Aliyana. Agora mesmo. Estou te avisando — disse, ameaçador.

Lentamente, sacudi minha cabeça enterrando meu nervosismo profundamente, assim não se mostraria. As fossas nasais de Axel se alargaram. Sabia que tinha ele onde precisava. Ele não tinha nem idéia do que fazer comigo agora mesmo, agora que estava resistindo a suas tipicamente bem-sucedidas formas de intimidação. Porque o conhecia. Não me machucaria... podia ver isso em seus olhos... podia sentir isso com cada pulsar de meu coração.

— Não vou retroceder. Não deixarei você fazer isto. – Empurrei ele com força.

Seus olhos se entrecerraram, umas pequenas rugas aparecendo nas comissuras de seus olhos.

— Me deixe te perguntar uma coisa. E desta vez, realmente me dê uma resposta — pedi. Axel me olhou como um caçador olha a sua presa, mas não ia me permitir

fraquejar. — Por que começou a traficar drogas para os Heighters? Não por que se uniu à gangue, isso eu já sei, e sim por que começou a traficar cocaína quando era adulto?

Neste lugar silencioso, escutei seus dentes chiando. Podia ver seu pulso acelerar em seu pescoço. Sabia que isto era exatamente o que precisava.

Precisava ver por si mesmo que não era inerentemente mau. Ser mau por natureza e ter maus impulsos em você, eram coisas completamente diferentes.

— Me responda — disse.

Apertando seus punhos, vaiou:

— Porque era parte da gangue e isso era o que fazíamos para proteger nosso território. Os melhores vendiam a coca, o resto vigiava à polícia, pela ameaça de nossos rivais.

— Tolices – desafiei ele. A fúria prendeu em seus olhos. Empurrei seu peito — Me diga o verdadeiro motivo. Por que vendia droga? Não a gangue, você. Por que recrutou Austin e Levi na gangue, tão jovens?

— Por dinheiro — respondeu com frieza e um raio de esperança brotou em meu peito. Não estava mentindo descaradamente para mim, simplesmente fugia da verdade.

— Dinheiro para quê? — continuei.

Um brilho de dor atravessou sua pétrea expressão. Seus olhos começaram a brilhar.

— Não — insistiu. Desta vez, quase me detive. Podia ver a dor que não queria enfrentar saindo à superfície.

— Porquê, Axel? — insisti, agarrando o tecido de sua camiseta com minhas mãos.

Permaneceu em silêncio. Estava bastante segura de que não podia falar.

— Foi para conseguir dinheiro para o tratamento de sua mãe depois que foi diagnosticada com esclerose lateral amiotrófica? Foi para conseguir todo dinheiro que fosse possível para salvar ela de ter que sofrer tanta dor? Foi para que não morresse em agonia? É por isso que precisava do dinheiro?

A boca de Axel se entreabriu. Soltou uma respiração entrecortada enquanto uma só lágrima desceu por seu rosto, com seus lábios tremendo ligeiramente. Em compreensão, as lágrimas caíram por minhas bochechas também. Axel não sabia, mas tinha visto sua mãe... estive ali, no quarto, quando morreu. Queria dizer a ele, mas sabia que não estava preparado para essa confissão ainda.

Mas não podia parar agora. Tinha provocado uma pequena greta em sua impenetrável armadura; tinha chegado o maldito momento de que a armadura fosse derrubada.

Era o momento de permitir entrar na luz.

— Fez isso — disse com firmeza — Colocou seus irmãos nos Heighters porque não podia fazer isso sozinho. Precisava de ajuda, mas te assustava pedir. Não tinha a ninguém, de todos os modos. Estava sozinho, era *"Axel Carrillo"* o homem que os Heighters utilizavam para intimidar. O cara que todas as gangues rivais temiam acima de tudo. Portanto, como poderia pedir ajuda de alguém quando foi sempre o garoto que não mostrava nenhuma emoção ou remorso? Sim, uma parte de você queria Austin e Levi envolvidos, porque amava essa gangue. Eram sua família. Cuidavam de você quando ninguém mais o fez. Matariam por você, sem fazer perguntas. Estavam sempre ali quando não havia ninguém mais. E queria este sentimento de família para Austin e Levi. Porque os *ama. Ama* eles mais que tudo e qualquer pessoa neste mundo. São tudo o que fica e era a única maneira que conhecia para mantê-los perto e tentar salvar a sua mãe ao mesmo tempo. Pensou que isso manteria a todos juntos como uma família.

O coração do Axel estava palpitando contra seu peito enquanto olhava por cima de minha cabeça, incapaz de me olhar nos olhos. Mas sabia que estava escutando, porque sua

mão agarrou as minhas e apertou com força minhas mãos. Segurava elas como apoio.

— Mas não pôde salvar a sua mãe — disse em um tom tranquilo e compreensivo, usando meu polegar para acariciar brandamente a pele sua mão — Os Heighters estavam arruinando a vida de Austin e Levi. Fugiu da polícia quando Porter teve uma overdose, e impróprio de você, deixou que Austin e Lev lutassem com os últimos dias de sua mãe. Mas voltou e salvou Austin de ir para a prisão. Voltou para salvar seus irmãos acima da gangue que tinha sido sua única e verdadeira família durante tanto tempo. Porque faz tudo pela família. Tudo o que faz foi pela sua família. Uma e outra vez, sacrificou sua oportunidade de ser feliz para que eles tivessem a deles.

Deslizei minhas mãos ao redor de seu pescoço e risquei a longa cicatriz, a da navalhada que quase o matou.

— Sofreu cinco malditos anos por seus irmãos. E, embora tenha encontrado a paixão de sua vida dentro desse pesadelo, suas esculturas gritam desesperadas súplicas de perdão. São culpados e atormentados gritos de dor... profunda pena... profunda angústia e tristeza pelas coisas que acredita que não pode superar... ou confrontar...

Estava me referindo especificamente ao anjo de mármore. Ainda era a única peça terminada que nunca me explicou. Mas sabia a respeito do que tratava o anjo. O duplo rosto quebrado e o anjo liberado era sua mãe.

— Ally... — sussurrou, suas mãos tremendo enquanto me seguravam.

Curvando minha palma para descansar em sua bochecha, disse a ele:

— Conheço você, Axel Carillo, querido. Não é o vilão nesta história, é o maravilhosamente imperfeito herói. O herói na escuridão, que esteve sacrificando-se durante toda a vida por outros, para que estivessem a salvo... e o fez plenamente consciente de que nunca ninguém saberia. Mas eu sei e não me importa o que qualquer um pense de mim por te entregar meu coração.

— Todos vão saber agora — disse com aspereza, sua voz soando como se tivesse engolido metros de arame farpado — Seus amigos, meus irmãos, todos saberão que estamos juntos depois disto, depois desta noite... e não vão entender o porquê. Quando toda esta merda com a Molly passar, vão tentar te convencer de que me deixe. Vão querer nos separar.

Inclinando a cabeça, pude ver a dor e a apreensão... e isso foi... medo, em sua voz? A compreensão esquentou minha

alma... não queria me perder. Meu coração se encheu de tanto amor que mal podia respirar... ele não queria me perder...

Avançando para sua boca lentamente, rocei meus lábios pelos seus, escutando ele suspirar com esse mesmo sentimento que sempre sacudia nossos corpos quando nos tocávamos.

— Raios... — sussurrei contra sua quente boca, incapaz de deter meu sorriso.

— O quê? — perguntou enquanto sua mão acariciava minhas costas.

Sorri amplamente, a ação fazendo ele inalar uma respiração rápida.

— Relâmpago – esclareci — Juntos, provocamos... relâmpagos... é a única maneira que posso explicar a sensação que me atravessa quando te vejo, quando falo com você... toco você... faço amor com você...

Axel ficou em silencio ante minhas palavras, até que sua mão se envolveu com força ao redor de minha cintura.

— *Fulmine* — traduziu para o italiano. Minhas pernas fraquejaram ante sua pronúncia perfeita, ante tão bela linguagem deslizando de seus lábios — *Si...* — disse em um suspiro profundo – *La mia fulmine...la mia luce...*

— Me beije — disse.

Axel nos pressionou mais perto, fundindo nossos corpos uma vez mais.

Nossos lábios vagaram ao longo das bochechas e o pescoço até que ao fim se encontraram em um beijo sensual... o mais perfeito beijo suave. Foi dito mais neste único beijo do que em nossas intermináveis noites de amor.

Quando nossos lábios se separaram, nossas respirações se tornaram fortes, garanti a Axel:

— Ninguém pode fazer com que te deixe. Não me importa o que digam. É meu, todo meu. Seus problemas são meus problemas. Seus pecados são agora meus pecados.

Axel sacudiu a cabeça como se não pudesse acreditar no que acabava de prometer. Levantou a mão, virando meu braço para beijar o interior de minha mão.

— É meu sacramento. A água benta que minha mãe usava para me consagrar, uma prece de bênção deslizando de seus lábios, e, agora, corre por suas veias... — Deixou cair meu braço e recolheu minhas lágrimas com seus polegares, as chupando com sua boca. Quando seus lábios liberaram a ponta de seu polegar, finalizou — .. cai com cada lágrima que derramou por mim.

— Axel — solucei em voz baixa. Me deu um beijo em ambas as bochechas antes de me envolver em seus braços. Foi um singelo abraço. Um abraço que a maioria dos casais inocentemente compartilham quase distraidamente, mas Axel nunca tinha me permitido antes compartilhar um ato tão amoroso.

Significava algo... não, significava tudo... significava que tinha me deixado entrar... *finalmente.*

Quando envolvi meus braços ao redor de sua cintura e me derreti contra seu peito, disse para mim:

— É meu renascimento.

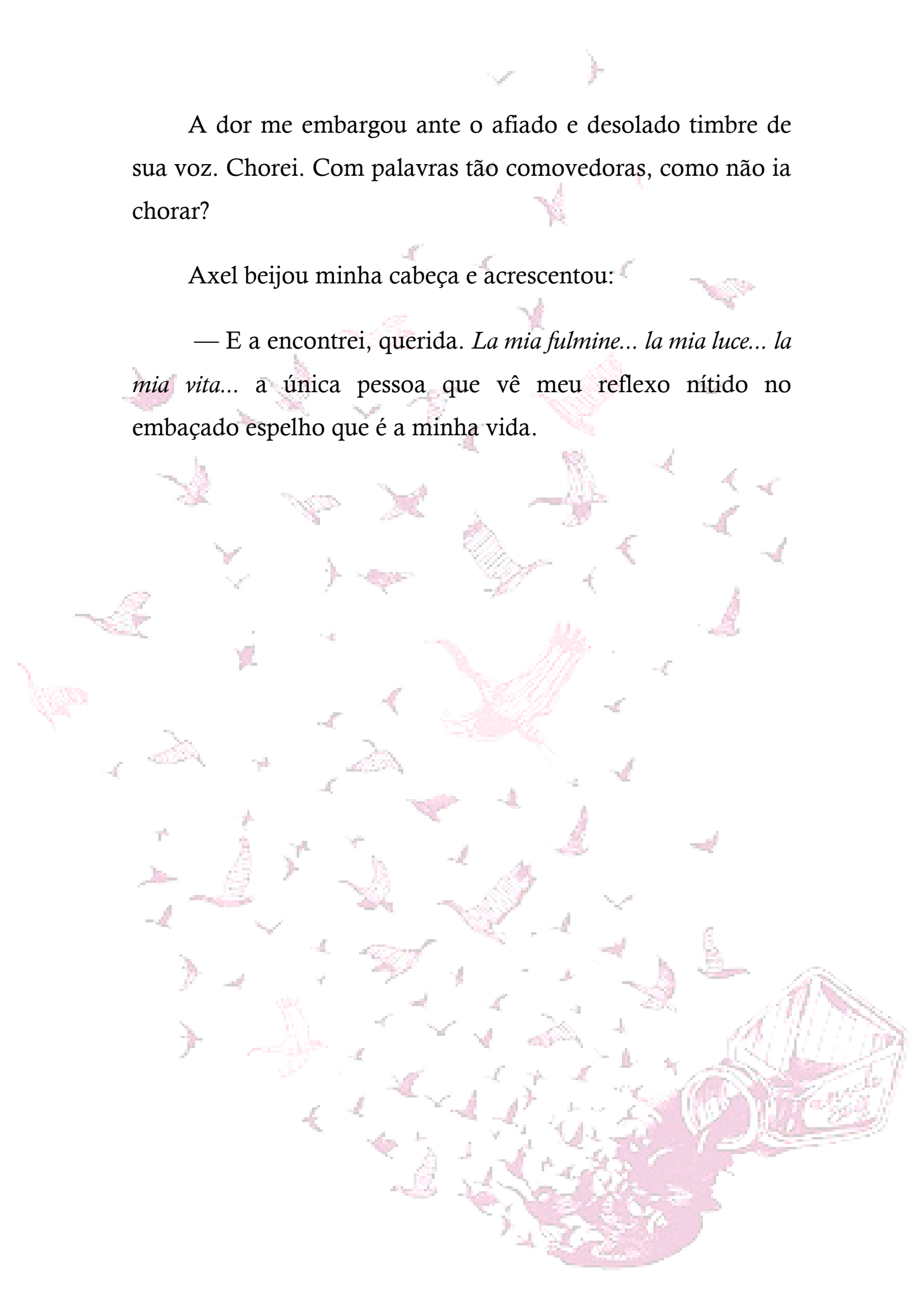
Quase afogando-se ao final da frase, me apertou mais forte. Franzi o cenho ante o que lhe deixava tão irritado, quando se abriu para mim... sobre o tema que nunca tinha podido falar antes deste momento.

— É o desejo que minha... mamma... tinha para minha obscurecida alma...o que ela me dizia todas as noites antes de deixar ela para traficar... *io prego perché tu possa trovare la tua luce, mio figlio smarrito...* eu rezo para que encontre sua luz, meu filho perdido...

A dor me embargou ante o afiado e desolado timbre de sua voz. Chorei. Com palavras tão comovedoras, como não ia chorar?

Axel beijou minha cabeça e acrescentou:

— E a encontrei, querida. *La mia fulmine... la mia luce... la mia vita...* a única pessoa que vê meu reflexo nítido no embaçado espelho que é a minha vida.



Capítulo 17

Axel

Não queria deixar este depósito e enfrentar o mundo real, assim, com relutância, afastei meus braços de Ally e instantaneamente senti frio.

— Será melhor ir ver como Molly está — sugeri, acariciando com meu dedo seu queixo.

Ally retrocedeu e, silenciosamente, assentiu. Baixou sua mão e pegou a minha. Seus cílios revoaram e perguntou:

— Está... está bem com isso?

Levando nossas mãos unidas a meus lábios, beijei o dorso da sua enquanto estudava seu rosto esperançoso... seu rosto *esperançoso*. Examinei cada linha e curva, uma imagem excitante. Uma impressão, uma faísca... como *sempre* começava.

Pensei em como Ally tinha me olhado assim. Voltei a pensar no momento em que vi a escultura da minha mamma, a única nessa galeria vazia, parecendo tão solitária que me fez desmoronar. E então, por detrás do mármore, ali estava ela, como uma maldita luz brilhante, seu belo rosto, o mais lindo que tinha visto em minha vida, me observando em silêncio... me fazendo sentir que já não estava sozinho. Deveria saber desde então, talvez o fiz de algum jeito, que esta seria a mulher que mudaria minha vida.

Meses atrás, estava perdido, me afogando em muita culpa e uma devastadora tristeza. Embora estivesse lutando por sair à superfície, nunca pude me liberar. Cada filho da puta que conhecia, me observava de lado, me permitindo me afundar, mas não ela. Não *la mia luce*. Pensei que ela poderia me lançar um salva-vidas, ou, pelo menos, tentar me puxar para cima. O que não esperava que fizesse era saltar e nadar a meu lado... esperando, só esperando até que estivesse preparado para segui-la até a borda.

Apertei a mão de Ally.

— Caralho, está mais que bem — respondi. E ali estava, esse sorriso ofuscante. Esse sorriso me dando a esperança de que talvez esta vida funcionaria, depois de tudo.

— Preparado? — perguntou Ally, com um sorriso nervoso.

Uma parte de mim, dizia que deveria deixá-la ir, que não deveria fazer ela passar pela merda que, sem dúvida, todo mundo ia dar por estar comigo. Mas a outra parte de mim, a egoísta, a que por uma vez em minha vida queria ter algo só meu, negava-se a deixá-la ir.

Ia dar atenção à parte egoísta. Não ia renunciar a ela por nada nem ninguém.

— Preparado — respondi. Juntos, saímos do depósito e pelo corredor para a unidade de obstetrícia. Quando chegamos, a enfermeira na recepção nos dirigiu para a sala de espera. Enquanto nos aproximávamos da porta fechada, olhei para baixo e pude ver a apreensão no rosto de Ally. Estava nervosa e me senti culpado.

Suspirando, deixei cair minha cabeça e tentei soltar ela. Ally me olhou alarmada e apertou nossas mãos com mais força.

— Não — disse com firmeza — Vamos enfrentar isto juntos. Estou disposta a suportar o que nos digam.

Puxando ela para meu peito com força, beijei a parte superior de sua cabeça. Ally virou a maçaneta porta,

endireitou os ombros e caminhou, me puxando atrás dela. Ouviam-se murmúrios de conversas. Quando levantei os olhos, Austin, Lexi, Levi, JD e Cassie estavam sentados em cadeiras de plástico... falando... mas todos estavam realmente silenciosos agora, enquanto nos observavam.

O silêncio se prolongou e Ally se aproximou mais a meu lado. Quando levantei meus olhos, cada filho da puta na sala estava nos olhando... para nossas mãos unidas... para Ally Prince com Axel Carillo.

A primeira pessoa que meus olhos enfrentaram foi Austin, que se encontrava franzindo o cenho com confusão, Lexi estava sentada em seu colo, boquiaberta.

Esclarecendo sua garganta, Ally perguntou:

— Como está Molly?

Passei de Austin para olhar Levi, que se encontrava observando entre Ally e eu, de ida e volta, ida e volta. Ninguém parecia feliz. Ninguém respondia a pergunta de Ally.

Meu estômago se afundou e o rosto de Ally empalideceu quando escutamos:

— Molly está estável. Sua condição avançou para eclampsia, é por isso que paralisou. Sua pressão arterial era muito alta.

Reconheci a voz de Rome Prince atrás de nós. Ally ficou tensa. Puxando sua mão para colocá-la a meu lado, nos viramos, para que todos pudessem nos ver. Envolvi meu braço ao redor de seus ombros e levantei meu queixo desafiando a qualquer um destes filhos da puta a dizer algo.

Ally se fundiu em meu lado e agarrou minha camiseta. Olhou para Rome com alívio.

— Molly vai ficar bem?

Ele tinha seus braços cruzados contra o peito e me dei conta que estava a ponto de explodir.

— Está dormindo, mas vai ficar bem — respondeu friamente.

Ouvi Ally suspirar profundamente e sussurrei em seu ouvido:

— Ela vai ficar bem, querida.

— Em primeiro lugar — disse Rome, me olhando — quero te agradecer por trazer Molly e eu até aqui. Caralho,

vim abaixo, mas nos trouxe até aqui e ela está a salvo agora. Não posso pagar isso.

Ally se relaxou ao escutar o agradecimento sincero de seu primo, mas, então, Rome deixou cair suas mãos e a olhou.

— Mas, em segundo lugar — sacudiu a cabeça com incredulidade, — Está com o Axel, Al? Está de sacanagem comigo?

Os olhos de Ally se endureceram e me olhou.

— Sim, estou com o Axel — respondeu, com orgulho em sua voz.

— Nos disse que estava se encontrando com esse artista. Porra, mentiu para nós? – meio que perguntou, meio que desafiou, parecendo como se não pudesse entender tudo o que estava acontecendo.

A mão de Ally se congelou na minha. Meu coração pulsava com força, me perguntando que demônios ia dizer a respeito disso.

— Sim – sussurrou, — menti... Menti a todos porque sabia que não o aceitariam.

Exalei bruscamente quando Ally mentiu para seu primo para proteger meu segredo. Então, Rome abriu a boca.

— Ally, que caralho está pensando? — perguntou em voz alta. Ally inalou um fôlego ferido — Perdeu a cabeça porra?

— Não – sussurrou. — Estou muito sã. Pela primeira vez, estou pensando perfeitamente claro... e o amo. Estou com ele.

Os olhos de Rome se estreitaram, quando Lexi falou:

— Não há artista? Axel é o homem pelo qual realmente se apaixonou? — Só havia preocupação no rosto de Lexi. Esse tipo de merda me estripou. Sabia que não éramos próximos, que ela ainda esperava que fracassasse na vida, mas nunca acreditei que veria o medo em seus olhos por eu estar com sua amiga.

— Sim. — disse Ally a Lexi, que lançou um olhar para Cassie que, surpreendentemente, por uma vez, parecia não ter nada a dizer.

— Nunca tem um namorado e, quando por fim consegue um, escolhe um fodido traficante de drogas ex-presidiário? — disse Rome. A ira começou a correr por meu sangue enquanto escutava Ally começar a chorar. A minha respiração estava ficando mais e mais rápida, e, quando os olhos de Rome se encontraram com meus, dei um passo

adiante. Ia matar este filho da puta por incomodar minha mulher.

Ally se interpôs, pondo suas mãos em meu peito.

— Não, querido, para.

— Merda, Ally! — exclamou Rome. Dei um passo adiante bem quando Austin ficou frente a mim e encarou seu melhor amigo.

— Deixa ele, Rome, agora — ordenou Austin. Rome parou de repente e, por sua expressão, me dei conta de que não podia acreditar no que meu irmão mais novo estava fazendo... cobrindo minhas costas... Eu quase não podia acreditar nisso, tampouco.

— Está falando sério, oitenta e três? Depois de tudo o que fez a você, a Lexi, ao Lev, vai defender ele por estar com minha prima? *Minha prima!*

Austin esticou sua mandíbula e me senti como uma merda. Sabia que odiava o fato de machucar Rome, mas também via o muito que queria me defender.

— Rome, estou tão surpreso como você de que estejam juntos e, honestamente, não estou seguro do que pensar disto bem agora. Mas Axel esteve fazendo isso muito bem. Então

para de uma fodida vez com esse todo esse ódio, por um maldito segundo, sim?

— Que pare de uma fodida vez? — repetiu Rome com os dentes apertados — *Que pare de uma fodida vez?* Ele é lixo. Sempre foi lixo. Sempre será lixo... e Ally? — Rome a olhou diretamente e disse — Ele vai fazer de você lixo também. Já esteve mentindo por ele para sua família e melhores amigos.

E isso me rompeu. Ally era qualquer coisa menos lixo. E sabia que o cara estava sofrendo, sua esposa estava doente, e estava como uma merda. Mas ninguém chamaria Ally de lixo, primo ou não.

Saltando para frente, quase pude partir o rosto de Rome, mas Austin conseguiu me deter. JD parou Rome quando tentou lançar-se para mim. Exatamente quando fez isso, a porta da sala de espera se abriu e os dois guardas de antes entraram.

Assim que me viram sendo refreado, seus olhos se escureceram. Ally se precipitou para mim e pôs suas mãos em meu rosto.

— Axel, por favor, se acalme — sussurrou.

Ao contemplar seu rosto, pude ver que estava mais que chateada, então olhei para baixo a minha mão, ainda em um

punho. Desfiz-me de Austin e envolvi meus braços ao redor dos ombros de Ally.

— Senhor, precisamos que saia daqui — disse o maior dos dois guardas.

Podia sentir Ally chorando em meu peito. Assenti para o cara. Olhando para trás, vi Austin com as mãos atrás da cabeça, me observando... mas também me dei conta de que inclusive ele não aprovava minha relação com Ally. Porra, a única pessoa que pensava que cobria minhas costas, realmente não o fazia. Quando chegou o momento, ele ainda me considerava indigno.

— Querida – disse — Fique com seus amigos. Irei. Tem que estar aqui para Molly.

A cabeça de Ally se elevou de repente e seus olhos pareciam enormes.

— Não — replicou.

Peguei Cassie amaldiçoando atrás.

Ally entrelaçou suas mãos com as minhas e se virou para seus amigos, Rome nos olhava como um falcão. Endireitando-se, anunciou:

— Menti a respeito de com quem estava porque sabia que agiriam desta maneira. Sim, estou com o Axel, e não me importa o que qualquer um de vocês tenha que dizer. — Olhou para Rome e ele sacudiu a cabeça com incredulidade — Sei o que fez de errado em seu passado. Sei que todos vocês acharão difícil de esquecer, mas é um bom homem. — Seu rosto se ruborizou e acrescentou: — E tenho vinte e sete anos, pelo amor de Cristo! Sou o suficientemente adulta para escolher a quem amo. E o escolho. Não preciso, nem procuro, sua aprovação.

Todos seus amigos ofegaram. Porra, nunca tinha visto tanta gente parecendo tão chocada. Então, para piorar as coisas, Rome se adiantou e disse:

— Preferiria que estivesse com qualquer um exceto ele. Qualquer um é melhor que um viciado traficante de crack que te levará diretamente ao inferno.

A cabeça de Ally se virou de repente para Rome, seus olhos se obscureceram e disse:

— Sim? Bom, não quero ninguém mais, exceto Axel. – Olhou para mim e me golpeou com um sorriso aquoso — Possui meu coração por completo.

— Ally... — sussurrou Lexi a nosso lado, suas mãos em sua boca e lágrimas em seus olhos. E não podia falar, meu

peito estava muito apertado ante ela orgulhosamente de pé a meu lado. Estava orgulhosa de estar a meu lado. Em que tipo de fodido mundo aterrissei que Ally Prince estava de pé orgulhosamente a meu lado?

Ally se voltou para Lexi.

— Por favor, pode me manter informada da recuperação de Molly, Lex? Diga a ela que a verei muito em breve e que sinto muito, mas não posso ficar. — Lexi assentiu, observando preocupada Austin. Então, Ally olhou para seu primo — Sei que não aprova, Rome. E quero ficar por Moll, mas me dou conta que está zangado comigo neste instante e precisa que saiamos. Porque, se Axel se for, eu também vou. Mas não sou essa garota a quem sente que tem que proteger, não mais. E não preciso que aprove minhas escolhas. — Tomou ar e continuou — Se quiser que saia de sua casa, farei isso. Entendo você.

A mandíbula de Rome se apertou enquanto me olhava, mas quando seus olhos pousaram em sua prima, suavizou-se um pouco.

— Não tem que ir, Al. Sabe, mas não posso estar bem com vocês estando juntos. Não tenho idéia de como aconteceu ou durante quanto tempo está acontecendo. Mas sei que ele é um fodido veneno, Al. Pode estar fazendo o certo agora, mas

o foderá de novo. Vi ele fazer isso desde que éramos garotos. É um Heighter por toda a vida.

— Não é, Rome — disse ela com frieza — Não tem ideia do quanto é incrível na verdade.

Com isso, virou-se e caminhou pelo corredor, deixando a todos seus amigos para trás. Não falamos quando subimos no carro nem enquanto íamos para meu estúdio.

Não havia muito o que dizer, de todos os modos.

***

Quando entramos no estúdio, Ally tinha seus braços ao redor de sua cintura como se tivesse frio. Dei um passo atrás, observando ela enquanto ela ficou imóvel olhando fixamente pela janela. Maldita seja, era tão linda que quase não podia suportar.

Pondo as chaves de seu carro de aluguel na mesa, movi-me para estar atrás dela e a virei em meus braços. Seu rosto, normalmente brilhante, estava muito pálido e a maior parte de sua maquiagem tinha desaparecido de tanto chorar.

Enquanto absorvia seu rosto excepcionalmente triste, meu estômago se virou.

Fiz isto a ela.

Fiz isto a todo mundo. Porra, destruí suas vidas, entristeci eles... fiz eles deixarem às pessoas que amavam.

Rome tinha razão, eu era veneno. E, provavelmente, a foderia de novo. É o que fazia melhor.

— Não faça isso — disse Ally, de repente, com voz rouca, devolvendo minha atenção a este momento. Não respondi nada. Não gostaria do que tinha que dizer, de todos os modos.

A mão de Ally se pressionou em minha bochecha, me aproximando.

— O quer que seja que esteja pensando, pare.

— Não deveríamos estar juntos — repliquei, embora me rasgasse por dentro.

Deixando cair sua mão de meu rosto, Ally se aproximou da cama e começou a despir-se. Meu pênis começou a endurecer-se imediatamente quando tirou seu Top, um sutiã de renda branco debaixo. E quando suas mãos começaram a baixar o zíper de sua saia, seu traseiro firme e bronzeado aparecendo, coberto unicamente com uma pequena tanga branca, tive que fechar os olhos para não me lançar sobre ela.

Conseguindo ganhar algum tipo de compostura, avancei pelo quarto para Ally, lutando para respirar enquanto desabotoava o sutiã e caía no chão... só ficou sua tanga e esses fodidos saltos sexys em seus pés.

Fiquei paralisado, completamente incapaz de me mover. Então, Ally se virou e me olhou. Puxou as forquilhas de seu cabelo no chão para que caísse por suas costas.

Parecia uma maldita sereia e estive tão completamente fodido.

Pude ver em seus olhos que sabia o que eu estava tentando fazer. Claramente, tinha antecipado que me encontrava de pé aqui, a ponto de me afastar dela. Para salvar ela de perder seus melhores amigos porque se apaixonou por mim. Mas também podia dizer, pelo olhar determinado nesses olhos, que não ia me deixar fazer essa merda.

Movendo suas mãos até a prega de minha camiseta, levantou ela por minha cabeça e se adiantou para pressionar seus lábios contra minha pele quente. Seus inchados e suaves lábios passaram por meus peitorais e para meu mamilo, que sugou em sua boca. Logo, continuou para baixo, até que chegou ao zíper de meu jeans.

Baixando o zíper com cuidado, empurrou meu jeans para baixo e agarrou firmemente meu pênis duro. Respirei através

de meu nariz enquanto se endireitava para me sussurrar ao ouvido:

— Pare de tentar fugir de mim. Escolho você. Quero estar com você, Axel Carillo. E continua tentando me afastar, vou dar rédea solta à latina ardente que vive dentro de mim e te *farei* escutar, porra.

Jogou para trás a cabeça, elevando sua sobrancelha com desafio e suas bochechas recuperando sua cor natural. Não pude evitar curvar meu lábio em um sorriso e Ally teve que franzir os seus para deixar de rir, também.

— Dar rédea solta à latina ardente? — perguntei com voz rouca, enquanto sua perita mão latina começou a mover-se por meu pênis de um lado a outro.

— Sim — sussurrou, em seu orgástico acento espanhol e, tomando minha mão, levou-a ao pequeno triângulo de sua tanga, deslizando meus dedos por sua buceta molhada, encontrando finalmente seus clitóris. Usando a ponta de meu dedo, comecei a movê-lo em círculos, amando ouvi-la ofegar.

À medida que nossas mãos se moviam mais rápido, empurrei seu cabelo para um lado para murmurar:

— Não esqueça que também sou latino. Posso dar tanto quanto receber.

Os olhos de Ally pareciam famintos quando joguei a cabeça para trás e me encontrei com eles.

— É... é... o porquê de... isto... entre nós... — disse entre respirações superficiais.

— Mmm? — Foi tudo o que pude dizer. Segurei seu cabelo agrupando-o em minhas mãos, meus quadris começando a balançar enquanto um rubor cinzelava sua pele.

— Esta... explosão que temos... é por isso que lutamos... gritamos... então fodemos como se não houvesse amanhã... foder com toda essa ardente paixão... é o sangue latino... dentro de nós... é o... fogo latino... — conseguiu dizer, antes que um grito cortasse suas palavras quando afundei um dedo em seu buraco.

Tinha razão. Tínhamos brigado, discutido, gritado... mas isso só alimentou a atração que tínhamos um pelo outro.

Estávamos nos acendendo...

Incapaz de ver além da maldita névoa sexual em que ela me tinha envolto, afastei sua mão de meu pênis e, retirando a minha de sua buceta, rasguei sua tanga, até que tudo o que usava era seu bronzeado natural e esses fodidos saltos agulha.

Os olhos de Ally se ampliaram quando dei um passo para ela, carne contra carne.

— Disse a você que ia te foder nesses saltos — murmurei, e vi como ficava com a pele arrepiada.

Os seios de Ally se levantaram com sua respiração, e, em um suspiro, disse:

— Me foda, então.

Sorrindo ante a latina sendo desatada, elevei-a por suas coxas. Caminhando através do quarto, Ally arrastou seus dentes ao longo de meu trapézio, me fazendo gemer. Alcançando minha área de trabalho, usei uma mão para limpar a mesa e baixei Ally sobre ela, suas costas imediatamente orvalhando-se com pó de mármore.

Os olhos marrons de Ally estavam frágeis pela luxúria quando ela me olhou. Incapaz de resistir a tocá-la, chupei seu seios, fazendo rodar seu mamilo em minha boca.

— Axel... Meu deus... — gemeu, seu buceta esfregando-se contra meu pênis duro. Quanto mais rápido se moviam seus quadris, mais precisava penetrá-la. Soltando seu seios, agarrei suas coxas e a atraí para a borda do balcão.

Sem afastar meus olhos dos seus nenhuma só vez, envolvi suas pernas ao redor de minhas costas, vaiando quando os saltos de agulha de seus sapatos se cravaram em

minha pele. Meus olhos se alargaram e Ally sorriu em sinal de vitória.

— Disse que os queria cravando-se em suas costas... bom, estão em suas costas, e agora?

Grunhindo quando esticou suas pernas, o agudo aguilhão de dor de seus saltos indo diretamente a meu pênis, preparei-me em sua entrada e empurrei.

— Cristo! — gritou enquanto suas mãos arranhavam meus bíceps, mas estava muito perdido, tão envolto nesta garota debaixo de mim, a única que alguma vez tinha estado de pé orgulhosamente a meu lado.

Investi nela, meu estômago apertando e minhas coxas ficando tensas enquanto sua cabeça se derrubava no pó. Seu cabelo escuro estava se enchendo de pó branco, manchas empalidecendo seu rosto avermelhado. Mas quanto mais se revolvia, mais fixamente a olhava. Parecia uma escultura viva. Parecia como a melhor escultura que já tinha visto.

Arqueando as costas, seus gemidos se fizeram mais prolongados, seus braços caíram de meus bíceps e os estendeu sobre sua cabeça. O pó se assentou em sua barriga plana e tonificada e, incapaz de resistir, estendi minha mão sobre sua pele coberta, investindo mais e mais forte. Os olhos de Ally se fecharam enquanto sentia sua buceta apertar e começar a

contrair-se. Então, todo seu corpo ficou tenso, sua boca se abriu enquanto gritava por sua liberação. Não podendo resistir à visão dela debaixo de mim, meu pênis não sendo capaz de suportar a pressão de sua apertada buceta, gozei mais duro do que nunca tinha feito em minha vida, com os olhos de Ally me contemplando.

Ofegando por ar, levantei minha mão e, com meu polegar, risquei ligeiramente com meus dedos o pó que cobria o rosto de Ally, e sabia, sem dúvida nenhuma, que estaria acrescentando uma peça final à exposição.

Ally me permitiu tocar seu rosto, deixou-me mover sua cabeça de lado a lado enquanto estudava seus ângulos e características. E soube nesse instante, que esta peça mudaria tudo. Esta peça seria a primeira em romper o molde.

Seria a que me libertaria.

Quando minha mão caiu de seu rosto, meu coração começou a acelerar pela emoção do que ia criar, e Ally afastou seus saltos de minhas costas. Imediatamente, senti a destilação do sangue na parte posterior de minhas coxas.

Vaiei e os olhos de Ally se ampliaram.

— Merda... Axel, sinto muito.

Baixando minha cabeça para tomar seu lábio inferior entre meus dentes, investi nela uma última vez e soltei seu lábio para dizer:

— Não sinta. Porra, isso foi incrível.

O sorriso que Ally esboçou, quase me fez cair de costas. Elevando ela de novo, levei-nos até a cama, mas não antes de que Ally agarrasse a garrafa de uísque que havia em minha mesa, trazendo ela para nós.

Segurava firmemente em seus braços. Encolheu os ombros.

— Acredito que precisamos esta noite.

Enquanto nos baixei à cama e nos arrastei sob os lençóis, começou a amanhecer. Ally esperou até que me sentei contra a cabeceira e, então, passou sobre mim até minha mesinha de cabeceira. Pegou um cigarro de meu pacote quase vazio, colocou-o entre seus lábios e o acendeu. Quando a ponta brilhou alaranjado, Ally tomou uma imersão, tirando-o de seus lábios e pondo-o entre meus. Quando se abateu sobre mim de quatro e tomei uma longa imersão, sua sobrancelha se levantou.

— São muito ruins para você, já sabe.

Agarrando o cigarro com o índice e o polegar, exalei.

— Sim, ouvi isso uma vez.

Ally se pôs-se a rir mais forte desta vez, mas parou para pressionar beijos por minha barriga. Passei minha mão por seu cabelo e levantou sua cabeça para dizer:

— Nunca posso ter o suficiente de você. É impossível.

Meu coração pulsou mais rápido e alcancei a garrafa de uísque. Quando Ally inclinou sua cabeça para me olhar, disse:

— Sou muito ruim para você, já sabe.

Ally conteve o fôlego por um momento, perdendo seu sorriso. Baixou sua boca a meu peito e se moveu até meus lábios, só para sussurrar:

— Sim, ouvi isso uma vez.

Soprei uma risada enquanto Ally se sentava, me olhando divertidamente.

— Só uma vez? — perguntei.

Fingiu pensar, seu dedo em seus lábios.

— Ou duas, três vezes... — riu, mas rapidamente perdeu seu humor — .. ou um milhão.

Meu estômago se esticou ante o tom triste em sua voz. Equilibrei o cigarro entre meus lábios e agarrei a garrafa do

paraíso do Tennessee de suas mãos. Desenrosquei a tampa, tirando o cigarro de meus lábios tomei um gole de uísque e a entreguei para Ally. Bebeu três goles longos antes de tirá-lo bruscamente de sua boca para ofegar ante a queimadura em sua garganta e peito.

Enquanto estava sobre seus tornozelos, depois de beber o uísque, seus olhos percorreram o quarto. Ao ver o estado da estação de trabalho, olhou seu cabelo e levantou suas mãos. Riu.

— Sou um desastre — disse, tentando sacudir o pó de seu cabelo e sua pele.

Não era um desastre. De fato, se não estivesse aqui agora mesmo, eu estaria agarrando uma nova laje de mármore e começando a esculpir a imagem que já frequentava minha maldita cabeça.

Os ombros de Ally se desabaram. Passando seu dedo pelo topo da garrafa, disse:

— A exposição já está quase preparada, Axel.

Essa tristeza estava de volta em sua voz e não podia me olhar.

— Sim?

Ally assentiu, com os olhos baixos. Levantou a cabeça e, me olhando, disse:

— Vou conseguir outro emprego depois que termine este.

A compreensão me golpeou... ela deixaria Seattle.

— Para onde vai? — perguntei.

— Para onde possa conseguir um trabalho. — Assenti, incapaz de falar, sentindo como se mil adagas se cravassem em meu peito. Realmente não queria que se fosse.

— E você, Axel? Para onde irá?

Minhas costas ficaram tensas e me enrijeci. Nem sequer tinha refletido sobre isso. Só pensava no aqui e agora. Que tinha que estar em Seattle...

— Não sei — respondi.

Ally me observou.

— Não vai voltar para Bama?

Neguei com firmeza.

Ally franziu o cenho.

— Por que?

Afastei o olhar, não queria falar disso, mas Ally se arrastou para frente e ficou escarranchada sobre minha cintura, afastando o cabelo de meu rosto com as mãos.

— Axel, me diga por que. Pelo amor de deus, tem que começar a compartilhar coisas comigo. Me fale de sua vida. O que está passando nessa sua complexa cabeça?

Suspirando, pus minha mão na coxa suave de Ally e disse:

— Me matarão.

Sua mão deixou de acariciar meu cabelo e a cor desapareceu de seu rosto.

— Te mat...

— Matarão — terminei por ela e dei uma longa imersão em outro cigarro. Ally me olhou. Pude ver sua mão começar a tremer — Ouça — disse, pegando sua mão na minha — Não...

— Quem vai te matar? — interrompeu. Podia ver o medo em seu rosto.

Duvidei, porque não queria colocar ela nisto, mas se inclinou para frente e pressionou sua testa contra a minha.

— Me diga... compartilhe isto comigo. Não lute com isso sozinho. Estou aqui... Estou aqui... com você... para você.

Meus dedos se apertaram em suas coxas e me dei conta de que, finalmente, queria dizer a ela o que sempre tinha mantido em meu interior.

— Axel, por favor — implorou e, sem querer estar mais sozinho, olhei a nos olhos.

— Sabe quantos anos me deram, Ally?

— Dez — disse.

— Mas só cumpri cinco — acrescentei.

As sobrancelhas de Ally caíram.

— Achei que tinha saído por boa conduta.

— Essa foi uma parte. – expliquei — Mantive minha cabeça baixa, tentei me manter fora do caminho de todos.

— Então, que mais? Que mais fez com que saísse antes do tempo?

— Delatei nomes.

A testa de Ally se franziu em confusão.

— Que nomes?

Passando minha mão por meu rosto, respondi:

— Os traficantes de drogas que abasteciam os Heighters. Os federais sabiam que podia dar a eles seus nomes e direções e onde guardavam seu contrabando. Não tinha nada a perder ao delatá-los. Os federais me prometeram cumprir a metade da condenação se fizesse isso, então aceitei. Os fornecedores foram os que nos deram essa coca em mal estado que fez com que Porter tivesse uma overdose. Esses bastardos mereciam cair.

— E eles são os que querem você morto?

Ri sem humor.

— Provavelmente, mas não são os que sei que têm a intenção de fazer isso. Se os federais tiverem feito bem seu trabalho, os distribuidores não saberão que fui eu quem os entregou. Vão estar cumprindo pelo resto da vida agora, de todos os modos.

— Então, quem...? — Ally foi se apagando.

— Remo. O primo mais velho de Gio, o velho líder Heighter. Era tão próximo a Gio como Austin e Lev são para mim, então está irritado. Teve que fugir do estado faz anos quando um problema com os Kings saiu do controle. Precisava passar despercebido durante um tempo. Aí é onde estava quando toda a merda se afundou com os Heighters e a overdose do Porter. Gio me disse que tinha que sair da cidade

por um tempo e passar despercebido, também. Então fui e fiquei com Remo. Foi muito bom comigo. Ajudou-me a me esconder sem ser detectado. Mas, quando Lev me ligou e me disse que a mamma tinha morrido, que Lexi sofria de anorexia e estava no hospital, e que Austin tinha sido preso, soube que tinha que voltar para casa. Nunca devia fugir como um fodido maricas, de todos os modos.

«Quando disse a ele que ia voltar para casa, Remo tentou me deter, sabia que Gio precisava de mim para manter a equipe forte. Eu era a razão principal pela qual a maioria de nossos rivais nos deixava em paz. Sabia que seriam vulneráveis sem mim ao redor. Então dei uma surra nele para escapar, retornei a Tuscaloosa e me entreguei. Sabia que Remo viria atrás de mim. Ninguém fodia com ele. Então, depois que organizei o golpe contra Gio... Remo garantiu que eu recebesse uma mensagem dentro da prisão: se saísse, podia me dar por morto. Porra, arruinei a todos. Tinham me salvado de meu pai, dessa vida de merda e, agora, Remo vai me fazer pagar por tudo, porra.

Ally fez um gesto de dor quando mencionei a morte de Gio, e talvez a minha, mas o ignorou e perguntou:

— E Remo, sabe que está fora da prisão agora? Sabe que está em Seattle? — Sua voz se tornou mais e mais alta quanto mais falava.

Encolhi os ombros.

— A esta altura deve saber, não há dúvida. Alguns dos guardas eram fáceis de subornar. Alguém o terá feito saber.

— Então, tem que dizer isso a alguém! – meio que gritou, suas bochechas pálidas e seu rosto cheio pânico — A polícia, alguém.

Embalei seu rosto para acalmá-la.

— Ele não tem o dinheiro para vir aqui e está sendo procurado pelos federais. Não se atreverá a correr o risco. Não sabe em que parte de Seattle estou e, definitivamente, não sabe nada da exposição e... Elpidio e toda essa merda.

— Cristo, Axel... — disse Ally, com a voz quebrada — Eu... tenho tanto medo por você...

Meu estômago se retorceu pela dor em sua voz.

— Não tenha. Atravessei merda pior. As pessoas me quiseram durante anos. Tornei-me muito bom em esquivar de balas. – Tentei fazer com que parecesse uma brincadeira, mas Ally não viu a graça.

Agarrando o uísque, coloquei ele em suas mãos.

— É melhor que tome um gole.

Fazendo o que disse, Ally bebeu um comprido trago do líquido âmbar. Mas quando baixou a garrafa, ainda podia ver a preocupação em sua expressão.

— Porra, Ally — disse e, segurando seus braços, empurrei ela para baixo e esmaguei minha boca na sua. Em questão de segundos, derreteu-se debaixo de mim e me fastei um pouco — Não pense sobre tudo isto.

Seus olhos se encheram de lágrimas e seus dedos se envolveram ao redor do comprido cabelo caindo diante de meu rosto.

— Você nunca tem um descanso, não é? Sempre há algo que te atormenta.

A tristeza em sua voz me cortou profundo. Engolindo o nó que estava obstruindo minha garganta, respondi:

— Procurei por isto, querida. Causei a guerra, estas são as consequências. É o carma.

— Você merece o melhor — sussurrou. Em sua expressão pude ver o muito que acreditava. Não tinha nem idéia do que fiz para a merecer.

Fechei os olhos enquanto interiorizava suas palavras.

— Tenho mais do que mereço. Um irmão que está casado com uma garota que ama mais que a vida e está jogando na NFL. O outro está a caminho da NFL. Tenho uma mulher e nunca vou entender por que merda quer estar comigo. E tenho a oportunidade de criar o que eu gosto para ganhar a vida. Que mais posso pedir?

— Que as pessoas confiem em você. Que seus irmãos saibam que é um escultor, que o aceitem de novo... para que esteja em paz, para ser feliz.

Soltando um tremente fôlego, disse:

— Não estou seguro que nada disso vá acontecer e, se não o fizer, está bem. Consegui mais do que a maioria das pessoas fazem.

Me dei conta de que Ally desejava dizer mais, mas, realmente, não queria continuar falando desta merda. Pude ver isso em minha expressão.

— Se deite a meu lado — disse, com um suspiro exasperado.

Me desabando à sua esquerda, quase esbocei um sorriso quando pôs meu braço ao redor de seus ombros e se encolheu.

— Noite louca, né? — comentou, seu dedo riscando a tatuagem do rosário em meu peito.

— Eu que o diga.

— Aceitarão você — falou, mantendo essa positividade que parecia exsudar.

Fiquei em silêncio. Não estava tão convencido.

— Axel? — chamou Ally em voz baixa.

— Mmm?

— Vai me dizer agora como começou a esculpir? Já sabe, na prisão? Eu adoraria saber mais a respeito de seu lado criativo.

O calor encheu meu peito quando me lembrei do primeiro dia que entrei na sala de aulas da prisão. Um cara estava ali para nos ensinar arte. O diretor, porra, e o estado, esperavam que ajudaria os detentos a lutar com nossa ira.

Ally se moveu em meus braços para descansar seu queixo em sua mão, enquanto estava sobre meu peito. Seus olhos estavam cheios de antecipação e emoção. Estava a ponto de me abrir a ela sobre minha arte. E*, finalmente*, falaria disso. Tinha passado um tempo desde que tinha visto esse olhar em seus olhos. Quando eu era só *Elpidio* para ela, estava ali todo o tempo. Agora que sabia que era Axel, a maioria das vezes parecia preocupada ou, pior ainda, triste.

— Realmente quer saber toda esta coisa tão aborrecida? — perguntei.

Ally assentiu contra sua mão.

— Nada é aborrecido quando se trata de suas esculturas. Averiguar como um artista começou sua trajetória é sempre uma das coisas mais interessantes para mim. Como encontrou a faísca que desatou sua paixão.

— Está bem — brinquei, como se ela fosse estranha.

Ally me deu uma cotovelada, rindo.

— Sei que sou uma nerd, mas quero saber tudo.

Sua mão livre agarrou a minha, que estava posta casualmente em minha barriga. Entrelaçou seus dedos com os meus. Quando olhei para baixo, Ally mostrou um sorriso enorme.

— Como me iniciei... — disse e, respirando profundamente, comecei: — Acabava de ser atacado e estava na enfermaria me recuperando. — Sacudi a cabeça ante a lembrança. — Merda, estive ali o que pareceu ser uma eternidade; uma tonelada de guardas e psicólogos vindo dia e noite para tentar que falasse e delatasse minha antiga gangue, mas não faria. A primeira regra para sobreviver nesse lugar era manter a sua maldita boca fechada. Então fiz isso. Não falei

com ninguém, estava constantemente a sós com meus pensamentos. Me encontrando confinado à cama, incapaz de me mover, foi onde realmente comecei a me questionar isso tudo. Já sabe, o que tinha feito com minha vida, tudo os equívocos, poucos acertos... e minha família, o que tinha feito às únicas três pessoas que realmente alguma vez tinham dado uma merda por mim... incondicionalmente. Mas quanto mais pensava sobre meu passado, mais culpa me alagava, e começou a me destroçar.

Ally apertou minha mão, para me animar. Continuei:

— Não podia conseguir ver a fodida luz, suponho. Foi a primeira vez em minha vida que tinham me obrigado a deitar ali e pensar. É muito fácil não sentir um pouco de maldita culpa pelas opções que tomou quando está em contínuo movimento, negociando, vendendo droga, já sabe, o de sempre.

Ally me lançou um sorriso irônico ante isso. Porra, estava tão perfeita me olhando neste momento, seu maravilhoso rosto colocado em sua mão, aberta e aceitando tudo o que estava dizendo. Era um maldito sonho feito realidade.

— Continue — insistiu, e levantei nossas mãos unidas para beijar sua suave pele.

Olhando seus dedos, continuei:

— Quanto mais pensava a respeito de tudo o que tinha feito, mais zangado me sentia. Realmente zangado, Ally. Não podia enfrentar todas as lembranças. Começaram a me produzir malditos pesadelos, ainda o fazem. A culpa era insuportável. Enquanto melhorava fisicamente, uma das enfermeiras, que era muito boa comigo, perguntou sobre minhas tatuagens, a respeito de quem os desenhou, e respondi que fui eu.

Os olhos de Ally percorreram minhas tatuagens e seu olhar se encontrou com o meu.

— Desenhou tudo isto? — Assenti e a boca de Ally se abriu — São tão lindas, tão intrincadas.

Na verdade, podia sentir minhas bochechas ardendo por seu louvor.

— Desenhei a maioria das de Austin, também.

Ally sacudiu a cabeça e sorriu.

— Então, sabe desenhar?

Encolhi os ombros outra vez e Ally se inclinou para beijar meus lábios, sussurrando contra minha boca:

— Você me impressiona, todos os dias há algo novo.

Retrocedendo, voltou para sua anterior postura, com seu rosto em sua mão, seu escuro cabelo agora colocado de um lado, caindo sobre seu ombro. E esse era o quadro. Essa, bem aí, era a imagem. Era ela em sua forma mais bela.

— Axel, o que estava dizendo da enfermeira que falou com você a respeito de suas tatuagens?

Voltando para o aqui e agora, respondi:

— Sim... é... bem, então, sim, a enfermeira sabia que podia desenhar. Disse aos médicos, ao psiquiatra, e o seguinte que sei é que me tinham inscrito em um programa de arte. A princípio, fiquei irritado. Tinha começado fazer aulas de Negócios e estava fazendo isso bem. Aust estava orgulhoso disso, então queria seguir adiante. Mas, a partir do primeiro dia nessa aula, algo dentro de mim só encaixou. — Fiquei olhando minhas ferramentas penduradas em minha parede. — Durante toda minha vida tinha estado tão ocupado traficando, trabalhando para a gangue, que não tinha tentado averiguar no que podia ser bom. Dez segundos nessa sala e soube que tinha encontrado "o meu eu".

— Assombroso... — Ally suspirou. — Uma bênção disfarçada.

— Sim... Comecei a desenhar tudo o que podia. Estava bem com o desenho, a merda da pintura, mas quando o

professor, um cara chamado Daryl, levou argila, ela e eu, simplesmente encaixamos. Em pouco tempo, estava fazendo esculturas de argila. Vertendo toda minha raiva nessas peças. — Ri, lembrando da expressão do rosto de Daryl quando tinha terminado a primeira peça adequadamente — Daryl continuou me ensinando mais e mais, até que, uns meses mais tarde, perguntou ao diretor se podia me mostrar como esculpir mármore. Não tinha nenhum interesse real nisso. Mas, então, um dia, trouxe para mim um livro de estátuas de mármore. Abri ele em uma página ao azar. A primeira que vi foi a do Antonio Canova...

— *Psique ressuscitada pelo beijo do Cupido* — interrompeu Ally, seu rosto animado e brilhando.

— Sim — concordei, então, franzi o cenho — Você gosta, também?

A paixão acendeu seus olhos escuros.

— É minha segunda escultura de mármore favorita desde sempre.

Meus olhos se estreitaram quando seu rosto avermelhou de vergonha. Perguntei-me qual era sua favorita, mas algo me impediu de averiguar.

— De todos os modos, quando vi essa escultura, procurei o artista, um italiano. Um italiano que trabalhou com mármore da Carrara. — Baixei meu olhar. As tatuagens da bandeira italiana e a flor de lis Firenziana em meu braço chamaram minha atenção.

Enquanto olhava o verde, branco e vermelho, um sentimento de orgulho fluiu por minhas veias; o mesmo que tive ao saber que o homem que esculpiu essa escultura, também era italiano.

— Senti uma conexão com minha herança enquanto olhava para essa escultura. Mas, mais que isso, entendi tudo o que o escultor quis retratar em seu trabalho. Não sabia uma merda da história do Cupido e Psique, mas, por essa escultura, compreendi que se amavam... desesperadamente. Aprendi muito através dessa única estátua. Disse a Daryl que queria tentar e continuar a partir dali. Fiz um montão de desastres durante o ano seguinte. Daryl queria que utilizasse ferramentas mais modernas, mas me neguei. Tinha-me obcecado com o Antonio Canova, então insisti em utilizar somente as ferramentas que ele usou. – Soprei. — Acabou que foi o melhor. Deu-me uma marca, uma singularidade frente a outros escultores modernos de hoje em dia.

— Mas, como seu trabalho chamou atenção? — perguntou Ally, seu rosto impressionado. Podia sentir o amor pela arte irradiando de seu sorriso.

— Daryl tinha um amigo que conhecia o Vin Galanti. Tirou fotos de minhas esculturas e as enviou a seu amigo, que as enviou a Vin. A única coisa que soube a seguir é que tinha uma solicitação de visita do Vin e isso foi tudo. Converteu-se em meu mentor, fiz minhas esculturas da prisão, armazenaram elas em seu estúdio de Nova Iorque... logo me inteirei de que estava mostrando uma no Met. Porra, me enfureci. Nunca quis que meu trabalho se expusesse. Eram minhas, minha culpa, meu passado, tudo.

— Mas Vin o fez de todos os modos. — confirmou Ally.

Sacudi a cabeça.

— Sim, o filho da puta o fez. E, depois disso, tudo mudou. As pessoas me conheciam. Ao menos, conheciam o trabalho de "Elpidio", esse nome repentinamente foi conhecido no mundo da arte.

— E "Elpidio"? — inquiriu Ally — Era você...

— *Nonno*... o pai de minha mamma. Nunca o conheci, mas... — A habitual punhalada se arrastava por meu estômago ao pensar em minha mamma. Estava ficando mais e

mais difícil conter toda a merda que rodeava a mulher que o que mais desejava era que eu tivesse êxito. Ao invés disso tudo o que fiz foi falhar, uma e outra e outra vez... Tinha sido uma cagada épica como filho.

— *Querido?* Está bem? — perguntou Ally em voz baixa. Quando me encontrei com seus quentes olhos, soube que entendeu o que estava pensando. Mas ainda não podia ir ali... nem sequer com Ally.

Ainda não.

— Minha... a mamma estava acostumada a falar sobre o Nonno todo o tempo. Amava ele. Disse que foi um homem bom e trabalhador. Estava usando a técnica italiana, encontrava-me utilizando mármore de Carrara, por isso me parecia bom empregar seu nome. Porra, o nome de meu próprio pai seria uma maldição, simplesmente.

— Elpidio... É perfeito, realmente é — murmurou Ally. De repente, pude ver que a forma em que estava me olhando, tinha mudado.

Joguei minha cabeça para trás e perguntei:

— O quê?

Ally se arrastou sobre mim e colocou sua cabeça em meu pescoço. Parecia que queria me dizer algo, mas, por alguma razão, estava segurando.

— É muito mais do que alguém sabe. Deve te dar mais crédito do que te dá.

Não disse nada enquanto estávamos ali. Durante um bom momento, pensei que Ally tinha adormecido, até que disse:

— Vou fazer todo o possível para persuadir seus irmãos para que vejam o homem que é hoje.

Fiquei rígido.

— Não quero que saibam a respeito de minhas esculturas.

Ally suspirou.

— Sei. Não vou pretender entender por que, mas aceito... a contra gosto. Embora mesmo assim vou tentar todo o resto.

Senti que meu coração explodiria através de meu peito enquanto dizia isso. O celular de Ally soou. Em um instante, estava do outro lado da sala abrindo ele.

O alívio se propagou por seu rosto.

— Boas notícias? — perguntei.

— É Rome. Molly vai ficar bem. Vai ter alguns meses difíceis, mas, por agora, está bem.

Ally retornou à cama e se sentou na beirada do colchão. Olhando para trás para mim, disse:

— Estou cansada, mas, ao mesmo tempo, não acredito que possa dormir.

— Tenho uma ideia, então — disse, e vi como o fogo acendeu os olhos escuros de Ally.

— Sim? — inquiriu, e se virou para subir sobre mim.

Depois que me beijasse, segurei sua cabeça entre minhas mãos e sussurrei:

— Toque para mim.

Ally se afastou para trás, surpresa.

— O quê?

Me sentindo como um maldito maricas, respondi:

— Toque piano... para mim.

A expressão de Ally mudou de surpresa a envergonhada e a maravilhada.

— Quer que toque piano para você?

Dava a ela um pequeno assentimento. Ally lançou um olhar ao piano e, logo, de novo para mim.

— O que quer que toque?

— O que tocou antes... *Kiss the Rain*

Seu sorriso apagou qualquer vergonha que sentia e me disse:

— Lembra do título?

Pressionando beijos por suas bochechas e pescoço, murmurei:

— Lembro-me de tudo, cada maldita coisa dessa noite. Cada maldita coisa...

Ally, me surpreendendo muito, envolveu suas mãos ao redor de meu pescoço e me apertou no maldito abraço maior que jamais tinha sentido... Nunca queria deixá-la ir.

— Está em cada parte de meu coração, senhor Carillo, em cada parte... — disse me soltando, antes de levantar-se da cama e me deixar convexo como um parvo pasmado.

O que quer dizer com isso?... Com que estou em todo seu coração?

Antes que tivesse a oportunidade de pensar nisso, escutei Ally sentar-se ao piano e provar as teclas, assim como na última vez. Ali estava, nua, sua bronzeada pele ruborizada, seu cabelo escuro caindo até sua cintura.

Seus olhos estavam fechados, as mãos esticadas sobre as teclas. Então, os primeiros acordes dessa maldita canção enviaram uma flecha através de meu coração. A imagem de minha mulher sorrindo para mim docemente, com seu queixo em sua mão, grandes olhos marrons me contemplando, como nunca ninguém tinha me olhado antes, encheu minha mente.

Minhas mãos ardiam para criar.

Meu coração se acelerou para que fizesse um esboço.

Enquanto os olhos de Ally se fechavam e um sorriso feliz se estendeu em seus lábios, agarrei um bloco de papel de desenho e um lápis da minha mesinha de cabeceira...

E comecei a desenhar... a desenhar o contorno da única escultura que sabia que nunca me cansaria de olhar.

Capítulo 18

Ally

E isto é tudo, amigos. As únicas duas coisas que ficam por fazer é conseguir as placas com o texto final redigido e organizar o serviço de limpeza para polir a galeria até que esteja brilhando!

Fiquei de pé no centro da galeria de arte com minha equipe. Fiquei observando a exposição terminada com um nó na garganta... era simplesmente impressionante.

As peças de Axel ocupavam primorosamente o espaço em branco aberto; cada uma a altura diferente, cada uma iluminada perfeitamente com cor ou com cortinas de fundo sutilmente pintadas. Era uma viagem, uma viagem através das complexas emoções torturadas de um escultor... um escultor que ainda tinha que ver sua beleza... entretanto, quer ver suas

comovedoras criações na exposição em que todo mundo as verá.

Enquanto minha equipe se reunia ao redor, um suave aplauso ressonou quando todos nos felicitamos uns aos outros por um trabalho bem feito. Mas um aplauso mais forte proveniente da parte traseira. Quando nos viramos, Vin Galanti surgiu através das cortinas negras com lágrimas em seu rosto.

Estava de volta de Nova Iorque a tempo para a noite da abertura, agora só a uns dias.

— Vin! — chamei, enquanto ele abria caminho através do grupo em dispersão.

Fixando sua atenção em mim, correu para mim com a mão sobre seu coração.

— Srta. Lucia... estou sem palavras... — disse, claramente com admiração, e um enorme sorriso se desenhou em seu rosto.

— Estou muito contente com ela também. É meu melhor trabalho.

Vin me olhou, com seus olhos claros.

— E Elpidio?

Fiquei vermelha, pensando em Axel, e respondi:

— Espero mostrar a exibição a ele esta noite.

Vin sorriu docemente. Foi então quando soube que ele sabia que estávamos em algo. Perguntei-me se Axel teria dito.

— Talvez finalmente veja a luz, né? Finalmente se dê conta de que vale a pena todo este esforço — disse esperançoso.

Inalei profundamente, compartilhando em silêncio a esperança de Vin.

Esperava que ao ver toda sua obra apresentada em um lindo ambiente o ajudasse a esclarecer coisas com seus irmãos a respeito do que tinha estado fazendo... sobre tudo...

Dando uma olhada ao relógio da parede, voltei-me para Vin.

— Tenho que ir, Vin. Nos vemos em um par de dias para a abertura, certo?

Vin me deu uns tapinhas na mão, mas estava muito perdido na exposição para responder. Enquanto caminhava para frente, de repente olhou para trás para dizer com carinho.

— Desde a primeira vez que me enviaram uma foto de sua escultura do anjo, soube que ele era especial. Soube que

era algo mais que um membro de gangue cumprindo condenação. — A emoção brotou em mim quando vi os olhos de Vin brilhando. — Estava tão fechado quando o conheci, quebrado e zangado com o mundo. Suas esculturas eram tão tristes, tão dilaceradoras... mas o homem que vi hoje, esculpindo o mármore com vista para o Sound, bom, ele mudou. Inclusive poderia me atrever a dizer que estava em paz... possivelmente feliz, inclusive .

Vin me sorriu para indicar que sabia que eu era a razão da mudança emocional de Axel... o sentimento me criou um nó na garganta.

— Viu o que estava esculpindo? Nega-se a me dizer isso. Mantém isso escondido fora do estúdio sob uma lona fechada com cadeado, então não posso nem sequer dar uma olhada — perguntei.

O sorriso aquoso de Vin se estendeu em um amplo sorriso.

— Vi... mas meus lábios estão selados.

Grunhi em frustração e fiz uma saudação a Vin quando agarrei minha bolsa e saí correndo pela porta.

Consegui chegar ao estúdio de Axel um tempo recorde.

Do momento em que entrei, senti um calafrio no lugar. As portas se abriram levando ao caminho de grama com vista para a água. Podia escutar Axel estilhaçando o mármore. Estava desesperada para sair lá fora, mas ele tinha me pedido que não fizesse isso. Como curadora respeitava seu processo criativo e sua necessidade de privacidade. Mas como sua namorada, não podia suportar isso!

Axel entrou um segundo depois, vestido com uma camisa de manga longa preta com um colete acolchoado em cima. Seu grande gorro preto cobria sua cabeça. E, como sempre, um cigarro Marlboro equilibrado entre seus lábios.

Era tão condenadamente sexy.

Caminhando para mim, tirou o cigarro de sua boca para que eu pudesse beijar seus lábios.

— Mmm... Isso está melhor — murmurei quando nos separamos.

Divertidamente, retornei o cigarro entre seus lábios. Agitando minhas chaves, Axel deu um longo suspiro e assentiu com a cabeça. Com isso me disse que estava preparado para ir, mas que ao mesmo tempo, de fato, não estava.

Levi tinha uma partida hoje para os Huskies. Axel tinha estado desesperado para ver seu irmão jogar. Sabíamos que era o jogador estrela. Como era de se esperar, Leví não tinha pedido que Axel fosse nenhuma vez. Tinha decidido que era uma merda.

Tinha conseguido que Axel fosse hoje. Queria ver Levi jogar, por isso tinha garantido absolutamente de que acontecesse... com um pouco de ajuda.

Pude ver a apreensão arder no rosto de Axel. Acariciando com meus dedos sua bochecha fria, disse a ele:

— No fim das contas, vai gostar que tenha ido.

Axel voltou sua bochecha em minha mão, mas seus olhos ficaram nos meus.

— Não, odiará que eu esteja ali, mas vamos de todos os modos. Nada mais funcionou.

***

O estádio estava cheio quando chegamos às portas. Axel estava tenso e manteve a cabeça baixa enquanto passamos através de uma multidão de fãs emocionados. Odiava as multidões, praticamente se aterrorizava cada vez que tínhamos que estar perto de muitas pessoas. Guiei-o pelo

caminho. Axel desconhecia que tinha arrumado para que nos sentássemos na seção familiar.

Ao ver uma pequena multidão reunida em torno de duas pessoas, agitei minha mão para Lexi. Estava de pé ao lado de Austin enquanto assinava autógrafos para os fãs dos Husky.

Axel, me vendo cumprimentar, levantou a cabeça. Seus dedos seguraram os meus com um apertão de morte ao ver que Austin e Lexi nos esperavam.

Sem olhar para ele, caminhei até onde se encontravam. Lexi me lançou um sorriso nervoso. Austin sacudiu seu queixo para mim, logo para seu irmão com a maior ansiedade.

— Olá, meninos! — cumprimentei, a mão de Axel se negava a soltar a minha enquanto flutuava a meu lado. Lexi se adiantou e deu um beijo na bochecha dele.

Axel baixou a cabeça para Lex, e seu olhar vagou para Austin que continuava assinando autógrafos. De repente inalou e seus olhos escuros se suavizaram. Meu coração palpitou com mais rapidez por sua reação a Austin, que agora estava falando com os fãs com uma espécie de sorriso na cara. Axel estava tão orgulhoso dele. Sabia como entender as ligeiras mudanças de Axel em sua expressão agora. Eram sutis, mas eram muito reveladoras.

Austin olhou nos olhos de Axel e sorriu mais amplamente, pedindo a seus fãs que esperassem um segundo. Austin se aproximou de Axel e lançou seus braços ao redor dele. Desajeitado, Axel devolveu o abraço com uma mão. Austin retrocedeu.

— Fico feliz de ver você, fratello. Não respondeu minhas ligações do hospital na outra noite. — Austin me olhou e seus olhos se apertaram. Foi como se estivesse trabalhando o fato de eu estar com seu irmão.

Dando um passo adiante, abracei Austin. Um fã apareceu a seu lado e perguntou:

— Austin, é seu irmão?

Axel ficou rígido enquanto o fã olhou para ele. O fã se afastou assim que Axel mudou automaticamente para sua "habitual" expressão intimidante.

— Sim, é meu irmão mais velho. — Austin respondeu com orgulho. O rosto de Axel se contorcer. Estava se emocionando.

Os olhos do fã se estreitaram sobre Axel.

— Joga futebol?

Austin parou na assinatura de sua camiseta.

— Nah.

— Então, o que faz? — perguntou com emoção e os olhos de Austin se arregalaram. Axel amaldiçoou em voz baixa e olhou para outro lado.

Bem quando pensava que Axel ia virar e se afastar, Lexi se adiantou e pôs sua mão no braço de Austin.

— Querido, temos que ir.

Axel e Austin relaxaram quando os fãs se afastaram depois de algumas fotos de última hora. Atravessando as portas do enorme estádio.

Axel parou de repente quando chegamos ao lado do campo e observamos a atmosfera, as pessoas, a música, os gritos... os estudantes e aficionados que levavam o nome de "Carrillo" em suas costas.

— Merda... — disse Axel em silêncio e quando olhei a minha direita, Austin e Lexi estavam olhando para Axel. Pude ver a felicidade em seus olhos porque finalmente era testemunha disto. Seu irmão mais novo jogando a este nível.

— Uma loucura, né? — disse Austin, mas Axel não olhou para seu irmão.

Ao invés disso, seu rosto adquiriu uma expressão de remorso e sussurrou:

— Deveria ter visto você com os Tide.

Mordi meu lábio inferior só para tentar evitar que tremesse. A mão de Axel apertava ferreamente a minha e sabia que havia custado seu orgulho admitir isso a Austin.

Estava tão orgulhosa dele. Austin estava estupefato. Também levava um olhar de incredulidade... mas não havia emoção real nesse olhar. Para Austin, eu tinha claro que qualquer coisa que Axel dissesse do passado seria uma surpresa.

Os olhos verdes de Lexi apareceram enormes em seu rosto de fada e sua boca estava um pouco aberta. Obviamente sentindo meu olhar, encontrou-se com meus olhos e seus lábios se alargaram em um sorriso tremente, mas agradecida.

Austin soltou o braço ao redor de sua esposa e se aproximou de Axel. Tentei soltar a mão de Axel, mas continuou com seu agarre. Sabendo que precisava deste momento com Austin, apertei meus dedos como apoio e levantei para pressionar um beijo em sua bochecha.

— Fale com Austin — sussurrei, por isso só ele podia ouvir.

Fechando os olhos abatido, Axel os abriu de novo e a contra gosto me soltou.

Austin pôs a mão no ombro de Axel.

— Teria gostado que estivesse lá, Axe — disse com voz áspera. A cabeça de Axel caiu. Austin se adiantou e pôs sua mão no rosto de Axel.

— Mas pode me ver jogar agora, Axe. Terá a oportunidade de ver o Lev jogar também. Isso é tudo o que importa.

Incapaz de deter uma lágrima deslizando-se pela extremidade de meu olho, dei uma olhada em volta e fingi comprovar nosso ticket para ver onde nos sentaríamos.

Um braço magro passou através do meu. Quando olhei para um lado, Lexi estava me olhando. Inclinou-se e apertou sua bochecha contra meus bíceps. Prendi a respiração. Lexi nunca deixava que ninguém se aproximasse dela com exceção de Austin e, em algumas ocasiões, Levi.

Isso só serviu para fazer com que a situação fosse muito mais especial.

— Querida? — Consegui soltar enquanto Lexi e eu começamos a caminhar para nossos lugares, Axel e Austin nos seguiam atrás.

Lexi apertou seu agarre em meu braço e disse:

— Não vou fingir entender sua relação com Axel, e não sou ninguém para dizer nada. Deus sabe que Austin e eu tivemos nossos segredos quando nos apaixonamos. — Olhando para mim, suspirou e disse: — Mas... só... obrigada...

As minhas sobrancelhas se franziram em confusão, mas Lexi não disse nada mais.

Ao chegar em nossos lugares, fiz gestos para me sentar junto a Lexi quando Axel se aproximou e pegou minha mão.

— Não, senta a meu lado — disse com voz cortante e rouca.

Lexi o olhou com alarme. Sabia que era devido a sua ordem aguda. Mas só eu sabia que Axel se sentia incômodo entre a multidão... sabia que só precisava de mim para ajudar ele a relaxar.

Austin se reclinou em sua cadeira enquanto passei a me sentar ao lado de Axel. Pude ver em sua expressão que estava furiosamente tentando averiguar minha estreita relação com Axel, mas me ignorou.

Enquanto estava diante de Axel, vi seus ombros relaxarem com alívio. No momento em que fui sentar a seu

lado, inclinou-se para frente e pressionou seus lábios contra os meus.

Podia sentir a fixa atenção de Lexi e de Austin em nós, mas não me importava. Ninguém sabia o que compartilhávamos. Ninguém sabia o que queríamos dizer um ao outro.

Sentada ao lado de Axel, pôs seu braço musculoso ao redor de meu ombro e me aproximou dele. Amava-o. Amava como precisava de mim... apenas o amava, mais do que jamais poderia compreender.

Enquanto as animadoras e a banda terminavam seu espetáculo prévio ao jogo, Austin perguntou:

— Então, Axe, como é o trabalho no mercado?

Os músculos de Axel ficaram tensos. Mantive meu olhar para frente. Odiava que estivesse a ponto de mentir para seu irmão.

— Bem. Ocupado. Me mantendo despercebido. — respondeu Axel vagamente.

Arrisquei um olhar para Austin cuja cabeça foi para o lado com os olhos entrecerrados. Fiquei com medo de que soubesse que algo estava acontecendo com a mentira de Axel.

Axel mal ia para sua casa; Austin tinha que ter se dado conta de que isso era mais que estranho.

— É bom saber disso, fratello. — Austin respondeu e se recostou em seu assento. Quase ri enquanto Austin e Lexi continuavam nos olhando como se fôssemos um par de animais enjaulados em um maldito zoológico.

— Como Molly está hoje, Ally? — perguntou Lexi, inclinando-se sobre Austin para fazer isso.

— Melhor. Já assinou os papéis de sua alta. Rome não está feliz com isso, mas ambos sabemos que vai fazer tudo o que ela quiser. Está com uma medicação mais forte. Diria que ela já se parece com seu antigo eu.

Molly tinha recebido alta do hospital hoje. Garanti estar ali para cumprimentá-la. Rome, obviamente, tinha falado a ela sobre Axel, e com sua típica maneira de fazer as coisas, Molly me disse que estava contente de que fosse feliz. Rome zombou disso, mas Molly nunca tinha sido uma pessoa que julgava os outros. Amava ela por isso.

Bem nesse momento, a multidão se levantou de repente, quando a equipe foi anunciada. Axel se levantou, me puxando com ele. Levantei a mão para segurar a sua que me cobria por cima de meu ombro. Seu coração pulsava enquanto esperava

que seu irmão saísse. Quando Levi apareceu no campo, ouvi ele exalar com força.

Enquanto Levi corria para a linha lateral, as lágrimas encheram os olhos marrons de Axel. À medida que caíam por suas bochechas, estendi minha mão e as sequei com meu polegar. Axel me apertou com mais força, assim como o braço de Austin envolto ao redor de Axel em seu outro lado. Quando levantei os olhos para Austin, as lágrimas corriam por suas bochechas também. Pondo sua mão no lado da cabeça do Axel, inclinou-se para ele.

Vi os dois irmãos mais velhos Carillo, quebrados interiormente pela tragédia e as circunstâncias. Ambos eram similares nesse aspecto e personalidade italiana e meu coração estava esperançoso. As pontes estavam se construindo, os corações destroçados estavam unindo-se de novo... os laços de sangue estavam se fortalecendo.

A multidão rugiu quando os jogadores tomaram suas posições. Levi estava à vista. Pouco antes que colocasse seu capacete, seus olhos cinzas procuraram Austin e Lexi, um sorriso puxando seus lábios... até que vagaram para Axel nos braços de Austin. Aqueles olhos cinzas que eram normalmente tão doces e cautelosos, repentinamente arderam com desprezo.

Não estava segura se Axel e Austin tinham visto, mas eu sim. Quando olhei para Lexi, a tristeza e o estresse em seu rosto me disseram que ela também.

Meu estômago se afundou.

Não estava segura de que fosse tão bem como esperava.

***

A partida chegou ao final com uma vantagem de dez para os Huskies. Levi tinha jogado incrivelmente bem. Marcou dois touchdowns e foi nomeado "o melhor jogador". Não poderia ter imaginado um melhor dia para Axel ver seu irmão mais novo jogar. Mas apesar de Levi ter jogado bem, também tinha sido agressivo. Excessivamente agressivo. Lutou contra outros jogadores, de cima abaixo pela linha lateral. Todo o tempo, Austin amaldiçoou seu irmão para que se acalmasse.

Só uma vez Axel me olhou durante a partida, e pude ver arrependimento em sua expressão. Ele lamentava que tivéssemos vindo aqui.

Enquanto a multidão começava a dispersar-se, nós quatro nos sentamos e vimos Levi no campo central, agachado sobre um joelho com a cabeça baixa. Seus companheiros de

equipe e treinador passaram junto a ele, mas todos o deixaram sozinho. Nós quatro e Levi parecíamos ser as únicas pessoas que ficaram no grande estádio.

Todos nós sabíamos que Levi estava zangado porque Axel e eu estivávamos aqui sem sua permissão. Não pude evitar pensar que tudo o que havia entre eles teria que ser enfrentado finalmente...

— Melhor descermos e ver ele — disse finalmente Lexi. Austin concordou, embora com vacilação em sua voz.

— Melhor irmos — disse Axel, e suspirei.

Ele e Levi mal tinham interagido desde que esteve fora da prisão. Diabos, Levi deixou de ver Axel na prisão depois de só umas poucas visitas, por isso praticamente não trocaram uma palavra em mais de cinco anos, Levi destroçava Axel afastando-o.

A tensão entre eles era evidente. Era horrível estar perto.

Seguiu um silêncio. Austin, que apoiava os cotovelos nos joelhos, olhou para sua esquerda e disse:

— Sabe que está aqui, Axe. Ambos têm que enfrentar isto algum dia... por que não agora?

— Porra, Aust — disse Axel com voz áspera. Austin deixou cair a cabeça entre suas mãos, respirando com dificuldade.

Finalmente, Austin olhou para Axel, com seus olhos escuros cheios de emoção e disse:

— Quero que nós três sejamos irmãos de novo. Quero que todo este maldito ódio entre vocês termine... — Austin torceu os lábios, suas fossas nasais se abriram e as lágrimas encheram seus olhos. Com a respiração entrecortada, acrescentou: — Destroçaria à Mamma ver seus filhos agir assim. Tudo o que sempre quis foi que nós tivéssemos uns aos outros... pense em seu rosto orgulhoso quando nos via juntos, Axe, e me diga que não é verdade.

Pisquei rapidamente, para assim não chorar. Só podia imaginar como uma declaração como essa afetaria Axel. Sua mamma e Levi eram as duas paredes restantes por cair em todo seu coração fortemente guardado. O braço de Axel rodeou meus ombros, me aproximando mais e, quando nossos olhares se encontraram, pude ver seu olhar ferido.

Sabia que queria meu apoio, então dei um sorriso a ele e assenti.

— É hora, querido.

— Está bem. — disse Axel com a voz quebrada, quando sua atenção voltou para Levi que ainda não tinha se movido de sua posição no centro do campo.

Austin soltou um longo suspiro de alívio. Juntos, caminhamos para Levi.

Quando nos aproximamos, a cabeça de Levi se levantou e seus olhos cinza se fixaram em Axel que segurava minha mão. Paramos atrás de Austin e Lexi.

— Boa partida, Levi. — disse Lexi tentando ser otimista. Levi não deu atenção, só tinha olhos para uma pessoa.

A mão de Axel apertava a minha. Quando Levi continuou olhando para Axel, sua mão teve uma ligeira sacudida. Fechei os olhos antecipando brevemente como ocorreria.

Levi ficou de pé, deixando cair seu capacete no campo. Seu cabelo cor areia estava desordenado, seu rosto avermelhado ainda pelo esforço da partida. Elevando-se à mesma altura que Axel e Austin, com o torso ligeiramente mais magro, cada milímetro de Levi parecia com um Carillo.

— Lev — disse Austin com cautela: — Sabia que Axe vinha, ajudei a planejar isso. Queria ver você jogar. Não há nada de errado com seu irmão querer isso, não é?

O rosto de Levi ficou vermelho brilhante e apertou os lábios.

— Sim, mas tudo depende de qual irmão, não, Aust? Você ou o puto perdedor.

Axel estremeceu ante o veneno no tom de Levi.

Austin sacudiu a cabeça com desgosto ante seu irmão mais novo. Quase disse algo quando Axel manteve seu silêncio. Mas de repente soltou minha mão e deu um passo adiante.

Lexi me deu um olhar de pânico e rapidamente se moveu para seu lado. Austin ficou tenso ao ver Levi preparar-se para brigar.

Não tinha nem idéia do que faria se Axel arremetesse contra Levi.

Axel lentamente se aproximou a poucos centímetros de Levi. Levi soltava fumaça, suas pernas eram incapazes de estar quietas.

— Volte para o inferno, Axe — disse Levi, mas Axel não se moveu.

— Não vou a lugar nenhum, fratellino. É meu irmão mais novo e queria ver você jogar.

Levi zombou e avançou para frente.

— É? Queria me ver jogar? Queria me ver jogar da mesma maneira que queria me ver em sua valiosa gangue.

— Não era minha valiosa gangue, Levi. Agora entendo isso.

Levi riu na cara de Axel. Meu sangue gelou ante seu tom condescendente.

— Se deu conta agora? Senhor puto Heighter do século, entendeu que esses bastardos pelos quais fez tudo são veneno? Me diga, Axe, por que não entendeu isso antes de me fazer atirar em alguém!

Axel empalideceu, então foi dizer alguma coisa.

Levi o interrompeu:

— Não! Escute o que digo! — gritou, e sua voz ressonou em todo o estádio — Você, meu irmão mais velho, o irmão que admirava, que deveria ter cuidado de mim, me fez atirar em alguém! Tinha quatorze anos e me fez atirar nele! Se dá conta das horas de sono que perdi lembrando daquela noite? Quantos pesadelos me perseguem, me torturando enquanto me pergunto se o matei? — Levi passou as mãos por seu rosto, com lágrimas em seus olhos — Merda, Axe, estava atrás de mim me pressionando para que fizesse! Que tipo de irmão faz

isso? Matei alguém porque me disse que fizesse isso. Amava, confiava em você e me fez matar alguém! Mas agora? Agora TE ODEIO!

Axel deixou cair a cabeça. Imaginei a escultura com as adagas; "O Sangramento". Cada uma das palavras de Levi era uma adaga que não podia tirar, rompendo-o lentamente. Pude ver a dor no rosto de Axel. Levi se aproximou mais ainda, e desta vez com os punhos apertados enquanto seu corpo ficava tenso... ia lutar contra Axel.

— Nada a dizer, fratello? — cuspiu Levi, a palavra "fratello" soou como um disparo em seus lábios. Quando Axel não disse nada em resposta, Levi se lançou para frente e empurrou o peito do Axel. — Fale, maldito seja! — gritou Levi e empurrou Axel de novo. — FALE DE UMA PUTA VEZ! — Levi bramou. Então vi algo estalar dentro de Axel.

Levantando a cabeça, Axel agarrou pela gola almofadada protetora de Levi em seus punhos e o sacudiu, e então arremeteu contra ele com seu peito. Levi empalideceu quando a cara de Axel se encontrou com a sua.

— Não me pressione, Lev, não me pressione, porra.

Então, para minha surpresa, Levi sorriu, mas havia pura raiva atrás desse sorriso falso.

— Por que, Axe? Porque me matará também, acabará comigo também? — Levi se inclinou para frente até que seus narizes quase se tocaram, e então sussurrou friamente. — Bom, é fodidamente tarde. Morri quando tinha quatorze anos... quando perdi tudo por sua causa!

Axel, reagiu como se tivessem queimado ele, deixou cair as mãos da gola de Levi e se cambaleou para trás uns poucos passos. Levi riu ao ver o Axel derrotado. E continuou:

— Vá, o que acontece com você, Axe? Sente pena de si mesmo agora? O grande "Axel Carillo" compadece de si mesmo?

Axel respirava agitadamente para controlar sua respiração. Olhou para Levi e com voz áspera disse:

— Sinto muito, Lev. Estou tão fodidamente arrependido pelo que te fiz... o que te obriguei a fazer. Estou tão fodidamente arrependido.

Lexi ficou sem fôlego a meu lado e estendeu a mão para pegar a minha. Austin deixou cair a cabeça, e me dei conta de que era provavelmente a primeira vez que Axel se desculpou por suas escolhas no passado.

Levi apertou seus dentes com fúria. De repente, cambaleou para trás como se tivesse recebido um tiro. Seus

olhos cinza mostravam pânico ante a confissão de Axel. Seu olhar pousou no resto de nós e passou suas mãos por seu cabelo.

— Não faça isso — advertiu a Axel — Não se atreva a pedir desculpas!

Mas Axel se moveu para frente, com suas mãos estendidas em sinal de rendição, e repetiu:

— Fratellino, sinto muito. Lamento muito tudo. Amo você, Lev. Amo muito você porra.

As lágrimas corriam como rios pelas bochechas de Levi. Afogou um soluço, apertando seus punhos de novo.

— Não! Não me diga isso, Axe. Se afaste. Vá a merda!

Mas não fez isso; Axel continuou:

— Amo você, menino. Sempre amei. Estraguei tudo, mas te amo, sempre te amei, mais que a minha própria vida...

Levi levantou a cabeça para o céu escuro e gritou.

Interrompeu Axel e o empurrou para trás.

— Disse a você para não falar isso! Não me ama, não ama ninguém mais além de si mesmo! Nunca nos preferiu! Nos levou ao inferno!

Axel se manteve firme, estufando o peito repetiu:

— Sei que o fiz, mas te amo... porra, muito...

Levi estava quebrado, seu corpo tremia. Apertando o punho, retirou sua mão e golpeou diretamente a mandíbula de Axel. Axel se cambaleou para trás, mas não revidou.

Os olhos de Levi se obscureceram.

— Luta contra mim! Luta contra mim, maldito idiota! — retumbou Levi quando golpeou Axel de novo. A cabeça de Axel retrocedeu; aceitou golpe após golpe. As ações de Levi foram ficando frenéticas quando Axel se negou a brigar, e gritou: — Sou o suficientemente grande agora para te enfrentar, luta comigo, porra!

O sangue corria da boca de Axel, mas manteve suas mãos a seu lado. Tossiu através de sua boca machucada.

— Amo você, e sinto muito, Levi.

Levi golpeou Axel de novo e chorei abertamente enquanto o sangue continuava saindo dos lábios e nariz de Axel. Austin, por fim, saltou para frente, mas Axel, ao ver sua aproximação, estendeu a mão aberta para deter ele.

— Não! — gritou, enquanto se inclinava cuspindo sangue.

— Porra! — Austin vaiou e plantou os pés no chão diante de nós... Estava se rompendo ao ver seus irmãos brigar.

Os gritos de Levi eram baixos e ruidosos, e andava diante de Axel como se não pudesse suportar toda esta emoção, como se o enlouquecesse. Quando Axel, ensanguentado e golpeado, aproximou-se dele de novo, Levi rugiu e deu outro golpe nele, mas Axel o esquivou desta vez. Ao invés disso, Axel envolveu seus braços ao redor da cintura do Levi, negando-se a deixá-lo ir.

Levi virou, tentando se desfazer de seu irmão, mas Axel era mais forte e manteve um férreo controle, repetindo:

— Me perdoa Lev, amo você. — Uma e outra vez.

Cada vez que Axel dizia essas palavras, o rosto de Levi se contorcia de dor cada vez mais, soluçando cada vez mais fortes.

— Amo você menino, te amo muito... — Quando Axel gritou essas palavras no ouvido de Levi, algo mudou repentinamente em Levi. Deixando toda luta, Levi se apoiou em Axel que segurou seu irmão mais novo em seus braços.

Os olhos de Levi se fecharam fortemente enquanto seu pranto o consumia. Depois de resistir durante tanto tempo quanto pôde, Levi de repente envolveu seus braços ao redor de

Axel. O impacto emocional fez com que Axel caísse no chão com Levi ainda em seus braços. Axel chorava com força.

Incapaz de aguentar um soluço apanhado em minha garganta, pus minha mão sobre minha boca e chorei com eles. Austin e Lexi fizeram o mesmo.

— Axel. — gritou Levi e apertou mais seus braços contra o pescoço de Axel — Você me deixou, me abandonou. — disse entrecortadamente — Abandonou todos... precisávamos de você... e nos deixou... sozinhos...

— Sinto muito. — chorou Axel — Lamento ter ferrado vocês, menino...

— E a mamma... — disse Levi rompendo-se quando disse seu nome — A sua mãe quando faleceu. Ela te amava. Era seu filho mais velho, seu coração... e nos deixou sozinhos... deixou ela sozinha enquanto se desvanecia, enquanto ficava ali morrendo perguntando-se onde estava... nunca chegou a dizer adeus a ela... nunca chegou a beijar ela e se despedir... a rezar conosco... a beijar sua bochecha... – lamentou-se Levi.

Axel se rompeu ainda mais.

Axel se apoiou em Levi enquanto se derrubava e Levi, sentindo isto, sentou-se e embalou Axel em seus braços. Seus

papéis de repente trocaram. Obviamente sem poder suportar mais isso, Austin correu junto a seus irmãos sentados no chão e rodeou com seus grandes braços os dois. Os três irmãos Carillo purgavam seu passado e se curavam através de suas chocantes lágrimas.

— OH Deus, Al...! — gemeu Lexi a meu lado, enterrando seu rosto em meu lado.

Olhei para cima para o claro céu noturno. As estrelas brilhavam, mas fechei os olhos. Dava graças a Deus porque esta noite aconteceu realmente. Olhei os três meninos Carillo, envoltos na dor, mas finalmente... juntos.

Então ouvi o som mais doce de todos...

— Eu... amo você, também, Axe... perdoo você — disse Levi enquanto os soluços dos irmãos se transformavam em um suave pranto — Senti muito... sua falta nada estava bem desde que se foi...

Suspirando, Axel levantou a cabeça. Segurando a parte de trás da cabeça do Levi, deu um beijo na testa de seu irmão menor, então em Austin. Pela primeira vez desde que tinha conhecido Axel, parecia poder respirar, como se sua tonelada de carga tivesse desaparecido de sua alma.

Axel envolveu seus braços ao redor de Levi, e Levi o olhou com os olhos avermelhados. A adoração que vi no olhar de Levi quase me fez ajoelhar.

— Eu matei aquele King, Lev. — admitiu Axel em voz baixa.

Os olhos cinza de Levi se abriram surpresos.

— Q-O que? — gaguejou em voz baixa.

— Era impossível que esse pecado recaísse em você, então eu o matei antes. Pode dormir em paz, fratellino. Sua consciência está tranquila.

Meu coração deu um tombo ante a confissão. Sempre seria o mais difícil de escutar Axel dizer. Sabia que o tinha matado, disse-me que sim, mas tinha que me limitar ao passado, junto com todo o resto.

— Axe... — gritou Levi enquanto desabava para frente. Austin envolveu seu braço ao redor dos ombros de Axel — por que não me disse isso? Isso me perseguiu durante tanto tempo.

A dor cruzou o rosto de Axel.

— Eu... não sabia que você... não sabia que se sentia assim... estava... merda, Lev, arruinei você... sinto muito... porra...

Axel apertou Levi, e Levi levantou o olhar para Axel como se fosse um milagre, seu salvador.

— Lev? — disse Axel — Estamos bem agora, menino?

Pude ver a esperança no olhar de Axel. Suspirando, Levi assentiu. Ficou de joelhos e aproximou Axel fortemente contra seu peito.

Soprando em silêncio e de maneira constante por minha boca, tentei me relaxar. Apertei a diminuta mão de Lexi. Ela me olhou, mostrando o sorriso maior que jamais tinha visto em seu rosto e em voz baixa disse:

— Não me importa o que digam de vocês dois juntos. Salvou Axe... — Deu um beijo na palma da minha mão e continuou: — Salvou os três.

Lutei para engolir minha emoção, mas não pude. Estava tão feliz de que Levi tivesse vindo, tão feliz de que Axel por fim recuperasse seu irmãozinho. Austin ficou de pé, se aproximando de Levi. Olhando para baixo, Levi estendeu a mão para Axel. Com um grande sorriso, Axel tomou e ficou de pé, agitando o cabelo de Lev.

Levi não podia afastar os olhos de Axel. Com os três irmãos Carillo diante de mim, os imaginei como meninos,

Levi e Austin vendo Axel como seu herói. Axel controlando o mundo para garantir que estivessem a salvo.

O rosto de Levi caiu, e logo disse:

— Lamento ter batido em você, Axe.

Axel, como se lembrasse de lábio e o forte queixo contundido, levou a mão à boca, limpando o sangue. Deixando escapar uma gargalhada.

— Não se preocupe, menino. Suportei coisas piores. — Seus olhos se encontraram com os meus então. Só eu sabia o que tinha sofrido.

— Então — disse Lexi, dando um passo adiante — Vamos todos juntos jantar?

Os três Carillo, todos altos e intimidantes em tamanho olharam a minha pequena amiga. Os olhos de Austin mostravam todo o amor que sentia por sua esposa em seu olhar, e todos começaram a rir.

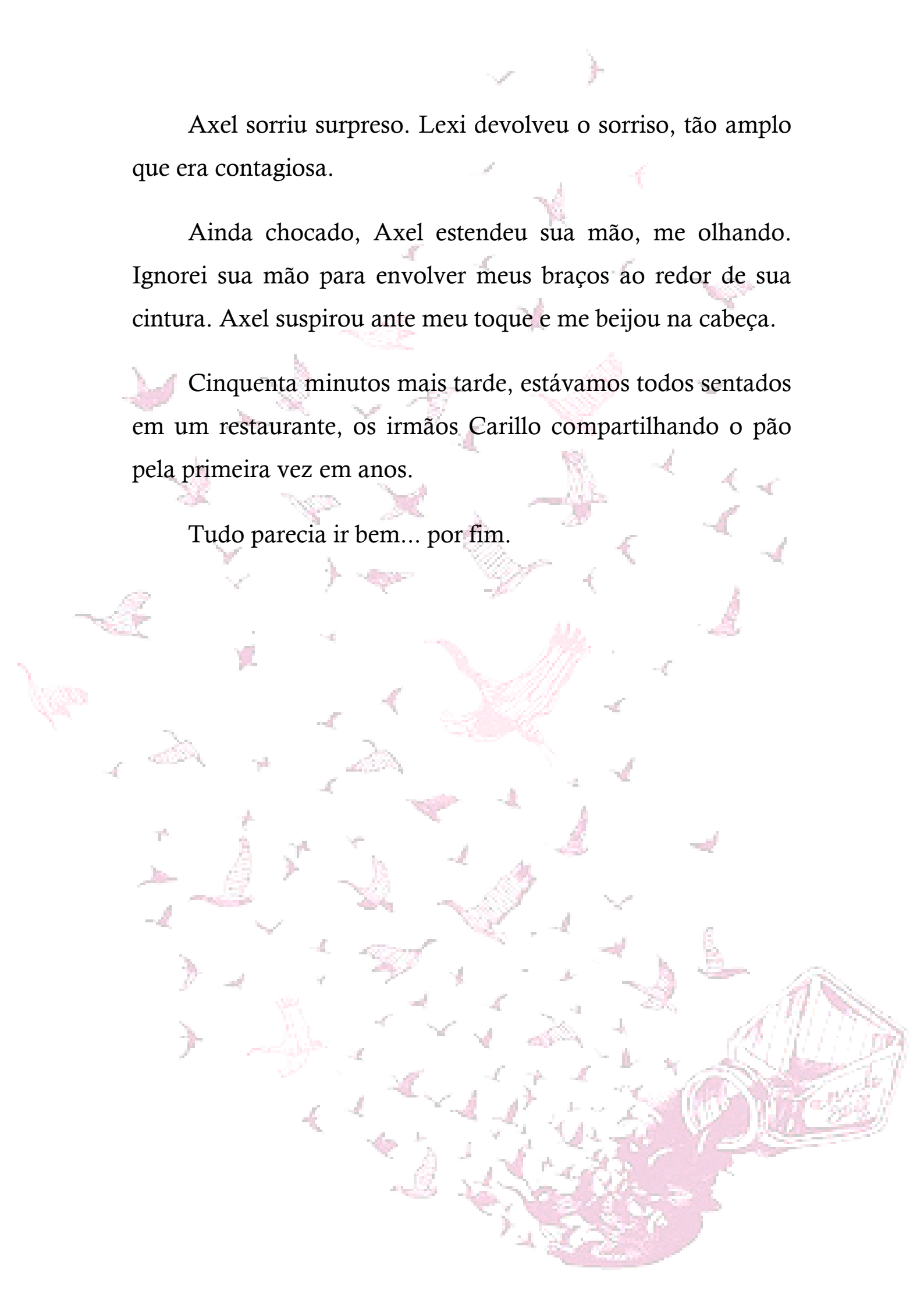
— Sim, Pix — disse Austin, movendo sua cabeça para um lado, incentivando ela a ir para ele. Lexi riu e correu para os braços abertos de Austin, mas não antes de parar e abraçar Levi fortemente... Nervosa, aproximou-se do Axel e, colocou suas mãos em cada uma de suas bochechas, baixando sua cabeça para beijá-lo na testa.

Axel sorriu surpreso. Lexi devolveu o sorriso, tão amplo que era contagiosa.

Ainda chocado, Axel estendeu sua mão, me olhando. Ignorei sua mão para envolver meus braços ao redor de sua cintura. Axel suspirou ante meu toque e me beijou na cabeça.

Cinquenta minutos mais tarde, estávamos todos sentados em um restaurante, os irmãos Carillo compartilhando o pão pela primeira vez em anos.

Tudo parecia ir bem... por fim.



Capítulo 19

Axel

Enquanto estava sentado na mesa do restaurante com Levi, Lexi, Austin e Ally a meu lado, custou-me acreditar que isto fosse verdade. Sabia que tínhamos muito caminho a percorrer, mas estávamos todos aqui, tentando; tentando reconstruir o que ficava desta família de novo.

E sabia a quem agradecer por tudo isto... ao fodido anjo que caiu em minha vida com a força de um tornado T11. E de algum jeito, contra todas as probabilidades, tinha me feito muito bem.

Meu peito se contraiu enquanto a via rir de algo que Levi tinha dito, seu belo rosto resplandecendo. Não podia respirar enquanto a olhava, transformou-se em meu tudo... porra, *era o mais importante de minha vida.*

Me movendo em meu assento, tentei não perder a cabeça, mas surpreendi Austin me olhando com um sorriso de come-merda.

Estúpido...

Enquanto saíamos do restaurante mais tarde nessa noite, caminhávamos para o carro de Ally enquanto Levi, Austin e Lexi foram para o dele. Quando dissemos boa noite, Levi de repente correu atrás de mim. Desajeitado, me puxou para me abraçar.

Suspirando de fodida felicidade, devolvi o abraço. Afastando-se, baixou a cabeça com acanhamento, dizendo rapidamente:

— Não faça nada que te afaste de nós de novo, certo, Axe.

Assenti firmemente.

— *Lo giuro, fratellino*[13] – disse a ele, querendo dizer cada maldita palavra.

Levi sorriu.

— *Bene, molto bene. Buono notte, fratello*[14].

[13] Eu juro, irmão
[14] Bom, muito bom. Boa noite, irmão

Austin, Lexi e Levi se despediram enquanto Ally voltou para meu lado. Pressionou um beijo em meu pescoço, usando a distração para arrebatar suas chaves de minha mão.

Levantei uma sobrancelha perguntando. Ela balançou as chaves de seu carro para mim.

— Quero te mostrar algo — disse emocionada.

— Está bem — concordei, e o maior sorriso zombador se estendeu por seu rosto.

Ally me levou até o carro e pulou no banco do motorista. No momento em que fui deslizar no banco do passageiro, notei um carro estacionado à distância. Franzi o cenho. Tinha visto esse carro preto ao redor da cidade no último par de dias.

— Axel? — Ally me chamou do interior do carro. Baixei o olhar para ela freneticamente fazendo gestos. Dando mais uma olhada ao carro estacionado, meu peito perdeu a tensão quando o vi sair para estrada e se afastar do restaurante.

Suspirei com alívio e sacudi a cabeça. Estava sendo paranóico.

Enquanto me deslizava no carro, Ally perguntou:

— Tudo bem?

Pegando sua mão, levei-a a meus lábios, pressionando um beijo em sua pele suave.

— Bem.

Depois de um curto passeio, chegamos à galeria. Meu coração começou a palpitar em meu peito logo que chegamos e Ally colocou o carro no estacionamento.

A exposição era em um par de dias e sabia que ela tinha terminado o projeto. Não sabia por que, mas tinha sido muito covarde para vir aqui ultimamente, para ver tudo terminado, ver a exposição totalmente desenhada.

Suponho que isto só fazia toda esta mudança em minha vida um pouco mais real. Como se estivesse finalmente deixando para trás meu passado. Ainda tinha medo de acreditar que esta vida que agora estava vivendo era real; que de algum jeito me seria arrebatada, bem no momento em que me permitisse ser feliz. Tinha minha escultura, tinha Ally, e agora, depois desta noite, tinha meus dois irmãos de volta em minha vida.

Não podia suportar a idéia de perder tudo de novo.

— Querido, vem comigo? — insistiu Ally brandamente.

Respirando profundamente, desci do carro e caminhei atrás dela para a entrada dos funcionários.

Quando entramos, o guarda que estava geralmente em serviço saudou com a mão Ally, e como sempre, afastou sua cabeça de mim. Ally olhou para trás e virou os olhos divertida fazendo que meu lábio se torcesse em um sorriso. Fodidamente adorava a esta mulher.

Quando nos aproximamos das cortinas negras, sobressaltei-me enquanto olhava para o grande título pendurando em cima da entrada, *"Elpidio"*. Meu estômago se derrubou com uma sensação desconhecida quando vi meu nome artístico escrito em uma singela letra negra. Então me dei conta de que o sentimento desconhecido era emoção. Estava malditamente entusiasmado com a exposição.

Cheirando o aroma de jasmim de Ally, baixei o olhar para ver ela sorrindo para mim. Mas também podia ver a ansiedade em seu impressionante rosto. Estava nervosa de que eu não fosse gostar do que havia do outro lado das cortinas. Isso era impossível. Me conhecia melhor que inclusive eu mesmo. Seria, sem dúvida, perfeito.

— Está preparado? — perguntou.

— Preparado. — respondi, e Ally puxou as cortinas para revelar a galeria, completamente diferente da última vez que a tinha visto.

Meus pés começaram a mover-se para frente enquanto meus olhos absorviam o espaço. Era... incrível... surrealista... além da fodida loucura que tudo isto era para mim.

Minhas esculturas estavam perfeitas em todas suas diferentes alturas. Foram distribuídas para que os visitantes fossem capazes de ver cada uma delas tanto de trás quanto de frente.

— E então? — perguntou Ally com ansiedade.

Pegando sua mão na minha, levantei até minha boca e beijei ao longo de sua pele quente.

— Porra, Ally. — Foi tudo o que podia pensar em dizer. Seu sorriso em resposta quase me fez cair de costas.

— Posso te guiar? Posso te levar na viagem?

Franzi o cenho sem entender o que queria dizer com "a viagem". Ally, vendo claramente em meu rosto, começou me levar para frente.

— Defini o fluxo da galeria de uma determinada maneira, nos temas. Como me disse o que significava cada escultura, e o que o inspirou, coloquei elas em uma certa ordem. Comecei com esta peça primeiro porque parecia ser o começo para mim.

Ally nos levou a estátua que fiz de nós, os meninos Carillo quando pequenos. Austin e eu estávamos deitados, Austin apontando para cima ao céu, e em meus braços, segurava um bebê, Levi. Debaixo de nós havia fogo e rostos gritando de dor... esses rosto pertenciam a minha Mamma, gritando do interior do trailer por causa de meu pai, enquanto eu tentava manter a meus irmãos a salvo de seus punhos.

Ally puxou minha mão e nos levou a seguinte, a uma stidda de mármore, uma stidda de mármore cujas pontas estavam asfixiando um coração, de suas bordas afiadas escorria sangue.

— A seguinte é como as coisas começaram a ir mau, um coração inocente perfurado por esta estrela.

Não disse nada, não podia, enquanto nos moviamos à próxima, eram os três irmãos de pé em um círculo, com as cabeças para baixo, o irmão mais velho agarrando os pescoços dos dois mais jovens, arrastando — os a seu lado.

— Logo vem o desaparecimento dos meninos do princípio, o mais velho levando eles pelo caminho equivocado.

Meu coração foi perfurado pela vergonha quando Ally disse isso, mas só estava repetindo minhas palavras de novo a mim. A seguinte a que chegamos era a minha escultura mais

nova, o menino chorando balas. Ally parou junto a mim e disse:

— Precisamos de um título para esta, Axel. Alguma ideia?

Assenti enquanto olhava o rosto do menino, muito aterrorizado para atirar. As palavras de Levi de hoje davam voltas em minha mente, de como tinha pesadelos acreditando que tinha matado alguém.

— Hamartia — disse asperamente. Ally me olhou confusa — Significa pecado, fazer o mal, desviar. É um acontecimento excepcional que acontece aos personagens principais em uma história que arruína suas vidas ou os situa em um caminho que só pode terminar mal.

— Axel... — Ally sussurrou com tristeza.

Olhei para Ally e disse:

— Sabe a inspiração por trás desta. Não preciso explicar, não é?

Ally assentiu para mim compreendendo. Caminhamos ao redor do resto de minhas esculturas, cada uma mais dilaceradora que a anterior.

— Assim começamos com medo, logo desespero, depois pecado, culpa, e finalmente... esta... — As palavras de Ally se desvaneceram. Não precisava levantar o olhar para saber que estávamos diante do anjo.

— Querido. — disse Ally com doçura, sua mão em minhas costas, — Precisamos de um nome, precisamos de algo para as placas de texto. É a última peça da qual falar.

Os sentimentos que já não era capaz de conter se lançaram para diante, me sufocando. Fiquei sem fôlego, meus olhos fechados apertados enquanto tentava recuperar o fôlego.

— Querido — sussurrou Ally em voz baixa e empurrou para trás meu cabelo, abrindo meus olhos.

— Não posso, Ally, não posso falar a respeito de... ela... – disse, quebrando minha voz em minha última palavra.

Ally de repente estava diante de mim, agarrando com as suas mãos as minhas, as afastando do meu rosto.

— *Cariño* — disse em voz baixa — Já é hora de que enfrente isso. Precisa falar sobre sua mamma. Isto está te comendo vivo.

Meu coração se inchou em meu peito e lutei para respirar, com meus pulmões se restringindo. Mas sabia que tinha razão. Durante cinco longos anos tinha bloqueado

minha mamma da minha cabeça para manter minha prudência. Mas isso estava me matando. Não podia suportar isso mais. Estava me fazendo mal, não ser capaz de lembrar as coisas boas: seu rosto, seu sorriso, o muito que me amava, sem sentir como se estivesse sendo torturado lentamente no processo.

Me forçando a inalar profundamente, me obriguei a olhar essa estátua. Uma onda de dor e culpa se precipitou através de meu corpo, me incapacitando até cair de joelhos.

De repente, Ally se ajoelhou no chão a meu lado, envolvendo seus braços ao redor de minhas costas. As lágrimas começaram a derramar-se de meus olhos enquanto imaginava a última vez que tinha visto minha mamma. Estava deitada em sua cama, sua fala quase inexistente e seu frágil corpo débil e imóvel. Me olhava sair para ir a festa do Campeonato Nacional dos Crimson Tide na universidade de Austin. Tinha dado a ela seus medicamentos, e peguei sua roupa em seu quarto. Durante todo o tempo só tinha me olhado com lágrimas em seus enormes olhos desde sua rota posição em sua cama.

Preocupava-se comigo. Sempre estava preocupada comigo. Mas essa noite, havia algo diferente em seu olhar. Era como se soubesse que era a última vez que estaríamos juntos...

como se soubesse que ia foder tudo tão mal que ia mudar tudo para todos nós...

***

Enquanto pendurava as camisolas limpas da mamma em seu armário, me virei para encontrá-la me olhando, com seu rosto encharcado de lágrimas. Meu coração se quebrou ao ver ela tão pequena e triste nessa cama. Sempre estava triste. Sempre deitada, incapaz de mover-se, chorando baldes de lágrimas. Enquanto estava ali de pé olhando ela quebrar-se, lembrei como minha mamma parecia antes. Tinha sido linda, tão cheia de vida, mas o ALS roubou cada músculo e o pior de tudo, roubou seu sorriso. Tudo o que se manteve sem mudanças foram seus enormes olhos marrons. Os mesmos olhos marrons que podiam te dizer tudo o que estava sentindo com apenas um olhar. Esses olhos marrons me estavam estripando enquanto olhavam para mim, neste preciso momento.

Caminhei para onde estava, com meu coração acelerando em meu peito, algo dentro de mim me fez sentar na beirada de sua cama e pegar sua ossuda mão fria na minha.

À medida que nossos olhares se encontraram, as lágrimas escaparam pela comissura de meus olhos bem à vista das suas. Não podia malditamente suportar ver ela chorar, isto me partia o coração. Rompia meu coração saber que essas lágrimas eram de preocupação... de decepção por mim.

Levantei a mão da mamma até meus lábios e pressionei um beijo em sua magra pele.

— Sinto muito, mamma — sussurrei enquanto olhava para mim, seu corpo imóvel, suas lágrimas tornando-se mais e mais grossas quanto mais falava — Sei que não sou o filho que queria que fosse. Sinto muito, sou um grande e fodido fracasso.

Mamma fechou seus olhos, piscando para afastar a tristeza que enchia seu olhar quando disse a ela essas palavras. Minha cabeça caiu em sua mão e sussurrei:

— Só queria te ajudar, mamma. Mesmo quando era pequeno, com papai te batendo, sempre quis te proteger, te manter a salvo... te salvar de ter uma vida de merda. Mas sei que tudo o que sou para você agora é uma decepção. Não sou uma estrela do esporte como Aust. Não sou como o menino jovem e doce no quarto do lado que sabe que vai ser alguém algum dia... — Engasguei com um suspiro e olhei seus olhos de novo, movendo meu dedo para afastar as frescas lágrimas quentes de sua bochecha e o cabelo úmido de seu rosto. — Mas te amo igual, Mamma. Amo tanto você que não sei como lutar com toda esta merda pela qual está passando, esta maldita doença. Não posso suportar o que está acontecendo com você. Não posso suportar não ser capaz de fazer uma merda a respeito disto. Sempre nos protegi, mas não posso te proteger disto... e não posso malditamente enfrentar. — Apertei a mão de minha mamma mais forte e parei, para poder respirar. — E não estou seguro de que demônios vou fazer quando me

deixar... quando nos deixar... — Um soluço arrancou em meu peito quando pensei em como seria viver em um mundo onde ela não existisse e essa merda me rompeu.

A respiração da Mamma aumentou, e quando olhei seu rosto, apesar de que seus músculos não podiam mover-se, vi a dor em sua expressão... Vi a crua verdade de que não queria nos deixar, tampouco... que isso a estava consumindo, que não tinha mais remédio que desvanecer-se lentamente.

— Não estou seguro de como seguir nesta vida sem você, mamma. Lutei durante tanto tempo para nos manter, para te manter, que não sei que demônios vou fazer quando for... como vou fazer para enfrentar isso...

Chorei um montão nesta cama com a mão de minha mamma tão fraca entre a minha. Não acreditava que pudesse me mover de estar sentado aqui, só segurando a mão da mamma, mas Gio bateu na porta de nosso trailer, me dizendo que tínhamos que ir.

Limpando minhas bochechas, levantei e limpei o rosto da mamma com o pano úmido que mantinha junto a sua cama. Me inclinando, beijei ela na testa e sussurrei:

— Ti voglio bene, mamma... sempre.

Pouco antes de ir, fui até seu toca cds e o liguei. "Ave María" começou a soar imediatamente do alto-falante.

Caminhando para a porta, saí sem olhar atrás.

E nunca voltei a ver ela de novo...

***

— Shhh... — Ally sussurrou em meu ouvido enquanto me balançava, chorando em minhas mãos.

Levantando meu rosto, me encontrei com o olhar compreensivo de Ally e disse:

— Nunca cheguei a dizer adeus a ela, Ally... Nunca tive a oportunidade de me despedir de minha mamma porra... — gritei quanto pude e lutei só para respirar através da culpa que me carcomia.

— Era egoísta... tão fodidamente egoísta, e fui, fui e a deixei sozinha, deixei eles sozinhos. Deve ter ficado muito assustada por mim, tão preocupada com onde estava quando ficava ali sem poder levantar-se e vir a me buscar. Porque sempre se preocupava comigo, Al. Apesar de estar morrendo, durante anos consumindo-se lentamente, não dava a ela nenhum tipo de paz. Em que demônios estava pensando? Morreu nesse quarto de hospital sem mim ali para dizer a ela que a amava, para dizer que sairia por fim desta vida de merda e que ficasse em paz... que sentiria falta dela pelo resto de

minha vida... Cristo, Ally, como diabos deixei passar acontecer? Não tem como voltar atrás e não sei como seguir.

As lágrimas de Ally salpicaram sobre minha cabeça e disse com voz cansada:

— Sabia que a amava, *carinõ*... ela sabia que um dia seria alguém.

— Mas não viveu o suficiente para ver nada disso, não? A única coisa que conhecia de mim era decepção. Morreu pensando que tudo o que tinha criado era um pedaço de merda que traficava coca. A culpa... a culpa disso condenadamente me destroça. Deve ter morrido pensando que tinha falhado como mãe... mas a verdade era que eu tinha falhado como filho...

— Axel... — Ally ia falar, mas a olhei e disse:

— Não sei nem como parecia quando faleceu. Nunca fui capaz de perguntar isso a Austin. Não sei como parecia, a que hora foi sua morte, o que disse. Nunca poderei perdoar a mim mesmo por isso... enquanto viver, nunca me perdoarei por isso.

Toda a cor desapareceu do rosto de Ally e seus braços se apertaram ao redor de mim. Então abriu a boca e confessou em voz baixa:

— Eu estava lá, Axel...

Ainda tentando evitar que meu peito se asfixiasse, não entendia o que queria dizer. As trementes mãos de Ally embalaram minhas bochechas e explicou:

— *Cariño*, estava ali quando sua mamma morreu... vi ela... estava no quarto quando tomou seu último fôlego.

Confusão me congelou. O rosto de Ally se rompeu em um suave pranto.

— Quis te dizer isto a muito tempo, que estava com Austin e Levi quando sua mamma faleceu. Estávamos todos no hospital por Lexi quando teve uma recaída e sua mãe foi internada. Austin quase se rompeu por ter sua mãe morrendo e sua alma gêmea desvanecendo-se. Ele não podia enfrentar isso, por isso todos ficamos para apoiar a ele e Levi.

Tudo o que podia fazer era olhar Ally enquanto falava.

Novas lágrimas encheram seus olhos.

— Nunca falava dela e tinha medo de que se mencionasse isso, fugiria. Mas estava ali, querido. Estava ali quando aconteceu.

Sem saber como reagir ante o que estava dizendo, perguntei:

— Estava tranquila? Estava sofrendo? Não posso suportar a idéia de que lutasse para morrer, tentando desesperadamente viver.

Os lábios de Ally se franziram enquanto lutava para não romper-se ainda mais. Então acrescentou:

— Sua mamma estava dormindo pacificamente e então se desvaneceu... foi indolor, Axel. Parecia que estava dormindo... estava linda... como um anjo...

A imagem do lindo rosto adormecido da minha mamma alagou minha mente, e fui incapaz de me conter, derrubei-me no colo de Ally, deixando escapar cinco anos de pena reprimida. Chorei até que minha garganta e peito se encontravam em carne viva e dolorida. Durante todo o tempo, Ally me segurou em seus braços, acariciando meu cabelo e chorando comigo...

— Queria dizer adeus, e agora que sei que é impossível... — grasnei, purgando minha culpa.

A bochecha de Ally se recostou em minha cabeça e sussurrou:

— A morte não é um adeus; é simplesmente um até logo.

Ofeguei e levantei minha cabeça para olhar diretamente em seus olhos escuros.

— De verdade acredita nisso? Que isto não é o final?

Ally acariciou meu cabelo.

— Com cada parte de meu coração.

Não sei quanto tempo fiquei envolto em seus braços, mas quando finalmente levantei minha cabeça, meu peito se sentia mais leve. E quando olhei os olhos amorosos de Ally, minhas mãos em seu rosto perfeito, sabia que as preces da minha mamma por mim tinham virado realidade...

Io prego perché teu possa trovare la tua luce, mio figlio smarrito... Rezo para que encontre sua luz, meu filho perdido...

Fiz isso.

— *La mia luce*... — murmurei através de minha garganta dolorida e crua. O rosto de Ally se suavizou em adoração. As seguintes palavras que disse saíram diretamente de meu coração sem nem sequer pensar consciente — *Ti amo, carina*[15]... amo você malditamente tanto que às vezes não posso suportar.

[15] Eu te amo, bonita

Ally ofegou surpresa, e com seu lábio inferior tremendo, inclinou-se para beijar meus lábios secos e murmurou respondendo:

— Eu também te amo, Axel. Muito. Com todo o meu coração.

Merda. Ela também me amava...

Nosso beijo se fez mais profundo, até que me retirei. Me sentindo esgotado, pus minha cabeça no colo de Ally, meus olhos olhando diretamente seu rosto.

Enquanto a olhava feliz acariciando meu rosto, pensava sobre a prece de minha mamma e fiquei gelado.

Ally, sentindo que algo estava errado, perguntou:

— O que está acontecendo, querido?

Sacudindo a cabeça com incredulidade, disse a ela:

— Só é algo que me veio à mente.

As sobrancelhas escuras de Ally se elevaram.

— Me diga — insistiu.

Olhei para o anjo de mármore de minha mamãe e disse:

— Acredita no destino?

Ainda confusa, parou e encolheu os ombros.

— Não sei, talvez. Acredito que às vezes acontecem coisas que parecem tão planejadas por uma força externa que o que acontece não pode ser simplesmente uma coincidência. — Sua cabeça se inclinou. — Porquê a pergunta, céu?

Esclarecendo a garganta, e me sentindo muito, muito estúpido por dizer isso, decidi contar a ela minha versão.

— Minha mamma estava acostumada a rezar para que um dia encontrasse minha luz, a luz que conseguiria me mudar, para me salvar. Sempre me chamava de seu filho perdido, e seu maior desejo era que encontrasse meu caminho.

Ally sorriu e estendeu sua mão para pegar a minha, brincando com meus dedos.

— Mas não fiz isso. De fato, as coisas só pioraram. Ela morreu e fui para a prisão.

— Axel... — disse Ally com simpatia, mas parei o que ia dizer levantando a mão.

— Ally, ir para a prisão me afastou dos Heighters, o que provocou que me atacassem.

Ally piscou rápido e se apressou para entender.

— *Carina*, se não tivesse passado por tudo isso... toda essa dor, essa raiva... Eu nunca teria falado com a enfermeira na enfermaria sobre meus desenhos de tatuagens. Nunca teria me visto obrigado a ir para a aula de arte para frear minha irritação. Não teria me apaixonado pela escultura de argila, que logo me conduziu a esculpir mármore, no qual derramei minha dor. Nunca teria me encontrado com o Vin, quem publicou fotos de minhas obras, que então usaram meu anjo de mármore em uma exposição no Met...

— ...E então a vi em uma revista e voei para Nova Iorque para ver em pessoa. E então escrevi artigos e periódicos de suas obras e métodos...

— E então Vin os leu, e quando foi preparar tudo para a exposição, contratou você para que a elaborasse... a mulher que era amiga de meu irmão... a mulher que entendeu minha alma antes que eu mesmo o fizesse... — Tomei uma tranqüila respiração. — A mulher que estava no quarto com minha mamma enquanto morria quando eu não pude estar... essa mesma mulher que respondeu a prece da minha mamma... ela se converteu em minha luz, ela salvou o filho perdio da mamma.

— Axel... eu... não sei o que dizer... — sussurrou Ally à medida que mais lágrimas caíam de seus olhos. Atraí-a para o

meu peito e respirei o aroma de xampu de lavanda de seu cabelo.

— Sempre quis isto — disse com força — Sempre quis este tipo de amor, este amor intenso... nunca me dei conta de que poderia ser muito mais... até que te conheci.

Fechei meus olhos enquanto dizia essas palavras, e pela primeira vez em minha vida me senti... sem forças.

Fixei minha atenção na estátua de mármore de minha mamma e disse a ela em voz baixa:

— Ave María.

Ally se esticou contra meu peito, e perguntou:

— O quê?

— O anjo, seu nome deve ser "Ave María".

— Axel — Ally suspirou — É lindo... é perfeito.

Ally pressionou beijos ao longo de meu pescoço e fechei meus olhos, me relaxando com seu toque.

— O anjo quebrado é minha mamma nesta vida. Apanhada em um corpo do qual não podia escapar, rezando pela morte ao invés de viver naquele inferno. As cinzas que está segurando são um símbolo da morte.

Os lábios de Ally tinham deixado meu pescoço, seu corpo muito quieto.

— E o outro lado?

Sorri, quase sentindo o calor do sol no rosto de minha mamma.

— Essa é a próxima vida, o céu, o paraíso, como quiser chamar. Essa é minha mamma despertando depois da morte, totalmente curada, sentindo o sol brilhante em seu corpo curado... livre... Sempre foi meu sonho desde que adoeceu. Que voltasse a ser livre.

Uma sensação de paz me encheu enquanto olhava a estátua e tomei uma respiração profunda. Toda a informação e nomes se completaram. Tinha conseguido atravessar isso. A exposição estava finalmente completa.

— Axel? — disse Ally.

— Mmm? — murmurei, fixando minha atenção nas brilhantes estrelas do cinturão de Orión através do teto de cristal.

— É hora de contar a seus irmãos sobre suas esculturas.

Esperei que a apreensão, vergonha e temor se instalassem em meu peito. Por uma vez, não vieram. Enquanto olhava as

estrelas, me dei conta de que estava preparado para contar a eles a respeito da verdadeira razão pela qual estava em Seattle, e o que realmente tinha estado fazendo com minha vida.

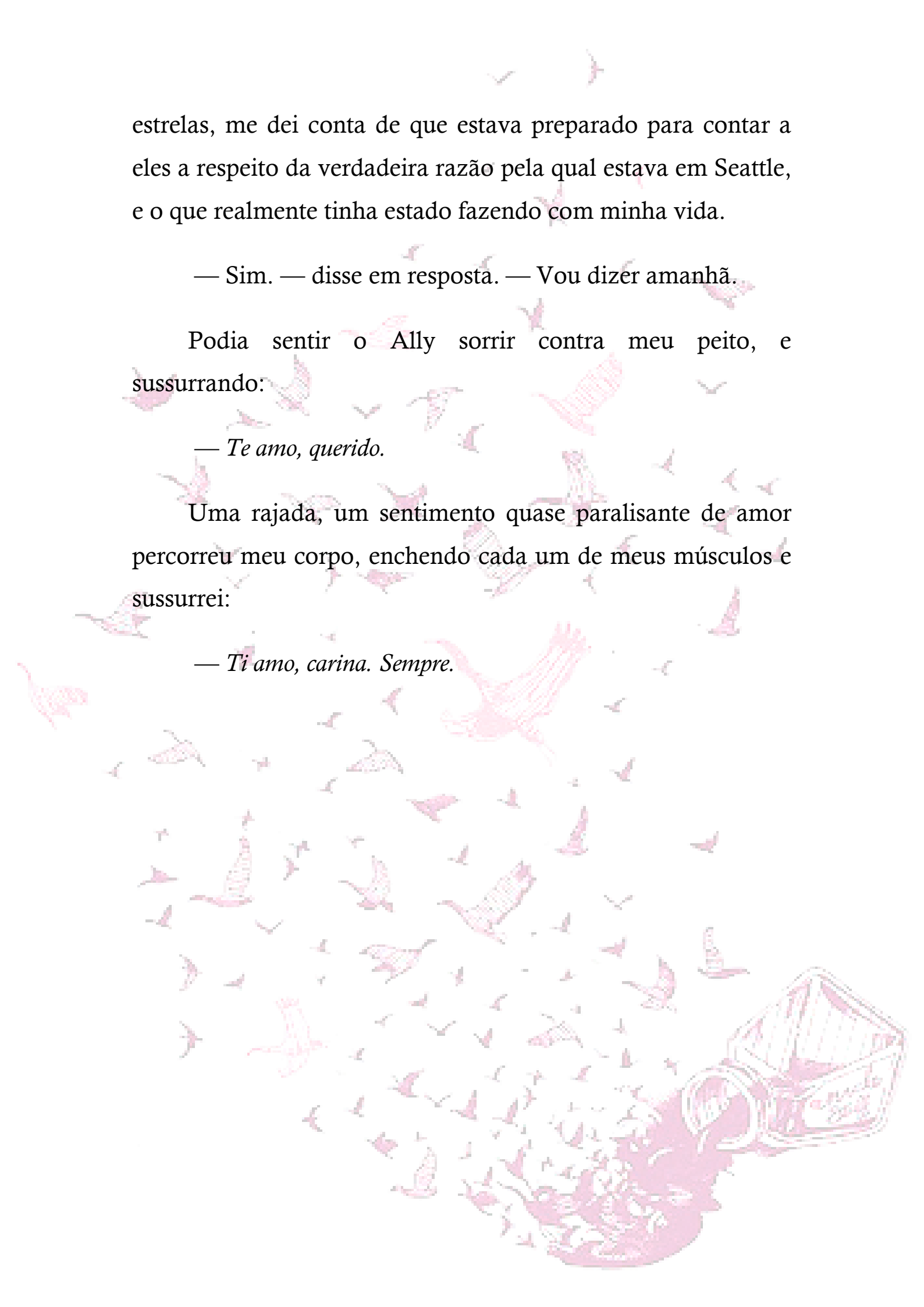
— Sim. — disse em resposta. — Vou dizer amanhã.

Podia sentir o Ally sorrir contra meu peito, e sussurrando:

— *Te amo, querido.*

Uma rajada, um sentimento quase paralisante de amor percorreu meu corpo, enchendo cada um de meus músculos e sussurrei:

— *Ti amo, carina. Sempre.*



Capítulo 20

Axel

Enquanto lixava a curva final da mão, e depois lavava o mármore de Carrara com água, dei um passo para trás na borda do rio e suspirei.

Esta já era minha peça favorita.

Tinha trabalhado todo o dia durante a semana passada para conseguir terminar isto, nunca tinha conseguido completar uma escultura tão rapidamente, mas não tinha escolha. Tinha que tirar a imagem de minha cabeça e colocá-la no mármore... precisava desta peça para poder vê-la sempre. Precisava dela para completar minha primeira exposição. Era o final perfeito para a viagem que Ally tinha criado.

À medida que o vento da tarde soprava a meu redor, cobri a escultura com sua lona, prendendo ela na base e enviei

uma mensagem para Vin de que tinha terminado. Só ele sabia que ia acrescentar ela à exposição na última hora. Tinha as placas de texto feitas em privado, a placa do nome, o pano para cor de fundo e tudo o que precisava para fazer isto perfeito.

Um assobio chegou a partir de meu celular, era Vin me dizendo que estava a caminho com seus homens. Disse a ele onde estava e que estaria fora. Além disso, confiava nele para conseguir colocá-la na galeria.

Vin me garantiu que tudo ficaria bem e que Ally nunca saberia da escultura até à noite da estreia. Era minha surpresa para ela.

O presente da minha alma para a sua.

Entrando em meu estúdio, sorri para a roupa de cama ainda jogada em um desastre. Cada manhã habitualmente acordava e fazia minha cama antes de qualquer coisa. Anos de estar na prisão me deram hábitos muito difíceis de tirar. Mas depois de ontem à noite, depois de fazer amor com Ally ontem à noite, quando ela me dizia que me amava uma e outra vez em meu ouvido enquanto gozávamos juntos... eu não me atrevi a mudar nada.

Vendo as chaves do Camino no meu local de trabalho, aproximei-me, peguei elas, assim como meus cigarros e fui

para meu carro. Os nervos estavam destroçando meu estômago. A idéia de contar a Austin e a Lev tudo sobre minhas esculturas; mais que isso, a respeito de minha estréia amanhã a noite me fazia quase vomitar.

Que diabos pensariam? Eu. Um escultor com sua própria exposição em um verdadeiro museu porra.

Uma onda de algo novo me golpeou enquanto imaginava suas reações. Felicidade... alívio, emoção... *orgulho*. Porra, isso era; queria que estivessem orgulhosos de mim. Queria que eles finalmente me vissem como algo mais que seu irmão mais velho, quem só tinha mostrado habilidade para vender cocaína.

Enquanto passava através das ruas de Seattle, pensei em quando Ally me disse que estaria fora para fazer sua próxima comissão depois da minha apresentação. A idéia de não ter ela a meu lado todos os dias fazia que cada parte de mim doesse fodidamente. Queria que ficasse. Queria que ficasse aqui em Seattle comigo.

Tinha que encontrar uma maneira de fazer que acontecesse. Não podia deixar ela ir. Tínhamos chegado condenadamente muito longe.

Enquanto me aproximava da casa de Austin, os nervos voltaram a fazer com que minhas mãos tremessem. Ri por estar tão nervoso. Era um maldito maricas.

Em questão de minutos tinha estacionado o Camino e entrei pela porta dianteira... então parei imediatamente ao ver Levi e Austin sentados nas escadas, com minha bolsa cheia de roupa colocada a seus pés.

Meus dois irmãos tinham suas cabeças baixas, mas quando ouviram a porta abrir, Austin levantou o olhar, com uma expressão pétrea no rosto.

— O que é tudo isto? — perguntei, sentindo a temperatura na sala cair uns dez graus.

Austin ficou de pé e caminhou até ficar na parte inferior das escadas, com os braços cruzados sobre o peito.

Quando seus olhos se encontraram com os meus só pude ver dor neles. Quase me adiantei para envolver meu braço ao redor de seus ombros para perguntar a ele o que estava acontecendo, mas a maneira fodida em que estava me olhando me manteve pregado no chão.

Austin levantou o pé, e o apoiou na parte superior de minha bolsa.

— Fomos ao mercado de pescado esta manhã, Axe, no que você disse que estava trabalhando.

O sangue se drenou de meu rosto.

— Sim, Axe. O mercado no qual os gerentes não tinham nem puta ideia a respeito de quem estava falando.

Austin olhou para Levi. Levi manteve a cabeça baixa, agarrando seu cabelo com suas mãos.

Abri a boca para explicar, mas...

— Eu não podia acreditar, Axe, então fui a todos os negociadores que pude encontrar. Em nenhum deles te conheciam. Nenhum deles. Um dos homens lembrou de ter visto alguém de sua descrição. Disse que achava que tinha te visto dando voltas, mas garantiu como o inferno que não estava trabalhando. Austin penteou seu cabelo escuro, seus olhos estavam brilhantes. Encontrando de novo meu olhar, disse:

— Pensei que tinha que ter algum engano. Tinha que ter, porque meu irmão tinha mudado. Tinha saído da prisão cinco anos antes e estava fazendo tudo certo. Era um cara diferente de que estava acostumado a ser, do inflexível Heighter. — Respirou entrecortadamente e seu rosto avermelhou de dor.

Dei um passo adiante.

— Eu...

— Então cheguei em casa, fodidamente discutindo comigo mesmo pelo que rezava que não fosse certo, e entrei em seu quarto, esperando que estivesse ali para explicar toda esta merda. Não estava, como sempre. Então comecei a procurar em suas coisas, procurando alguma razão pela qual mentiria para mim. Mentiria para todos nós durante estes malditos meses!

Austin colocou a mão no bolso traseiro de seu jeans e tirou a segunda bolsa de coca que tinha comprado depois de sua partida. Devo ter deixado ela em minhas calças jeans.

Meu estômago caiu, e imediatamente soube o que eles estavam pensando.

— Está traficando de novo, Axe? Depois de tudo? — O rosto de Austin se contorceu em uma mescla de ira e dor. Jogou a bolsa de coca a meus pés.

Lutei para respirar enquanto o olhava. Enquanto olhava para cima, Austin estava me olhando, toda a ira desaparecida, simplesmente uma esmagadora decepção em seu rosto. Mas não podia falar. Não podia conciliar em minha cabeça como tinha vindo aqui hoje para dizer a eles a respeito de minha

exposição, e ao invés disso, que meus irmãos pequenos estivessem me pedindo explicações de por que não estava no mercado, por que tinha esta coca. E é obvio eles imediatamente pensaram o pior.

Austin de repente empurrou a bolsa de lona a meus pés.

— Fui ver você hoje para te dizer que vai ser tio, um *Zio*, Axe. Lexi está grávida. Estivemos tentando durante dois anos, mas devido aos danos em seu corpo por causa de sua anorexia, não estávamos seguros se seríamos capazes de ter filhos. Ela acordou esta manhã para me dizer que ia ser papai. Um puto *Papa*, Axe. Contra todo prognóstico, vamos ter um bebê. É um puto milagre... e as únicas duas pessoas às quais não podia esperar para dizer isso era a você e ao Lev.

Meu coração pulsava mais rápido... Austin ia ser papai.

Um maldito sorriso pela emoção apareceu a meus lábios, mas Austin não o viu, estava muito ocupado olhando o chão.

— Não posso te ter aqui mais, Axe. Tenho coisas mais importantes que considerar agora do que a você. — Seus olhos escuros se encontraram com os meus – Preciso que saia daqui. Não posso ter meu bebê, minha esposa, arrastada a todo o tráfico e a merda de gangue... meu filho vai ter uma vida melhor da que nós tivemos... eles têm que estar a salvo. Todos temos que estar a salvo.

Levi levantou sua cabeça, seus olhos injetados em sangue, com o rosto pálido correu pelas escadas.

— Lev... Posso exp...

Levi parou imediatamente na escada, mas não olhou para trás.

— Jurou para mim que não faria nada que te afastasse de nós outra vez. Deixei você entrar, abri meu coração para você de novo, e tem que estragar tudo! Deixei você entrar, Axe... e agora te perdi outra vez... — exclamou, e desapareceu da vista. Austin me deu as costas e caminhou atrás de Levi.

Sentindo temor real correndo por minhas veias, adiantei-me e disse:

— Aust... — Mas meu pé aterrissou sobre a bolsa de coca, arrebentando a maldita coisa e pulverizando-a por todo o chão.

Austin, ouvindo a bolsa rasgar, suspirou e, sem olhar para trás, disse:

— Só saia daqui, Axe. Só saia, porra...

Todo meu corpo se gelou ante o frio que essas palavras soaram vindo de sua boca. Olhei para baixo, à confusão de coca a meus pés e não senti nada além de vergonha...

vergonha de que tivesse tido um momento de debilidade e comprasse essa coca faz semanas.

Mas estava tão fodidamente zangado de que não tivessem me escutado.

Eles nem sequer me deixaram falar, merda.

Virando sobre meus calcanhares, deixei minha bolsa de roupa onde estava e fodidamente corri para fora da casa, com minha cabeça dando voltas.

Que diabos estava pensando ao voltar aqui?

Tinha acabado. Tão fodidamente acabado tentando fazer a merda correta.

Dirigi meu Camino rápido através da chuva, uma merda perfeita refletindo meu estado de ânimo, e dirigi para meu estúdio. Em minha pressa para dizer a Austin e Levi sobre minha arte, não havia trazido nada comigo, nem sequer minha maldita carteira ou o celular. Estava buscando eles e logo saindo da merda de Seattle. E queria que Ally viesse comigo. Só ela, eu, e o puto Camino.

Deixando que a música heavy metal de minha banda alimentasse minha crescente raiva, não me dei conta durante alguns quilômetros do carro preto que estava me seguindo.

Com o cenho franzido, minha suspeita voltou, fui por algumas ruas ao azar para ver se me seguia, desta vez o fez.

Sentindo meu pulso aumentar, entrecerrei meus olhos e aumentei a velocidade. O carro continuou, seu pára-choque quase tocando o meu.

— Merda — sussurrei em voz baixa. Só havia um filho da puta que estaria atrás de mim desta maneira: Remo.

MERDA!

Tirei meu carro para estacioná-lo em uma rua tranquila, senti um nó em meu estômago quando me dei conta de que era ele. Estava aqui por meu sangue. A forte chuva ricocheteou em meu pára-brisa como balas, desliguei a música, com os olhos presos em minhas mãos.

Sempre pensei que morreria pelas mãos de minha gangue. Mas o que estava me destroçando bem agora era imaginar Ally. Nem sequer podia ligar para dizer adeus a ela. MERDA! Tinha colocado minha merda no lugar, finalmente fazendo algum progresso na porra da minha vida... e agora...

O som da porta de um carro abrindo me fez me sentar mais direito, e, pela primeira vez, senti medo. Medo real. Hoje tinha algo a perder, a idéia de deixar Ally para trás, me aterrorizava porra.

Empurrando para abrir a porta de meu carro, saltei do carro bem a tempo para ver Remo Marino pavoneando-se em minha direção. Parecia maior. Tinha aumentado de peso, ganhou rugas em seu rosto, mas ele continuava sendo a mesma merda intimidante que sempre tinha sido. Meu estômago caiu... Este filho da puta tinha estado me seguindo durante dias.

Mantive-me firme e observei como os lábios de Remo formavam um sorriso.

— Porra, *ragazzo*! — disse, fingindo uma risada e sorrindo — Quase não te reconheci com o fodido cabelo de hippie e a barba cobrindo suas tatuagens dos Heighter em seu pescoço. Levei uns dias para garantir que a pista que me deram não era uma merda. — Fez um gesto com a mão para mim — E sua stidda, Axe? Perdeu isso também? — Assentiu em sinal de aprovação — Fez um bom trabalho em se ocultar de mim. Quase tinha pensando que meu informante estava equivocado. Mas quando vi Austin e Lev de novo, tive a certeza de que era você.

Mostrando meus dentes para ele ao mencionar meus irmãos, cuspi:

— Que caralho está fazendo aqui, Rem?

Remo deixou cair seu sorriso come merda.

— Estou aqui para cobrar a dívida de minha família, *ragazzo*. Já sabe disso... deveria estar esperando isso. Conhece o código da rua: sangre por sangue.

— Está foragido, Rem, procurado por todo tipo de delitos porra, mesmo assim, veio até aqui por mim? Os federais terão rastreado você ao cruzar os limites estatais. Estará preso pelo resto da vida.

Remo estendeu suas mãos.

— Já estou com os dias contados, Axe. Vou estar preso pelo resto de minha vida... o que é um delito a mais quando não há possibilidade de liberação de todos os modos?

Os olhos de Remo se estreitaram enquanto se aproximava de mim.

— Mas você, você assassinou meu primo. A seu condenado melhor amigo! Como pôde, *ragazzo*? Gio malditamente te amava.

— Estava protegendo a minha família — disse tenso. Remo inclusive assentiu como se o entendesse.

— Entendo você. E agora eu estou vingando à minha.

Olhamos um ao outro sob a chuva durante o que pareceram horas, quando de repente, Remo me atacou,

conectando seu punho com minha cara, antes de que me tombasse contra meu carro. Conseguindo afastar ele, o golpeei em resposta, Remo me enfrentou com o sangue correndo por seu rosto. Ele sorriu e me gelou o sangue. O bastardo estava louco.

Correndo para frente, nos arrastamos para o meio da estrada, fui golpear a cara do filho da puta de novo, quando o som de uma arma de fogo disparando soou através da noite.

Por um segundo fiquei quieto, só olhando fixamente a Remo que estava diante de mim... então enquanto meus olhos viajavam para baixo, vi uma pistola em sua mão estendida, sua arma com o canhão pressionado contra meu estômago. Uma repentina dor aguda se deslizou através de meu estômago roubando meu fôlego e o sangue começou a empapar minha camisa. Remo deu um passo para trás, e levantando minha mão de meu estômago, a afastei e vi brilhante sangue vermelho recobrindo a palma. Minhas pernas se dobraram debaixo de mim e golpeei sobre o asfalto.

O som de sirenes soou na distância, enquanto Remo parava por cima de mim e cuspia em meu rosto. Meus pulmões pareciam como se estivessem vazios enquanto tentava me levantar... mas não podia mover as pernas.

— Sangue por sangue, Axe — disse Remo de novo e desapareceu de minha vista.

Colocando a parte posterior de minha cabeça plaina sobre o pavimento, fiquei olhando o céu cinza, litros de chuva golpeando sobre meu corpo. Imagens de Austin e Levi passaram por minha cabeça e senti meus olhos arder com as lágrimas.

Nunca os veria outra vez... nunca cheguei a dizer uma vez mais quanto fodidamente os amava...

O tempo pareceu parar e meus pensamentos derivaram de novo para quando éramos meninos. A uma promessa que tinha feito a minha mamma... Eu estava revivendo ela como se fosse ontem...

***

"Dormi, Dormi, O Bel Bambin..."

Levi estava em meus braços, envolto em sua manta azul desbotada, seus grandes olhos cinza me olhando enquanto me balançava para trás e para frente no chão do quarto. Tranquilamente, cantei sua canção de ninar favorita, uma canção natalina, uma que sempre o acalmava, uma que o ajudava a relaxar e esquecer este mundo horrível durante um momento.

“Perche piangi, o mio tresor?

Dolce amor, dolce amor,

Fa la nanna, o caro figlio

Tanto bel, tanto bel,

Fa la nanna, o caro figlio”

Quando terminei a última estrofe, escutei sua suave respiração e suspirei. Me inclinando, pressionei um beijo na suave testa do meu irmãozinho.

Finalmente estava dormido.

Tomando uma grande pausa, apoiei-me contra a parede do meu quarto e segurei Levi apertadamente em meus braços. Enquanto olhava seu rosto dormindo, fechei os olhos e rezei a Deus para que todo este medo terminasse logo. Que papai parasse de vir para casa ébrio, que parasse de bater na mamma... e assim ele deixaria de tentar calar Levi porque não podia suportar que chorasse.

Todas as noites trazia o Levi para nosso pequeno quarto. Toda noite dava banho nele, dava comida, trocava ele e o balançava até dormir cantando uma canção de ninar... tudo isso para que minha mamma pudesse evitar que papai o machucasse quando viesse golpeando a porta, procurando uma razão para brigar.

Rezava a Deus cada noite para que um dia papai simplesmente parasse de vir para casa. Que nos deixasse sozinhos assim poderíamos viver em paz.

Bem quando me permiti relaxar, o ruído de passos veio através do estreito corredor, e um segundo depois, Austin entrou correndo pela porta. Seu rosto estava ruborizado e seus olhos marrons escuros muito abertos. Cada parte de mim congelou e escutei a porta principal fechar em um golpe.

— Está de volta — disse Austin, lutando contra seu medo. Só tinha oito anos, eu tinha onze e Levi, só uns meses — E está verdadeiramente ébrio esta noite. Vi ele se balançar pelo caminho do parque. Estava gritando a todo mundo.

Meu estômago caiu e, olhando para Levi outra vez, grunhi quando escutei mamma gritar no outro quarto.

Os olhos do Levi se abriram de repente com o ruído e sua carinha se enrugou quando começou a chorar em meus braços. Meu olhar encontrou Austin, que estava congelado na porta.

— Pegue nosso irmãozinho — ordenei. Correu para frente e tomou Levi de minhas mãos, e se deixou cair em nossa pequena cama compartilhada.

Um ruído soou na sala de estar e Austin me olhou, as lágrimas também caíam de seus olhos. Parecia tão indefeso que se engasgou com um nó em sua garganta.

— Ele vai machucar ela outra vez, não é? — disse com voz tremente — Então nos machucará.

Tomando uma respiração profunda, disse:

— Não fará isso. Juro. — Assinalei a meus dois irmãozinhos sentados perdidos e assustados nessa cama e disse: — Cuida do Lev, está bem? Tenta manter em silêncio.

Austin assentiu enquanto deixava o quarto, fechando a porta. Meu coração pulsava rápido em meu peito, quando os gritos de minha mamma vieram pelo corredor. Podia escutar meu pai amaldiçoando e minha mamma implorando que ele parasse. Quando alcancei o final do corredor, vi papai sujeitando a Mamma contra o chão, seu rosto estava ensanguentado enquanto tentava com suas mãos afastar ele.

Os olhos dela estavam fechados, mas como se pudesse me sentir de pé ali olhando, abriram-se. Seu olhar encontrou o meu e negou lentamente. Sabia que queria que saísse dali, sabia que queria que corresse e me escondesse. Mas não podia. Ele estava machucando-a, e sabia que iria por meus irmãos depois. Tinha que protegê-los. Devia fazer que quisesse bater apenas em mim.

Levi gritou do nosso quarto bem quando papai chutou Mamma no estômago. Escutando o pranto do bebê, meu pai se virou, com seu rosto furioso.

— Esse maldito menino! — Arrastou as palavras dirigindo-se para mim.

Ia por meus irmãos... não podia deixar que chegasse a meus irmãos.

Dando um passo adiante, meu pai me viu e tentou me afastar do caminho.

— Se mova! — grunhiu. Mas não o fiz. Olhei para minha mãe ofegando por ar no chão, seu corpo enroscado, escutei meu irmão pequeno chorando no quarto, e escutei Austin implorando que ele parasse.

Encontrado os olhos escuros de papai, tentando não tremer, dei outro passo adiante e observei um lento sorriso pulverizar-se em seu rosto. Sem palavras. Sem dizer nada levantou seu punho e golpeou meu rosto. Sem uma palavra me levantou do chão e me jogou contra a parede, quebrando com minhas costas o frágil gesso.

Tentei bloqueá-lo. Foquei em meus irmãos e minha mamma chorando... foquei que meu pai me usasse como um saco de boxe para que não se aproximasse deles.

Não soube quanto durou esta surra, mas pareceu como uma eternidade. Finalmente, a respiração de meu pai diminuiu e seus golpes se tornaram débeis e lentos. Jogou-me no chão e pude provar o sangue em minha boca.

Fiquei ali quieto, rezando para que este fosse o final de sua ira, quando a porta se abriu e se fechou de um golpe.

Foi embora... ao menos por agora.

— Mio caro — gemeu mamma e segurei minha cabeça o suficiente para ver ela se levantar. Usando minhas mãos, fiquei de pé e me movi através do pequeno quarto para ajudá-la a caminhar.

— Me ajude a chegar em meu quarto mio caro — disse em um sussurro e, envolvendo meu braço ao redor de sua cintura, ajudei ela a entrar em seu quarto e na cama.

Fui ao banheiro e umedeci uma toalha, levando a de volta para limpar o sangue de seu rosto.

Enquanto limpava seu lábio inchado, levantou sua mão tremente para passá-la por meu rosto. Estremeci quando as pontas de seus dedos tocaram um corte em minha bochecha e as lágrimas caíram por seu rosto.

— Sinto muito, mio caro, — disse dolorosamente, mas eu neguei.

— Está bem, mamma, não estou ferido.

Um sorriso triste puxou seus lábios e seus dedos passaram por meu cabelo.

— Um menino tão valente. Está ferido, mesmo assim não mostra medo ou dor.

Afastei a toalha de seu lábio assim não sentiria minhas mãos tremer. Não queria que soubesse que estava assustado... que meu rosto doía.

— Não estou ferido, mamma. Juro.

Mamma me observou em silêncio e, todo o tempo que chorou tentei não chorar também. Sabia que se o fizesse, romperia seu coração... ela já estava o suficientemente triste.

Só queria fazer ela sorrir outra vez.

Sentia saudades de seu sorriso.

— Pronto, mamma, está limpa agora, — disse e a mamma se recostou em sua cama, segurando sua barriga machucada, mas seus olhos tristes nunca deixaram os meus. Virei para ir ao banheiro para me limpar quando se esticou e tomou meu braço.

Quando olhei para trás, ela disse:

— Axel, mio caro, não tem que ser sempre tão duro, tão forte.

Observando a minha mãe quebrada na cama, disse:

— Mas tenho que ser. Tenho que proteger vocês do papai sem importar como.

Mamna gemeu frouxo.

— Esse não é seu trabalho, mio caro.

Não disse nada e o trailer ficou em silêncio. Mas então escutei Austin cantando silenciosamente a canção de ninar favorita de mamma para Levi e assenti.

— Sim, mamma. Este é meu trabalho. Preciso cuidar de todos vocês, e prometo que sempre o farei... Nunca deixarei que ninguém os machuque, a você ou meus irmãos outra vez. Sempre os manterei a salvo...

***

Umas grossas lágrimas caíram por minhas bochechas, mesclando-se com a chuva fria enquanto essa lembrança se reproduzia em minha mente.

Sempre os manterei a salvo...

Enquanto pensava em Austin e Levi, me senti de repente em paz. Sem mim, estariam a salvo. Não haveria mais vínculos com nosso passado. Sem mim, a nova família de Austin estaria a salvo e Levi já não sentiria mais dor.

Sempre os manterei a salvo...

Sorri enquanto a chuva caía mais forte. Finalmente tinha feito. Finalmente estariam a salvo.

Fechando meus olhos, o intumescimento se apoderou de mim. Vi Ally com o queixo em sua mão, seu cabelo solto de um lado enquanto sorria na cama. Agradecia malditamente a Deus cada segundo que ela esteve comigo... que a tinha tido, mesmo que tenha sido por pouco tempo. Ao menos cheguei a sentir como era esse tipo de amor, mesmo que fosse por um breve momento.

Tentei me aferrar à visão do rosto de Ally, até que já não pude me aferrar à imagem... até que tudo se desvaneceu em um nada.

Capítulo 21

Ally

— Também não o viu Vin?

— Não desde ontem. — respondeu.

— Muito bem, obrigado. — disse e terminei a ligação. Enquanto olhava ao chão, uma estranha sensação voltou para meu estômago.

Tinha esperado no estúdio de Axel durante horas, mas não se apresentou. Tinha tentado ligar em seu celular, mas a bateria deve ter acabado. Vin não o tinha visto, assim supus que estava na casa de Austin.

Um indício de sorriso se desenhou em meus lábios enquanto pensava em quão nervoso Axel estava por contar a seus irmãos a respeito de sua exposição, suas imagens... o que tinha estado fazendo durante anos. Em minha bolsa tinha seus convites para a inauguração de amanhã à noite, um para

Austin, Levi e Lexi. Tinham que estar lá. Ainda não estava segura se Axel faria ato de presença. Adivinhei que não, ainda estava contra que as pessoas soubessem quem era, mas sua família devia ver seu trabalho... depois de tudo, eles eram a fonte de sua inspiração.

Em questão de minutos entrei no estacionamento de Austin e estacionei meu carro. Bati na porta e depois de uma curta espera sob a chuva, Austin abriu.

Me agachando do aguaceiro, corri pelo corredor sacudindo minha gabardina.

— Que maldito dilúvio! — gritei e finalmente olhei a Austin.

Seu rosto estava pálido e me olhava com olhos tristes.

— Está bem, Aust? — disse e olhou para cima. Levi estava caminhando melancólico com os olhos avermelhados.

Meu estômago caiu.

— O quê? — sussurrei. Lexi entrou vindo da cozinha — Que está acontecendo? Onde está Axel?

Uns calafrios percorreram minha coluna vertebral pela forma em que estavam todos me olhando, quando Austin pôs sua mão em meu braço.

— Não é quem acha que é, Al. — Sua voz soava rouca como se tivesse estado chorando durante horas.

Meu olhar se precipitou ao redor dos três e perguntei:

— De que demônios está falando?

— Axel — disse Austin — Estava vendendo coca de novo.

Senti que a terra desaparecia debaixo de mim, e disse:

— O quê? De que diabos está falando? Nunca faria isso de novo.

Austin negou.

— Sinto muito, Al, mas é verdade. Também não quero acreditar nisso porra, mas fui a esse mercado de pescado onde estava trabalhando desde sua liberdade condicional e nem sequer tinham ouvido falar dele. Mentiu, Al. esteve mentindo todo este tempo.

— Não! — disse sacudindo minha cabeça, tentando imaginar que diabos tinha acontecido aqui esta tarde. Austin levantou a mão.

— Encontrei uma bolsa de coca em seu quarto, Al. Cocaína! Esteve traficando desde que chegou aqui, e pior ainda, trouxe essa merda para minha casa. Disse a ele que

fosse embora. Não posso ter mais essa merda entre nós. Não posso deixar que minha família se envolva nesse tipo de vida nunca mais.

Uma mescla de medo e compaixão alagou meu peito e minha mão voou sobre minha boca.

— Você... você pediu a ele que fosse embora?

Austin assentiu.

— Ao menos deixou que falasse com você? Deu a ele a oportunidade de explicar sobre a bolsa de coca?

Os olhos de Austin caíram. Quando olhei para Levi, este deixou cair sua cabeça também.

— Não fez isso, não é? — perguntei. As lágrimas começaram a encher meus olhos. Meu Deus, ele veio aqui hoje para explicar a eles tudo a respeito de sua obra e o expulsaram, acusaram ele porque tinham encontrado uma bolsa de coca... essa maldita coca que uma vez comprou porque estava se afogando nesta nova vida... afogando-se em sua rejeição a ele, em minha rejeição a ele.

— Deus... — Chorei e pressionei minha mão na minha testa.

Austin deu um passo adiante, mas dei um passo para trás.

— Onde está agora? Não fui capaz de entrar em contato com ele durante todo o dia.

Um brilho de preocupação passou pelo rosto de Austin, mas rapidamente se converteu em pedra quando disse:

— Disse a ele que fosse embora. Fez isso. Nem sequer pegou suas coisas, simplesmente saiu correndo. — A respiração me cortou — Al, foi para longe. É o que faz quando as coisas ficam feias. Foge.

A ira formava redemoinhos dentro de mim, e retrocedi para a porta.

— Não tem nem ideia — disse a todos eles destroçada — Não têm nem idéia do que tem feito por vocês, nem ideia do muito que sacrificou e o muito que mudou sua vida.

As sobrancelhas de Austin baixaram com minhas palavras, mas antes que pudesse falar, coloquei a mão em minha bolsa e tirei os convites. Se Axel não era capaz de dizer a seus irmãos o que tinha estado fazendo, então o faria eu.

Colocando rapidamente os convites na mesa auxiliar, olhei para cada um deles aos olhos e disse:

— Convido você para a abertura da galeria amanhã a noite. Têm que estar ali.

Austin negou e Lexi se dirigiu para ficar a seu lado.

— Al, estou muito feliz e orgulhosa de você, mas, droga, não acredito que seja o momento adequado…

— Têm que estar lá — disse interrompendo ela e Lexi franziu o cenho para mim.

— Porquê Ally? — perguntou ela e minha ira se reduziu um pouco. Merda, nunca poderia estar zangada com Lexi. Não tinha feito outra coisa além de aceitar Axel em sua casa, e na de todo o mundo.

— Só por favor, Lex. Por favor, vá lá… há algo que vocês precisam ver.

Alcançando minhas chaves, dei volta a maçaneta da porta, enquanto Austin dizia:

— Sei que você gosta dele, Al, mas Axel sempre foi desta maneira. Sempre foi atraído pelo lado escuro da vida, a merda ilegal. Só lamento que tenha saído machucada por tudo isto.

Olhando para trás a Austin com incredulidade, respondi:

— Não só gosto, Austin. Estou loucamente apaixonada por ele. Mudou minha vida em todos os sentidos para melhor, de verdade sinto que esteja tão cegado por seu passado que não possa ver o maldito homem honorável que é hoje. — Ao tocar minha mão nos convites, exigi, — Estejam lá amanhã à noite.

Saí correndo para meu carro, tirei meu celular e marquei o número de Axel de novo. A chamada foi diretamente para o correio de voz. Pressionei FIM e olhei através do pára-brisa molhado.

As lágrimas corriam por minhas bochechas e minhas mãos tremiam de pânico. Fechei os olhos, apoiei a cabeça contra o encosto e sussurrei:

— Axel... aonde diabos foi?

***

Na noite seguinte fiquei no banheiro do museu, me olhando no espelho. Estava cansada e pálida; os efeitos de sentir que meu coração tinha se quebrado.

Axel não tinha aparecido. Estava começando a ser mais que evidente que se foi. Na verdade tinha me deixado. Uma parte gritava para mim que não era possível,

Que não podia ter me deixado, apesar de que Austin e Levi estavam convencidos de que era seu modus operandi habitual. Me amava... não me deixaria para trás.

Mas então outra parte de mim dizia que era totalmente possível. Tinha sido rejeitado por seus irmãos de novo. É obvio que não gostaria de ficar. Quanta rejeição uma pessoa podia receber? Mas pensei que ao menos ligaria para mim. Teria me dito que ia por um tempo, que me amava e, em algum momento, viria de novo até mim.

Além disso, Vin tinha estado na Galeria todo o dia, trabalhando em uma seção fechada da parte posterior... para a inauguração da noite! Estava pálida, esgotada, e curvava pela preocupação. Não tinha idéia do que estava fazendo, mas como um patrão e a única fonte de financiamento desta exposição, realmente não tinha outra opção.

Ao ouvir o burburinho do museu e as partes interessadas da universidade, os aficionados e estudantes igualmente à espera que a exposição começasse, obriguei-me a me manter erguida e sacudi meus ombros.

Pode fazer isto, é uma profissional, tentei me convencer.

Escovei para trás meu cabelo comprido e escuro, de estilo reto, e o deixei pendurado pelas minhas costas, então passei as mãos por meu vestido negro que me chegava até o

joelho. Por último, comprovei que meus Louboutins estivessem limpos.

Estava preparada.

Saí do banheiro, fui até Bridgette, a diretora do museu, e assegurei a ela que estava preparada. Percorri a multidão procurando Vin, me perguntando onde diabos poderia estar, mas não havia nem rastro. Minhas mãos estavam úmidas enquanto tentava pensar como arrancar minha introdução esta noite.

Bridgette me apresentou ao comissário, e se aproximou do microfone, muito olhos ansiosos olhando para mim.

— Boa noite a todos. – comecei — Meu nome é Aliyana Lucia, e estou contente de estar aqui esta noite para celebrar o inspirador e verdadeiramente único na vida: o talento de Elpidio.

Parei quando vi Lexi, Levi e Austin entrar na galeria, junto com Molly, Rome, Cass e JD. Meu coração caiu por quão tristes e perdidos estavam os dois irmãos Carillo. Pude ver que a dor por sua confrontação com o Axel ontem estava pesando fortemente em seus corações.

Me centrando de novo na multidão, continuei:

— Elpidio começou sua viagem com o mármore de Carrara faz só uns anos. Neste momento se converteu em um professor em seu campo, capturando nossos corações com sua alma, suas demolidoras imagens de desespero, dor e culpa; de fato todas as facetas da emoção crua e a condição humana.

— Esta noite poderão ver obras que ainda não foram publicadas em revistas, e também verão esculturas recentes que se... — lágrimas encheram meus olhos ao pensar no menino chorando balas , — Que porá a prova as emoções até mesmo do mais estóico entre nós.

Tomando uma respiração profunda, adicionei:

— Esta noite, também serão capazes de ler o que inspirou a criação de suas perfeitas esculturas. Elpidio é notoriamente solitário, e como tal, não vai fazer uma aparição esta noite. — A multidão murmurou decepcionada. — Mas compartilhou comigo suas inspirações para as peças que estou segura, serão tão assombrosas como alentadoras para vocês.

Assenti com a cabeça para Bridgette que estava de pé sobre as grandes cortinas de veludo vermelho para revelar a exposição. Me voltando de novo à multidão, disse:

— É um prazer para mim apresentar a vocês, Elpidio!

Bridgette puxou as cortinas, deixando ao descoberto o branco brilhante da série e fiquei a um lado quando parte do público ansiosamente entrou no espaço.

Me obrigando a permanecer estóica, observei Austin, Levi, Lexi, Molly, Rome, Cass e JD aproximando-se de mim.

Molly se aproximou e me envolveu em seus braços. Tive que lutar com o nó na garganta e meu coração para a comodidade de minha melhor amiga. Meu coração estava quebrado e estava tomando tudo em meu poder não ceder à profunda tristeza.

Axel deveria estar aqui. Deveria estar vendo como muitas pessoas tinham vindo para ver sua exposição. Deveria estar vendo a reação de sua família.

— Estou tão orgulhosa de você — disse Molly e se transladou a um lado para deixar que Rome me abraçasse também. Não havia dito nada a respeito da fuga de Axel. Pude ver em sua expressão que sempre tinha esperado que caísse de novo em seus velhos costumes.

Toda a turma me felicitou pelo êxito da série, mas só tinha olhos para Levi e Austin. Austin me viu observando-os e me pergunto:

— Por que insistiu tanto para que viéssemos aqui Al? — Sua voz era rouca e ainda parecia cansado. Meu coração se encolheu ao pensar no dano que Axel deve ter feito. Austin amava Axel, tudo era uma maldita confusão enorme.

— Trata-se de Axel, Aust. — disse e caminhei para ele, pus minha mão sobre as suas e nas costas de Levi. Levei eles para a frente da galeria, ambos os irmãos me franziram o cenho confusos.

Parando no caminho de entrada, me virei para eles, e para meus outros amigos que estavam atrás, e disse:

— Tinha razão, Austin, Axel não veio para Seattle para trabalhar no mercado de pescado como parte de sua liberdade condicional. — Levi estava tenso, assim como Austin, logo acrescentei: — Mas tampouco estava vendendo drogas... — Deixei cair minha cabeça e soprei uma gargalhada sem humor. — Você verá, Axel é excepcional... é tão talentoso e surpreendente, entretanto, nunca sentia que podia dizer isso. Sentia que não merecia nenhum louvor ou aclamação depois do que tinha feito você passarem.

— Elogios de que? — Austin disse, enquanto Levi assentia.

— Elogios por seu trabalho.

— Que trabalho? Al, de que caralho está falando? — disse Austin secamente. Ao invés de dizer, fui para um lado até estar frente à galeria e fiz um gesto para a impressionante exposição com minha mão.

— Este trabalho, Austin... Axel... Axel é Elpidio...

Percorri os rostos de assombro de meus amigos e vi, que notaram o aprimoramento das esculturas de mármore.

Lexi deu um passo adiante, com a mão sobre sua boca e disse:

— Axel... Axel criou todas estas... Axel é... Elpidio...? — Seus olhos verdes se encheram de lágrimas e virou a cabeça para Austin — Meu deus, Austin... Axel fez tudo isto... e todos pensávamos... OH Deus! — exclamou.

— Mentiu para nós. — disse Molly. Conhecia esse olhar.

— Não, me apaixonei por Elpidio... foi casualidade que fosse Axel Carillo também; tanto o herói como o vilão.

A expressão de Molly se encheu de compaixão e Rome ficou de pé a seu lado com a boca aberta olhando a galeria.

— Devem ver. — disse a meus amigos, contendo as lágrimas.

Caminhando para frente, encontramo-nos cara a cara com os meninos de mármore que apontavam para as estrelas. Ouvi Austin tomar ar.

— Stelle. — disse, revelando o título.

Austin deu um passo para a frente, olhando para baixo aos meninos de mármore que descansam sobre suas costas, com sorrisos em seus rostos.

— Merda... — disse através de sua garganta apertada. — Esses somos nós. — Olhou para Levi, que estava pálido e pregado no chão, completamente atônito por tudo. — Lev, esse é você quando era bebê.

Lexi envolveu seu braço ao redor de Austin que precisava de seu apoio e perguntou:

— Estava acostumado a olhar as estrelas com Axel, querido? Assim como faz comigo?

Austin assentiu, incapaz de afastar o olhar da escultura.

— Sim... Axe estava acostumado a nos levar para a parte superior do trailer quando meu pai chegava em casa bêbado e batia em minha mamma. – O rosto de Austin se enrugou como se não pudesse suportar a ideia de lembrar daqueles tempos, mas, acrescentou: — Ele fazia que olhasse às estrelas e dissesse as constelações para ele... ele me distraía,

para que não escutasse os gritos de minha mamma. — Austin olhou para Levi, e envolvendo um braço ao redor de seu ombro, referiu-se ao bebê — Esse é você, Lev. De noite, Axel te tirava da Mamma assim quando papai chegasse em casa zangado e bêbado, ele não te faria mal. Axel te mantinha em nosso quarto, te alimentava, trocava e dava banho... droga, ele te mantinha toda a noite em seus braços no caso de papai entrar atrás de nós. Quando a briga era muito forte, ele nos levava para o teto e olhávamos as estrelas...

Os olhos cinzas de Levi estavam enormes enquanto se inclinava para frente para inspecionar o bebê nos braços de Axel.

— Ele... ele cuidava de mim? Me protegeu quando era um bebê? — perguntou inocentemente Levi. Vi como as lágrimas começaram a cair por suas bochechas.

— Eu... eu não sei por que me esqueci de tudo isso? — disse Austin aturdido. Olhou para Levi, continuando, a sua esposa — Praticamente criou Levi até que papai se foi... e eu... ele sempre cuidava de mim.

Esclarecendo minha garganta, meu coração se rompia ante o amor que brilhava em seus rostos, levei eles a mais recente peça de Axel. Enquanto caminhava diante de Levi, ouvi um gemido doloroso escapar de sua boca.

Fiquei de pé diante da escultura e olhei a meus amigos. Romeo estava passando sua mão pelo rosto. “Merda,” apanhei o sussurrar de Molly que estava lendo o texto do tabuleiro.

— Hamartia — anunciei, assinalando a estátua.

— Esse sou eu. — afirmou Levi. Pude ver a agonia em seu rosto diminuir nesse momento. — Merda, Aust, sou eu e Axe quando era mais novo.

Austin estava admirando a peça com olhos incrédulos.

— O que significa Hamartia? — perguntou com voz rouca.

— O pecado. — Molly disse desde atrás de nós e todo mundo se virou para olhar para ela. Ela ficou vermelha ao dar-se conta de que o havia dito em voz alta. —É da filosofia aristotélica. Significa levar alguém a um lugar escuro, desviar, errar, ou fazer o mal como se interpreta normalmente hoje.

— O pecado... — disse Levi.

Ouvi o assobio de Cass.

— Isso é um poderoso, foda-se, aí mesmo. — disse em voz baixa.

Queria olhar para ela, mas não podia afastar os olhos de Levi. As lágrimas corriam por seu lindo rosto.

Como se sentisse meu olhar, Levi me olhou e perguntou:

— Como, Al? Como passou dos Heighters, para a prisão...e para isto? Como é possível?

Afastando os olhos de seu olhar penetrante, debati sobre quanto dizer a ele. Mas decidi que já que os segredos e mentiras tinham sido a fonte de tantos mal-entendidos, esclareceria tudo.

— Axel... passou por algumas coisas quando esteve na prisão.

— Que coisas? — Austin perguntou, com o corpo em apreensão.

— As surras, ser marginalizado por seus antigos membros da gangue. Os Heighters lá dentro o marcaram como um traidor. Imobilizaram ele e apagaram sua Stidda com uma agulha e tinta. — Austin empalideceu e apertou Lexi com mais força.

— Um cara chamado Alessio foi enviado à mesma prisão que ele. — expliquei. Levi ficou sem fôlego, disparando com os olhos para Austin.

— Sabia disso, Aust? Sabia que Alessio estava lá dentro também?

Austin negou.

— Ally, quando...

— Dois anos depois de sua condenação. Foi a razão pela qual começou recusar suas visitas. Estava preocupado de que Alessio chegasse a você quando voltou para Bama, por isso cortou todos os laços.

Austin parecia que ia passar mal, então decidi contar tudo de uma vez.

— Para resumir, Alessio o atacou pela morte de Gio e Axel saiu ferido... muito grave. Eles o apunhalaram no pescoço, seguraram ele e o esfaquearam.

Lexi virou a cabeça e acariciou o peito de Austin. Ela chorou.

— É a razão pela qual tem o cabelo comprido. – informei. — Escondendo a cicatriz para que não fizessem perguntas.

— Cristo... — disse Austin com voz áspera.

— Esteve a ponto de morrer, — disse com tristeza. — Esteve na enfermaria durante muito tempo. Estava tão

zangado, tão amargurado com o mundo... tão zangado consigo mesmo por tudo o que tinha feito... especialmente por faltar à morte de sua mamma. Para tentar ajudar a lutar com sua ira, enviaram ele para uma aula de arte. Ele tinha talento, e rapidamente ganhou o benefício do professor, que enviou fotos de sua primeira peça a Vin Galanti, um escultor de mármore. Tomou Axel sob sua tutela e o resto é história. — Olhei nos olhos de todos e cada um de meus amigos e disse: — Ele veio a Seattle para esta exposição. Nunca sentiu que era suficientemente bom para dizer isso, está paralisado pela culpa e a vergonha.

— Austin. — Levi com voz rouca, incapaz de conter seus gritos. — Nos equivocamos. Fizemos que fosse embora e não tinha feito nada errado!

Austin estava quieto ainda, até que seus olhos olharam para os meus.

— Mas a coca que encontrei?

Procurando em minha cabeça, esforcei-me para não dar com minha ira um espetáculo, mas respondi:

— Ele a comprou depois da partida dos Seahawks... quando todo mundo o ignorou... incluindo eu. Eu não sabia que ele era Axel Carillo até esse dia. Tinha conhecido e tinha

me apaixonado pelo Elpidio, depois quando me apresentaram ele como Axel, fiquei assustada. Machuquei-o.

— Eu sabia que vi algo entre vocês naquele dia, — disse de repente Molly. Sorri fracamente — A forma em que ambos não podiam manter os olhos afastados um do outro... Devia de ter somado dois mais dois, mas jamais teria sonhado que Axel podia fazer isto. — Ela fez um gesto para a galeria com suas obras. — O talento que possui é assombroso.

Assenti e minhas lágrimas caíam espessas e rápidas.

— Machuquei-o, Levi o machucou... todos nós o fizemos, e ele estupidamente comprou as drogas de alguma gangue. Só queria escapar da dor por um tempo... estava tão perdido e voltou para para a única coisa que ele conhecia.

— Mas ele não usou a coca, não é? — perguntou Austin, quase garantindo.

— Não... não o fez.

— Merda! — disse Levi. — Como vamos dizer a ele que sentimos muito? Como conseguiremos que volte?

Todo mundo parecia tão indefeso como eu mesma, quando de repente Austin perguntou:

— Qual foi sua primeira peça? Pela que foi reconhecido? Qual é?

Tomando fôlego com calma, conduzi eles para o anjo, que era estudo de muitos admiradores. Mas ouvi o momento em que os Carillo o tinham visto. Os soluços e gritos de angústia arrancados de suas gargantas.

— É a mamma... — disse Levi, com voz quebrada.

— Chama-se Ave María. – expliquei — É a forma em que via sua mamãe nesta vida... — Apontei para o outro lado da escultura, — e como ele sonhava que a poderia encontrar na próxima.

Estendendo a mão, Austin esmagou Levi em seu peito, já que ambos se romperam aos pés da representação de mármore de sua mãe.

Foi dilacerador, me agitava e não podia suportar olhar isso. Me afastando, tentei respirar apesar de que meu peito estava firmemente preso, quando me dei conta de que muitos dos convidados estavam olhando para mim, sorriam enquanto saíam de cortina escura. Uma porta separada do resto da galeria. De repente me lembrei de que Vin esteve pondo algo aí. Infernos. Tinha estado tão preocupada com o desaparecimento de Axel que me tinha esquecido por completo disso.

Caminhando para a porta, escutei Molly e Romeo seguindo atrás de mim, mas não me virei, não podia virar. De repente, ouvi o som melódico de minha peça favorita de música soando no fundo ao outro lado da parede.

Meu coração martelava em meu peito enquanto pouco a pouco abri a porta, o som da Yiruma de *Kiss the Rain* filtrava em cada uma de minhas células.

Um flashback de mim tocando isto, minha peça favorita de música, para Axel em seu estúdio se amontoava em minha mente. Com cada lembrança, senti que meu coração se rompia um pouquinho mais. Uma multidão considerável se reuniu ao redor da escultura, as luzes de cor lavanda, criavam um suave resplendor de acima e o aroma de jasmim impregnava o ar.

Enquanto me aproximava através da multidão, muitos sorriam para mim enquanto *Kiss the Rain* voltava a repetir. Como se os visitantes sentissem que precisava estar sozinha, dispersaram-se em silêncio. Meus pés abruptamente chegaram ao alto...

Olhando para trás, estava... eu...

— OH, Ally. — ouvi Molly suspirar atrás de mim, mas eu não podia afastar o olhar. Estava paralisada pela escultura diante de meus olhos.

Uma escultura de Carrara, de meu rosto sorridente, meu queixo em equilíbrio sobre minha mão e meu cabelo comprido que fluía a um lado estava me olhando.

Um arrepio percorreu por minha espinha dorsal e as mariposas voaram ao redor de meu estômago, quando me dei conta de que esta deve ter sido a peça em que estava trabalhando esta semana, lá fora... isto era o que tão desesperadamente queria esculpir... este rosto maravilhosamente feito à mão... era como me via...

— A esperança. — disse Molly. Meus olhos brilhantes seguiram o som de sua voz e ela me olhou, com os olhos chorosos por debaixo de seus óculos enquanto acrescentou: — Esta peça se chama *Esperanza*.

Contendo um soluço, me dei conta de que a sala estava vazia, além de meus amigos, um atormentado e áspero Austin, Levi e Lexi entravam na sala.

Vi como olharam a escultura, e Austin teve que dar as costas a ela.

— O foi que eu fiz? – Ouvi ele sussurrar para sua esposa. — Que demônios tenho feito? Olhe o que criou. Olhe tudo isto, o que conseguiu e o expulsei porque tirei conclusões erradas de merda... Nunca dei a ele a oportunidade de se explicar!

Me dirigindo para o título, percorri com meu dedo a palavra *"Esperanza",* e então me dei conta do texto na placa...

A esperança é um desejo fervente, silencioso de que tudo vai ser como sonha…

Incapaz de esconder qualquer coisa, chorei quando li as palavras que Axel tinha utilizado para explicar a inspiração para esta peça.

Dois fortes braços se envolveram ao meu redor, e eu sabia que era Rome.

— Merda, Al, eu... eu não sei que diabos dizer. — disse em tom de desculpa e chorei com mais força em seu peito. — Estava malditamente equivocado. Me equivoquei sobre ele.

A sala estava em silêncio, além das lágrimas que se derramaram por todos os enganos sobre o amor da minha vida.

Ao me afastar de Romeo, olhei para Austin e Levi e disse:

— Axel, ou Elpidio, é visto como um dos artistas modernos contemporâneos mais talentosos e inspiradores no mundo. Mas Axel não vê isso. Não vê como alguém pode pensar que ele é digno de algo. Não vê que merece uma

segunda oportunidade porque não pode deixar para trás todo o dano que cometeu em seu passado.

Suspirando, olhei para trás, para meu rosto de mármore e disse:

— É hora de deixar o passado. Parar de julgar o dia de ontem, e aceitar ao homem que é hoje... o homem mais incrível que conheci, que jamais conhecerei.

Austin e Levi baixaram a cabeça, aparentemente com arrependimento. De repente, Vin se precipitou pela porta. Ao me ver ao lado de minha escultura, correu para mim, aturdido e sem fôlego. A expressão em seu rosto...

— Vin? O que está acontecendo? — Saí correndo.

O rosto de Vin ficou vermelho e sua mão estava sobre seu peito.

— A... acabo de receber uma ligação do hospital. É Elpi...

As minhas mãos começaram a tremer imediatamente.

— O quê?... O que aconteceu? — perguntei sem fôlego.

Vin ficou imóvel.

— Atiraram em Elpi.

Me cambaleando para trás com suas palavras, encontrei-me com o peito de Rome. Seus fortes braços não me deixaram cair no chão.

— O quê? — sussurrei. Austin e Levi correram para frente.

Austin agarrou os braços de Vin e disse:

— Axe? Atiraram em Axe?

Vin, vendo claramente o parecido familiar, assentiu com a cabeça.

— Ontem à tarde. Atiraram em seu estômago. Está no hospital agora. Não tinha nenhuma identificação com ele. Eles tiraram suas impressões digitais e porque estava aqui em Seattle sob meu assessoramento, ligaram para mim. Levou um tempo para conseguirem me encontrar, já que estive aqui todo o dia para receber esta peça acabada para a exposição.

Tudo o que podia visualizar era sangue e armas de fogo, quando de repente um nome entrou em minha cabeça.

— Remo... — disse aterrorizada — Remo deve ter encontrado ele.

As cabeças de Austin e de Levi se viraram para mim.

— Remo? O que quer dizer com Remo? O que Remo Marino tem a ver com tudo isto?

Meus lábios e voz tremeram, mas fui capaz de dizer:

— Disse a Axel que ia matar ele. Disse a Axel na prisão que o mataria como vingança pela morte de Gio.

— MERDA! — gritou Austin, sua voz profundamente quebrada, ecoando nas paredes da galeria. — Por que é que não nos disse? Por que caralho não pôde nos contar isto?

— Ele... ele nunca quis que se preocupasse com ele... estava tentando te proteger... a única coisa que queria fazer era te manter a salvo.

Virando a cabeça para Vin de novo, Austin perguntou:

— Qual hospital?

Nervoso, Vin disse. E em segundos todos estávamos saindo pela porta.

Capítulo 22

Ally

— O senhor Carillo recebeu um tiro direto no estômago. Perdeu muito sangue. Quando deu entrada tivemos que operar imediatamente. Conseguimos reparar a ferida e retiramos com êxito a bala. Tivemos que fazer uma transfusão de sangue e agora está estável.

O doutor tinha que deixar que víssemos Axel. Meus nervos estavam destroçados. Sentia-me enjoada enquanto o doutor explicava a extensão de suas feridas e como poderia ter morrido se a polícia não o tivesse encontrado a tempo.

— Nos deem uns minutos para levar ele até seu novo quarto e estará preparado para receber visitas, mas só dois de cada vez.

O doutor deixou a sala. Quando tentei respirar, um oficial de polícia entrou.

— São familiares de Axel Carillo? — perguntou e olhou para Austin.

— Sim, senhor. — disse Austin levantando-se, — Sabe o que aconteceu com ele?

O oficial de polícia fechou sua caderneta e assentiu.

— Conhecem o senhor Remo Marinho?

Fechei meus olhos sentindo que meu mundo se derrubava. Estava paralisada, totalmente paralisada sabendo que podia ter perdido o amor de minha vida. O amor de minha vida que merecia esta nova vida que havia – literalmente — esculpido ele mesmo.

Remo... Remo Marinho. Esse bastardo quase arranca meu coração.

— Sim, conheço Remo, — disse Austin, o tom de sua voz caindo até temperaturas árticas.

O oficial levantou sua sobrancelha.

— Um antigo membro da gangue?

Austin olhou para oficial, mas não disse nada. O oficial suspirou e assentiu.

— Está bem, entendo.

— O que aconteceu com Remo? — perguntou Levi, parecendo como se estivesse surpreso.

O oficial passou uma mão pelo rosto.

— O senhor Marino era procurado por cinco acusações relacionadas com drogas e dois homicídios. Esteve fugindo durante anos. Cruzou as fronteiras estaduais em um veículo roubado e era só questão de tempo antes de que o apanhássemos... infelizmente conseguiu atacar o senhor Carillo antes de que descobríssemos seu paradeiro. Outro carro que passava viu o incidente e o denunciou.

— E? — perguntou Rome — Onde está o idiota agora?

— O senhor Marino abriu fogo contra os policias. Não tinha intenção de ir para a prisão. Foi assassinado a tiros na cena do crime.

O silêncio que seguiu às notícias do oficial pendurou pesadamente na sala. Mas não pude evitar estar agradecida de que Remo tivesse morrido... isso significava... isso significava que Axel finalmente era livre.

Finalmente era livre de seu passado.

O oficial abriu a porta e disse:

— Lamento que seu irmão tenha sido ferido. Parece que mudou sua vida. Espero que possa se recuperar.

Quando a porta se fechou, Austin se desabou contra a parede, deslizando até o chão. Cobriu seu rosto com ambas as mãos.

— Cristo... — disse com uma voz consumida que fez que novas lágrimas brotassem de meus olhos. — Esse maldito idiota do Heighter. Se não estivesse morto, eu mesmo o mataria.

Austin levantou sua cabeça para mim.

— Ally?

Encontrei-me com seu olhar.

— Alessio? — interrogou. Sabia o que estava perguntando. Queria saber se era um perigo para seus irmãos.

— Prisão perpétua. Três acusações por homicídio. — respondi, e vi uma tonelada de tensão abandonar seus músculos. — Nunca vai sair.

E então, o doutor entrou pela porta.

— O senhor Carillo pode ter visitantes agora.

Imediatamente fiquei de pé, como também fizeram Levi e Austin. O doutor olhou para os três e seus ombros se afundaram.

— Ninguém mais que além de vocês três, está bem?

Seguimos ele pela porta e com cada passo que dava, meu coração pulsava mais e mais rápido. Queria ver Axel tão desesperadamente que quase comecei a correr. Claramente sentindo minha ansiedade, Levi se esticou e pegou minha mão. Surpresa, encontrei-me com seus olhos cinzas e vi o medo e a tristeza em sua profundidade. Estava tão assustado como eu de entrar nesse quarto.

O doutor nos guiou a um quarto no canto do corredor. Com o peito oprimido e me sentindo intumescida, segui ele através da porta, quando imediatamente me congelei em meu passo, como todos nós, a mão de Levi apertando fortemente a minha.

Axel...

Como uma barreira quebrando-se, as lágrimas caíram por meu rosto quando vi meu amor quebrado em uma cama de hospital. Os cabos estavam entrando e saindo de sua pele, e o sangue transfundindo por seu braço.

Seus olhos estavam fechados, seus lábios inchados e arroxeados e seu comprido cabelo estava jogado para trás de seu rosto.

Inclusive assim era lindo... meu escuro e torturado anti-herói... o homem que sempre estive destinada a adorar.

Enquanto as costas de Austin se apertavam ante a visão de seu irmão mais velho, também segurei sua mão. Os olhos de Austin se fecharam brevemente ante meu toque, mas se abriram e manteve sua atenção em Axel. Nenhum podia olhar para outro lado... tínhamos estado tão perto de perdê-lo.

— Ele tem despertado cada vez mais, então poderão falar com ele logo.

Em alguma parte de meu cérebro, registrei o doutor sair, nos deixando sozinhos, mas meus olhos se encontravam pegos à outra metade da minha alma deitado nessa cama.

— Como vai nos perdoar um dia, Aust? — disse Levi através de sua garganta apertada. — Tratamos ele como uma merda, nunca demos a ele uma maldita oportunidade de explicar nada... e olhe o que estava fazendo... olhe o que fez por nós e nunca soubemos. Quase morreu nessa prisão tentando nos proteger, e tem feito isso de novo... nos protegeu de novo...

A voz de Levi se cortou.

— Sempre esteve nos protegendo, não é assim, Aust? Desde que éramos crianças, sempre tentou nos manter perto... e demos as costas a ele quando mais precisava de nós...

Depois da confissão de Levi, o gotejamento da intravenosa soava como o choque de trovões enquanto caíam dentro do líquido ao se misturar no dispensador.

Abri minha boca para lhe dizer que tudo ficaria bem, quando escutamos:

— Não há... nada... que... lamentar...

O tempo pareceu parar quando o timbre áspero da voz rouca de Axel soou através da tristeza do quarto. Ao uníssono, saltamos para frente. Axel e Levi correram para um lado de sua cama, e eu para o outro.

Passando minha mão através da testa de Axel, observei ele lutar para engolir e abrir seus olhos. Uma lágrima de meu olho salpicou sobre sua bochecha, bem no crucifixo de sua tatuagem. Utilizei meu polegar para limpá-la.

Enquanto passei a ponta molhada de meu polegar ao longo da linha de sua mandíbula, senti essa deliciosa sensação de um par de escuros olhos italianos me olhando. Inalando

um fortalecedor fôlego, pisquei e levantei meu olhar para me encontrar com esses lindos olhos.

Com seu lábio superior curvando-se em um sorriso tímido, Axel abriu seus lábios e pigarreou:

— *Carina...* — disse com um aliviado suspiro.

O nome de carinho soou como uma oração respondida para minha alma enquanto chegava a meus ouvidos. Aspirando minhas emoções, dei a ele um sorriso aquoso.

— Bem-vindo de volta, querido...

— O que... o que? — tentou perguntar. Calei-o e sacudi minha cabeça.

— Tudo está bem, você está bem. — Levantei o olhar para Austin e Levi ansiosamente de pé ao outro lado da cama. E reafirmei: — Todos estamos bem.

Axel lentamente seguiu meu olhar, levando ele para Austin e Levi.

— *Fratelli...* — disse tranquilamente, levantando lentamente sua mão.

Austin foi o primeiro em se esticar pela mão de Axel, sua cabeça abaixando até que sua testa tocou seus dedos.

— Axel... sinto muito porra...

— *Vai bene* — respondeu Axel. Logo olhou para Levi. — Lev... — disse com sentimento. Pude ver os olhos de Axel brilhando com lágrimas sem derramar. Amava esse menino até a morte.

Levi se desabou sobre uma cadeira como se suas pernas já não pudessem segurar seu peso, logo sua cabeça golpeou o colchão, suas costas tremendo com a força de suas lágrimas.

— Sinto muito, Axe... Sinto tanto... — chorou. Austin liberou a mão de Axel. Axel a pousou sobre a cabeça de Levi.

Levi levantou o olhar e quando o fez a envolveu com suas duas mãos.

— Devíamos ter acreditado em você.

Axel fechou seus olhos, e os abriu um segundo depois.

— Nunca... dei a vocês... muita razão... para confiarem em mim com suas vidas... eu... entendo.

Austin sacudiu sua cabeça.

— Tudo o que fez foi nos proteger, Axe... entendo isso agora... — Austin limpou seus olhos com a palma de suas

mãos e perguntou, — essas esculturas, Axe... por que não nos disse...?

— Vergonha... — respondeu afligido. — Não merecia... — Sua cabeça virou no travesseiro para mim, seus olhos me dizendo sem palavras o muito que me amava, — Nada disto. fui... injustamente abençoado.

Sentindo meu coração aumentar, me inclinei e beijei seus lábios.

— Está equivocado.

— Sou um pecador. — disse Axel. Pude ouvir o quanto acreditava nessa afirmação. Podia ver isso em sua expressão honesta.

— Não. – Tranquilizei-o. — Um pecador é um homem que não reconhece seus erros. Você fez isso, querido, os reconheceu e tem feito tudo em seu poder para corrigi-los... não é um pecador. É um redimido.

— Tem razão, Axe. — disse Levi e seu fôlego se apanhou. — A mamma... estaria muito orgulhosa de você.

— Lev. — sussurrou Axel. Austin se sentou junto a Levi, acrescentando sua mão em cima das suas.

— Estou tão orgulhoso de você... Tenho a honra de que seja de meu sangue

Aquelas palavras pareceram ressonar em Axel, significando muito para ambos e as lágrimas escaparam dos olhos de Axel. A visão dos três Carillo juntos foi minha perdição.

Depois de alguns minutos dos meninos Carillo corrigindo as coisas, Levi disse repentinamente:

— A partir de agora só coisas boas para nós, certo?

Axel exalou e pude ver o orgulho pela demonstração de força do Levi brilhando em seus olhos escuros.

Levi levantou seu olhar e se encontrou com os olhos tanto de Austin como de Axel.

— Jurem.

Austin envolveu um braço ao redor do ombro do Levi, pressionando um beijo em sua cabeça e disse:

— *Lo giuro.*

Ambos olharam depois para Axel. Axel sorriu através de seus inchados lábios partidos, um genuíno sorriso completo que não tinha visto ele mostrar antes e sussurrou:

— Lo giuro.

***

Passaram horas enquanto nós três nos mantínhamos de vigília na cabeceira de Axel. Estava cansado, entrando e saindo do sono, mas ficamos ali. Os três irmãos falaram sobre o tempo que Axel esteve na prisão, Austin relutante a acreditar que Axel não tivesse dito o quanto tinha sofrido. Mas conseguiram superar isso. Levi falou de seus medos de perder a ambos, mas admitiu que tinha contido seus sentimentos durante muito tempo, culpando erroneamente Axel de toda sua dor. Riram, choraram e quando a noite chegou, uma paz tinha sido encontrada.

Quando o doutor entrou para nos dizer que as horas de visita tinham terminado, Austin e Levi a contragosto ficaram de pé, mas antes que pudesse me unir a eles, Axel agarrou minha mão.

— Não vá. — pediu cochilando, e meu coração se derreteu.

Olhei o doutor e dei a ele meu sorriso mais doce.

— Posso ficar para passar a noite? Precisa de mim. — O doutor suspirou e implorei: — Por favor? Quase... o perdi...

Vendo compaixão em sua expressão, disse:

— Só você. — Austin e Levi o beijaram na testa e prometeram ver ele amanhã.

Enquanto alcançavam a porta, perguntei:

— Podem por favor dizer a Molly e Rome que os verei amanhã?

Austin assentiu e sorriu para mim. Fiquei pasma ante o poder desse sorriso, e lançando um último olhar para seu irmão na cama, disse para que só eu pudesse escutar:

— Cuide dele, Al. Nunca pensei que veria esse dia, mas esse meu irmão fodidamente ama você até a morte. Pode ser que não mostre muito seus sentimentos, mas não pode esconder o muito que te adora.

Me levantando na ponta de meus pés, pressionei um beijo sobre a bochecha de Austin e sussurrei:

— Sempre.

Austin riu. Também beijei Levi antes de fechar a porta. Todos exceto os dois tínhamos ficado no quarto.

Enquanto me movia para a cama, Axel estava olhando meus sapatos e encontrou meus olhos com um sorriso.

— Adoro esses fodidos sapatos. — disse cochilando. Movi-me para a cama, e bem quando estava a ponto de me sentar na cadeira próxima, Axel sacudiu firmemente sua cabeça e aplaudiu fracamente a cama.

Começou a se mover para um lado para me dar mais espaço e saltei para frente ante a visão de dor que cobria seu rosto.

— Axel! — vaiei quando fez um gesto de agonia e segurou a ferida em seu estômago. Gotas de suor se formaram sobre sua testa quando se relaxou de volta no colchão... um espaço para mim agora estava em seu lado esquerdo.

— Deite — disse através de seus dentes apertados e sacudi minha cabeça.

— Não! Olhe a dor que sente.

— Ally, atiraram em mim podia ter morrido. Por favor, droga só se deite... preciso de você.

Fiquei ali de pé me debatendo sobre o que fazer, mas quando vislumbrei vulnerabilidade em seu olhar, cedi e cuidadosamente me deitei junto a ele.

Enquanto apoiava minha cabeça em seu travesseiro, me estiquei e enredei minha mão através da sua. Axel apertou

minha mão fortemente e quando levantei o olhar, pude ver as rugas de preocupação em sua testa.

— Ouça – perguntei. — O que aconteceu?

Axel ficou quieto e estava segura que não ia me responder. Mas com um ofego, olhou para cima e puxou minha mão para que ficasse sob sua bochecha.

— Ontem à noite, pela primeira vez em minha vida, estive fodidamente assustado.

Meu coração se afundou quando vi o muito que havia custado reconhecer isso.

— Amor... — sussurrei, e com minha outra mão, acariciei sua bochecha. — É compreensível. Atiraram em você.

Axel se inclinou ante meu toque e beijou minha palma.

— Não estava assustado por receber um tiro, Ally, estava fodidamente aterrorizado de que não voltaria a ver você de novo nunca mais.

Minha respiração se prendeu. Inclinei-me para beijar seus pálidos lábios arroxeados.

— Axel – chorei, — também estava muito assustada. Austin e Levi me disseram que tinham te expulsado e que

tinha fugido. Senti como se minha alma tivesse sido rasgada. Não podia acreditar que me deixaria assim... sem sequer dizer adeus.

— Ia embora — disse tristemente. Sua mão apertando-se ao redor da minha — E ia levar te comigo.

— Axel...

— Mas Remo me seguiu. — Axel respirou através de seu nariz como se estivesse revivendo tudo em sua cabeça. — Tinha me seguido durante dias... Soube que não escaparia dele vivo. Estava lá por vingança, e tudo no que podia pensar era que Austin e Levi não voltariam a me ver de novo depois de ter saído sob um mal-entendido... e que você... nunca veria este lindo rosto de novo porra... que nunca chegaria a viver a vida que não podia acreditar que finalmente me tinha sido dada de presente.

As lágrimas correram por sua incipiente bochecha para sua barba.

— Shhh... – tranquilizei-o. — Está vivo. Sobreviveu e Remo está morto... todas as ameaças contra você e seus irmãos desapareceram... de uma vez por todas.

Axel inalou profundamente como se pensasse que não podia compreender esse fato. Movendo-me para mais perto

ainda dele na cama, sendo cuidadosa com seus machucados, acrescentei:

— E me tem... tudo de mim... para sempre, se isso for o que você quer.

Os olhos de Axel se ampliaram e liberando um longo suspiro, assentiu.

— Porra, Ally, isso é tudo o que quero. É tudo para mim. É minha para sempre.

— E você é meu para sempre também. — respondi. A imagem de minha escultura de repente veio a minha mente e disse: — Axel... sua nova escultura... — Parei de falar, incapaz de encontrar as palavras para expressar como me sentia.

— Você... gostou? — perguntou em dúvida, seu rosto duro por um momento demonstrando um nervosismo inocente.

— Se eu gostei? — perguntei com uma só risada. — Não posso... não posso acreditar que assim seja como me vê... sua *esperanza*... seu desejo feito realidade...

— É a minha esperança, Ally. É cada esperança que algum dia me atrevi a ter... a minha luz.

— Axel — murmurei. Me inclinando cuidadosamente para sua arroxeada boca, gentilmente pressionando meus lábios com os seus. O beijo foi tudo o que quis expressar, mas fui incapaz de dizer com palavras. Enquanto nos separávamos, sorri. — Sua exibição foi um sucesso, amor. Vin já teve ofertas para levá-la em turnê. Imagine só, sua exibição nos maiores museus de arte do mundo... todo mundo será testemunha de sua genialidade.

Axel afastou o olhar, logo me olhou de novo, uma expressão nervosa sobre seu rosto.

— Axel? O que acontece? – perguntei — Não está feliz? É algo que muda a vida. É um sonho feito realidade.

— Não sei, — respondeu e franzi o cenho. — Toda minha felicidade depende...

Me afastando, perguntei:

— Do quê?

Rodando seus lábios, fazendo gestos ante os dolorosos cortes, disse:

— Se você for a curadora oficial da turnê.

Pisquei, depois pisquei de novo, antes que um largo sorriso jubiloso se estendesse por meus lábios.

— Axel, está me pedindo que vá ao redor do mundo com você?

Axel me sorriu dessa forma devastadora que só ele tinha dominado e disse:

— Porra, não irei a nenhum lado sem você, *carina*. Sei o que quero... e isso é você. É a única que alguma vez me teve. Porra, neném, realmente me tem em cada possível maneira.

Sentindo que poderia morrer de felicidade, inclinei minha cabeça e disse:

— *Lo giuro?*

Soprou uma risada e assentiu.

— Porra, eu juro por tudo o que sou.

— E onde viveremos? — perguntei, o tom surreal desta conversa a estava transformando em algo difícil de seguir.

— Onde você quiser, mas...

— Mas o que?

— Mas eu gostaria de estar perto de meus irmãos aqui em Seattle. Estranhamente, estou me acostumando às nuvens cinzas e à chuva.

Relaxei com alívio.

— Bom, porque também quero estar aqui. Quero estar aqui quando Molls tiver meu sobrinho ou sobrinha em alguns meses.

— Então vai morar comigo, — instruiu Axel firmemente.

O calor inundou meu corpo e assenti.

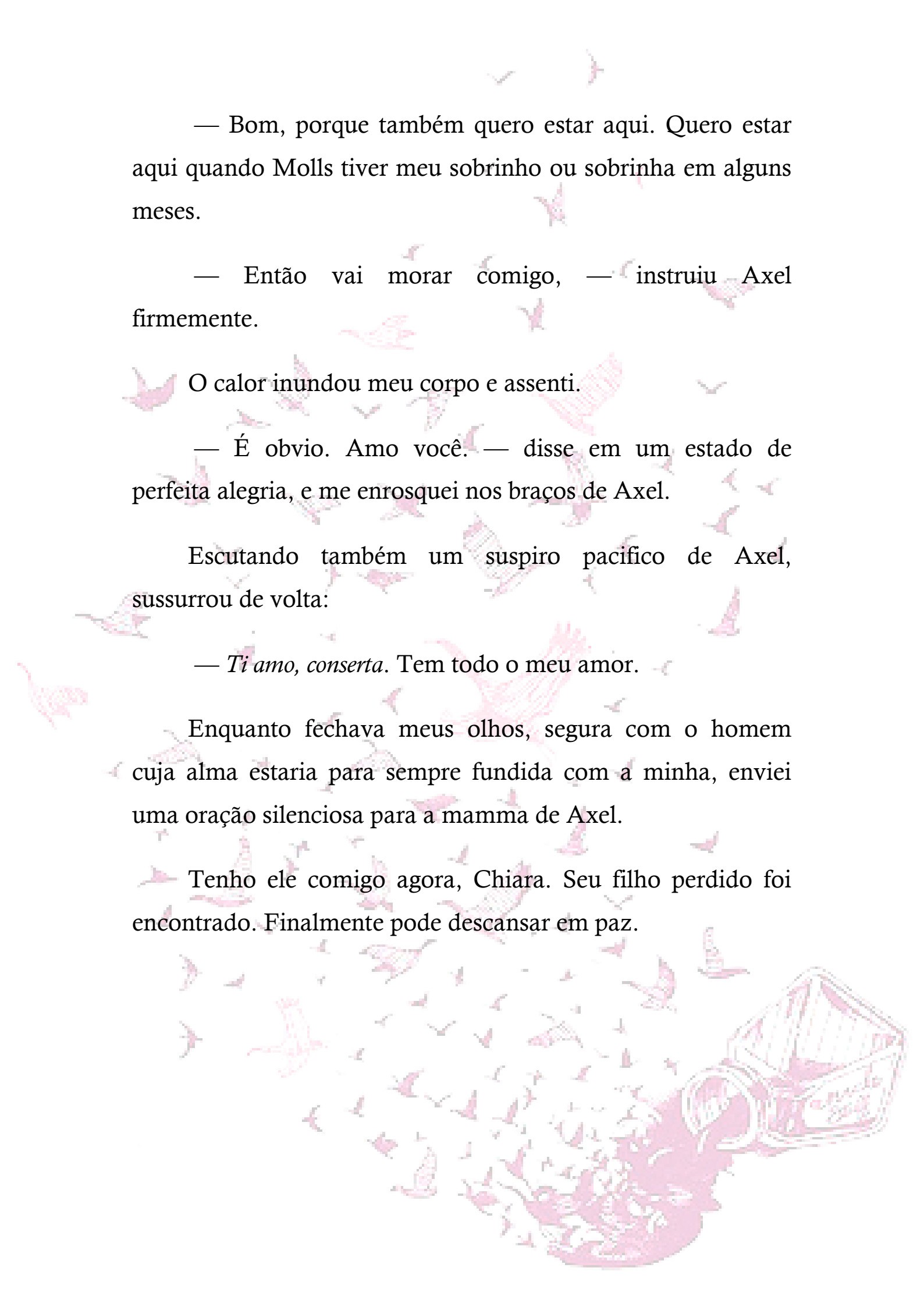
— É obvio. Amo você. — disse em um estado de perfeita alegria, e me enrosquei nos braços de Axel.

Escutando também um suspiro pacifico de Axel, sussurrou de volta:

— *Ti amo, conserta*. Tem todo o meu amor.

Enquanto fechava meus olhos, segura com o homem cuja alma estaria para sempre fundida com a minha, enviei uma oração silenciosa para a mamma de Axel.

Tenho ele comigo agora, Chiara. Seu filho perdido foi encontrado. Finalmente pode descansar em paz.



Epílogo

Axel

Seattle, Washington

Três anos depois...

— Está tudo bem, *carina*, pode fazer isso.

— Estou muito cansada. — sussurrou Ally, com seu lindo rosto pálido e seu corpo esgotado.

Passei minhas mãos por sua bochecha.

— Um empurrão mais, neném. Um empurrão mais e estará aqui.

O amor brilhava nos olhos de Ally. Ela assentiu. O médico olhou para minha esposa.

— Isto é tudo, Ally, um empurrão mais e conhecerá sua filha.

Agarrando sua mão na minha, Ally apertou meus dedos e empurrou tão forte como pôde. Meu coração pulsava tão rápido que pensei que ia estalar do meu peito. Ally ofegou em busca de ar, e o som mais incrível golpeou meus ouvidos, o som de um pranto agudo.

As minhas pernas se transformaram em gelatina quando vi o doutor segurar um pequeno bebê. As enfermeiras o limparam, pouco antes de que a levantassem e a colocassem sobre o peito nu de Ally.

O rosto de Ally tinha lágrimas enquanto olhava a nossa filha recém-nascida, com um pouco de cabelo negro já na cabeça. Quando me movi para a cabeceira, olhando minhas duas lindas garotas, não podia descrever a esmagadora sensação de estar em casa que me golpeou com a força de um caminhão Mack.

O rosto resplandecente de Ally me olhou e esbocei um sorriso de incredulidade.

— Axel... temos uma filha – disse para mim, sua voz rouca por causa de todas as horas de esforço.

Incapaz de falar, inclinei e dei um beijo em sua cabeça, e logo, com nervosismo me abaixei e beijei minha filha na bochecha. Quando me afastei, retorceu-se nos braços de Ally, e abriu os olhos para olhar diretamente para mim... seus olhos marrons escuros encontraram os meus... e me derrubou de onde estava.

Ofegando, olhei para ela e um medo repentino me percorreu. Porra, era digno de ser seu papai? Mereço que me aconteça algo tão bom?

— Ela te adorará, Axe. – assegurou-me Ally, capturando meu olhar, parando imediatamente os pensamentos paralisantes em minha mente. – Adorará você tanto como eu.

Engolindo o nó na garganta, obriguei-me a me relaxar e me sentei na cama. Envolvi meus braços ao redor de minhas duas razões para viver.

— *Ti amo, carina*. Sempre. — disse entrecortadamente e virei a cabeça de Ally para beijá-la.

— Eu também te amo, querido. — sussurrou e passou o dedo pelo rosado rosto de nossa filha dormindo.

— Precisa de um nome. – Ally disse em voz baixa, mas fiquei em silêncio. Só havia um nome que queria dar a ela.

Uma comemoração, uma honra que queria que minha filha tivesse.

Sentamos ali durante uma hora antes que Ally apertasse minha mão.

— É melhor que você vá e dê a todos a boa notícia, minha mãe e meu pai devem estar subindo pelas paredes.

Sorrindo ante a ideia da mãe espanhola de Ally causando estragos na sala de espera, exigindo que a deixassem entrar passou por minha mente.

— Está bem, querida. – disse a ela, e beijei a minha esposa e filha uma última vez, saí do quarto para a área de espera, onde se reunia toda nossa família.

Quando abri a porta, a mãe de Ally estava de pé em questão de segundos e se precipitou em minha direção.

— Axel. — disse ela com alívio, com seu forte acento espanhol tão pesado como sempre: — Como estão minhas meninas? – Seu rosto bonito era só uma versão mais velha de Ally. Pude ver a apreensão preocupada em seus olhos marrons.

Não pude deixar de sorrir, respondi:

— Estão perfeitas... fodidamente perfeitas.

Mama Alita rompeu a chorar e envolveu seus braços ao redor de meu pescoço. Fechei os olhos e respirei fundo, rindo de sua resposta aliviada. Alita e Gabe se tornaram meus pais. Nunca tinham me julgado, só me aceitaram como o homem que amava Ally e me deram as boas vindas como seu filho. Eram tão perfeitos como sogros como a esposa perfeita que era sua filha... e adoravam Austin e Levi também.

— Ela está esperando. – disse a ela.

Rapidamente, Alita foi pelo corredor, quase correndo até à sala de partos. Pude ouvir seu grito feliz todo o caminho daqui.

Gabe, o pai de Ally me aproximou e apertou minha mão.

— Felicitações, filho. Bem vindo ao clube dos pais de uma filha. — riu como se fosse uma brincadeira. Me aproximando de seu peito, deu um tapinha em minhas costas e sussurrou: — Boa sorte.

Ao sair, duas pessoinhas de repente correram debaixo de minhas pernas e eu os levantei.

— Zio Axe! — gritou Dante, com suas bochechas vermelhas e seus enormes olhos verdes.

— Olá amigo. – disse e dei um beijo em sua bochecha. Ele riu, mas quando o fez, Taylor bateu no meu rosto

querendo atenção também. — Eu também, Tio Axe. Quero um beijo também!

Rindo, dei um beijo em sua bochecha e empurrou o braço de Dante o fazendo franzir o cenho.

— Está bem, está bem, senhorita, já chega. — disse Molly com severidade e levantou sua filha de meus braços, mas não antes de beijar minha bochecha. — Felicidades, querido. Mal posso esperar para conhecê-la.

Lexi se adiantou e pegou seu filho de meus braços, ele que continuava olhando para Taylor. Lexi negou com a cabeça a seu filho e sorriu para mim. Me inclinando a beijei na bochecha.

— Estou tão feliz por você, Axe, — disse ela.

Rome se aproximou e estendeu a mão.

— Felicidades, Axe, — disse e apertou minha mão, — Certifique-se de cuidar delas, certo?

Assenti e se afastou. Nunca estaria totalmente de acordo com esse cara, nem ele comigo, mas ao menos superamos a etapa de querer nos matar e poderíamos ao menos estar na mesma sala... inclusive nos ajudar, em algumas circunstâncias.

Meus olhos procuraram Levi e Austin. Em uníssono, aproximaram-se e ambos envolveram seus braços ao redor de meu pescoço. Rindo, também os abracei com força.

— *Auguri, Fratello!* — disse cada um deles e se afastaram com um orgulhoso sorriso feliz.

Vi a namorada de Levi, Elsie, por cima do ombro. Levantou-se e envolveu seus braços ao redor de minha cintura.

— Fico feliz por você, Axe, — disse e ri olhando o lindo rosto da loira.

— Obrigado, Elsie.

— E então? – perguntei — Quem quer conhecer minha filha?

Todos meus amigos e familiares se dirigiram à sala de partos, Dante e Taylor uma vez mais se dirigiram para meus braços.

Minha linda filha os deixaram apaixonados em questão de segundos.

***

Quando caiu a noite, fiquei olhando minha esposa enquanto dormia na cama do hospital e me aproximei para

beijar sua bochecha. Ally se agitou, suas pálpebras se separaram. Segurei minha filha em meus braços, seus olhos marrons incapazes de parar de me olhar.

Ally levantou a mão e a envolveu em meu cabelo comprido.

— Está bem, papai?

Sorri e olhei para nossa filha.

— Estou perfeito, *carina*. Fodidamente perfeito. — sussurrei.

Dei uma olhada à porta, sentindo a necessidade de ar fresco. Ally deve ter visto minha cara.

— Anda, querido, mostre a ela o céu da noite.

Inclinei a cabeça para um lado, e disse:

— Amo você, Aliyana Carillo.

Sorrindo sonolenta, murmurou:

— Eu também te amo, Axel Carillo. É todo o meu coração.

Colocando um último beijo em sua cabeça, fui até à porta. Bem quando estava a ponto de sair, Ally sussurrou:

— Tem que escolher um nome, papai. Sua filha não pode ser bebê Carillo pra sempre... e acredito que sei qual quer que seja. Simplesmente não tomou coragem o suficiente para perguntar, não é?

Fechei meus olhos brevemente. Como sempre, minha esposa me conhecia muito bem.

Olhando para minha filha envolta em uma manta cor de rosa, tomei uma respiração profunda e me dirigi para a porta. O corredor estava tranquilo e me dirigi ao jardim privado da unidade obstetrícia. Ao passar junto ao balcão de enfermeiras, a enfermeira mais velha que tinha cuidado de minha pequena família levantou o olhar e seu rosto se fundiu em um sorriso.

Levantei a faixa ao redor de meu braço que estava eletronicamente vinculada à etiqueta no tornozelo de minha filha. Dizendo às enfermeiras que era seu pai.

— Isso não vai apitar se eu entrar nesse jardim bem ali? — Inclinei meu queixo para a entrada do jardim.

A enfermeira negou com a cabeça.

— Não, pode sair até ali. Tudo está fechado e seguro. Assim a menos que brotem asas em você e voe para longe, não irá disparar nenhum alarme.

— Não, não tenho asas. — disse enquanto caminhava para frente. Sentindo tudo tão surreal enquanto segurava minha filha em meus braços, minha filha e de Ally, continuei olhando minha filha para me assegurar de que não estava sonhando. Sonhar com tudo isto, minha vida, não era só um verdadeiro bom sonho do qual não queria despertar.

Como diabos um pecador como eu merecia tudo isto não tinha nem maldita ideia.

Quando abri a porta do jardim do terraço, a noite de verão me envolveu, o ar quente se filtrou em minha pele. O pequeno jardim privado estava deserto a essa hora, por isso fui para a grama e me sentei apoiado contra uma parede, segurando a minha filha em meus braços enquanto olhava para o claro céu noturno. Todas as estrelas estavam aparecendo esta noite e um sorriso nostálgico levantou meus lábios.

Olhando para baixo, o nariz de minha filha se enrugou em seu sonho. Passando um dedo por sua bochecha, abri minha boca e cantei:

— *Dormi, Dormi, O Bel Bambin*... — cantei a canção de ninar italiana brandamente, me balançando para frente e para trás assim como tinha feito fazia tantos anos com Levi.

Enquanto cantava cada palavra, não pude conter a lágrima que escapou do canto de meu olho.

Ela era minha. Esta perfeição dormindo era a melhor coisa que já tinha feito em minha vida.

Ao ouvir a porta do jardim se abrir, sentei-me com as costas retas, limpando os olhos, só para ver Austin e Levi entrar, Dante colocado feliz nos braços de Austin.

— Que demônios está fazendo ainda aqui? — perguntei com voz áspera. Devia ser ao menos as duas da manhã. Inclinei meu queixo para Dante — E como diabos está ainda acordado?

— Se negou a ir embora, criou uma briga quando Lexi tentou afastar ele de nós. Não me importo, de qualquer jeito nunca dorme. É o maldito coelhinho da Energizer. — brincou Austin agitando a cabeça, mas abraçando mais forte seu filho em seus braços.

Dante agitou suas mãos diante das bochechas de Austin.

— Em-er cone... cone-jii — tentou repetir, soando lindo, porra.

Austin assentiu para seu filho brincando.

— Sim, é isso. O coelhinho da Energizer.

Dante chiou da risada, jogando a cabeça para trás, fazendo rir a todos também.

Austin se sentou a meu lado na grama seca, Dante se encarapitou em seu joelho, olhando para minha filha com fascinação. Levi se deixou cair ao outro lado de mim e envolveu seu braço ao redor de meu ombro.

— Não pensou que tínhamos ido embora, não?

Senti meu peito encolher, ia responder, quando Austin disse:

— Somos seus irmãos, iremos quando você for. Sabe, Axe.

Esclarecendo da emoção de minha garganta, olhei para minha filha dormindo, segurando ela em meus braços e perguntei:

— Como sabiam que estaria aqui?

— Passou junto a nós, Axe. Olhava tanto a sua filha que não nos viu sentados bem na sua frente.

Dante se inclinou para olhar minha filha e logo me olhou, seus lábios rosados se franziram.

— Como se chama? — perguntou em sua linda forma de falar de bebê. Era tão fodidamente adorável.

— Sim, Axe, — disse Levi. — Como chamará nossa sobrinha?

Enquanto olhava minha filha, perdi-me em seu lindo e adormecido rosto cor de rosa e disse:

— Quero chamá-la de Chiara.

O silêncio seguiu a minhas palavras e fiquei tenso. Não estava seguro se meus irmãos estariam de acordo com que minha filha se chamasse como nossa mamma.

Foi até que levantei o olhar e ambos me olhavam com lágrimas nos olhos.

— Axe — disse Levi, a voz quebrada. — A mamma estaria tão condenadamente orgulhosa de que sua filha compartilhasse seu nome. Só posso imaginar o quanto ela estaria feliz se estivesse aqui agora mesmo.

— Sim — disse Austin, com um nó na garganta. — A mamma olha por ela agora e está fodidamente sorridente, Axe. Sorrindo muito.

Austin olhou minha filha. Inclinou-se e a beijou na testa.

— Chiara — disse amorosamente.

Em seguida Levi seguiu seu exemplo.

— Pequena Chiara Carillo.

Meu coração estava tão cheio enquanto nós cinco nos sentávamos aqui em silêncio. Nós, os três irmãos ficamos mudos, até que Dante de repente assinalou para o céu e disse:

— Papai... grande estrela!

Austin riu de seu filho destroçando nosso comovedor momento e o apertou contra seu peito, alvoroçando seu cabelo escuro.

— Sim, Dante. Uma grande estrela. *Le stelle grande* — disse em italiano.

Dante viu os lábios de Austin e disse:

— Lê stel ee gan de.

Todos nós rimos quando Dante tentou falar italiano.

— *Bene!* – Austin disse a seu filho, e fazendo cócegas em Dante até que estalou em um ataque de risada — *Molto bene!*

Quanto a Leví, vi ele entrecerrando os olhos para as estrelas e me dei conta que ele nunca chegou a recordar observar as estrelas com Austin e comigo todos esses anos atrás, era muito jovem. Mas devia ser algo que tinha que compartilhar conosco agora.

Fechei os olhos, tomei uma respiração profunda e apoiei as costas na parede com minha filha embalada em meus braços, e disse:

— Austin, nos diga quais são essas estrelas.

Austin olhou para mim, e pude ver seus olhos analisarem o pedido. Não tínhamos feito isto desde que éramos meninos pequenos que tentavam escapar de nosso pai abusivo.

Austin colocou cuidadosamente Dante em seu colo, Dante chiou de emoção. Ele olhou para o céu noturno.

Me virei para Levi.

— Olhe para cima, Lev.

Sacudindo a cabeça e sorrindo para nós, Levi se afastou para trás e olhou para cima.

Austin assinalou três estrelas em uma fila.

— Essas três estrelas são chamadas o Cinturão de Orión. Pode dizer que é o Cinturão de Orión pela forma em que todas estão em fila. Conseguem ver?

Escutei Austin explicar constelação após constelação, Dante e Chiara agora faziam parte de nossa tradição Carillo. E à medida que passavam os minutos, uma sensação de paz e tranquilidade se apoderou de mim.

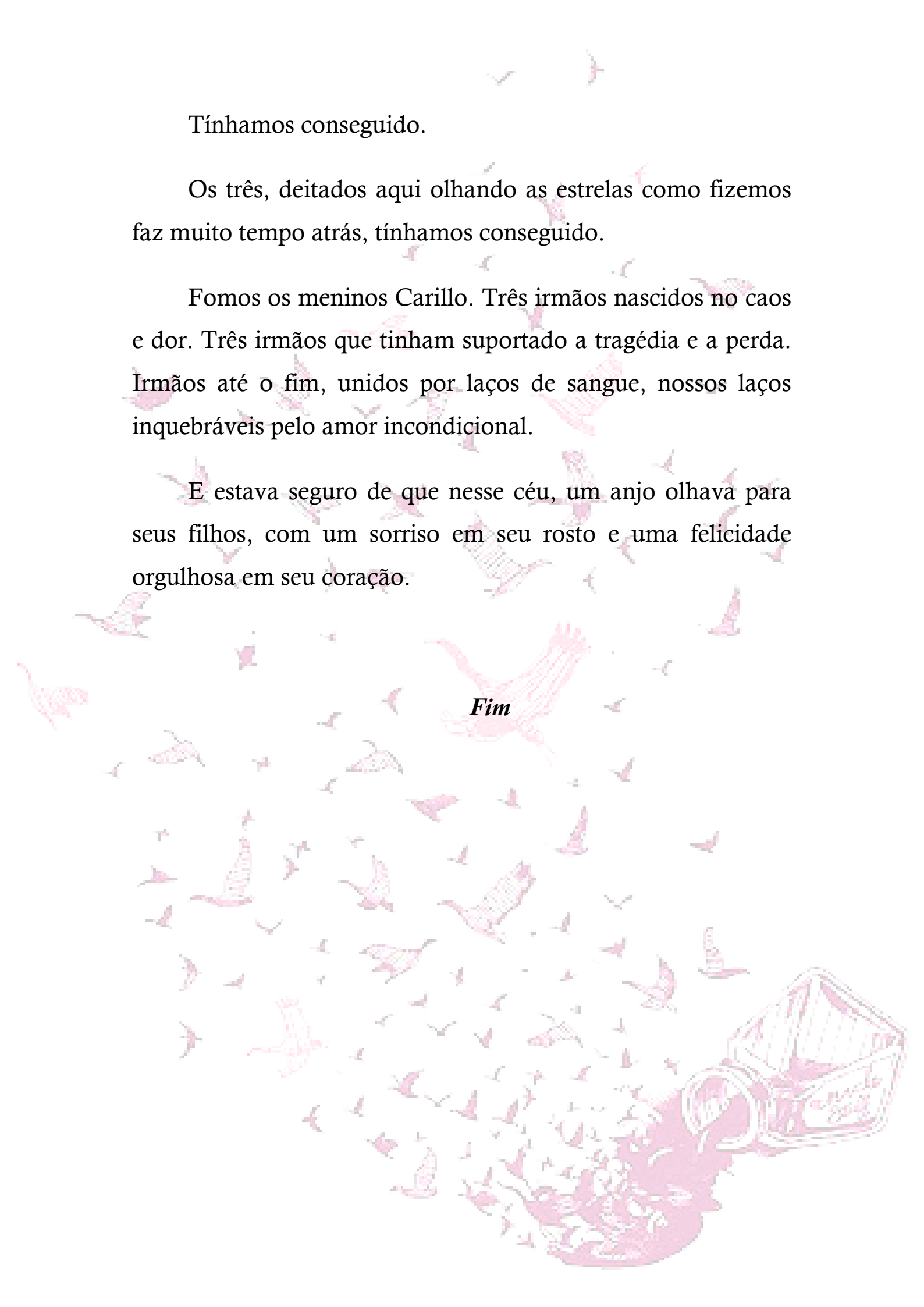
Tínhamos conseguido.

Os três, deitados aqui olhando as estrelas como fizemos faz muito tempo atrás, tínhamos conseguido.

Fomos os meninos Carillo. Três irmãos nascidos no caos e dor. Três irmãos que tinham suportado a tragédia e a perda. Irmãos até o fim, unidos por laços de sangue, nossos laços inquebráveis pelo amor incondicional.

E estava seguro de que nesse céu, um anjo olhava para seus filhos, com um sorriso em seu rosto e uma felicidade orgulhosa em seu coração.

Fim



Capítulo Extra

Museu Guggenheim

Cidade de Nova Iorque

Quinze anos mais tarde.

Esta merda nunca era fácil.

Enquanto estava atrás, nos bastidores de minha exposição, escutando centenas de vozes no outro lado da parede, meu coração se acelerou.

O diretor do museu estava ali agora, dando à multidão seu bate-papo apresentando minha exposição. Depois de anos de fazer isto não tinham tirado os nervos da noite da apresentação e minha apreensão sobre como seria recebida a amostra. Fechei os olhos e respirei fundo.

Bem nesse momento, uma mão familiar acariciou minhas costas, o aroma de jasmim encheu o espaço ao redor.

Meus ombros imediatamente perderam sua tensão e exalaram em alívio.

— Ally. — Exalei com um suspiro.

Quando abri os olhos, vi que minha bela esposa caminhou até estar diante de mim, vestida com um longo vestido vermelho ajustado, seu comprido cabelo caindo sobre seu ombro.

Pôs suas mãos em meu rosto.

— Respira, querido. As pessoas te adoram. A maioria estão muito cegas pelas lágrimas até mesmo para falar.

Envolvendo meus braços ao redor de sua cintura, atraí ela para meu peito e pressionei meus lábios contra os seus. Ally se fundiu em meus braços e seus dedos percorreram meu cabelo comprido.

Indo para trás, seu olhar escuro encontrou o meu e as lágrimas encheram seus olhos.

— Estou muito orgulhosa de você. — sussurrou e pressionou brandamente sua testa na minha. — Uma exposição permanente no Guggenheim. Axel. É o sonho de todo artista contemporâneo. Não há maior honra.

Assenti e deixei escapar um longo suspiro.

— Eu sei, – disse e apontei com meu queixo em direção da galeria. — Está cheio? Conseguiram a participação que queriam?

— Cheio — respondeu Ally com entusiasmo.

Bem nesse momento, abriu-se a porta atrás de nós. Voltei a ver minhas duas lindas filhas entrar em meu esconderijo. Seus rostos se iluminaram com sorrisos até suas orelhas enquanto corriam para mim, quase me levando contra o chão.

Incapaz de conter uma risada, envolvi elas em meus braços. Quando levantei os olhos, Ally estava olhando para nós com um sorriso aguado em seu rosto. Depois de todos estes anos ainda era minha maior animadora... e isto, minha pequena família, que me rodeava... eram meu tudo... minha luz, meu mundo e minha esperança que me devolvia a vida.

Com um último apertão, Chiara, minha filha de quinze anos, retirou-se; Violeta, minha filha mais nova, fez o mesmo. Aos doze anos fazia tudo o que sua irmã fazia. Parecia ser um traço Carillo.

— *Papa* — disse Chiara com seus olhos escuros brilhantes. — É lindo. As pessoas estão ficando loucas pelas esculturas... — seu rosto se ruborizou enquanto as lágrimas começaram a correr por suas bochechas. — ...suas esculturas, *papá.* — anunciou com orgulho.

Sentindo minha garganta estreita ao ver sua amostra de emoção, levantei minhas mãos e limpei suas bochechas com as pontas de meus polegares.

Ao ouvir um bufo à minha direita, olhei para baixo para ver Violeta olhando para sua irmã mais velha, também derramando lágrimas.

Inclinando, perguntei a ela:

— Ouça, você não, minha cara. O que é tudo isto? — Minha voz se quebrou, minha garganta apertada ao ver as reações de minhas filhas.

Violeta, que era a viva imagem de sua mãe, olhou para mim e franziu os lábios, aparecendo suas covinhas profundas em suas bochechas enquanto tentava recuperar o fôlego.

— Estamos muito orgulhosas de você, pai. Todas estas pessoas... Elas estão aqui por você. Mamãe nos disse o quanto especial eles acreditam que é. E é nosso pai... que... faz me sentir muito orgulhosa. — Conseguiu dizer e destruiu completamente qualquer esperança que tinha de não me decompor.

Meu olhar estava impreciso agora, envolvendo minhas mãos ao redor da parte posterior das cabeças de minhas filhas, puxei elas para mim, as lágrimas agora corriam por meu rosto.

— *Grazie.* — disse com voz áspera: — Estou muito orgulhoso de ser seu pai.

Imediatamente, senti Ally a meu lado.

Olhando para cima, sacudi cabeça para minha esposa que estava olhando para mim e minhas meninas, com sua expressão cheia de amor.

— Não posso ver elas chorar, *carina*, essa merda me quebra.

Ally sorriu quando me afastei para ver nossas filhas. Seus enormes olhos nunca deixaram meus.

— Tudo é para vocês, sabem não é assim? Tudo isto, vocês me inspiram. Vocês duas, e sua mãe. Tudo o que faço é para vocês.

Minhas duas filhas assentiram com a cabeça com minhas palavras e limparam suas bochechas.

— *Ti voglio bene* – disse a elas, e beijei cada uma delas na cabeça.

— *Ti voglio bene, papá* — responderam em uníssono.

Meu coração se derreteu um pouquinho mais.

Ally se inclinou sobre mim e beijou Chiara e logo em seguida no cabelo escuro de Violeta. Envolvendo seus braços ao redor de seus ombros, seu olhar se encontrou com o meu.

— Ouviu o suficiente? Está preparado para ir? — perguntou, sabendo que minha tradição era escutar as reações da multidão na noite de inauguração enquanto me escondia atrás da galeria. Não podia permanecer nas galerias mais de uns trinta minutos e meus nervos se trituravam. Ainda não tinha nem puto desejo de que o mundo da arte soubesse quem era eu. Eu gostava de fazer isso para manter meu anonimato, inclusive depois de todos estes anos.

Desejoso de sair fora do museu como do inferno e longe de toda a loucura, assenti. Olhei para Ally de novo, e perguntei:

— Nossos amigos já se foram?

— Foram faz uns dez minutos. Dei a eles um tour pessoal pela exposição sem aglomerações, – me informou Ally.

Dando uma olhada pelo cenário, uma quebra de onda de nervos se estendeu através de meu estômago e, olhando para trás para Ally, perguntei:

— O que pensam?

Ally inclinou a cabeça para um lado. Então esse maldito olhar impressionante que sempre me dá quando precisava me acalmar derivou em seu rosto.

— Adoraram, querido. Seus irmãos... estavam impressionados por seu talento, como sempre. — Fechei os olhos enquanto Ally acrescentou:

— Estão muito orgulhosos de você.

Ao abrir os olhos, exalei um suspiro de alívio e estendi a mão. Ally colocou sua mão na minha. Chiara foi ao lado de Ally e Violeta chegou a meu lado, envolvendo seu braço ao redor de minha cintura.

Tive que fazer uma pausa durante um segundo. Só tinha que tomar um momento para respirar, porra.

Escutar as vozes impressionadas do outro lado dessa parede, merda, afligia meu trabalho, fiquei ali com orgulho, com minha esposa e minhas duas lindas garotas a meu lado. Não podia acreditar que esta fosse a minha vida. Tinha uma mulher que me amava mais do que merecia. Durante o tempo que vivesse, nunca teria sentido para mim. E tinha duas filhas que me adoravam... Duas lindas filhas brilhantes, às que adorava também.

Um apertão em minha cintura me fez olhar para baixo. Violeta estava olhando para mim.

— Está bem, pai?

Esclarecendo minha garganta, Assenti. — Nunca estive melhor, minha cara. Melhor que nunca.

***

— Reservou todo o lugar? — perguntei para Ally enquanto entramos no restaurante vazio de Nova Iorque.

Ally encolheu os ombros.

— Você não gosta das multidões, e todo mundo voou aqui para ver a exposição. Queria que fosse especial. Assim reservei todo o lugar.

Sacudindo a cabeça para minha esposa, tomei sua mão estendida. Chiara e Violeta entraram primeiro no restaurante. Ally e eu as seguimos rapidamente atrás.

Entrando no rústico restaurante tradicional italiano, nossos amigos e familiares deixaram suas conversas e se voltaram para nós. Quando Ally agitou os braços, ficaram de pé e começaram a aplaudir.

Todos e cada um deles...

Não podia me mover.

Cassie, ao ver que não estava levando muito bem suas felicitações, deslizou da cadeira e se levantou.

— Bom, se você não se vai mover, eu fodidamente vou até você!

Moveu-se para a minha frente. Antes que tivesse a oportunidade de fazer algo, envolveu suas mãos ao redor de meu pescoço.

— Chutou seus traseiros querido! — gritou e me deu um beijo na bochecha.

JD não estava muito longe atrás dela, junto com seus cinco filhos... todos meninos, que se alinharam para me felicitar por minha exposição. Molly e Rome Prince vieram depois. Molly me abraçou com força, Rome sacudiu minha mão.

— Que exposição foda fez, — disse, e nos demos a mão. Antes de me dar conta, Rome tinha me puxado para seu peito e me deu uns tapinhas na parte posterior.

— Fez bem, Axe, fodidamente bem.

Imediatamente deu um passo atrás já que seus quatro filhos vieram e me dar abraços e beijos. Fiquei estupefato

merda. Rome e eu? Apesar de que estávamos bem, nunca tínhamos estado perto. Olhei para ele enquanto se afastava... logo olhou por cima do ombro e me deu uma piscada orgulhosa.

Não tinha nem puta ideia do que fazer com essa merda.

Sentindo uma mão em meu braço, olhei a meu lado para ver Levi com sua mulher, Elsie. Cada um deles puxou minha mão com um de seus gêmeos de cinco anos; um menino, Jackson, e uma menina, Penélope. Sacudindo a cabeça, Levi me abraçou com força em seus braços grandes. O receptor de longa distância número um dos Seahawk me apertou tão forte que quase deixei de respirar. Dando um passo atrás, vi ele tragar saliva enquanto lutava para falar através de sua apertada garganta.

Dando uma palmada na bochecha, beijei sua testa.

— *Grazie, fratellino* — disse com voz áspera, não precisava de palavras para ver o quanto estava orgulhoso.

Enquanto Leví deu um passo para trás, Elsie se adiantou e me deu um beijo na bochecha, antes de envolver seu braço ao redor da cintura de Levi.

Austin veio depois. Sem dizer uma palavra, aproximou-me até seu peito.

— Merda, Axe, — disse através de sua garganta obstruída. — Não tenho nenhuma maldita palavra. Estou fodidamente orgulhoso. – disse e meus olhos se encheram de lágrimas.

— *Grazie, fratello.* — Lutei para dizer.

Austin se afastou, seus olhos escuros se encontraram com os meus. Negou.

— Não posso acreditar em tudo isto...

— O mesmo digo eu, menino, — estive de acordo.

— Posso ganhar um beijo? — perguntou uma voz atrás de Austin. Um segundo mais tarde, Lexi abriu caminho, fazendo que Austin risse.

— Olá, Lex. — disse com uma gargalhada quando chegou até mim e me envolveu em seus braços.

— É lindo, Axel, de verdade. Não havia um olho seco nessa galeria que estivesse olhando essas esculturas, como todos nós.

— Obrigado, Lex, — disse, enquanto Dante chegava ao lado de seu pai. Dante tinha quase dezoito anos e era o dobro de Austin... merda, o dobro de mim.

Golpeando minha mão, aproximou-me mais e tocou minhas costas.

— Zio, é incrível. Sempre soube que seria.

Lancei meu braço ao redor de seus ombros, e aplaudi minha mão sobre seu peito.

— Você vai ser um dia, menino.

— Acredita nisso? — perguntou. Austin e Lexi assentiram com a cabeça em acordo e cheios de orgulho.

Ally se inclinou sobre mim para beijar a bochecha de Dante.

— Claro que sim. — Adorava nosso sobrinho. Adorava que queria ser escultor como eu. Sempre estava conosco em nossa casa em Seattle, me vendo trabalhar.

— Eu sei. Meu sobrinho está aprendendo comigo a ser escultor. Não há maneira que seja meu aprendiz. É um Carillo. Sempre saímos adiante.

— Sou um Carillo também! — Uma vozinha aguda gritou desde atrás Lexi. Daisy afastou Lexi fora do caminho para chegar até mim. Mas logo que viu Ally, Daisy mudou de rumo e se lançou em seus braços. Ally levantou

nossa sobrinha de seis anos. Imediatamente começou a brincar com o cabelo comprido de Ally.

Bem nesse momento, Levi se aproximou com seus gêmeos, e perguntou:

— Vamos comer ou o que?

***

Um par de horas mais tarde, depois que comemos, o som sobre o vidro chamou a atenção de todos. Quando olhei a minha esquerda, vi que Molly Prince estava de pé. Rome a olhou com um sorriso irônico.

Quando todos ao redor da mesa a viram, Molly respirou fundo.

— Perdão por interromper, meninos. — Ally se agachou para pegar minha mão, com um sorriso de felicidade em seus lábios, enquanto adivinhava o que sua melhor amiga estava a ponto de dizer.

— Vamos, Moll, besta sexy! — gritou Cassie e deu um gole de cerveja.

Molly agitou sua cabeça, rindo, e tomou uma respiração larga e profunda.

— Realmente não sirvo para falar em público, ao menos não fora das salas de aula. Mas não podia deixar passar esta noite sem um brinde ou duas coisas que compartilhar.

Molly fixou seus olhos em mim.

— Em primeiro lugar, queria oferecer enormes felicitações a Axel pelo que é uma das maiores conquistas que um escultor podia esperar... sua própria exposição permanente no Guggenheim. Estou realmente orgulhosa de você, querido. Todos estamos. — Molly levantou sua taça. Ally me apertou a mão enquanto todos levantaram suas taças e tomaram um gole.

Quando Molly baixou a taça, olhou a seu marido e estendeu a mão. Rome pegou imediatamente.

Voltando de novo para nós, Molly continuou:

— Esta mesma semana estive trabalhando em meu escritório, tentando planejar uma data de lançamento para meu próximo livro. Quando olhei o calendário, realmente me sentei em minha cadeira em estado de choque. — Um pequeno sorriso surgiu em seus lábios e empurrou seus óculos pretos no nariz — Este mês faz vinte e cinco anos que voei para os EUA.. para a Universidade de Alabama... para fazer meu mestrado.

— Deus, Moll! — exclamou Ally. Sacudindo a cabeça com incredulidade. — Vinte e cinco anos?

Molly assentiu com incredulidade e Lexi rio.

— Lembro desse dia como se fosse ontem, Moll se mudou comigo e Cass. Estava tão nervosa.

— Sim, mas logo sacudimos essa sua merda, não é, Moll? Logo se tornou uma de nós.

Molly riu.

— Claro que fizeram, Cass, — disse ela felizmente, logo olhou para baixo sobre a mesa — Trago isso a tona porque... quando olho ao redor desta mesa, a todos nós... Não posso acreditar o quanto chegamos longe. O que conquistamos... e os obstáculos que tivemos que superar.

O rosto de Molly ficou sério.

— A razão pela qual decidi ir para o Alabama foi porque não tinha ninguém na Inglaterra, sem família, sem amigos reais... nada.

A mão de Ally apertou a minha enquanto olhava para sua melhor amiga, a tristeza era evidente em seu rosto.

— Querida... — sussurrou Rome, aproximando-se para frente em seu assento. Molly levantou a mão para cortá-lo.

— Não, não estou procurando compaixão, Rome. Justamente o contrário. — enfrentou ao resto de nós de novo. — No meu primeiro dia em Bama conheci Lexi e Cass. E sem julgamento ou expectativa, tornaram-se minhas melhores amigas e mudaram minha vida. — Então olhou para Rome. — Logo depois de meu primeiro dia de estudos, encontrei-me com você... literalmente... e isso foi tudo. Era sua e você foi meu desde esse dia em diante.

Desta vez, nada deteve Rome de se inclinar e beijar sua esposa. Molly passou a mão pelo rosto. Então se virou para Ally dizendo:

— Através de Rome me encontrei com a moça mais encantadora do mundo... sua prima, Ally. Ally transformou-se com rapidez, e ainda é, família para mim. É a irmã que nunca tive, mas que sempre quis.

— Você também, Moll — Ally disse rapidamente através de um nó na garganta pela emoção.

Molly riu enquanto limpava uma lágrima perdida. Me inclinando mais perto de minha esposa, pus meu braço ao redor dos ombros de Ally e ela imediatamente se derreteu em meu lado.

— Lembro do dia em que minha professora me pediu que viesse para os Estados Unidos. Lembro de ter pensado

que... me perguntando se seria a decisão certa. Ao final pensei que diabos? E saltei com ambos os pés. E devido a esse salto de fé, agora estou vivendo uma vida que nunca poderia ter imaginado. Na verdade, sinceramente, acredito que com todos nós é assim.

Molly assinalou Cassie e JD.

— Cass e JD se conheceram na mesma noite que Rome e eu... e agora são os orgulhosos pais de cinco lindos meninos... e comandam um dos ranchos mais bem sucedidos no Texas.

Ela olhou para o lado, para Lexi. As lágrimas caíam por suas bochechas.

— Lex, já sabe o que penso de você. Sem dúvida, é a mais valente... a pessoa mais valente que conheci em minha vida. Superou uma doença a qual nem sequer posso imaginar como enfrentar. Entretanto, fez isso com graça... e com uma determinação feroz. É minha inspiração, minha fé de que uma pessoa pode superar tudo.

— Moll, — gritou Lexi, incapaz de falar mais. Austin abraçou a sua esposa com força entre seus braços e a beijou na cabeça. Meu peito se esticou ao ver... com minhas fodidas emoções fazendo horas extras.

— É verdade, Lex, — assegurou Molly: — E em sua viagem se apaixonou por Austin. Austin que, junto com seus dois irmãos, enfrentou uma espécie de inferno que nenhum ser humano deveria ter que suportar. — Molly fixou seus olhos em mim, em Austin e Levi. — Vocês três superaram tanta dor... muita dor no coração. Mas no final, o amor como irmãos... seu amor pelos outros... os empurrou para frente e os fez os homens que são hoje em dia.

Molly sorriu para Ally, Elsie e Lexi.

— Junto com suas esposas, é obvio... três mulheres cuja tenacidade e capacidade de amar com ferocidade mostraram que não era só felicidade e alegria que se tinha nesta vida... e que a vida é muito curta para estar ancorado no passado.

— Levi joga na liga nacional da NFL... Austin e Lexi em Seattle para ajudar aos adolescentes com problemas... e é obvio, Axel e Ally, que surpreendentemente tomaram o mundo da arte. — Molly olhou seu marido. — E nós, querido. É o treinador dos Tide. E eu, professora... e nossos lindos quatro filhos completam nossas vidas.

Molly riu para si mesmo e sacudiu a cabeça, ruborizando-se.

— Estou divagando. Sei que estou divagando. Mas sentada aqui neste restaurante esta noite faz que meu coração

esteja a ponto de explodir de felicidade e orgulho. — ficou em silêncio e vi uma lágrima descer por sua bochecha e cair sobre a mesa. Tudo estava em silêncio enquanto Molly manteve a cabeça baixa. Inalou lentamente e continuou: — Faz vinte e cinco anos não tinha família... Tinha poucas esperanças. E agora? Hoje fui abençoada com a melhor família e amigos do mundo e... e uma carga de esperanças e sonhos.

Levantando a cabeça, um sorriso se estendeu em seus lábios e soprou uma gargalhada aquosa.

— Em minha cabeça, imagino a todos nós envelhecendo, nossas amizades. Imagino os casamentos de nossos filhos, compartilhando juntos natais e aniversário... o passar dos anos cheios de amor e felicidade... e imagino a todos nós como avós contando nossas histórias a nossos netos a respeito de como nos reunimos todos, sobre todas as viagens que fizemos em nossas vidas, o bom e o mau.

Ally estava chorando a meu lado. De fato, dando uma olhada ao redor da mesa, todo mundo estava lutando para conseguir não fazer isso. Inclusive os meninos estavam observando em silêncio o discurso de Molly, sua filha, Taylor e seus três filhos, Isaac, Archie e Elias, olhavam para ela como se fosse seu sol.

— O que estou tratando de dizer é que o dia que me arrisquei para me mudar para o Alabama foi a melhor coisa que fiz até hoje... porque me levou até vocês. Amo tanto a todos que alguns dias é quase impossível de conter… — anunciou Molly:

— Um brinde... pela oportunidade, por esta possibilidade de me pôr em seu caminho para sempre.

Todos elevamos nossas taças, brindando com champanhe e todas as garotas correram para Molly para abraçá-la. Enquanto observava Ally dando beijos e celebrando com seus melhores amigas, olhei para a minha direita, só para ver Austin e Levi virem junto a mim. Em silêncio, pus meus braços ao redor dos ombros de meus irmãos.

Foi nesse momento quando soube que não podia lamentar nada. Nenhuma das coisas que aconteceu em minha vida, porque este momento, agora mesmo, este sentimento, valeu a pena cada pingo de dor e de angústia.

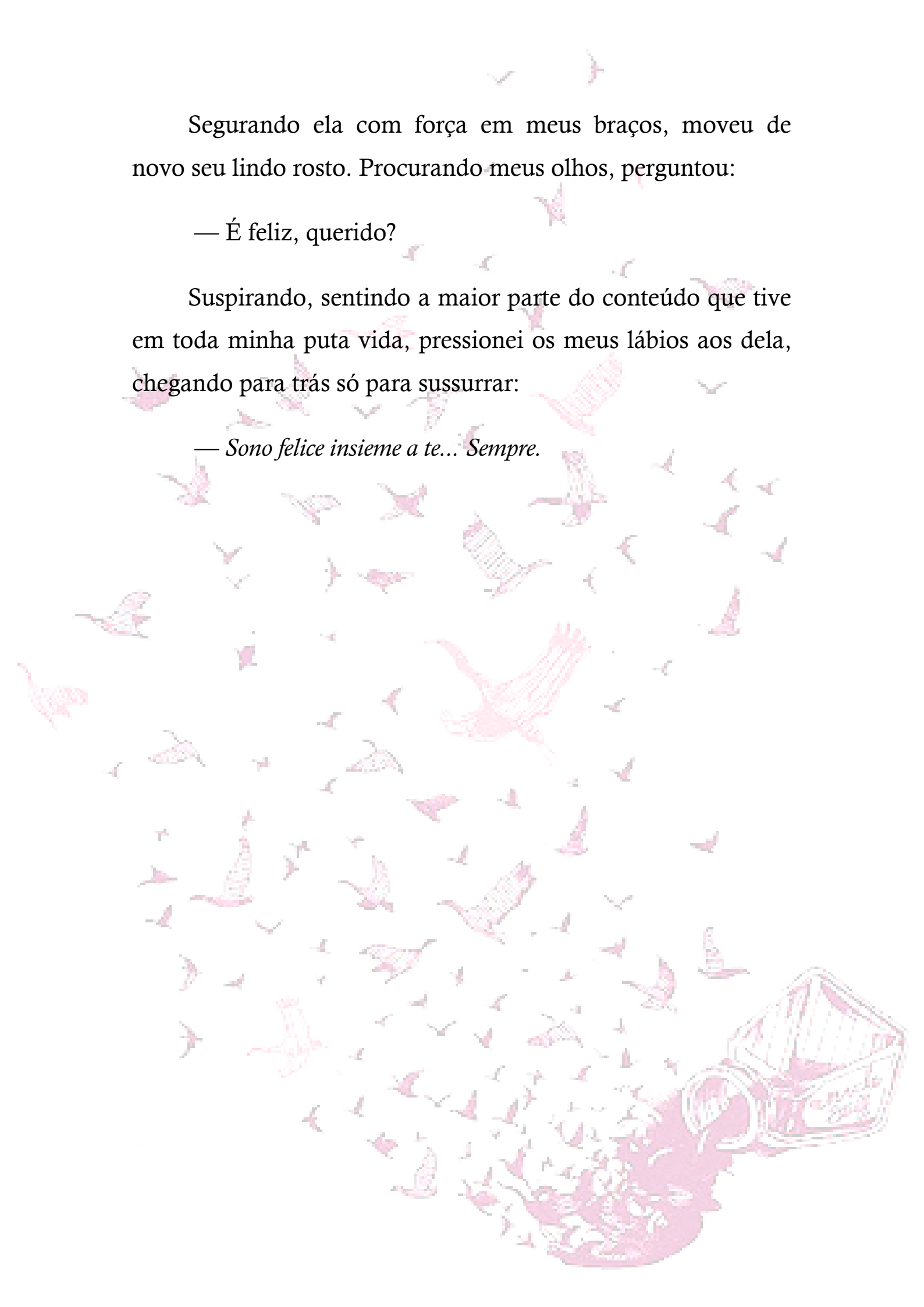
Nesse momento, Ally se virou e chamou minha atenção. Deixando seus amigos, aproximou-se, estava tão malditamente impressionante como o dia em que a conheci. Levi e Austin aplaudiram minhas costas e se afastaram. Enquanto meus irmãos retornaram com suas esposas, Ally envolveu seus braços ao redor de meu pescoço.

Segurando ela com força em meus braços, moveu de novo seu lindo rosto. Procurando meus olhos, perguntou:

— É feliz, querido?

Suspirando, sentindo a maior parte do conteúdo que tive em toda minha puta vida, pressionei os meus lábios aos dela, chegando para trás só para sussurrar:

— *Sono felice insieme a te... Sempre.*



Playlist

Tainted Love — Marilyn Manson

Amor Prohibido — Selena

Lleve With Lonesome — Little Big Town

Kiss the Rain — Yiruma

Boot of Spanish Leather — Amos Lê

Roses — James Arthur (ft. Emeli Sande)

Meses Is Mine — Vance Joy

Bright — Echosmith

You Hurt The Ones You Love/I Dom"t Believe That — Maria Mena

Brother — NEEDTOBREATHE (ft. Gavin DeGraw)

Tutto L"Amore Che Ho — Jovanotti

The Prayer — RyanDan

Heartbeats — Jose Gonzales

Run — Leoa Lewis

Lips Of An Angel — Hinder

Something Good This Way Come — Jakob Dylan

Brother — Edward Sharpe & The Magnetic Zeroes

What I"vê Doe — Linkin Park

Sweet Dreams — Beyonce

El Camino — Emos Lê

My Silver Lining — First Aid Kit

Sigh No More — Mumford & Sons

L.I.F.E.G.O.E.S.O.N. — Noah and The Whale

Say Anything — Tristan Prettyman

Shattered & Hollow — First Aid Kit

